

APESAR DAS AJUDAS DA CEE

RESERVAS DE OURO CONTINUAM EM QUEDA

□ Pág. 36



SAMPAIO PREPARA «CASA COMUM DA ESQUERDA»

DISSIDENTES DO PCP E OUTROS INDEPENDENTES NAS LISTAS DO PS EM 91

□ Pág. 10

REPORTAGEM COM A FAMÍLIA E AMIGOS

CARLOS MARQUES: O CANDIDATO COM EX-VOCAÇÃO DE PADRE

□ Centrais

Tapetes
Arraiolos
trevo
LIMITADA

TAPETES
E TAPEÇARIAS
BORDADOS
À MÃO

AV. 3.º ÓSCAR MONTEIRO TORRES, 33-A
(AO CAMPO PEQUENO)
TELEFS. 77 84 15 — 77 44 04
1000 LISBOA

Tempo

PROPRIEDADE
Tempogest — Jornais e Publicações, S.A., Rua Ruben A. Leitão, 4-1.ª Telef. 32 87 81
1294 Lisboa Codex —
Fax: 347 46 53 —
Telex: 183 46 53 / 183 88

DIRECTOR
João Rosa

EDITOR-CHEFE
Eduardo Fidalgo

EDITOR-CHEFE-ADJUNTO
Norberto Gouveia

REDACÇÃO
António Barroso, Celso Nóbua, Filipe, Eduardo Guerra Carneiro, João Ladeiras, José Costa, Luís Naves, Maria Tapadinhas, Nair Alexandra, Sobral de Oliveira e Virgínia Esteves

FOTOGRAFIA
António Cabral, Fernando Caleiro e Nôé Ramos

CARTOONISTA
António Martins (Benavente)

SECRETÁRIA DE REDACÇÃO
Lucinda Matens

TRADUTOR
Rogério Chagas

COLABORADORES PERMANENTES
Caetano A. Lapa, Mário Fernandes,
Paulo Veloso e Valdemar Pinheiro

COLUNISTAS
Almeida Costa, João Carlos Abreu, Jorge Lemos, Manuel José Homem de Mello, Nuno Krus Abecasis e Santana Castilho

DEPARTAMENTO GRÁFICO
José Franco (Editor), Cristina Cabrita, João Almeida

DEPARTAMENTO DE PRODUÇÃO:
José Magalhães e Luís Telles

DOCUMENTAÇÃO
Alfredo Canana e Helena Alvarez

PUBLICIDADE E RELAÇÕES PÚBLICAS
António Santos (Director), Rua Ruben A. Leitão, 4-3.ª, 1200 Lisboa Codex, Telef. 347 60 20

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua Júlio Diniz, 822-6.ª Esq.
Telefs. 66 81 92, 67 17 29, 69 33 07 e 66 80 23

CORRESPONDENTES
PARO: Carlos Meleiro, Rua de Oliveira, 26-1.ª Dt.ª, Olhão Telef. 73755. MADEIRA: Teresa Câmara de Sousa, Rua do Quebra Costas, 40. Telef. 29079. AÇORES: José da Conceição Nunes, Av. Visconde da Praia, 2, Fajã de Baixo Telef. 31330. MADRID: Manise Oliveira. PARIS: Maria de Sá Carneiro. WASHINGTON D.C.: A. Correia



João Rosa

Eutanásia

possível, apesar de muito difícil.

Numa primeira fase, porém — até meados de 1990 — esta nova Administração permitiu opções de gestão que se revelaram pouco adequadas ao êxito, que se pretendia, do investimento entretanto feito na recuperação económica do jornal.

Mais recentemente, nos últimos meses, todos os despercebidos esforços ainda feitos — e foram muitos, por todos os responsáveis em causa — já não conseguiram mais do que evidenciar, por impotência sedimentada irreversivelmente, o inevitável fracasso definitivo do projecto.

Fracasso que se declara agora.

Com potenciais culpas de todas as

partes envolvidas. Mas com inegáveis méritos de todas elas, também, no esforço comum de remar contra uma já tão antiga e forte maré vazante.

No caso concreto e especial dos jornalistas que têm feito este «Tempo» dos últimos tempos, a este seu camarada de profissão e director só resta, sinceramente, uma palavra de aplauso pelo abnegado esforço e de solidariedade no injusto fracasso. Além de suplementar apreço pela lucidez e frontalidade com que, nestes dias derradeiros, resistiram a oportunistas cantos e contos de sereia entretanto urdidos.

No caso concreto e também especial da Administração que investiu nestes últimos tempos do «Tempo», também o

nosso muito obrigado, igualmente sincero, pela boa-fé, pela boa vontade e lisura exemplar de processos com que nos apoiou aquele esforço e nos adiou este fracasso.

No caso concreto — e mais do que todos especial — dos leitores do «Tempo», de sempre ou dos últimos tempos, o nosso muito e maior obrigado, pela generosa preferência, e o nosso humilde pedido de desculpas, por eventuais deficiências do nosso trabalho.

Os jornais — mesmo os grandes jornais, como o «Tempo» — também falham; tal como também adoecem e morrem; ou também se abatem.

A todos, entretanto, serenamente, adeus e até sempre. □

O Conselho de Administração da empresa proprietária deste jornal, a Tempogest, deliberou suspender, a partir de hoje, a respectiva publicação.

Tal decisão foi justificada, além de para com o director, também perante o Conselho de Redacção, e em termos que a ambas as entidades mereceram compreensão e aceitação, apesar da contrariedade.

O «Tempo» tem quinze anos e meio de existência e foi, na primeira metade da sua vida, com êxito,

uma referência de primeiro plano da imprensa portuguesa. Depois, quando, infelizmente, as respectivas gestões e direcções deixaram de ser emanadas de uma vontade colectiva e passaram a ser ditatorial e incompetente exercidas, degradaram, de forma fatal, a credibilidade editorial e a aceitação de mercado do jornal.

Há cerca de um ano, todavia, a Tempogest adquiriu este título e tentou ressuscitá-lo, da falência absoluta em que se encontrava à recuperação eventual, que ainda parecia

Administração da Tempogest elogia direcção e trabalhadores

Formalizando a sua decisão de suspender a publicação do «Tempo», a Administração da Tempogest dirigiu, na passada segunda-feira, o seguinte comunicado aos trabalhadores da empresa:

«De: Conselho de Administração»

Para: todos os trabalhadores da Tempogest

«1 — No seguimento das informações já veiculadas

por intermédio da Direcção do 'Tempo' e do respectivo Conselho de Redacção, confirma-se a suspensão da publicação do jornal a partir da edição da próxima quinta-feira.

«2 — Lamenta-se a decisão, mas, não se vislumbrando razões convincentes que permitam acreditar numa recuperação significativa do nível de vendas do jornal, única forma de obstar aos já

elevados prejuízos acumulados de exploração, considera a Administração não restar outra alternativa.

«3 — Compete-nos realçar a dignidade que tem caracterizado este processo e a forma construtiva como o diálogo entre as partes interessadas, mesmo em circunstâncias dolorosas, se tem processado.

«4 — Aliás, justifica-se nesta ocasião que se deixe

bem claro o reconhecimento da Administração pelo profissionalismo da Direcção e dos quadros de pessoal e pelo empenhamento por todos posto na recuperação de um título que as circunstâncias, infelizmente, impediram.

«5 — A Administração assegura, entretanto, que serão rigorosamente cumpridos todos os compromissos contratuais com os tra-

balhadores da Tempogest antecipando-se mesmo, de forma a minimizar os inconvenientes da situação actual, as datas de pagamento do subsídio de férias, 13.ª mês de Dezembro.

«6 — A todos, o nosso sincero agradecimento e desejo de felicidades na vossa futura vida pessoal e profissional.»

Lisboa, 26 de Novembro de 1990

A Administração □

Comunicado do Conselho de Redacção

Por sua vez, o Conselho de Redacção do nosso jornal emitiu, na terça-feira, o seguinte comunicado, cuja publicação solicitou à Direcção:

«Na sequência do fecho do semanário 'Tempo', o Conselho de Redacção, órgão eleito pelos jornalistas, vem, por este meio, dar uma última satisfação aos leitores. Algumas notícias saídas na imprensa davam uma imagem que não oferecia dúvidas: a culpa do encerramento era da exclusiva responsabilidade dos jornalistas.

«A nosso ver, trata-se de uma manifesta injustiça. Por certo, aqueles que seguiram os 15 anos de vida do 'Tempo' e assistiram a muitas das vicissitudes que marcaram uma época na imprensa portuguesa não farão tal juízo contra o actual corpo redactorial.

«A decisão de encerrar o 'Tempo', tal como nos foi explicado pela Administração, foi tomada em virtude de os proprietários estarem a gastar uma verba considerada excessiva, sem atingirem os objectivos a que se tinham proposto, nomeada-

mente as metas comerciais.

«Ao Conselho de Redacção compete somente encarar este desfecho com o máximo de brio profissional e dignidade. É, a nosso ver, de mãos limpas que os jornalistas executaram a última edição desta fase da vida do 'Tempo'.

«Não competia ao Conselho de Redacção viabilizar projectos de continuidade, que não existiam senão na fantasia de alguns. Ou, a existirem, apenas levariam a uma agonia dolorosa, que não servia os interesses dos jornalistas e, muito menos, os dos

leitores.

«Não pertencia a este Conselho o direito de contestar a decisão dos proprietários, os quais podem fazer do seu dinheiro o que bem entenderem. Competia-lhe, sim, satisfazer os leitores com uma derradeira edição que não envergonhasse ninguém. Aliás, vergonha por aquilo que escrevemos, como jornalistas deste semanário, é um sentimento que não é partilhado por nenhum de nós.»

O Conselho de Redacção □

Tempo Económico

EDITOR-CHEFE
Luiz Faria

EDITOR
Luís Pires

REDACÇÃO
Álvaro Vale, Clara Synek, Paula Ramos Chaves e Fernanda Cristina

COLUNISTAS
Arménio Rego, Carlos Valador, Luís Cabral de Moncada e Santos Serra

FOTOCOMPOSIÇÃO MONTAGEM E FOTOLITO
Gráfica 88 — Rua Saraiva Curvalho, n.º 120 A — 1200 Lisboa

Telef. 3962241-3967536

IMPRESSÃO
Interpress, Rua Luz Soriano, 67 — 1200 Lisboa, Telef. 328292

DISTRIBUIÇÃO
VASP — Rua Joaquim António de Aguiar, 43-3.ª D — 1000 Lisboa

Telef. 525064

CASA DA VENDA
Rua do Norte, 74, 1200 Lisboa

Telef. 328469. **ESCRITÓRIO NO PORTO:** Rua do Verdinho, 155, Canidelo — Vila Nova de Gaia — Telef. 7813449

Depósito legal n.º 194/86



PORTE PAGO

Camarate foi há dez anos

NA próxima terça-feira completam-se dez anos sobre a morte de Francisco Sá Carneiro e restantes acompanhantes num acidente com um avião do tipo Cessna ocorrido sobre Camarate.

Pelos anos fora continuaram na retina de todos as imagens com os despojos das vítimas. Foi um acidente que enlutou a Democracia que hoje ainda, dez anos passados, custa a recordar e sobre ele alinhar algumas linhas pelo impacto emocional que provocou e que ultrapassou os tempos, fixando-se nos nossos dias e nos que hão-de vir.

Estão ainda hoje por esclarecer as circunstâncias em que se verificou a morte de Francisco Sá Carneiro e dos demais, tal o modo como, ao longo dos tempos, se têm entrecruzado de forma desconexa as posições mais diversas de uns e outros observadores, que lançam sobre o acidente as mais diversas suspeições.

E por causa destas hipóteses muitas vezes certos sectores utilizaram o dramático acidente de Camarate como forma de instrumentalização política, qual bandeira de todas as pressões destinadas à obtenção dos desígnios de ocasião.

Recorda-se ainda, dez anos passados, toda a agitação que rodeou aquele fim de tarde de Dezembro de 1980, num período eleitoralmente conturbado, depois do acidente em que alguns metros atrás muita gente ainda se interrogava de quem iria naquela avião.

A medida que os rumores se foram transformando em penosas realidades, a histeria também aumentava porque a verdade é que já se começava a sentir o peso da História e a perda irreparável que representava para o combate político.

Sá Carneiro é uma figura do quadro de honra da nossa Democracia. Amado e odiado, capaz de provocar os sentimentos mais díspares, a sua acção política era demolidora pelo culto de poder que a orientava.

Ao lutar por ideais, ao



Eduardo Fidalgo

envolver-se numa luta cujos limites se obrigava a impor, ele próprio exigia fidelidade sem a menor veleidade de crítica porque de outro modo seriam arastadas na voragem dos abandonados sem remédio.

No fundo, emergiu a partir de certa altura a sua irremediável condição de homem só, desumanizado quanto aos problemas, impante de força e de determinação quanto aos objectivos, que constituíam a sua prioritária determinação.

Figura da ala liberal, tendo sido uma das vozes corajosas que denunciou os atropelos da autocracia marcelista, Sá Carneiro centrou no PPD toda a sua determinação para que o Portugal democrático caminhasse sob a batuta laranja da social-democracia.

Num tempo de grandes convulsões, em que Portugal esteve à beira de novas ditaduras de sinal contrário, a voz de Sá Carneiro desafiou o medo dos receosos e ele foi uma das figuras que se impôs no combate às convulsões extremistas, que despertou as consciências para uma revolta assumida nas urnas. Nesses tempos, Sá Carneiro foi um embaixador e um arauto da luta política democrática.

Multidões o seguiram e a tendência de Esquerda da Revolução sentiu a clareza de uma notória alternativa ao vermelho, manifestada em bandeiras laranjas que ondeavam ao vento e que clamavam por paz, pão e liberdade.

A falência do socialismo soarista, passados alguns anos, levou Sá Carneiro definitivamente ao poder no quadro da Aliança

Democrática, ele que era o líder do maior partido que a representava — o PSD.

Foram tempos difíceis envolvidos em grande combate político, mas o certo é que a Aliança Democrática, com todo o aparato com que se apresentou, não se empenhou como devia na defesa da pacificação.

A fórmula «uma maioria, um Governo, um Presidente» correspondia a um objectivo cego e demasiado concentracionista. Toldou os espíritos. Os ideais de justiça do passado viraram para intuítos bipolarizadores.

A demagogia e a arrogância ganharam uma força desmedida, e de onde se esperava a paz via-se de repente o olhar flamejante dos que queriam ajustes de contas.

É neste quadro, que mais se assemelhava a um calvário de frustrações, de inimizades, que as fálhas do radicalismo aliancista, deitadas em período eleitoral, tornavam num brasileiro, que aconteceu o acidente, que o País chorou no meio da vertigem a que a cegueira política estava a conduzir.

Ao curvarem-se perante os seus mortos, os fulgores de base aquietaram-se, mas dramático foi que só assim o fogo das consciências tivesse repousado naquela moleza inerte que o luto gera.

Tempos difíceis que não esquecem. Tempos de que muitos se apressaram a afastar e que aumentaram fissuras políticas entre adversários que nunca deveriam ter sido.

Tempos que a maioria, apesar de tudo, honra porque foram História e a História não se nega.

O PSD está agora a assinalar a memória do seu ex-líder, na calma e na paz que o seu actual número um, Cavaco Silva, lhe soube trazer. Sem bulfícios, sem exacerbadas paixões partidárias, honrando a memória, alheios a aproveitamentos presidenciais, porque Francisco Sá Carneiro é uma saudade. □



O
nosso
Tempo



Luís Naves

Prémio

A medida do provincialismo português é a vil tristeza que rodeia a vida cultural, ou a falta desta, transformada em dança de vaidades e circulação de interesses mais ou menos confessados. De tempos a tempos, surge um sinal de esperança, como a recente atribuição do prestigiado prémio «Fémina» à tradução francesa de «Manhã Submersa», um notável romance de um dos maiores escritores portugueses deste século, Vergílio Ferreira.

Um sinal breve como este não pode esconder os tempos difíceis em que vivem os agentes culturais, desde os realizadores de cinema, passando pelos músicos das orquestras, os actores de teatro, e porque não dizê-lo, os jornalistas. As obras de fachada, os projectos megalómanos pseudo-insólitos, a politização do fenómeno cultural e o triunfo das «capelinhas» amorfas são perigosos para a nossa sociedade.

E, afinal, cada país tem a cultura que merece. Nós temos uma palavrosa e ignorante, dita popular e cada vez mais normalizada, como a fruta da CEE. Sobretudo as manifestações culturais no nosso país afastam-se progressivamente dos padrões civilizados em vigor nas restantes nações dessa Europa à qual gostaríamos de pertencer.

Tão importante prémio para Vergílio Ferreira, num contexto literário exigente (como é o francês), dá-nos esperança. Mas o grande escritor é uma voz quase solitária na mediocridade reinante em Portugal.

São estas grandes figuras isoladas que fazem, sem alarde e sem se porem em bicos de pés, o melhor da cultura portuguesa. Há séculos que é assim, porque é que havia de mudar agora? □



A
F
O
T
O
D
A
S
E
M
A
N
A
Fernando Caldeiro

NA PRÓXIMA TERÇA-FEIRA BASÍLIO HORTA FORMALIZA CANDIDATURA

António Barroso

BASÍLIO Horta será o segundo candidato a formalizar oficialmente a sua candidatura à Presidência da República, depois de Carlos Carvalhas. O mandatário nacional da candidatura, Carlos Macedo, irá deslocar-se na próxima terça-feira ao Tribunal Constitucional para fazer a entrega das assinaturas necessárias.

Carlos Macedo, que se fará acompanhar de Manuel Machado, director da campanha, e por Telmo Correia, o dirigente que coordenou o processo de recolha das mesmas, deverá entregar 15 mil assinaturas, máximo permitido por lei. Conforme Manuel Machado afirmou ao «Tempo», as assinaturas têm chegado «às centenas por dia» à sede nacional, na Rua Barata Salgueiro.

Até 4 de Dezembro, o candidato vai realizar uma autêntica maratona nesta pré-campanha. A inauguração da sede distrital de Coimbra, que deveria ter lugar amanhã, ficou agendada para mais tarde, devido a atrasos no acabamento das instalações. Na manhã de sexta-feira o candidato irá dar uma conferência de imprensa no Porto, a que se seguirão diversas acções de

rua e contactos com os populares, devidamente finalizados com um «almoço de trabalho» na companhia de dinamizadores da sua candidatura na região norte.

PRIMEIRO COMÍCIO EM MIRANDELA

Mirandela foi o palco escolhido pela candidatura para a realização do primeiro comício eleitoral do candidato, a ter lugar na tarde do dia de amanhã. Prosseguindo a sua acção pelo norte do País, Basílio visita Amares, Rebordosa e a Maia na manhã de sábado, culminando num almoço com os seus apoiantes na Póvoa de Varzim. Mais um jantar na companhia dos seus simpatizantes, em Santo Tirso, encerra o programa diário do candidato, que viaja até à Guarda, onde assistirá à celebração da eucaristia dominical na manhã de domingo, para provar que, ao contrário de Mário Soares, não é «laico». No seu périplo pela Beira Alta, Basílio Horta inaugurará as sedes distritais da sua candidatura na Guarda e Viseu, reservando o final do dia para a realização de um convívio em Oliveira de Frades e de mais um jantar de confraternização em Lamego.

Outra das novidades da sua campanha é o jantar

O mandatário nacional da candidatura, Carlos Macedo, irá deslocar-se na próxima terça-feira ao Tribunal Constitucional para fazer a entrega das assinaturas necessárias. Basílio será, assim, o segundo candidato a formalizar oficialmente a sua candidatura à Presidência da República.

COMBATE À CORRUPÇÃO

organizado por militantes e simpatizantes sociais-democratas, que obrigará o candidato a regressar ao Porto na terça-feira. E no dia seguinte é o ansiado debate com Mário Soares, na RTP, para o qual o candidato se está a preparar a preceito, possivelmente acongeminar novos desafios a lançar ao actual Presidente da República.

Enquanto o candidato se multiplica em deslocações, a sua máquina de campanha tem já prontos novos autocollantes, com a inscrição «Vote Basílio», bem como os inevitáveis cartazes, em número de dois, com o rosto do candidato.

As acções na área da Grande Lisboa estão programadas para Janeiro, já depois do início oficial da campanha eleitoral.

de rendimentos dos políticos «seja pública e anual».

A revisão da lei das incompatibilidades «de forma a torná-la extensiva a todos os políticos e a todos os cargos públicos» e a alteração do actual método de nomeação dos elementos da Alta Autoridade contra a Corrupção, são algumas das medidas que Basílio Horta promete levar a efeito nesta sua cruzada contra a corrupção, caso seja eleito, da mesma forma que refuta qualquer diploma que pretenda condicionar os poderes do procurador-geral da República à alçada do Ministério da Justiça.

Durante a semana que findou, Basílio Horta exortou Mário Soares e os restantes candidatos a combaterem a corrupção que, em seu entender, grassa na política portuguesa. Basílio Horta anunciou que, caso seja eleito, tornará públicas as suas contas, bens e rendimentos, «que passarão a ser geridas por uma entidade independente, que anualmente as publicará».

O candidato aproveitou também para tornar público a sua intenção de enviar uma mensagem à Assembleia da República, para que este órgão de soberania legisle sobre o tráfico de influências, e expressou o seu desejo de que a declaração anual

Na inauguração da sede distrital da sua candidatura em Aveiro, Basílio teve tempo para criticar Mário Soares. Segundo as suas declarações, o actual Presidente da República «prefere não ver os sinais evidentes de corrupção que grassam na sociedade portuguesa». O candidato reclamou igualmente a alteração da legislação vigente sobre o financiamento aos partidos políticos e às candidaturas para Belém — «caduca» —, apelidou Soares de «campeão da instabilidade em Macau», acusação a que se espera que o actual Presidente da República dê resposta no debate televisivo da próxima quinta-feira. □

CRISE «ESVERDEADA»...

O Partido Ecologista «Os Verdes» tem vindo a desmembrar-se, isto é, tem vindo ao longo dos últimos dias a perder os seus militantes.

Com efeito, após as deliberações do conselho nacional de meados de Novembro, dezenas de militantes do partido «Os Verdes» têm «batido com a porta», destacando-se a eurodeputada Maria Santos.

Tendo sido notificada por via postal a renunciar ao mandato de deputada ao Parlamento Europeu, Maria Santos respondeu frontalmente aos seus ex-colegas

de partido dizendo que «*não me submeto a estas inqualificáveis imposições*», daí que, «*em tal quadro político, torna-se incompatível a manutenção do vínculo partidário, o que acarreta, irreversivelmente, a minha total desvinculação em relação ao PEV*».

Maria Santos vai mais longe ao dizer que «*o PEV extinguiu-se para mim. A CDU com a minha presença acabou. Para mim, a CDU e o PEV são um caso encerrado*».

Recusando a «*chicana*» política, a eurodeputada diz que «*não reconheço qualquer legitimidade política*

aos autores deste «*ultimatum*» pelo que vai continuar em Estrasburgo onde, como refere, continuará a manifestar a mais firme determinação na defesa dos interesses nacionais, «*bem como na dignificação da presença portuguesa nas mais diferentes instâncias internacionais e a dar o meu maior contributo para reforçar a participação ecologista na sociedade portuguesa*».

Mas não foi só Maria Santos que «bateu com a porta». Para acentuar ainda mais a crise «esverdeada», dezenas de militantes oriundos dos núcleos do partido

do Algarve, Sintra, Almada, Coimbra e Chaves, alguns dos quais ocupavam lugares importantes nas estruturas do PEV, seguiram os seus passos. A crise de «Os Verdes» tem vindo a agravar-se a todos os níveis desde que foi eleita (ou nomeada) uma nova comissão executiva, na reunião do conselho nacional de 23 de Junho, altura em que a facção liderada pelo deputado Herculano Pombo praticamente abandonou o PEV. Desde essa altura, também o partido deixou de receber subsídio parlamentar, que continua suspenso e que atinge a bonita soma de 2 400 contos. □



Maria Santos «bateu com a porta»

«Carlos» abrem debates na RTP

Carlos Carvalhas e Carlos Marques são os protagonistas do primeiro debate entre os candidatos à Presidência da República a levar a efeito no programa «Primeira Página», do Canal 1 da RTP, já na próxima terça-feira, dia 4 de Dezembro.

O prato forte da semana será, contudo, o duelo entre Mário Soares e Basílio Horta, precisamente os dois candidatos melhor colocados nas sondagens, e que o sorteio realizado pela RTP coloca frente-a-frente na quinta-feira, 6 de Dezembro. Soares regressa aos estúdios da «5 de Outubro» para defrontar Carvalhas no dia 11, enquanto Basílio Horta e Carlos Marques esgrimem-se 48 horas depois (dia 13).

Carlos Marques e Mário Soares dão por terminadas as suas aparições televisivas no dia 18 (terça-feira), enquanto a «honra» de encerrar o ciclo foi conferida a Carlos Carvalhas e Basílio Horta, na quinta-feira (dia 20).

Provavelmente, o desejo da maioria dos portugueses seria assistirem ao confronto entre Soares e Basílio Horta por último, mas os caprichos do sorteio acabaram por ditar a ordem que atrás ficou descrita. □



VASP DÁ SEGURO A QUEM VENDE PUBLICAÇÕES

A fim de proporcionar uma protecção contra acidentes às pessoas que diariamente vendem jornais e revistas nos mais de 4.500 pontos de venda onde a VASP coloca publicações, esta Distribuidora — com o apoio da mediadora de seguros Costa Duarte e Lima — assinou com o Scottish Union Portugal um Seguro de Acidentes Pessoais, com o objectivo de criar condições de segurança a todos aqueles que colaboram com a VASP



sociedade transportes e distribuições, lda

Professores em greve

Os professores vão estar em greve no próximo dia 7 de Dezembro. A paralização dos docentes, convocada pela Federação Nacional de Professores (FENPROF), filiada na CGTP-IN, tem como base a não publicação da lei que rege a contagem do tempo de serviço dos professores, de acordo com o novo estatuto da carreira docente. Apesar do Ministério da Educação ter já enviado o diploma a Manuela Leite, secretária de Estado do Orça-

mento, a publicação no «Diário da República» tarda.

A lei, que deverá surgir sob a forma jurídica de uma portaria, vai contemplar a contagem parcial do tempo de serviço, o que os dirigentes sindicais interpretam como «*uma satisfação mínima*» das suas exigências, pois as reivindicações de base para o sector apontam para a contabilização do tempo de serviço prestado. □

É difícil imaginar o candidato à Presidência da República Carlos Marques, sentado à mesa indiferente dos aromas do apetitoso caldo verde com as inevitáveis rodelas de chouriço, ou perante a fumegante travessa de cozido à portuguesa preparado, zelosamente, pela empregada Lurdes e, em surdina, rezar a seguinte oração: «Senhor abençoei a refeição que vamos tomar para melhor podermos servir e amar.» A verdade é que isso acontece todas as vezes que almoça ou janta em casa de sua mãe. Fá-lo com convicção, com prazer, com fé. O mesmo acontece, quando com a mãe e a empregada, que o conhece desde os nove anos, procede à leitura da Bíblia exposta sobre um móvel no corredor, logo à entrada, num ambiente convidativo ao recolhimento, à oração. Em vez da actividade política num partido de esquerda revolucionária, Carlos Marques podia ter sido um excelente padre. Tal é qual como o padre Albano na telenovela «Roque Santeiro» defensor dos direitos dos pobres.

A hora da papa aos três anos, em Valongo, sem o fantasma do lobo mau



Aos doze anos na casa de férias na Praia das Maças com a mãe e os irmãos



Na primeira comunhão na Igreja de Arroios



Carlos Marques aos nove anos com a mãe



No jardim da Alameda

CARLOS MARQUES ELE PODIA. TER SIDO PADRE

João Ladeiras

ELE é um produto da maioria crítica que não participava nos momentos de luta contra o salazarismo mas, também, não ia à Avenida da Liberdade ou à Praça do Comércio por ocasião das manifestações de apoio ao regime.

Trabalhar e poupar era o lema com que se identificavam para, assim, concretizar um único objectivo vivido com implacável militância: dar aos filhos a instrução que

os pais não lhes conseguiram proporcionar.

Viveram os racionamentos da guerra, aguardaram com esperança o plano Marshall, esperaram pela democratização do regime após a guerra.

Dignidade, independência, carácter, tolerância e humanismo foram valores sagrados que, desde cedo, começaram a fazer parte do quotidiano de Carlos Marques.

O pai, Joaquim Martins da Silva, já falecido, que chegou a ser mineiro nas minas de lousa, em Valongo,

e a mãe, Marianita Moreira Marques Martins, foram militantes na massa anónima que, durante os 48 anos de fascismo, tiveram como lema: pobrezinhos mas honrados.

Resistiram, em Valongo, ao êxodo para o Brasil à procura de fortuna.

Preferiram a capital e assentaram arraiais ali para os lados do Alto de São João trazendo nas malas as indispensáveis ferramentas do ofício de barbeiro e o dedal, agulha e a linha de alinhavar.

Depois, foi o subir a cor-

da a pulso devagarinho, muito devagarinho. Joaquim da Silva empregou-se numa barbearia na Avenida da República e, à noite, frequentava um curso de cabeleireiro. «Foram tempos muito difíceis. O curso era caro e só com muito sacrifício conseguimos pagá-lo», esclarece-nos a mãe de Carlos Marques, senhora de fino trato.

É a 10 de Janeiro de 1949 que nasce na freguesia do Beato Carlos Manuel Marques da Silva com pouco mais de três quilos, de parto normal.

SENHORAS DO ANTIGO REGIME ESTRAGAVAM-NO COM MIMOS

Seis anos mais tarde a família Silva muda-se para o primeiro andar do 65 na Avenida Duque de Ávila, considerada na época as avenidas novas onde se estabelece com um cabeleireiro que passa a ser frequentado por clientela com poder de compra.

À porta do 65 começam a parar carros conduzidos por motoristas fardados, a rigor

que, solícitos, não perdem tempo a abrir a porta dos veículos pretos, alguns do Estado.

«Martins Cabeleireiro, Salão Ávila» ganha prestígio. Não há mãos que cheguem. Aos sábados os serões prolongam-se até às tantas. Carlos Marques, com nove anos, habitua-se a partilhar a casa com senhoras perfumadas, vestidas com casacos de pele que gostam de ser atendidas sem pressas porque tempo não lhes falta.

Enquanto aguardam a vez vão ganhando afecto pelo pequeno Carlos e com o avô materno ajudam, também, a estragá-lo com mimos.

Com a morte, inesperada, de um irmão mais velho, Carlos Marques passa a gozar do estatuto de filho, neto e sobrinho único.

A mãe e a D. Gina, professora até à quarta classe no Colégio Fontes Pereira de Melo, na Avenida da República, com a «menina dos sete olhos» a «acariciar» a palma da mão, servem de contraponto.

Longe de Valongo e da Praia das Maças onde, entretanto, os pais tinham aberto outro estabelecimento do mesmo ramo, Carlos Marques contenta-se com o espaço disponível do cabeleireiro e, à noite, montando sobre os tripés dos secadores transforma-os em gloriosas máquinas roladoras enquanto a mãe, que nunca aprendeu o ofício, ajuda o pai a fazer as contas.

Durante o dia a varanda do primeiro andar do 65 da Duque d'Ávila era o território exclusivo do pequeno Carlos a assumir-se de polícia, cara pálida ou índio em lutas com o imaginário intervaladas com os saborosos gelados da «Sibéria», fabrica que ficava a dois passos, ao virar da esquina, mais a sua amiga, a indelével Rosete, aprendiz de cabeleireiro considerada como uma irmã

GRILLO ATÓMICO

Tudo, no entanto, se modificaria de um dia para o outro, quando uma tarde a mãe impediu-o a poucos dias do início do ano lectivo de ir para a varanda para mais um dos «sangrentos» duelos com os vizinhos ou com os primos que desde tenra idade fizeram do 65 da Duque d'Ávila uma espécie de sucursal da Casa Pia de Lisboa.

Vivia-se a campanha eleitoral do general Humberto Delgado e o ambiente era tenso no País, em especial em Lisboa e no Porto.

Nas zonas industriais da cidade a intimidação era a

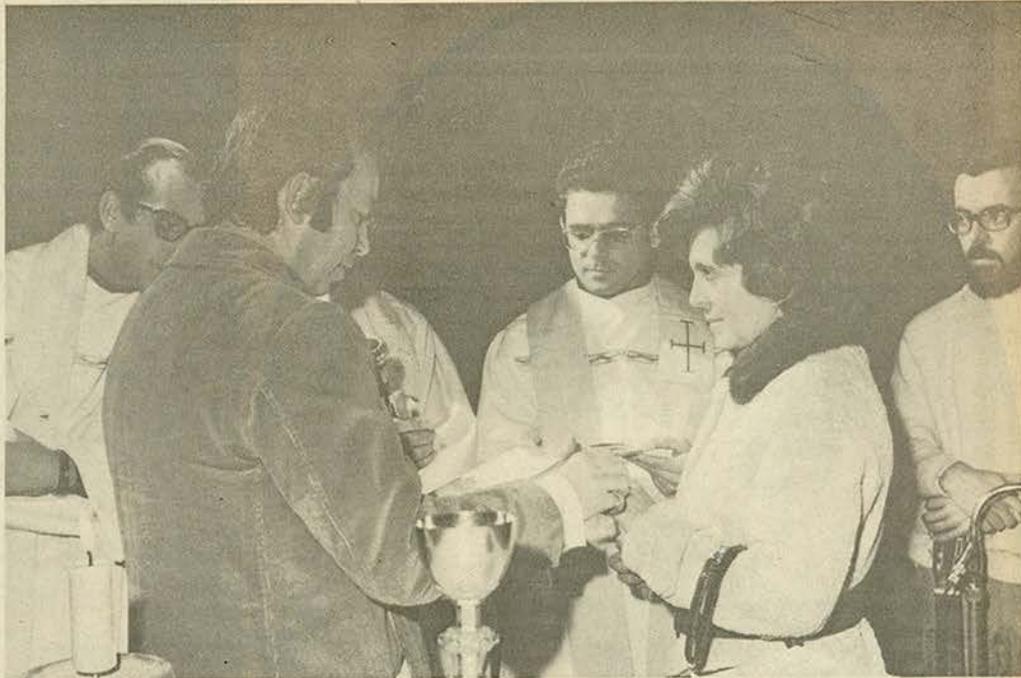
constante no período de campanha.

Foi isso que fez a polícia de choque um dia à tarde ao passar na Avenida Duque d'Ávila disparando em rajada de metralhadora para as fachadas dos prédios fronteiros à estação do Arco do Cego da Carris.

Carlos Marques recorda-se dos jeeps da polícia e das patrulhas a cavalo da GNR que impediam o curso normal do dia a dia no seu território por onde pastavam aos fins-de-semana rebanhos de ovelhas.

Mas a sua preocupação com nove anos era não perder um filme de Joselito, Marisol, Cantiflas e Totó nas *matinées* do cinema Avis e fazer engenhocas com o Meccano, prenda dos pais responsável pela sua primeira «directa».

Passaram-se três anos até que a 23 de Janeiro de 1961,



Na celebração das bodas de prata dos pais na Igreja de Arroios



Marianita Martins gosta de praticar no dia a dia as mensagens da Bíblia lidas na companhia de Carlos Marques, quando a visita, o que acontece com frequência

quando na velha carrinha do Colégio de S. João de Brito, conhecida pela «bronca» devido às sistemáticas avarias o locutor da Emissora Nacional interrompe, subitamente, a emissão e dá a notícia que fez abalar o regime: «O pacote Santa Maria foi assaltado de madrugada por Henrique Galvão e dirige-se para o Brasil!»

«Foi um acontecimento que seguiu de perto pelos jornais e rádio. Apercebi-me que as coisas não eram, assim, tão pacíficas como queriam fazer crer», diz-nos Carlos Marques na sede de candidatura à Presidência da República.

Mas, aos 12 anos, o que interessava eram os livros da colecção «Aventuras dos Cinco» que Eric Blyton tão bem sabia relatar, o poder de Mandrake, as diabruras dos irmãos Metralha, as paixões da Olívia Palito pelo herói Popeye.

Teve que esperar cinco anos para o baptismo do pri-



«Cheguei a falar com o meu marido, que Deus tem, sobre a vocação que o Carlos tinha para ser padre. Ele gostava de ajudar os outros»

meiro confronto político, quando já na universidade como membro da Juventude Universitária Católica (JUC) participa no movi-

mento de solidariedade às vítimas das cheias de 1969 e levou, pela primeira vez, o rótulo de comunista.

Nos sete anos de colégio



«Quando eu achasse que ele não andava na lei de Deus devia-lhe mostrar esta caixa com pedras» — revela a mãe de Carlos Marques

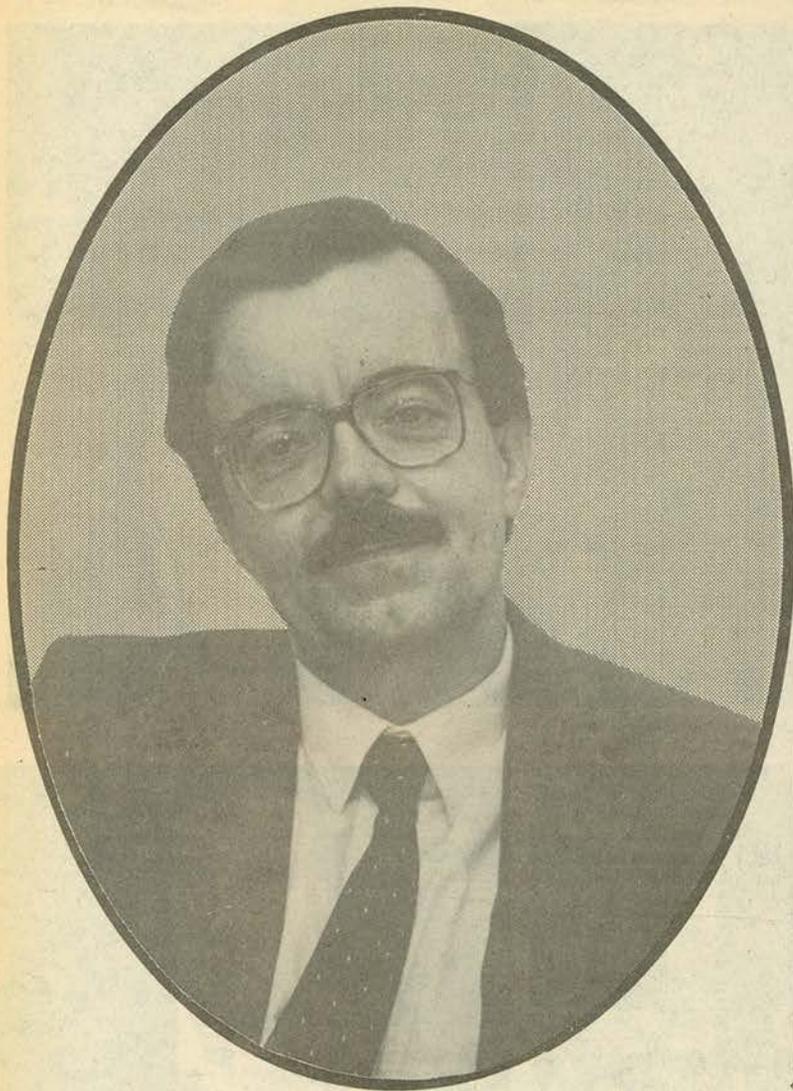
de São João de Brito, Carlos Marques nunca chumba como, aliás, acontece na universidade e devido ao desenrascamento por ter chegado pouco depois dos colegas ao parque de campismo, em Sintra, apesar de ter perdido a «bronca», ganha a alcunha de «grilo atómico».

AS MISTERIOSAS PEDRAS E OS ESPÍOES EM MOSCOVO

«Grilo» acaba por ser a alcunha que corresponde ao que Carlos Marques gostava de fazer nos tempos livres saboreando o espaço livre à sua volta: acampamentos,

explorações, espeleologia para além do contacto directo com as populações em zonas do interior, ajudando-as no trabalho do dia a dia.

Da convenção de S. Vicente de Paulo dos contactos com as famílias numerosas no bairro da Musgueira, paredes-meias com o recreio do colégio que frequentavam os filhos das elites dois mundos separados por arame farpado; do contacto sem se aperceber com os contrabandistas na aldeia de Esperança a dois passos da fronteira e onde uma torrefacção de café inundava, sem cerimónia, o ar com a



«Carlos Marques ajudou-me muito na prática do cristianismo» — esclarece-nos a mãe de Carlos Marques com emoção

«OS ESPIÕES EM MOSCOVO»

queima de lotes de «robusta» e «arábica» e «colombiana» para prazer dos consumidores do país vizinho.

Anos de contacto directo com os jesuítas, da sensação de velocidade que os pequenos veículos motorizados que o padre Ferreira da Silva construía, das engenhocas do padre Pacheco; do professor de educação física Moreira com conversas «que abriam o espírito»; do isolamento na casa de retiros na Buraca com os sacrifícios, rezar o terço com os joelhos sobre pequenas pedras, das visitas a Fátima e rezar, rezar muito pelos pecadores. Na Universidade um outro mundo o espera. Vive-se no país os efeitos de Maio de 1968 e Carlos Marques não pode ficar indiferente aos desafios, que se colocam pela democratização do ensino.

Eleito para o órgão representativo dos estudantes da Faculdade de Ciências, Marques, Danilo Matos, irmão de Arnaldo Matos e Daniel Muller, filho do es-

critor Simões Muller, pedem entrevista ao ministro da Educação Hermano Saraiva. A entrevista é concedida e é Carlos Marques quem nos relata como decorreu o encontro. «Qual é o problema que me querem colocar?», pergunta-nos o mi-

nistro à mesa do gabinete. Ninguém respondeu. O silêncio era total. E Hermano Saraiva repete de novo: «Então, se vieram aqui por alguma coisa deve ser. Digam lá o que querem de mim?» Repetiu-se o silêncio até que Hermano Saraiva

virando-se para mim que estava sentado à sua esquerda disse:

«Estou à espera!»

«Queremos a democratização do ensino» — disse-lhe baixinho.

Hermano Saraiva dá um salto da cadeira e exclama

aos gritos:

«Eu a fazer um plano de reforma do ensino e vocês vêm aqui para falar de política. Julgam que eu não tenho os planos de Moscovo ali no cofre. Nós, também, temos espiões, em Moscovo, ou pensam que não?» E,

assim, acabou a reunião.

Seguiram-se as greves no Técnico, os debates na Acção Socialista Portuguesa com António Guterres, José Leitão, Ponces de Carvalho sobre as encíclicas do Papa Paulo VI, a ruptura na JUC devido a divergência de posições quanto a uma atitude crítica da Igreja face à guerra colonial até que foi expulso, em 73, do Técnico e proibido de se inscrever nas Universidades. Esperava-o a incorporação para o pelotão de Penamacor quando se dá 25 de Abril. No 65 da Avenida Duque d'Ávila irmãos e pais aguardam com expectativa que as opções de Carlos Marques não sejam extremistas no leque partidário.

Mas, em vão. Carlos Marques segue o rumo ditado pela consciência.

A UDP espera-o.

Era o momento de «os ricos pagarem a crise».

Uma vez mais, Carlos Marques acreditava no místico, no impossível. □

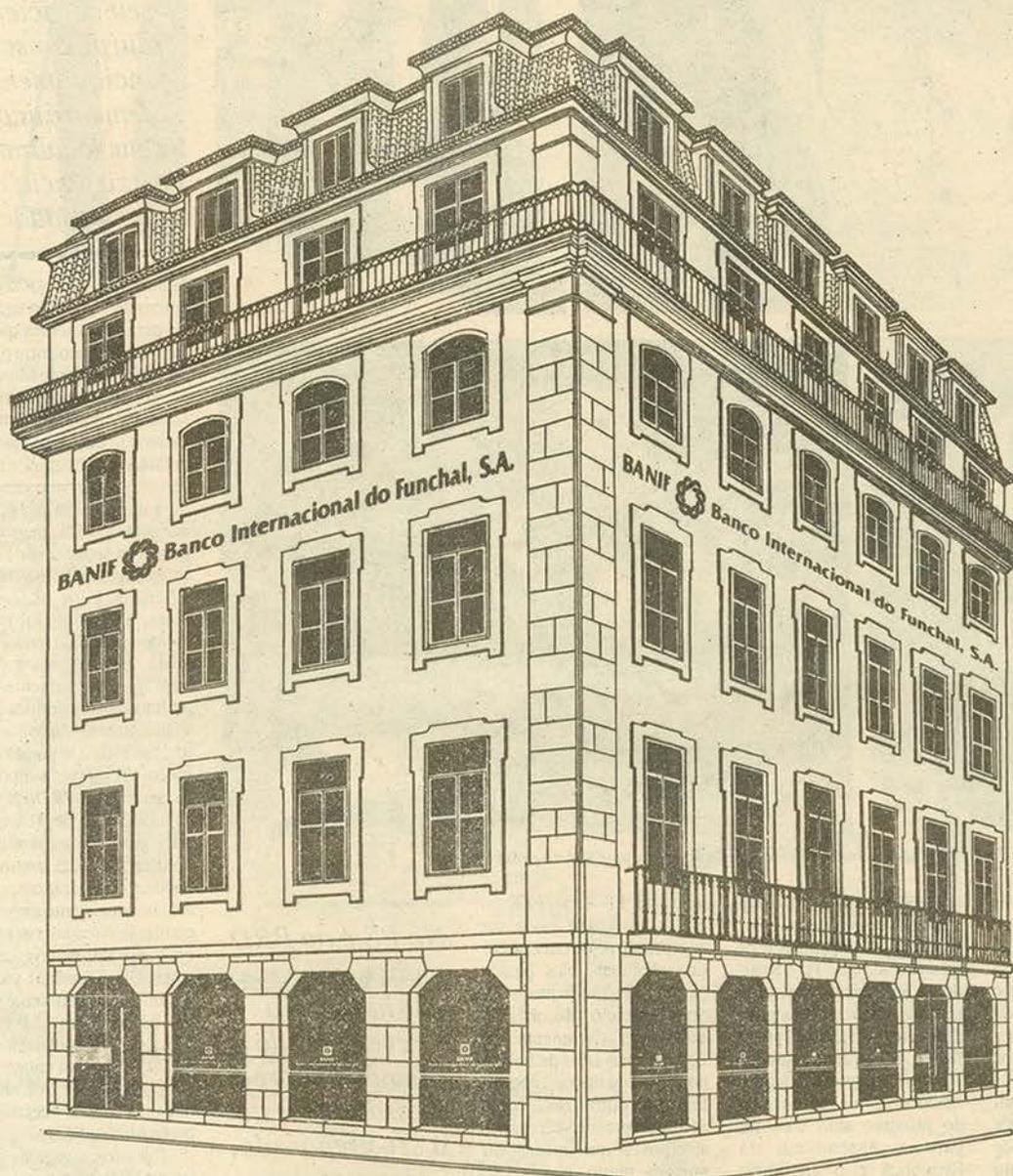
Fotos de Noé Ramos e cedidas pela família do candidato



A sala que serviu de ponto de encontro de senhoras com nomes sonantes do antigo regime. Hoje, é um «álbum» de recordações da família Silva

Agora na

RUA DO OURO



mais uma presença do BANIF

Um Banco privado
moderno e eficiente
com uma gama de produtos
e serviços financeiros
que responde
às necessidades
mais exigentes.

Consulte-nos!

Estamos ao seu dispor
na Rua do Ouro, 50/54
1100 LISBOA
Telef.: 347 52 15/8 - 347 52 62
Fax: 347 52 52



BANIF

Banco Internacional do Funchal, S.A.

SEDE SOCIAL — FUNCHAL
Rua de João Távira, 30
9000 FUNCHAL
Telef. 22162/6 Telex 72128
Fax 24822

SEDE CENTRAL - LISBOA
R. Alexandre Herculano, 50 — 1200 LISBOA
Telef. 54 01 23/54 01 73
Telex 42640/64534 Fax 53 87 41
Sucursal no PORTO
R. Sá da Bandeira, 230 — 4000 PORTO

Continente
Dep. R. do Ouro — Lisboa
Dep. 5 de Outubro — Lisboa
Dep. Campo Alegre — Porto
Ag. Anadia
Ag. Vila Nova de Gaia

Região Autónoma da Madeira
Dependências
Infante
Mercado
Monumental
Agências
Camacha
Câmara de Lobos
Canical
Caniço

Est. Calheta
Est. Câmara de Lobos
Loreto
Machico
Ponta do Sol

Porto Santo
Ribeira Brava
Santa
Santana
São Vicente

Sucursal Financeira Exterior "Offshore" e Sucursal "Trust Offshore" — Rua de João Távira, 30 — 9000 FUNCHAL — Telef.: 25832-22162/6 — Telex: 72128 — Fax: 24822

Capital Social 1750000000000 - Registo Comercial do Funchal n.º 3658 - Pessoa Colectiva n.º 511029730

NO PRÓXIMO ANO

DISSIDENTES DO PCP PROVÁVEIS NAS LISTAS DO PS

Paulo Veloso

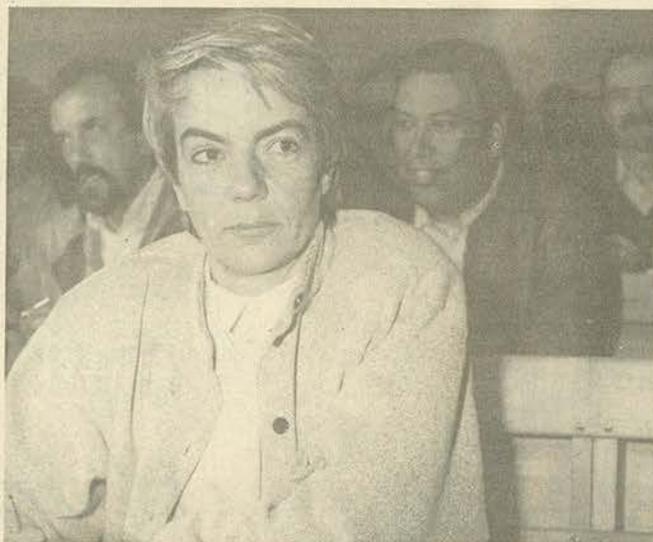
O Partido Socialista prepara-se para apresentar nas suas listas para as eleições legislativas de 1991 um vasto leque de personalidades independentes, representativas dos mais diversos sectores de actividade — política, académica, cultural, económica e sindical — apurou o «Tempo» junto de fonte fidedigna.

Contactos nesse sentido estão já a ser desenvolvidos em todo o País.

Entre as personalidades que deverão surgir como candidatos independentes nas listas do PS figuram Vital Moreira (ex-dirigente do PCP e actualmente professor da Universidade de Coimbra), José Magalhães (ex-PCP e presentemente deputado independente na Assembleia da República), Natália Correia (escritora, também deputada independente na A.R., para onde foi eleita nas últimas legislativas nas listas do PRD), e muito provavelmente também, entre muitos outros, designadamente ex-renovadores democráticos, Zita Zeabra (ex-PCP e membro do MASP).

Os dirigentes do PS estão apostados em aparecer em 1991 como a «casa comum da esquerda», tal como foi referido por Jorge Sampaio, em recente entrevista ao programa «1.ª Página», da RTP.

Nesse sentido, o PS vai acentuar o seu carácter plural e o seu funcionamento democrático, assumindo como normal, neste contexto, a existência de sensibilidades. O projecto é tornar o PS como a «casa comum da esquerda», espaço de diálogo livre, aberto a quantos pretendam participar no aprofundamento da democracia, no desenvolvimento económico e social, na cor-



Zita Zeabra, Vital Moreira, José Magalhães e Natália Correia poderão aderir ao PS já no próximo ano

repercussão nos meios políticos, nomeadamente no PS e no PRD, a notícia de primeira página da nossa edição da semana passada e segundo a qual a direcção do PS havia decidido dar sequência a um contacto dos renovadores-democráticos no sentido da procura de um entendimento comum para as eleições legislativas de 1991. Esse entendimento poderia culminar com a apresentação de listas con-

rante a reunião do secretariado nacional do PS, efectuada há 15 dias atrás e na qual este assunto foi debatido, se havia desde logo afirmado a oposição de alguns dirigentes socialistas a encararem sequer aquela hipótese; todavia e considerando a enorme importância do próximo acto eleitoral para a Assembleia da República e o equilíbrio para que apontam as sondagens, a direcção dos socialistas concluiu que seria precipitado fechar pura e simplesmente a porta a essa hipótese, tendo decidido antes explorar essa possibilidade, num quadro mais vasto de contactos com outros partidos da oposição e forças sociais, na perspectiva de tornar o PS a «casa comum da esquerda». António Guterres e Almeida Santos foram então indicados para se encarregarem desses contactos. Na manhã de quinta-feira, quando o «Tempo» surgiu nas bancas dos ardian e chegou às mãos dos principais dirigentes e depu-

tados do PS e do PRD, o efeito produzido pode ser comparado ao de uma autêntica «bomba». Nos passos perdidos de São Bento, onde no hemiciclo decorria o debate do Orçamento do Estado, e nas salas de trabalho dos deputados, não se falava de outra coisa. A razão é compreensível, se considerarmos que apenas um número muito restrito de dirigentes de ambos os partidos estavam ao corrente dos contactos em curso: no PRD, apenas Hermínio Martinho, Carlos Beato e Ivo Pinho conheciam o que se passava; e, no PS, esse número não foi, durante alguns dias de maior pois, apenas Jorge Sampaio, António Guterres e Almeida Santos, designadamente, sabidamente do assunto. Os dirigentes de ambos os partidos foram literalmente assediados de perguntas, quer por parte de deputados e colaboradores permanentes dos respectivos grupos quer por parte dos jornalistas. Houve alguns tímidos desmentidos, designada-

No PS e no PRD caiu como uma «bomba» a revelação do «Tempo» sobre o acordo que está a ser preparado, entre os dois partidos, para as legislativas de 1991.

mente em relação à manchete, que poderia dar, eventualmente, a entender que o acordo PS/PRD estaria já em fase adiantada de conclusão, isto entre os dirigentes socialistas citados, nomeadamente António Guterres. Também o chefe de gabinete de Jorge Sampaio, António Manuel terá afirmado que, neste caso, «não há fumo sem fogo».

Registe-se, no entanto,

Para se assumir como a «casa comum da esquerda», o PS vai acentuar o seu carácter plural e o seu funcionamento democrático, institucionalizando a existência de sensibilidades.

também o pormenor significativo de ter estado agendado para essa mesma quinta-feira um almoço entre o líder do PRD, Hermínio Martinho e o presidente do grupo parlamentar do PS, António Guterres, encontro que, no entanto, não chegou a realizar-se, por ter sido cancelado à última hora por aquele dirigente do PS, manifestamente na sequência do efeito causado pela notícia do «Tempo». Entre os renovadores, a surpresa foi igualmente grande, tendo em conta que ninguém, salvo aqueles três dirigentes do partido acima referidos estava ao corrente destes contactos. No PRD e segundo apurou o «Tempo», a hipótese de um acordo PRD/PS para as legislativas de 91 encontra algum eco na comissão política nacional dos renovadores-democráticos, mas é quase inexistente a nível da comissão directiva nacional, onde apenas Rodrigues da Costa (de Coimbra) parece inclinar-se abertamente para um acordo com o PS. Os demais dirigentes nacionais do PRD, embora encarem a possibilidade de um entendimento com os socialistas, prefeririam o PSD.

Curioso é que os dirigentes do PRD com quem contactámos e que confirmaram também eles a existência daqueles contactos, tenham apenas discordado da notícia relativamente à iniciativa dos mesmos. Para o PRD, foi o PS quem tomou a iniciativa e não os renovadores. De qualquer modo, é previsível que alguns elementos do PRD, ou ex-militantes e deputados deste partido venham a integrar proximamente o PS, na perspectiva também das eleições legislativas de 91. Um deles deverá ser o jornalista Alexandre Manuel, dos quadros do «Diário de Notícias», e deputado à Assembleia da República. □

Entre as personalidades que deverão surgir como candidatos independentes nas listas do PS, em 1991, contam-se Vital Moreira, José Magalhães, Natália Correia e, talvez, também Zita Zeabra.

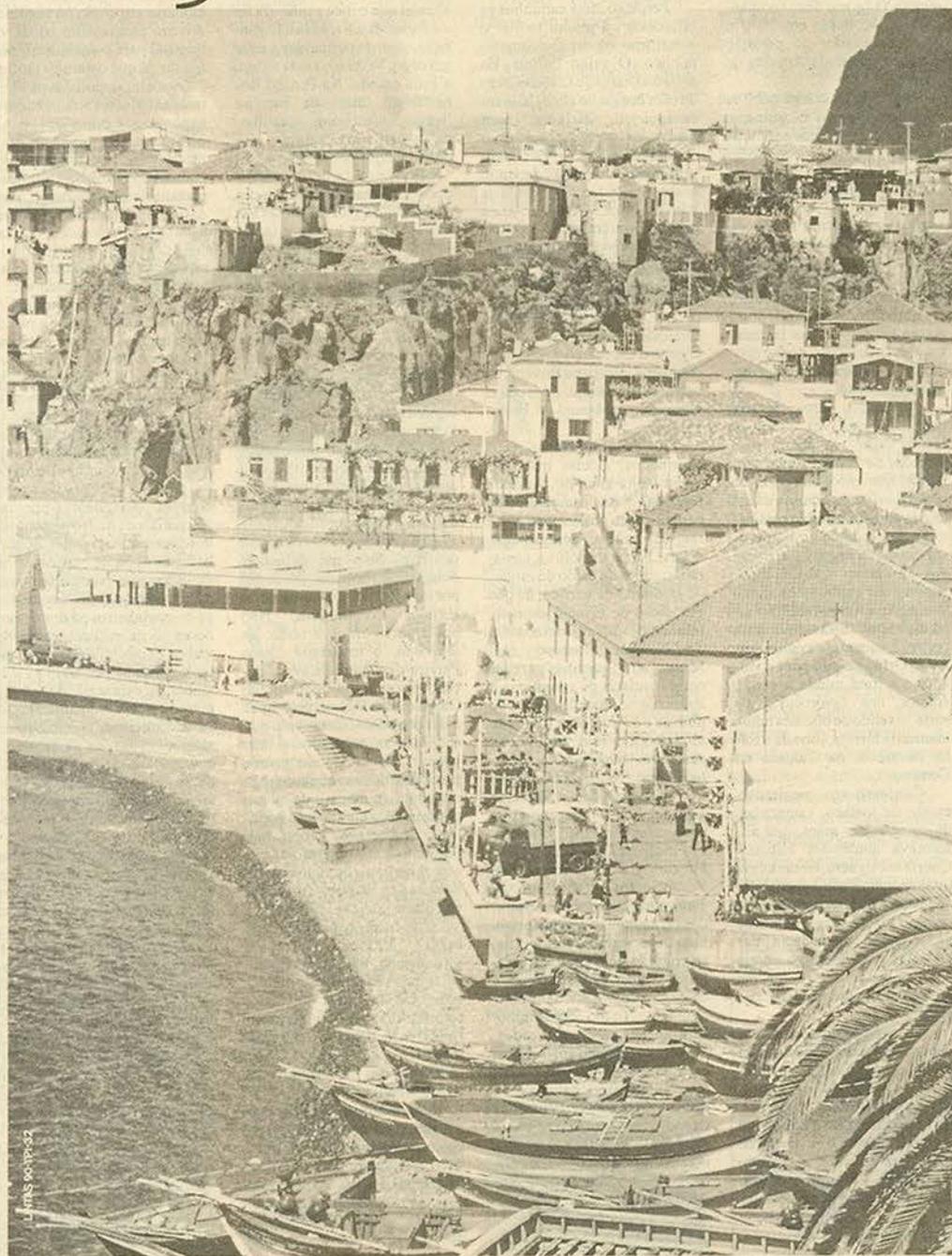
recção das assimetrias regionais e sociais e no objectivo de um Portugal moderno e democrático, assente na solidariedade.

Entretanto, teve grande

juntas PS/PRD ou, mais simplesmente, pela inclusão de candidatos do PRD nas listas do PS.

Na nossa notícia escrevemos, igualmente, que du-

MADEIRA & AÇORES



SÓ 60%

Ao viajar na Navigator Class, o seu cônjuge e o seu filho ou filha, com idade entre os 12 e 21 anos, pagam só 60% da tarifa.

Este desconto é válido nos voos para e entre a Madeira e os Açores.

Consulte a TAP AIR PORTUGAL ou o seu Agente de Viagens.

TAP AIR PORTUGAL

DAMOS ASAS AOS SEUS SONHOS

OBRIGADO — I

Entre as várias mensagens de consternação e solidariedade nos últimos dias recebidas pelo nosso jornal, destacamos, entre as de entidades oficiais, a do secretário de Estado da Cultura, Pedro Santana Lopes, cujo teor era o seguinte:

«O «Tempo» é um símbolo destacado na história da liberdade em

Portugal. Pelas suas páginas e pela coragem dos seus jornalistas e articulistas passou muito do combate contra ideologias que Portugal venceu antes de elas terem sido completamente postas em causa noutros países do mundo.

«A esse título, uma palavra é devida ao seu primeiro responsável, Nuno Rocha.

Recordo, também, os corajosos e frontais textos do seu actual director, João Rosa.

«Evoco, ainda, as magníficas peças em que pessoas como Paulo Portas e Margarida Viegas começaram a revelar o seu enorme valor e recordo ainda as desassombradas crónicas de Vera Lagoa e de Manuel de Portugal, que mobilizaram a

leitura de tantos cidadãos empenhados na luta pela liberdade. «Como cidadão, lamento e sentirei saudades. Como secretário de Estado da Cultura, devo saudar o contributo de «Tempo» para a liberdade em Portugal e para que vivamos segundo os princípios, valores e regras das sociedades mais desenvolvidas.» □

OBRIGADO — II

Da parte da sociedade civil, concretamente dos meios empresariais, também recebemos vários telefonemas, cartas e telegramas, dos quais salientamos a mensagem das Organizações Hoteleiras Fernando Barata, que «lamenta, sinceramente, o fecho desse jornal, com lugar conquistado a pulso na história da Imprensa portuguesa» □

OBRIGADO — III

Dos testemunhos de pesar e de solidariedade recebidos pessoalmente, registo especial para a visita que nos fez o ex-embaixador do Brasil em Portugal, Dário Castro Alves, cuja memória dos tempos áureos do «Tempo» quis honrar de viva voz. □

O(s) Tempo(s) (L)ido(s)

Já fez a sua autocrítica hoje?

(in pág. 3 do «Tempo» de 4/12/75)

Todo o mundo vai fazer.

Para fingir que é progressista. Para ficar «à la page». Para ser «in». Para estar no vento. Autocritiquemo-nos, pois. Em grupo. Em família. Nas fábricas, nos campos, nos quartéis. Sejam intelectualmente masoquistas. Babemo-nos de gozo bravo ao autoflagelarmos verbalmente dos pecados burgueses de não termos nascido no Barreiro, tirado o liceu da Turiara, a Faculdade do Limocero, a Licenciatura do Pá. Confessemos contritos que antes do 25 de Abril usávamos gravata e nunca tínhamos lido Karl Marx.

Meu avô era merceiro: um burguês. Possuía uma pequena loja de bairro onde labutava de manhã à noite vendendo postas de bacalhau remolhado. Tirava prà bucha e para educar meu pai. Quando no rol dos fiados havia um calote gordo lá se iam os lucros capitalistas prò maneta. Uma vida difícil e incerta. Meu pai começou como angariador de seguros: um intermediário, um parasita, ao serviço da plutocracia opressora e exploradora do povo. Calcorriava meia Lisboa para apanhar uma apólice. Subia quartos andares para levar tampa em noventa por cento dos casos. Quando na companhia houve uma vaga entrou como praticante ao primeiro ano.

Com trabalho afinado chegou a subgerente de uma agência: um tecnocrata, um traidor da sacrossanta luta do proletariado oprimido contra a burguesia monopolista. Minha mãe era doméstica: uma cidadã improdutiva alienada à mais servil dominação machista. Levantava-se às seis, de Verão e de Inverno, deitava-se à meia-noite. Costumava dizer, no meio da pontada do lumbago, quando tinha de continuar a trabalhar: «ai meu Deus, só descanso quando morrer...». Havia neste desabafo a esperança messiânica numa outra vida melhor. Efeitos reaccionários das homilias do cura, porque, camaradas, para cúmulo da vergonha, minha mãe ia à missa. Alimentava com dois tostões de esmola por semana as

forças vaticano-imperialistas do catolicismo internacional a soldo dos nefandos desígnios da escumalha de criminosos manipuladores da Finança e da Guerra.

Vítimas da sociedade de consumo, comíamos todos de garfo e faca e, pecado dos pecados, usávamos sabonete Nally de quinze tostões, para tomar banho ao domingo, numa época da longa noite fascista em que o verdadeiro povo ou não se lavava ou só usava sabão azul e branco, talvez, ainda, com saudades da monarquia, não muito distante.

Fui um privilegiado de frequentar a escola da Câmara na Rua de Santa Marta, ao lado de uma agência funerária. «Enterros a preços módicos» foi a primeira frase que li de seguida. Obrigaram-me a usar a farda da Mocidade com o S no umbigo, para não chumbar por falta de material. Andei nas marchas do 1.º de Dezembro, avenida abaixo, lusito de sete anos, desfilando de braço esticado com outros fascistas dessa geração que hoje são eminentes progressistas da nossa melhor sociedade marxista.

Fui, portanto, amigos, um fascista em potência. Há fotografias que o atestam. Democriticamente publicadas na primeira página desse incorrupto e indomável jornal antifascista sempre, sempre, sempre ao lado do povo, que é o «Diário de Notícias». Não, camaradas, não me desculpei pela verdura dos meus poucos anos. Quando a professora ordenou «amanhã todos no Parque Eduardo VII às oito em ponto e fardados para a parada» eu devia imediatamente ter avançado de punho cerrado, ameaçador, e dito alto e bom som «não, lacaia da burguesia decadente, não. Ninguém calará a voz da classe operária. A reacção não passou, a reacção não passará. Ninguém se fardará. Ninguém desfilará. Não há Tarrafais que cheguem, não há polícias políticas em número suficiente, não há nada, nem ninguém, neste País espoliado das mais amplas liberdades que o democrata Estaline concede às pázadas ao povo irmão da democrática Rússia Soviética que nos impeçam de boicotar a manifestação espontânea que se está hoje a ensaiar para

amanhã». Mas não disse. Cortei-as. Calei-me. Desfilei. Oh, quanta falta nos fez, companheiros, não haver em 1930 o grande educador do povo, o glorioso camarada Arnaldo de Matos...

Sugando o erário público roubei o povo ao instruir-me, com bolsa de estudos e isenção de propinas, no Liceu Pedro Nunes. Chegado ao sétimo ano já tinha arrebitado as orelhas a tal ponto que, negando o reitor a tradicional dispensa no dia do aniversário da escola, se organizou uma greve geral de protesto encabeçada pelo Fernando Oneto (Chico da Fundação, em nome de guerra) e por mim. Assim nasceu um dos maiores revolucionários da nossa época. Ele, evidentemente. Bem nos tramámos.

Acabado o curso, camaradas, mais uma vez fraquejei. Havia vagas em aberto para varredor da Câmara, lugar proletário que me outorgaria de imediato o título *honoris causa* de trabalhador inserido na dinâmica do processo de limpezas em curso. Reneguei mais uma vez as classes trabalhadoras. Passei a dar explicações, como um negro, a filhos-família intelectualmente atrasados, para poder frequentar a universidade. Órfão de pai, com a velhota e a irmã miúda a cargo, éramos uns favorecidos da sorte, vivendo de biscates numa mansarda tórrida, forrada a folha de zinco, na Calçada do Combro.

Confesso-vos penitentemente de joelhos, camaradas, de coração nas mãos, que alimentava tendências elitistas. Quería ser alguém, ter uma casa melhor, satisfazer o apetite de senfreado que sempre me faz cócegas no estômago, deixar de andar a pé e, audácia das audácias, ir ao domingo à praia com mulheres em vez de me quedar chateado a marrar nas sebetas.

No terceiro ano, a miséria dourada era tanta que dava para pintar de novo a Igreja de S. Roque. Desisti de ser doutor. Mas como parece que tenho cara de engenheiro toda a gente me trata assim. Era tarde de mais para aprender a torneio-mecânico. Lingrinhas como sou, chupado dos jejuns que fui obrigado a passar, não se me abria a nobre carreira da estiva.

Para delegado da propaganda médica não tinha paciência.

Perplexo, dois caminhos se bifurcavam à minha frente: o jornalismo ou ser funcionário público. O velho Portela, do antigo «Diário de Lisboa», feio de cara bonito de alma, homem excepcional, dizia-me num banco da avenida, junto ao Quiosque Tivoli: «Vais para informador do jornal, rapaz, e acabas na redacção, pois tens jeito prà coisa.» Arrepiou-me a palavra «informador». Optei, assim, pela segurança cómoda de uma repartição do Estado. Entrei para um serviço de levantamentos topográficos. Então, companheiros, por montes e vales andei. Onde quer que se erguesse um marco geodésico, de «jeep», de «Land Rover», de carroça, de burro ou a pé, por aí palmilhou o Manuel de Portugal.

Cumes de montanhas, picos escarpados, aldeias que ninguém visita além do padre da freguesia e das campanhas de comunicação caricatural, foram a minha peregrinação diária. Terras de pobres, camaradas, terras de caldo de migas, de sardinhas de barrica, de pão granuloso de centeio espesso, foram meu turismo e minha via. Terras sem Marcuse, sem Marx, sem quezilias azedas entre moaístas de vanguarda e leninistas do passado. Terras de pinhais e de rios. Sem fumos de «brazileira», sem intelectuais *peut-être*, homossexuais *certainement*. Terras de portugueses como ouro de lei. Carregar as malas dos engenheiros-topógrafos, foi meu começo. Fui moleque. Fui desenhador. Fui cartógrafo. Fui empregado da secretaria. Vendi mapas. Tirei cópias a *ozalid* empedastadas de amoníaco e mau cheiro. Estudei topografia, cartografia, reprografia, fotoaerogrametria. Lutei. Trepei. Subi. Cheguei a chefe de repartição. Sem pisar ninguém. Tenho bom feito. Sempre me dei bem com todos.

Nunca me meti em política, excepto aos fins-de-semana em que lia, deitado na cama, a Revista do Gabinete de Estudos Corporativos, onde, durante anos, pude apreciar a sapiência estado-novista do excellentíssimo senhor professor doutor Pereira de Moura. Levava-a da repartição aos sábados e devolvia-a à biblioteca na se-

gunda-feira seguinte. Confesso-vos isto, camaradas, mas atendi que o meu sonho era ler o «Paris-Match». Mas não ganhava, nem para mandar cantar um cego. Vivía só, a mãe morta, a irmã casada. Na Pensão Roberta, ao fundo da Ferreira Borges, ambiente familiar, decoração pífia, serviço modesto, preços populares.

Estava eu a 27 de Abril posto em sossego a estudar um *dossier* engasgado há meses nas secções quando, com infernal algazarra e chinfrreira sem fim, me entram de roldão pelo gabinete adentro dez barbudos dos serviços centrais e seis dactilógrafas da contabilidade aos gritos de «reaccionários fora dos serviços, já». Quedei-me estático.

Aparvalhado. Os barbudos tinham seis meses de emprego e vinte anos de idade. Começaram por protestar declarando-se vítimas de «quarenta e oito anos de opressão da besta fascista». O que me admirou. Nem discuti. Levaram-me escada abaixo. Fui saneado. Sem me ouvirem. Sem me defender. Sem culpa formada. Só se foi por ler a Revista do Gabinete de Estudos Corporativos? Não podia ser. Porque à noite, na televisão, o camarada Chico Pereira de Moura falava à nação, que o ouvia boquiaberta. Como diria o Eça «aquele rapaz é um portento». Depreendi que é chefe, ou subchefe — não percebi bem — de um grande partido de massas que congrega o gigantesco número de quatro por cento dos eleitores da população portuguesa. Fenomenal. Pergunto a mim mesmo se não serão os antigos leitores da Revista dos Estudos Corporativos que o apoiam. Não sei...

Que fazer, camaradas, que fazer? Velho, doente e sa(ca)neado, não sendo filiado em qualquer partido progressista que me pague ordenado, aquém família, sem mulher, sem filhos, sem bens ao luar para serem ocupados pela LUAR, sem conta nos bancos, duvidoso é o meu futuro.

E tudo isto porque? Por não ter feito a minha «opção de classe». Por não ter a humildade revolucionária, a feroz determinação política, a descarada sem-vergonha de, renegando a pequena burguesia a que pertence, me declarar pá

anarquicamente inscrito pá na dinâmica do processo revolucionário em curso pá seguindo o rumo progressista pá da via original para o socialismo português pá que contra os latifundiários e monopolistas pá libertará as classes trabalhadoras exploradas e oprimidas pá do jugo chupista da burguesia reaccionária pá detentora dos meios da produção pá nos quais parasitariamente se apropriam das mais-valias da força do trabalho pá vendido como mercadoria degradante pá no mercado capitalista da oferta e da procura pá fazendo corajosamente a minha profissão de fé proletária pá queimando a gravata pá esgargalando a camisa pá mostrando os pêlos do peito pá cuspidando para o chão pá dizendo asneiras pá escarrando obscenidades pá idiotices, lugares-comuns pá urinando na praça pública pá pertencendo a comités de luta pá comités de apoio pá comités de produção pá comités de vigilância popular pá comités de bairro pá comités de empresa pá comités de trabalhadores pá de barricadas pá de barricadas pá de intenções pá de invenções pá de soldados pá de marinheiros pá de camponeses pá de pescadores pá de vadios pá de chulos pá de doentes mentais pá berrando pá gritando pá esbracejando pá de manifestação em manifestação pá de comício em comício pá de slogan em slogan pá exigindo em tudo já já já pá contra o Sexto Governo pá contra o Almeida Santos pá contra o Ferreira da Cunha pá contra o Velloso pá contra o Lourenço pá contra a Constituinte pá contra as eleições pá contra a América imperialista pá contra a Europa social-democrata pá contra a Ásia pá contra a Oceania pá contra os antípodas pá contra a carestia de vida pá e então, camaradas, irmanado convosco, solidário convosco, aquadrilhado convosco, renego a família, renego a Pátria, renego a História, renego-me a mim próprio e se alguém me disser «és um biltre» respondo-lhe sem titubear «não, sou um progressista...»

Assim vai o Mundo. Amén.

MANUEL DE PORTUGAL

C onfidencial



Uma carta que veio do frio

Com o singelo endereço de apenas «Tempo»/LISBON/PORTUGAL, recebemos, nestes últimos dias da nossa actividade, uma singular e gratificante carta.

Veio de longe, da URSS, e o seu autor é uma jovem de 13 anos, que (sabe-se lá como nos descobriu!) escolheu o nosso jornal como meio (decerto entre outros) de procurar amigos distantes por cor-

respondência.

Junto reproduzimos «fac simile» da simpática cartinha da jovem soviética e do respectivo envelope, assim como o postal ilustrado, que também enviava, com uma nevada paisagem da cidade de Riga.

Que muitos leitores correspondam a este apelo de amizade da jovem Ilze, de que a seguir transcrevemos a tradução integral:

«BOM DIA!

Chamo-me Ilze. Tenho 13 anos. Vivo na Letónia e pretendo corresponder-me com amigos de todo o mundo.

Gosto de desenhar, dançar, aprender línguas e representar no teatro.

Sou estudante de uma escola de música e toco flauta.

Tenho um irmão que se chama Martin e o meu cão chama-se «Jimmy.»

Greetings!
My name is ILZE. I'm 13 years old
I live in Riga and I want pen-friends
from all world
I like to draw, to dance, to learn languages
and to play theatre.
I learn in my school and play on the
flute
I have brother Martin and dog Jimmy
I can speak only in Latvian, Russian,
English.

My address: ILZE AIKSNE
DIENVIDU 3/2 - 5
SALASPILS 229021
LATVIA

Well, I hope
you understand my
letter and please help me!!!

bye, bye!
Ilze

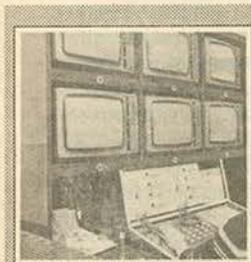
Exprimo-me na minha língua, mas falo também Russo e Inglês.

O meu endereço é:
ILZE AIKSNE
DIENVIDU 3/2 — 5
SALASPILS 229021
LATVIA (LETÓNIA)
URSS

Bem, espero que tenham compreendido a minha carta. E por favor ajudem-me!

Bye bye, Ilze.» □

MARÉ ALTA maré baixa



DURANTE o primeiro trimestre do próximo ano poderão ser apresentadas as propostas dos concorrentes ao terceiro e quarto canais de televisão. Quem o anunciou foi o primeiro-ministro, Cavaco Silva, em entrevista ao Canal 1. Até ao momento, trata-se da declaração mais concreta sobre o tema das televisões privadas. Está já concluído quase todo o conjunto de regras sobre as quais assentará a actividade destas. O documento será publicado em breve, ao que se seguirá a conclusão dos projectos dos candidatos. Depois de recebidos, estes serão apreciados pela Alta Autoridade para a Comunicação Social, que se pronunciará sobre o licenciamento dos dois novos canais, alguns depois das eleições legislativas do próximo ano. No início de 1992, quase por certo, começarão a emitir os dois novos canais privados de televisão. □



FILHO de um trapézista, o novo primeiro-ministro não parece um acrobata de fama. No entanto, John Major tem por destino continuar a tarefa governativa de Margaret Thatcher, o que poderá ser mais difícil do que um mortal no trapézio. A seu favor, esta figura de ascensão meteórica na política britânica, tem o facto de ser jovem e saber muito de economia, já que antes de ser escolhido pelos conservadores para liderar o partido e chefiar o Governo, Major era ministro das Finanças. Refira-se que foi na frente económica que a ex-primeira-ministra se distinguiu, na medida em que as suas medidas neoliberais fizeram escola e influenciaram inúmeros governos europeus e mesmo extra-europeus. As maiores diferenças entre Thatcher e Major, as posições face à integração europeia, podem ser a grande vantagem deste último. □

Aorquestra da Régie não tem verba para manter as elevadas despesas que contraiu; o Teatro Nacional D. Maria II tem uma nova directora que o vai dirigir por intermédio de fax; a temporada de ópera no S. Carlos promete ser a pior dos últimos dez anos e a orquestra daquele teatro vive na iminência de ser integrada na Régie; as chefias do IPPC são desautorizadas em público; os arquivos têm uma orientação contestada pelos investigadores; o cinema foi entregue àquilo que é classificado pelos realizadores como uma comissão liquidatária; e o dinheiro flui para projectos como os concertos insólitos de Miguel Graça Moura, cujo valor artístico é duvidoso. Esta é a política de cultura que o actual secretário de Estado, Santana Lopes, está a promover. Uma maré baixa preocupante. □



Os militares soviéticos estão cada vez mais descontentes com o caos político e social que se vive na URSS. Segundo o ministro da Defesa, o marechal Dimitri Yazov, as repúblicas ameaçam a defesa do país com uma série de medidas ilegais. Estas incluem possíveis quebras de abastecimento ao exército. Neste caso extremo, os militares têm instruções para ocupar as instalações que controlam esse abastecimento. Yazov criticou recentemente a constituição de exércitos nas repúblicas e ameaçou mesmo «mandar ao diabo a perestroika», se continuassem as humilhações às forças armadas por parte dos nacionalistas. A desunião soviética é cada vez mais evidente e perigosa para as reformas tentadas por Mikhail Gorbachov. □



Bota-acima

FORÇA AÉREA — Esquecer o passado não fica mal a ninguém. A Academia da Força Aérea resolveu comemorar a preceito a iniciativa tomada pelos seus arrojados fundadores, e inaugurou esta semana um monumento evocativo aos mesmos. Para que o impacto do acontecimento fosse ainda maior, os responsáveis pela cerimónia fizeram-no com pompa e circunstância, não faltando sequer o juramento de bandeira de mais uma «fornada» de recrutas e a presença de altos dignitários dos três ramos das Forças Armadas. □

VILLARET — As boas gargalhadas e os momentos de divertimento voltaram ao Teatro Villaret, com a subida à cena da peça «Os Bancários Também Têm Alma». Um Raul Solnado impagável, a provar que os anos não contam nesta profissão, lidera o elenco, que integra também Manuela Maria e lo Apolloni, ambas em bom plano. Concebida pela dupla italiana Terzoli e Vaime, a comédia conta ainda com a música de Ramon Galarza e figurinos da responsabilidade de Helena Reis. Os méritos do sucesso que auguramos à representação em cena devem ser repartidos por Chiribiri, uma cadela que é vedeta, demonstrando que sabe o seu papel de cor e salteado, e constituindo um parceiro à altura do regressado Raul Solnado. □

Bota-abaixo

JUSTIÇA — As críticas emergentes do III Congresso da Associação dos Oficiais de Justiça são de molde a proporcionar desagradáveis dores de cabeça a Laborinho Lúcio e ao Ministério que dirige. A imagem dos tribunais está degradada face aos atrasos verificados na resolução de processos e o facto do redimensionamento dos tribunais se encontrar «desde logo e à partida» viciado foram algumas das principais críticas feitas pelos profissionais do sector. Para o cidadão que necessite de recorrer à justiça os dois principais problemas são os custos e a morosidade dos processos. São a prova de que algo continua a não carrilar da melhor maneira nesta área. □

Na tradição gastronómica do Chiado...
o seu almoço tem mais prestígio

BACHUS
RESTAURANTE-BAR

BAR
ABERTO DAS 12 ÀS 02 H

Largo da Trindade, 9 - 1200 Lisboa
Telefs.: 32 12 60 - 32 28 28 (Reservas)
Facil estacionamento

MAIS UMA DOENÇA DO SÉCULO

DEPOIS DA SIDA ESTÁ AÍ O HERPES

Virginia Esteves

O Centro de Informação sobre Herpes foi criado há cerca de dois meses para informar as pessoas dos perigos desta doença. O herpes pode manifestar-se sob duas formas: labial e genital. É neste último caso que reside o maior alarme. O herpes genital tornou-se numa das doenças sexualmente transmissíveis mais preocupantes, logo a seguir à Sida.

O Centro de Informação sobre Herpes está a funcionar em Lisboa, desde o passado mês de Setembro, com o objectivo de se falar de uma doença que se pode «encaixar dentro do mesmo saco» das doenças sexualmente transmissíveis. Por outro lado, como estamos perante um conjunto de doenças com uma alta taxa de contágio, tendo por vezes consequências graves para a saúde humana, constata-se que é fundamental o esclarecimento da população sobre tudo o que diz respeito ao herpes através deste Centro.

De acordo com o director do Centro de Informação sobre Herpes, Ferreira Gomes, «o balanço do primeiro mês de actividade é bastante positivo no tocante ao interesse manifestado por muitas pessoas em obter informação completa acerca das infecções provocadas pelo vírus do herpes e sobre uma eventual cura».

Actualmente, o herpes tem crescido muito entre a população talvez porque se fala agora muito mais abertamente em doenças. A situação em Portugal é praticamente igual em relação ao resto do mundo, mas entre as camadas mais baixas da população o herpes tem uma incidência de 80 por cento, devido à falta de informação e sensibilização.

Existem dois tipos de herpes mais frequentes: o



Ferreira Gomes, director do Centro de Informação sobre Herpes

labial e o genital.

O primeiro contacto com um vírus do herpes ocorre nos primeiros cinco anos de vida, podendo as crianças contrair ou não a doença consoante o seu sistema imunológico. No caso de não resistência ao vírus, essa criança pode ser afectada, a partir de então, cicli-

camente, durante o resto da sua existência.

O primeiro surto de herpes labial ataca quase toda a cavidade oral, como por exemplo, os lábios, a língua e as gengivas. A criança tem febre alta, saliva abundante e dificuldade em comer e engolir. Os surtos seguintes serão mais ou

menos extensos, mais ou menos frequentes, dependendo da luta que se trava entre o vírus e o sistema imunológico.

HERPES GENITAL

O herpes genital é uma doença em que o número de casos se multiplicou quinze vezes mais nos últimos dez anos, tornando-se desta forma numa das doenças sexualmente transmissíveis mais preocupantes, logo a seguir à Sida. Este tipo de herpes é causado por um vírus idêntico ao do herpes labial, com algumas diferenças genéticas.

«O herpes genital torna-se extremamente transmissível porque muitas pessoas são portadoras do vírus sem o saberem e passam-no depois ao seu parceiro sexual.

Quando um indivíduo sabe que tem lesões deste tipo deve abster-se de ter relações sexuais como medida preventiva ou usar preservativos», sublinha

Ferreira Gomes.

As pessoas com o herpes genital habitualmente ficam com graves problemas psicológicos, traumatizados por terem contraído uma doença sexualmente transmissível e têm medo de ter relações sexuais para não contagiar os outros.

Mas a cura para qualquer destes dois tipos de herpes ainda não existe. Apenas se poderão adoptar medidas de higiene, com o despiste da doença no seu início e com a utilização de medicamentos durante os surtos. Deste modo, o herpes pode ser controlado no sentido de diminuir o número de indivíduos contagiados.

O QUE É O HERPES?

O herpes é uma doença infecciosa limitada geralmente a determinadas zonas da pele e mucosas acompanhando-se, alguma vezes, com sintomas febris e cujo agente causal se

supõe ser um vírus filtrável que se aloja nos gânglios nervosos. Aparece em todas as idades especialmente na idade média da vida. Surge, em regra, no decorrer de certas infecções e pneumonia, meningite epidémica -- sendo raro evoluir como doença independente. Na pele localiza-se em qualquer ponto, principalmente nas imediações da boca, lábios, asas do nariz e genitais externos.

O quadro clínico tem as seguintes particularidades: num ponto da pele, inicialmente avermelhado e ligeiramente tumefacto, desenvolve-se um grupo de vesículas do tamanho de uma cabeça de alfi-

nete, arredondadas e cheias de líquido transparente que mais tarde turva e torna-se purulento. A seguir as vesículas secam, deixando uma crosta que acaba por cair, sem deixar cicatriz. A evolução normal total da doença é de cinco a dez dias.

Para um melhor esclarecimento das pessoas, surge agora o Centro de Informação sobre Herpes, que criou uma linha telefónica — Linha Verde — que oferece aos interessados uma informação geral sobre a doença.

De referir que já foram atendidas 660 chamadas e recebidas mais de 400 cartas. Este Centro está aberto diariamente, entre as 14 e as 18 horas, de segunda a sexta-feira, podendo ser contactado através do número 5001991. Por curiosidade, quando o telefone do Centro toca a pergunta mais frequente entre as pessoas é: «Como é que me vejo livre dele?»... (do vírus do herpes). □

Cálcio combate perigos de enfarte

A morte súbita e o reinfarcto foram reduzidos em número «estatisticamente significativo» em doentes pós-enfarte do miocárdio graças à administração de um antagonista do cálcio denominado Isoptin no âmbito do ensaio clínico DAVIT II, revelaram em Estocolmo médicos dinamarqueses.

De acordo com o dr. Fischer Hansen, do Hvidovre Hospital, dos 878 doentes que foram submetidos a tratamento com Isoptin, 732 sobreviveram, o que representou uma redução da mortalidade de 20 por cento.

O DAVIT II (Danish Verapamil Infarction Trial) iniciou-se em 1985 e envolveu um

total de 1775 doentes divididos em dois grupos (Isoptin e controlo) distribuídos por 20 hospitais dinamarqueses.

O estudo teve duração entre 12 a 18 meses.

Segundo Fischer Hansen, durante o estudo o Isoptin contribuiu para uma redução de 20 por cento na taxa de mortalidade e de 30 por cento no reinfarcto em comparação com o grupo de controlo.

O investigador concluiu que o «Isoptin é um fármaco muito eficaz no pós-enfarte do miocárdio, prevenindo a morte súbita e o reinfarcto.» □

Numa simulação que não ocorreu da forma esperada, o aeroporto de Lisboa mostrou como se faz no caso de um avião ser forçado a aterrar de emergência. A coordenação entre as diversas entidades envolvidas e o tempo necessário para que os feridos fossem assistidos deixou muito a desejar.

SIMULAR PARA PRECAVER

ATERRAGEM DE EMERGÊNCIA ENSAIADA NO AEROPORTO

SE um avião for forçado a efectuar uma aterragem de emergência no aeroporto de Lisboa, podem os seus passageiros ficar descansados que os serviços de emergência são uma resposta à altura.

Esta foi a mensagem que a ANA, EP — Aeroportos e Navegação Aérea — procurou transmitir a todos quantos assistiram ao Exercício «*Golf 1990*», realizado numa das pistas do aeroporto da Portela, e que consistiu precisamente num simulacro de uma aterragem de emergência de uma aeronave, ingredientes que o tornaram mais espectacular e real: fogo a bordo, feridos ligeiros, feridos graves — e até um morto.

«*Fernando Pessoa*», assim se chamava o *lockheed* da TAP escolhido para mostrar aos muitos convidados presentes como se deve actuar numa situação de emergência. Dirigido pelo Centro de Operações de Emergência e presidido pelo director do aeroporto em pessoa, o exercício exigiu a coordenação e o trabalho de equipa de serviços como a Protecção Civil, Sapadores Bombeiros, Cruz Vermelha, PSP, Guarda Fiscal, Polícia Judiciária, Serviço de Alfândegas e todos os organismos do próprio aeroporto, como a Torre de Controlo e o Serviço de Luta Contra Incêndios. Na memória de todos estará, porventura, ainda bem vincado o magnífico contributo que este último serviço prestou aquando do incêndio no Chiado, onde comprovou a sua eficiência.

COORDENAÇÃO É FUNDAMENTAL

Conforme foi explicado no «briefing» que antecedeu o exercício, as comunicações e a coordenação entre os diversos organismos é fundamental para o sucesso da operação e, como consequência, para o salvamento de mais vidas.

Trinta segundos apenas demoraram os bombeiros do aeroporto a chegar ao local do hipotético «sinistro».

Antes, já tinha sido requisitado pelo centro de comunicações do aeroporto o auxílio da Força Aérea.

Um helicóptero levanta da base do Montijo com destino ao Hospital de Santa Maria, onde recolhe uma equipa médica e voa para o local do «acidente». Após a recolha dos feridos mais graves, previamente assistidos no local pelos elementos das equipas de primeiros socorros, retorna ao hospital, efectuando quantas viagens forem necessárias para a evacuação total dos feridos mais graves. A PSP, chegada

pouco tempo após os bombeiros, teve por missão isolar a área, evitando assim a habitual intromissão dos curiosos, que só atrapalham os trabalhos de salvamento. Oito minutos passados sobre o acidente, ouvem-se as sirenes das ambulâncias: é a Cruz Vermelha que chega, arma as suas tendas de campanha (muito tempo eles demoraram...) enquanto os feridos aguardam assistência estendidos no chão.

Entretanto, o Instituto Nacional de Emergência Médica revela-se também dos serviços mais eficientes, e faz chegar as suas ambulâncias ao local. No entanto, a nota mais importante a reter foram os longos vinte minutos que mediaram entre a chegada das primeiras equipas médicas ao local e a evacuação dos feridos.

SIMULAÇÕES

Outro dos factores que mais facilmente ressaltou à vista dos observadores do sinistro foram as óptimas caracterizações concebidas para simular os «feridos». Cada um deles padecia de males diferentes, e as formas de tratamento e evacuação dos pacientes variavam consoante o caso: pernas partidas, dificuldades respiratórias, fracturas expostas, etc. Após terem descido pela saída de emergência (uma



Foto: António Cabral

rampa pneumática) com o auxílio de outros passageiros, lamentam-se do tempo que esperam para que chegue a assistência. «*Lá na escola é bem melhor*», comentam entre gargalhadas de riso e arrepios de frio, que começava a apertar.

Na pressa, os incidentes podem acontecer. Uma das ambulâncias arranca do local com a porta traseira escancarada, e pouco faltou para que a maca ambulatória com o ferido acabasse por ficar no local, enquanto o motorista da ambulância, sem perceber, seguia o seu caminho para o hospital...

A estupefação apoderou-se dos presentes, que não deixaram passar o facto em claro e comentaram que, «*se isto fosse a sério, não sei como seria*». A sensação que o exercício estava a decorrer de forma menos auspiciosa ficou confirmada pelos factos que se lhe seguiram.

Somente 45 minutos após o acidente chega finalmente o helicóptero ao local e demoraram mais dez minutos até que a primeira ambulância se aproximasse da aeronave, com toda a gente como que embasbacada, olhando uns para os outros sem saber o que fazer. Talvez estivessem a decidir quem iria socorrer o ferido «A», à velha maneira portuguesa, «*caras ou co-*

roas». O exercício terminou com a evacuação dos inanimados do interior do avião, pelas escadas normais para o interior das ambulâncias do «115».

No ar ficou uma certa desilusão dos presentes e a certeza de que o exercício não causou tanto brado quanto o desejado pelos responsáveis. A assistência, em muitos momentos, pareceu estar mais interessada no gigantesco engarrafamento originado por um caminho, ali mesmo ao lado, na Segunda Circular. □

A. B.

invista este ano para os anos vindouros

INICIE A NOVA DÉCADA COM A REALIZAÇÃO DE UM VELHO SONHO.

ADQUIRA HABITAÇÃO PRÓPRIA. UM INVESTIMENTO DE VALORIZAÇÃO SEMPRE CONTÍNUA.

TEMOS QUALIDADE E CONFORTO PARA LHE OFERECER EM ODIVELAS E OEIRAS

EXPONHA-NOS A SUA SITUAÇÃO. ENCONTRAREMOS, PARA O SEU CASO, A MELHOR SOLUÇÃO.

GARANTIMOS-LHE FINANCIAMENTO EM INSTITUIÇÃO DE CRÉDITO

MS habitação e investimentos
WINDIGLOBO

RENTIPAR
R/GRUPO

AVENIDA DA REPÚBLICA, 50, 9.º — TELEF. 7932263
TELEX 14356 P — FAX 7932907 — 1000 LISBOA

Tribunal de polícia

Interesses e influências

António Barroso

racterístico bom humor.

A história do caso revela-se de uma simplicidade extrema. O réu, um electricista de 32 anos de idade, que trabalha «quando aparece algum biscate para fazer», foi apanhado a conduzir a viatura «da esposa», numa destas tardes, nas Avenidas Novas. Foi quando os agentes em serviço lhe perguntaram pelos documentos, que se passaram as ameaças acima referidas.

«Mas onde é que o senhor ia? Não sabe que não pode conduzir sem ter a carta? Já devia ter idade para saber estas coisas», avançou o magistrado, enquanto tirava as «medidas» ao réu, procurando de imediato indagar das suas boas (ou más) intenções. Muito calmamente, Gomes respondeu que a sua deslocação tinha como propósito «arranjar o aparelho de televisão de uma pessoa amiga», que lhe havia telefonado nesse mesmo dia.

Aparentemente satisfeito com o motivo, o magistrado ficou depois a saber que Gomes reprovou já duas



vezes nos seus intentos de conseguir tirar a licença, que tanta falta diz fazer-lhe para o seu trabalho.

Sendo um cidadão casado, a pergunta do magistrado adivinhava-se: «Mas se você só faz biscates, de que é que o senhor e a sua mulher vivem?». Com o constrangi-

mento patente no rosto, foi a custo que Gomes balbuciou que a sua esposa auferia um rendimento «bastante razoável. São 80 contos por mês. Ela é professora de liceu e enquanto eu não consigo um emprego fixo, vai ajudando. Mas já tenho aí umas coisas em vista, esta

situação é só por pouco tempo».

Interrogado pelo juiz, o guarda Santos confirmou que o réu «se acalmou» ao chegarem à esquadra, passando a tratar os agentes da autoridade de forma «muito educada», ao aperceber-se que a sua detenção era um

dado adquirido e que não o iam mandar em liberdade, como inicialmente era seu desejo.

As condições económicas iriam agora ser determinantes para fixar o montante da pena. Gomes afirmou em tribunal conseguir «entre 30 a 40 contos por mês, mais ou menos» dos trabalhos que vai realizando.

Confirmados os factos e confessado o crime, não restou outra alternativa à advogada estagiária, defensora do réu, que não fosse pedir justiça.

Sessenta dias de multa, à razão diária de 300 escudos, ou, em alternativa, 40 dias de prisão mais as custas da justiça foi a decisão sobre o caso Manuel Gomes, que terá de regularizar as suas contas com o tribunal, num prazo de dez dias, o mais tardar.

«Talvez agora possa ir pedir a massa lá ao chefe amigo dele», comentava a assistente nos corredores do tribunal, enquanto Gomes fazia contas à vida, caminhando pela rua. □

O revólver do repórter

Caminhos cruzados

Eduardo Guerra Carneiro

OLHAR para trás pode ser uma forma subtil de olhar para a frente e avançar. Nas viagens, isso nota-se ao vermos os carris quase encaminham-se vertiginosamente lá para o fundo da paisagem e, contudo, pelos carris ao lado, vão passar outros comboios, encaminhando-se velozmente para o futuro, que ainda é passado para nós.

Neste cruzar de vidas, claro e escuro, da existência humana, os carris dos caminhos-de-ferro são a imagem mais perfeita das linhas traçadas entre o passado e o futuro. No foto do António Cabral, bem contrastada, a última carruagem pode, se nós quisermos, ser também a primeira.

Corre a paisagem lá fora ou somos nós que corremos, embora tranquilos no banco do transporte? Tudo é relativo na transitoriedade da existência humana. Dois filmes já antigos, que a RTP passou há poucos dias, voltaram a lembrar-me que as noções de tempo e espaço são também, tantas vezes,



Foto: António Cabral

relativas.

Num desses filmes, «Os Inadaptados», de John Huston, alguém olha o firmamento e comenta: «Estamos a ver e a sentir a luz de estrelas que, se calhar, já morreram». Era fácil ligar

aqueles cavalos selvagens, os belíssimos mustangs a cavalgarem no deserto, com as personagens desesperadas e inadaptadas que procuravam, em actos e palavras, a liberdade absoluta, mesmo nas relações com os outros.

O outro filme é o «Lawrence da Arábia», de David Lean, que apenas serviu para matar saudades, já que a visão no pequeno ecrã nada tem a ver com a exigência do espaço dos 70mm, necessário ao total

usufruto dessa obra-prima.

Mas há pequenas frases, um gesto, um olhar, que ainda resistem. E isso passa-se nas frases de Lawrence, no mar imenso do deserto, olhando outras estrelas, contudo o mesmo espaço

Neste cruzar de vidas, claro e escuro, da existência humana, os caminhos-de-ferro são a imagem mais perfeita das linhas traçadas entre passado e futuro.

mágico que Huston fixou em «Os Inadaptados». E no olhar de Peter O'Toole, que encarnava o mítico T.E. Lawrence, as interrogações, viradas para o passado ou o futuro, eram as mesmas dos actores da velha fita de John Huston.

Pois é: trata-se, como sempre, de caminhos cruzados. Tanto no cinema como na vida real. Mas, vendo bem, qual é a vida real? □

Há mais de 40 anos que estamos ao serviço da Construção e do Turismo



HOTEL ATLANTIS SINTRA ESTORIL



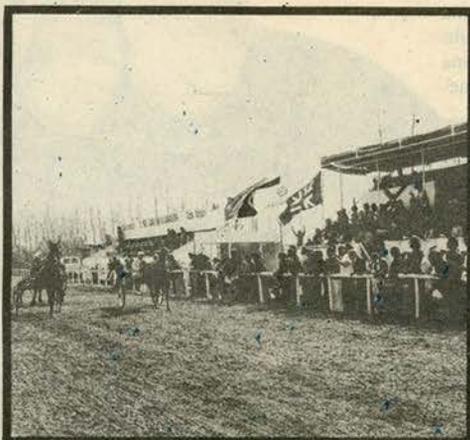
HOTEL ATLANTIS MADEIRA



HOTEL ATLANTIS VILAMOURA



AUTÓDROMO DO ESTORIL



CENTRO HÍPICO VILAMOURA



SOLFÉRIAS GOLD CLUB



COMPLEXO TURÍSTICO MATUR



Rua Castilho, 50 1200 LISBOA
Telef. 575336 - 575833 / 4 Telex 42552 A TLISL P
Fax 3522184

São a alegria de gerações. Velhos e desactualizados, ainda encantam os homens. Automóveis antigos, uma bicicleta de 1860 com rodas de madeira e três motos são parte do espólio exposto no Museu de Automóveis Antigos de Oeiras. Alguns ainda cheiram a carroça. Valem menos do que se pensa. O mais caro é o de Salazar. Todas estas velharias têm uma história. Eis um pouco dos bons velhos tempos.

UM OLHAR PELA HISTÓRIA

QUANDO O AUTOMÓVEL MUDOU O MUNDO

Maria Tapadinhas

“**C**REIO que o automóvel é hoje equivalente bastante exacto das grandes catedrais góticas: quero dizer, uma criação que faz época, concebida com paixão por artistas desconhecidos, consumida na sua imagem, senão no seu uso, por um povo inteiro, que através dela se apropria de um objecto perfeitamente mágico.”

É assim que o insigne semiólogo francês, Roland Barthes, descreve o automóvel na obra «Mitologias». Descrição, aliás, corroborada pelos carolas que, a troco de nada, fazem da sua relação com o automóvel uma festa permanente. Com a finalidade de dar a conhecer o que são e quanto os automóveis representam, o Clube Português de Automóveis Antigos inaugurou, este Verão, um pré-museu do automóvel antigo, junto ao Palácio da Terugem (entre Caxias e Paço de Arcos). Num espaço onde deveria existir um supermercado de razoáveis dimensões, cerca de três dezenas de automóveis, seis motos e uma bicicleta com rodas em madeira trazem memórias de vivências e de uma época distante da nossa. Automóveis que foram o sonho de gerações, cada um diferente do outro, abrem caminhos para a imaginação daqueles que amam viajar através da história.

Cada um dos carros ali presentes encerra um livro de histórias. Por eles passou uma ou mais gerações. Agora, parados, esperam pela curiosidade dos visitantes. O que os mantém ainda em forma advém do amor que muitos carolas nutrem por eles. Um certo cheiro a sentimentalismo transforma o museu num espaço vivo. «O automóvel antigo faz parte da nossa vida». Palavras, estas, proferidas pelo vice-presidente do Clube Português de Automóveis Antigos e administrador do museu, Lopes da

Silva, engenheiro mecânico de formação mas, acima de tudo, um amante «destas verdadeiras obras de arte», conforme faz questão de afirmar. Foi com sentimentalismo que Lopes da Silva se encarregou do papel de cicrone e, ao mesmo tempo, contador de histórias, durante a visita que o «Tempo» fez ao museu.

Outra um local confinado ao culto pelo silencioso e pelo secreto intocável, o museu é aqui encarado enquanto uma escola, «onde podemos sensibilizar as pessoas e ao mesmo tempo permitir-lhes ter acesso a informações mais detalhadas — explica Lopes da Silva.

Quase se pode dizer que parte da história do século XX foi feita pelos automóveis; os grandes descendentes das carroças. Foi em 1885 que, na Alemanha, Benz inventava o primeiro grande devorador de caminhos e de combustível. Daí para a frente, ao longo destes 100 anos, «o automóvel influenciou mais o mundo que centos de histórias. Repare nas estradas, nas deslocamentos, no turismo, nos terrenos roubados à agricultura...»

DE REGRESSO AO PASSADO

«O princípio do automóvel está cheio de criati-

vidade. Tudo aquilo que hoje existe — explica o administrador do museu — à parte do aspecto, no fundo, foi inventado nessa altura. As quatro válvulas por cilindro já datam de 1916.»

Hoje reiventa-se o inventado. A grande inovação resulta da aplicação da electrónica à mecânica automóvel, destinada a controlar funções que já existiam. O nosso cicrone não perde tempo, dá meia volta e mostra-nos um automóvel em corte, de mil novecentos e vinte e tal. «Vê, está cá tudo. Os princípios são os mesmos. Os miúdos gostam de ver, de tocar, de saber. Chamo também a atenção para um carro político que temos.» Seguimos-lhe a direcção do olhar. Lá está o carro. Um Mercedes blindado, de sete cilindros, comprado pela Polícia de Investigação e Defesa do Estado, em seguimento de um atentado de que foi alvo o Presidente do Conselho de então, Oliveira Salazar. É um Mercedes datado de 1938, cor preta, onde prima o requinte. No Museu Automóvel do Caramulo está patente outro igual a este, adquirido para servir o Presidente da República. Ambos estão como novos, nem Salazar nem Américo Thomaz os quiseram utilizar. O que faz

com que este carro tenha só nove mil quilómetros percorridos.

Mais à frente, o admirável espectáculo MG MK III, modelo desportivo de 1934, cor vermelha, igual ao que correu nas 1000 milhas de Itália. «É um MG muito invulgar, porque se fizeram poucos e, além disso, têm uma tradição histórica automobilística muito grande.» Foi num carro igual a este que o lendário Nuvolari, piloto equiparado ao Prost dos nossos tempos, correu no Tourist Troffic, prova de grande prestígio em Inglaterra.

«Temos aqui este Aston Martin. Um carro de grande categoria, elegante e muito bem restaurado» observa Lopes da Silva. Não muito distante, uma mota AJW de 1932, com motor de um cilindro por quatro válvulas. É um modelo raro. Apenas existem duas em Portugal.

O automóvel mais antigo, do lado esquerdo de quem entra no museu, é um Clement de 1899, pintado de azul-claro e branco. Com um só cilindro, o motor incorporado atrás e uma velocidade máxima de 20 quilómetros, esta pequena preciosidade de dois lugares inaugura uma nova era. Demasiado primários, os Clement, uma espécie de *voiturette*, come-

çaram por ser uma carroça onde, no lugar dos cavalos, foi metido um motor.

Os faróis, nessa altura, não eram eléctricos. Eram alimentados a petróleo ou acetileno. O condutor, quando a luz se extinguia, tinha de sair do carro, abrir o farol, levantar o vidro e acender o pavio. Era assim no final do século XIX.

DE CARROÇA SÓ O CHEIRO

«Aos poucos, os carros começam a ser cada vez menos carroça para serem automóveis» — refere Lopes da Silva, administrador do museu de automóveis. Os automóveis, de 1909 e 1910, onde aqui podemos pelo menos apreciar três, são outras das antiguidades expostas. «Mas, se reparar, ainda cheiram um bocado a carroça. As pessoas continuam a acender o pavio.»

Pequenas evoluções vão, entretanto, ocorrendo, se bem que com alguma lentidão. Com o americano Ford, atinge-se a grande poupança dos anos 20. Eis o exemplo,



Lopes da Silva e uma das preciosidades

por nós observado, do início da massificação dos automóveis. Um Ford modelo P, cor preta. Pela concorrência dos preços, todos os carros eram da mesma cor, preta, que garantia menos custos. Ford dizia que se podia comprar qualquer carro desde que fosse preto.

Os Ford do país dos grin-

gos são robustos e de qualidade, características que lhes garantiram tamanho sucesso, sem esquecer o baixo preço.

Na Europa, a pioneira da produção em massa foi a marca francesa Citroën, secundada

pelos ingleses Austin e Morris. Os automóveis europeus, ao contrário dos americanos, apresentam dimensões reduzidas, porque a Europa não tinha os mesmos recursos que a América, para quem o preço do combustível também era mais barato.

«Este Citroën é de 1922, mas há Austin da mesma época, com a mesma filosofia. A Michelin fabrica pneus dessa época — esclarece Lopes da Silva. Sem inibições, quando lhe perguntámos pelos «Donas Elviras», contrapõe com uma resposta que não deixa dúvidas: «Dona Elvira não é nada. Não tem razão de ser.»

Junto do Ford está uma das primeiríssimas bicicletas. Uma Michaux de 1860, autêntica preciosidade, com rodas de madeira e primorosamente conservada. Peça rara e de boa qualidade.

Entretanto, seguem-se os carros dos anos 30, com poucas diferenças em relação aos do início da década anterior, notando-se, no entanto, um maior interesse no conforto oferecido pelo automóvel. «Durante os anos 20 atingiu-se a maturidade dos carros, depois — afirma Lopes da Silva — começa a pensar-se no conforto. O carro já não é só para rolar.»

Passa a incluir mudanças sincronizadas e uma preocupação se evitar que as vibrações do motor se transmitam ao passageiro. Os primeiros rádios surgem e com eles o princípio de uma época romântica, que ignorava ainda os horrores da Primeira Guerra Mundial.

Depois desta, os automóveis continuam muito parecidos, como se constata. O carro mais moderno, dos antigos, aqui exposto é um

Mercedes azul de 1951, tão diferente dos seus progenitores.

A finalizar a visita passa-se ainda por uma antiga moto, de 1932, onde o princípio básico é igual ao das bicicletas. Tem de se dar aos pedais, a corrente e o suporte traseiro são semelhantes aos utilizados pelas bicicletas a pedal dos nossos pais.

«Este museu é uma obra de arte viva. Temos de o tratar (os automóveis) com muita meiguice. São vedetas autênticas e a gente diverte-se no meio disto.»

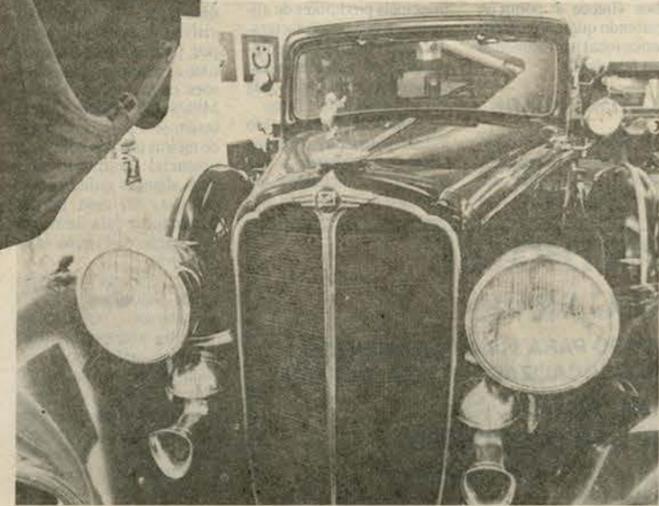
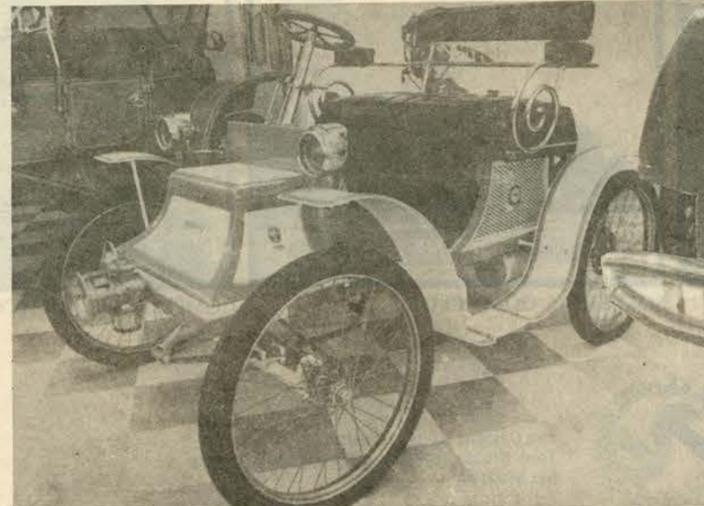
Aqui todos somos carolas. Passamos o tempo livre a olhar para os carros, a arranjar uma peça aqui, dar um retoque. Fazemos, inclusive, passeios. E quando uma roda salta ou há um farol que se parte, todos corremos a ajudar. O que nos une é o amor pelo automóvel, com capacidade para congregarem esforços — conclui Lopes da Silva, amante e coleccionador destas pequenas grandes obras de arte. □

Novo museu já tem terrenos

O verdadeiro museu, esse, ainda não foi inaugurado. Chamar-se-á Museu do Automóvel Antigo e dos Transportes e, graças ao apoio da Câmara Municipal de Oeiras, será construído na própria vila, tendo a edificação disponibilizada já terreno para o efeito. Ao contrário do pré-museu, de dimensões exiguas, estima-se que venha a ter capacidade para expor cerca de uma centena de automóveis, integrando um espaço para oficinas de restauro e uma biblioteca especializada. «A existência de museus automóveis — explica Lopes da Silva — permite que todas as pessoas possam beneficiar da possibilidade de olharem para automóveis antigos e modernos. Os museus abrangem uma grande gama de interesse.» No panorama dos automóveis antigos em Portugal existem dois marcos importantes. Um passa pela criação do Clube Português de Automóveis Antigos. O sucesso foi tal, que teve de ser alargado o seu âmbito e em 1967 passou a chamar-se Clube Português de Automóveis Antigos. Entretanto, em 1981 considerado instituição de utilidade pública, a sua acção passa a definir-se não apenas no apoio aos sócios. O clube começa a pronunciar-se sobre a importação de automóveis fabricados antes de 1950, e as inspecções periódicas a automóveis anteriores a 1960 também ficam à sua responsabilidade, desde que o clube mantenha gentilmente e permita que os automóveis circulem normalmente.

Ter ou não uma velha relíquia do quatro rodas depende, sobretudo, da relação afectiva estabelecida. Não se desvalorizam face à inflação, mas, à excepção do Mercedes, o seu preço também não é elevado. Apesar da raridade, podem valer 1500 a 2 mil contos, porque «nem toda a gente está interessada». □

M.T.



A Europa agita-se em numerosos conflitos étnicos e políticos, que o socialismo mais não fez do que adormecer durante 40 anos. A construção europeia e a criação de um vasto Mercado Único, passa também pela resolução destes problemas, que ameaçam incendiar metade do continente e redesenhar fronteiras a breve prazo.



A estrada do futuro é para a Europa, mas os nacionalismos a Leste inflamam-se



O FUTURO DA EUROPA AGITAÇÃO NO LESTE

Luis Naves

A velha ordem europeia prolongou-se, sem alterações de maior, durante um largo período de tempo, mais de 40 anos, o que em política internacional é uma eternidade. Antes da queda do Muro de Berlim, muitos observadores apontavam os problemas do bloco socialista, salientando o fracasso económico daquele sistema, a sede de independência nos foros e os rancores pela repressão exercida pelos soviéticos nos seus países-satélite.

Passear, há dois anos, em países comunistas era uma experiência estranha e apenas aparentemente aí havia sociedades estáveis. Murmurava-se contra a elite, desprezavam-se os soldados soviéticos, falava-se abertamente numa quimera de riqueza e liberdade. Visto mais a fundo, o bloco socialista agonizava e apodrecia.

O ano de 1989 foi histórico, no sentido de tudo mudar de um momento para o outro. Hoje, é evidente para todos que os alicerces estavam podres e que o socialismo não passava de uma fachada sombria que os po-

vos rejeitavam. O que ninguém esperava era um descalabro tão evidente e rápido. Mais, se alguns queriam mudanças no Leste, não podiam de qualquer forma prever a extensão dos perigos inseridos nessa mudança. Aos olhos das opiniões públicas, povos profundamente díspares pareciam todos semelhantes. Agora, descobrem-se as diferenças.

Assim, um bloco político e militar que carregava em si assustadoras ameaças, é agora um mundo de conflitos que, escondidos durante décadas, explodem com redobrada violência. Mais, aquela que antes era uma superpotência incontestada em metade do globo, a URSS, enfrenta uma crise de identidade e fome que pode comprometer a sua unidade como Estado. A poderosa União Soviética está transformada numa manta de retalhos étnicos e políticos, recorrendo quase à caridade internacional para alimentar a sua população.

A COMUNIDADE

O bloco ocidental também sofreu uma profunda mudança neste final dos anos 80. Desde que foi fun-

dada, a Comunidade Económica Europeia arrasou o seu crescimento em torno de constantes discussões sobre manteiga e frangos. O seu âmbito era limitado pelas hesitações de Governos mais preocupados com a frente caseira e a satisfação de «lobbies» internos. Poucos tentaram a construção de uma entidade poderosa capaz de fazer frente às exigências das superpotências.

De forma subtil, a integração europeia foi transformando a parte ocidental do continente num conjunto interdependente, cujas partes já não podem ser separadas. A CEE entra na década de 90 com um total de 12 membros de pleno direito e uma influência acrescida fora das fronteiras daqueles países. Trata-se da maior potência comercial do mundo, do mais rico (e maior) mercado do planeta e um dos principais produtores de alimentos e bens manufacturados. Sobretudo, a CEE comporta-se no palco mundial com uma identidade cada vez mais definida e forte.

Sem nenhum adversário militar potencial, a Europa Comunitária alterou a sua estratégia, iniciando um processo de integração ain-

da mais veloz do que nas décadas anteriores. Em Agosto, no início da crise do Golfo, a Europa comunitária revelou algumas fraquezas, já que a sua resposta à agressão iraquiana foi tímida a princípio.

Se alguns lhe auguraram um triste fim, logo essa opinião se alterou quando os Estados Unidos tiveram de recorrer aos seus aliados para pagar a factura da colocação do impressionante dispositivo militar na Arábia Saudita. O conjunto das forças europeias no Golfo não deixa de ser significativo e, volvidos quatro meses, ninguém refere as fraquezas comunitárias nos novos cenários de conflitos internacionais.

O FIM DOS BLOCOS

As profundas alterações políticas do último ano da década de 80 são as mais visíveis no continente europeu, porque era aí que existiam as mais profundas divisões entre os dois blocos. Milhões de soldados enfrentavam-se a poucas centenas de metros uns dos outros e o potencial destrutivo das duas alianças militares não deixaria, em caso de ser usado, lugar para ilusões, a devastação da Europa seria definitiva.

Os enormes exércitos foram reduzidos a níveis considerados suficientes; uma das alianças político-militares enfraqueceu ao ponto de não ser possível a sua continuação; a guerra fria foi enterrada com pompa e circunstância na mesma época em que era derrubada a construção simbólica desse perigoso tempo, o

Muro de Berlim; a primeira grande machadada na antiga estrutura geo-política foi a reunificação alemã, feita a velocidade alucinante.

Toda esta salada de acontecimentos transformou a face do continente europeu e acentuou as tendências que já se verificavam ao longo de toda a década.

Estas tendências eram, por um lado, o crescimento da zona de democracias parlamentares; por outro, o fraccionamento da zona de democracias populares.

O processo de democratização está completado na RDA, por força da reunificação alemã, e praticamente concluído na Polónia, Checoslováquia e Hungria. No interior da Jugoslávia, as repúblicas da Eslovénia e Croácia gozam de uma situação praticamente democrática. Por seu turno, muitos aspectos da vida pública na Bulgária estão normalizados. Neste ano, também na Roménia se verificou o derrube da mais feroz ditadura comunista, embora as instituições ainda não estejam consolidadas.

O crescimento da zona de democracias parlamentares inclui ainda o aspecto de estar intimamente ligado à CEE. Assim, prestes a criar um Mercado Único (totalmente integrado) esta organização prepara-se para receber novos membros, entre os quais se contarão, dentro de poucos anos, a Finlândia, Suécia, Noruega, Islândia, Malta, Áustria, Suíça, Checoslováquia, Hungria e Polónia. O mercado alargado contará com mais de 400 milhões de habitantes e constituirá o maior produto interno do planeta.

A evolução económica e política da Jugoslávia vai condicionar o futuro aspecto daquela parte da Europa. É provável que a Jugoslávia não sobreviva na sua actual forma, sendo de admitir que Croácia e Eslovénia saiam da Federação. A região autónoma de Kosovo deverá ser de alguma forma ligada à Albânia.

Entretanto, a URSS corre sérios riscos de seguir um caminho idêntico, com a saída da União de algumas repúblicas. Os territórios bálticos, Letónia, Lituânia e Estónia, deverão conseguir a sua independência seguramente nos próximos cinco anos. O mesmo prognóstico se aplica à Geórgia, Arménia e Ucrânia, que, com a Roménia e a Bulgária, podem entrar na zona de influência da CEE como membros associados. O que restar da URSS, sobretudo a Federação Russa, terá ainda grande poder internacional, mas muito diluído e dependente dessa nova superpotência europeia, a CEE muito alargada.

Este cenário previsível (mas optimista) não exclui a possibilidade de graves conflitos interétnicos nas questões do Kosovo (entre sérvios e albaneses); na Ucrânia Ocidental (entre polacos e ucranianos); na Moldávia (entre russos e romenos); na Transilvânia (entre húngaros e romenos); na Eslováquia (entre checos e eslovacos); na Croácia (entre sérvios e croatas); na Eslovénia (entre sérvios e eslovenos) e na Arménia (entre arménios e azeris). Em resumo, a construção da Europa do futuro pode bem ser feita sobre uma pilha de cadáveres. □

APARTHOTEL ALGARVE

PROJECTO APROVADO PARA 118 APARTAMENTOS
NUMA DAS MELHORES LOCALIZAÇÕES DE ALBUFEIRA
(11 000 m²). VENDE-SE
Aceitam-se propostas:
Apartamento 827 - 8200 Albufeira

TUDO DE NOVO NAS ILHAS BRITÂNICAS

A HERANÇA DE THATCHER

COM a saída de Margaret Thatcher do cargo de primeira-ministra o que vai modificar-se na política britânica e europeia? Esta é talvez a pergunta que mais tem sido feita nos últimos dias, no que se refere ao conflito interno do Partido Conservador britânico que levou à demissão de Thatcher. Um dos aspectos mais salientes do longo período de governação desta mulher singular foi sem dúvida o facto de ter originado até um novo termo político, thatcheriano, que define muito do seu programa. Na luta pela liderança do Partido Conservador não se perfila nenhum candidato que possa destruir rapidamente o património político thatcheriano, donde a primeira-ministra demissionária terá feito escola e marcado toda uma época. O candidato mais forte à continuação, John Major, é um admirador incondicional da ex-primeira-ministra e pretende prosseguir a política económica neo-liberal que marcou a década anterior.

O candidato rival, Michael Heseltine, pretende prosseguir, caso seja escolhido pelo seu partido, uma política mais interventora, mas ainda claramente virada para as teses anteriores. Refira-se que o neoliberalismo é a ideologia responsável por uma importante viragem dos eleitores ocidentais para os partidos mais à direita. Isto aconteceu sobretudo nos países mais poderosos e, naqueles em que não se re-



Margaret Thatcher: um adeus que ficará na história da política europeia do último quartel do século

gistou uma tal mudança política, os partidos de esquerda inflectiram a sua postura naquela direcção.

A política de privatizações e de impostos que conduziu a sociedade britânica a favorecer claramente os mais ricos não vai, portanto, tudo o indica, terminar.

Acabam apenas os erros mais flagrantes da sra. Thatcher, ou seja, o que diz respeito à sua política europeia e a nítida arrogância com que lidava face aos seus adversários políticos.

A questão europeia foi central na queda da primeira-ministra, curiosamente

poucas semanas antes do projectado encontro com François Mitterrand no meio do Túnel da Mancha. A oposição thatcheriana à unidade económica e monetária da comunidade e ainda a muitas situações anteriores que comprometeram avanços determinados, ou obri-

garam a rever posições de outros membros da CEE, foi apontada como um factor de irritação para muitos aliados da «Dama de Ferro». O que é menos salientado é a importância destas teimosias na rectificação de políticas comunitárias. A bem ver, inúmeros destes episódios

reverteram a favor dos cidadãos europeus.

ARROGÂNCIA POLÍTICA

A arrogância também tinha pontos positivos. Veja-se a forma como Margaret Thatcher respondeu à invasão argentina das Malvinas. O conflito que se seguiu (e que poucos dirigentes europeus teriam tido coragem para desencadear) foi decisivo na queda de uma das mais ferozes ditaduras militares da América do Sul e restabeleceu o prestígio britânico a nível internacional. Em termos de poder, a Guerra das Malvinas foi um dos maiores feitos da ex-primeira-ministra. Outros exemplos de arrogância, como a luta contra os grevistas que ameaçavam paralisar as Ilhas Britânicas conduziu a um franco declínio da influência dos sindicatos, tendência que teve como percursora a Grã-Bretanha.

Seja Heseltine ou Major, o futuro primeiro-ministro britânico terá uma tarefa complicada, a de não perder muito quando comparado com a sua antecessora. É um desafio terrível apresentar um carisma semelhante ou uma força de vontade e coragem políticas comparáveis. As feministas nunca gostaram de Margaret Thatcher, mas o tempo vai ser benévolo com a memória desta primeira-ministra que elevou o prestígio britânico a níveis que não se viam desde Churchill e modificou a forma como as mulheres eram vistas na política. □

Ecoss da demissão

França suspira de alívio

ALGUNS dias antes da sua demissão, Margaret Thatcher esteve em Paris para assistir à Conferência sobre Segurança e Cooperação Europeia (CSCE). Desta vez mostrou-se excepcionalmente discreta. Já se falava então nos seus problemas no seio do Parlamento britânico. Mas a sua reputação era tal que todos os observadores acreditavam ir assistir a uma luta sem tréguas entre os conservadores ingleses. A sua demissão «sem aviso prévio» surpreendeu a classe política francesa. Todos ficaram decepcionados mas, ao mesmo tempo, aliviados.

É notória a desaprovação por parte do Governo francês à política empreendida pela «Dama de Ferro». Por isso, esperava-se que surgissem declarações duras. Mas longe disso: a demissão de Thatcher veio reforçar a

sua popularidade no Hexágono. François Mitterrand, um dos que apreciavam pouco a primeira-ministra, sublinhou as suas qualidades políticas e a própria declaração foi cortês, ainda que sem ênfase. À direita, os elogios surgiram em catadupa. A sua forte personalidade é admirada, assim como a sua excepcional tenacidade, enaltecendo os resultados económicos conseguidos pela sua política.

O antigo ministro das Finanças, Balladur, compara mesmo as ideias da ferosa líder com as do general De Gaulle, admitindo até que «Maggie» é a mulher política do século. Todavia, o chefe de Governo da altura, Jacques Chirac, teve os seus engulhos com a política britânica...

Na esquerda francesa, embora o Governo se tenha mostrado cauteloso, as declarações

foram um pouco menos tolerantes. Acusam-na de conservadorismo exagerado e de falta de flexibilidade. Embora enaltecem também os resultados económicos, os socialistas acham que no plano social ela foi um desastre.

Quanto às questões europeias, os políticos franceses suspiram de alívio. Entretanto, espera-se tanto à direita como à esquerda, que a sua demissão favoreça a união europeia e possa também acelerar o processo que estava a ser travado. Ainda que nos bastidores se reconheça que as atitudes de Thatcher convieram bastante nas questões europeias; apesar de tudo, os desacordos são ainda bastante importantes e, no fundo, a intransigência britânica iludia outros problemas... □



Na democratização polaca faltava escolher o Presidente da República. Até às eleições de domingo, todos os observadores apontavam para a realização de uma segunda volta entre o líder do Solidariedade, Lech Walesa, e o primeiro-ministro, Tadeusz Mazowiecki. Mas surgiu um pedregulho na engrenagem, Stanislaw Tyminski, um desconhecido que vai à segunda volta confrontar-se com o prémio Nobel Walesa.

PRESIDENCIAIS POLACAS

A CAIXINHA DAS SURPRESAS

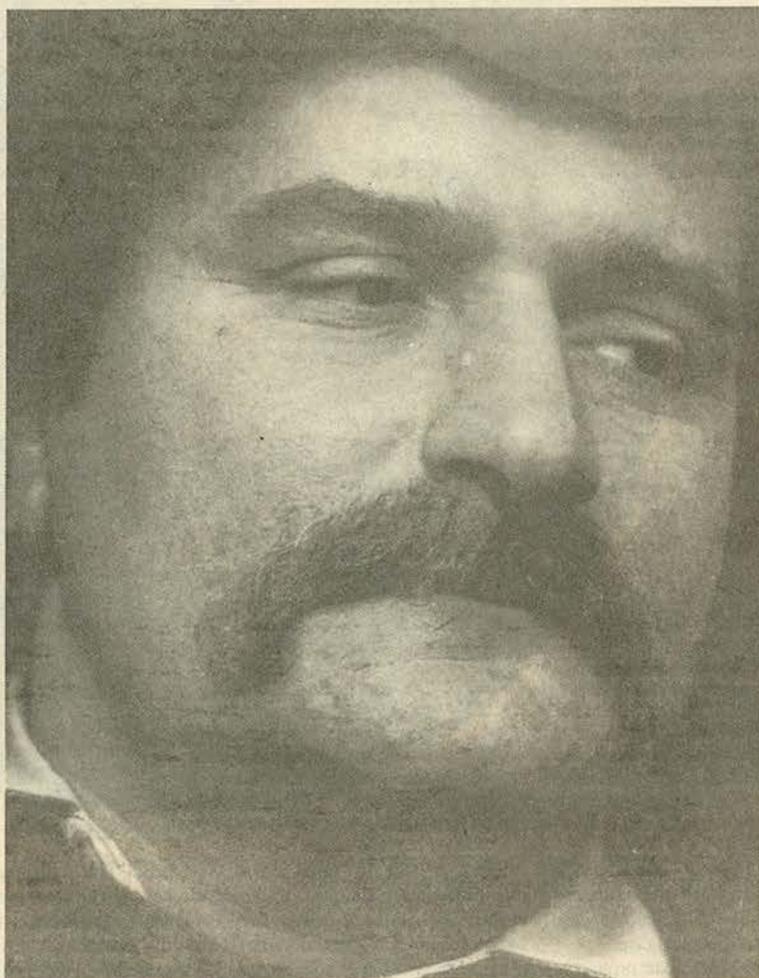
Rogério Chagas

SE os resultados das eleições presidenciais polacas, realizadas no domingo passado não constituíram uma surpresa total, pelo menos surpreenderam os analistas que subestimaram as potencialidades daquele que foi considerado um candidato menor, o emigrante milionário Stanislaw Tyminski. Este foi catapultado para o segundo lugar, numa disputa que grande parte da opinião pública julgava ir fazer-se entre os dois contendores do novo *establishment* político: Lech Walesa e Tadeusz Mazowiecki.

Efectivamente, a vitória conseguida pelo líder do Sindicato Solidariedade, Lech Walesa, não foi suficiente para demonstrar a invencibilidade de um can-

Para já, o grande derrota desta primeira volta foi o primeiro-ministro Tadeusz Mazowiecki. As razões deste insucesso podem ser encontradas em vários factores, entre os quais ressalta, talvez, o dos custos da governação. O rigor da política empreendida por Mazowiecki para sustentar as reformas necessárias ao saneamento da caótica economia polaca, despoletou um crescendo de críticas de vários sectores da sociedade, nomeadamente do próprio seio do Solidariedade, que serviu, aliás, de génese à candidatura de Lech Walesa, o qual foi um antigo companheiro do chefe de Governo nas difíceis lutas contra o antigo regime.

Todavia, não poderá também ser subestimado o facto de o prestigiado intelectual católico que é Mazowiecki, se ter aproximado perigosamente e demasiado



A grande comunidade emigrante radicada nos Estados Unidos e Canadá, de onde, aliás, é originário o candidato Stanislaw Tyminski, contribuiu com o seu peso para a emergência de novos valores, que a última visita do presidente George Bush já tinha indiciado.

didato que, à partida, era dado como vencedor em todas as sondagens. Embora a percentagem de votos o tivesse colocado à frente dos restantes candidatos, não é líquido que a sua vitória esteja assegurada na segunda volta das eleições, que terá lugar no dia 9 de Dezembro.

Por outro lado, a *performance* do candidato Tyminski, um emigrante que é o símbolo do sucesso e que, apesar de não dispor de um aparelho político próprio, conseguiu atrair os votos da juventude e de um terço dos operários, veio confirmar surpreendentemente que os dados ainda não estão lançados na escolha final do primeiro magistrado da nação polaca, a eleger democraticamente, desde o acordo conseguido entre o Solidariedade e os acólitos do antigo regime comunista.

da antiga *nomenklatura* comunista, que está ainda enfeudada em pontos-chave do aparelho do Poder. Se a transferência gradual das alavancas do comando aconselhavam uma necessária prudência no ritmo das mudanças, também não deveriam ter sido ignoradas as esperanças de uma sempre crescente camada da população que preconiza o corte radical com a antiga ordem comunista.

IGREJA CATÓLICA

A própria Igreja Católica não equacionou devidamente os desafios do futuro, nem sequer fez ainda uma escolha definitiva quanto aos protagonistas da nova cena política polaca. As suas hesitações em apoiar qualquer dos candidatos em presença, revelam tanto do seu natural distanciamento da

«coisa pública», agora que as instituições democráticas se vão afirmando, como também da sua pouca flexibilidade em ajustar-se aos novos ventos da história, que privilegiam os valores materialistas do dinheiro, do sucesso individual e de um liberalismo económico que, no fundo, contém em si os efeitos perversos que caracterizaram também as receitas do marxismo-leninismo nas chamadas sociedades do «socialismo real».

Apesar de a Igreja Católica polaca se ter perfilado sempre como um interlocutor opositorista ao regime ditatorial de Jaruzelski, o seu tradicional conservadorismo impede-a também de embarcar nas águas daquilo que já foi considerado a mentalidade de novo-rico ou de «mercantilismo selvagem».

A grande comunidade emigrante radicada nos Estados Unidos e Canadá, de onde, aliás, é originário o candidato Stanislaw Ty-

minski, contribuiu com o seu peso para a emergência de novos valores, de que a última visita do Presidente George Bush já tinha indiciado.

A sensibilidade demonstrada por grande parte da juventude e da classe operária mais jovem, que tem sido a mais penalizada pelas medidas governamen-

constituir um factor não subestimável, já que se desconhece, em princípio, qual o rumo dos eleitores que votaram em candidatos de pequenos partidos, que são um pouco marginais no actual espectro político polaco.

A euforia com que a candidatura de Lech Walesa encarou o sufrágio de do-

O voto operário foi claramente para a candidatura de Lech Walesa, o qual continua fiel às suas raízes de operário electricista da construção naval. O voto do operariado jovem foi para o seu agora rival mais directo, Stanislaw Tyminski, que apostou neste emigrante rico.

tais e que não se revê nem na moderada opção de Mazowiecki nem nos postulados apresentados ao eleitorado por Lech Walesa, poderá

mingo, foi um pouco refreada quando se soube o *score* conseguido pelo emigrante do Canadá e do Peru, Stanislaw Tyminski.

O carisma do velho lutador de Gdansk é, contudo, um elemento apreciável que não pode também deixar de ser levado em linha de conta.

«SELF MADE»

Embora o *self made man* Tyminski possa constituir um adversário de peso para o líder do Solidariedade, os observadores afirmam que será muito difícil àquele milionário bem sucedido, ultrapassar as barreiras de um tecido social muito marcado pelos fracassos das receitas económicas até agora empreendidas, mas também pouco permeável a outro tipo de receitas que desconhece.

A análise da distribuição de votos destas eleições de domingo poderá, no entanto, indiciar algumas pistas para o pleito de 9 de Dezembro.

A manifesta preferência dos «empregados» por Mazowiecki — burocratas, na sua grande maioria, da administração pública — caracteriza o voto deste intelectual católico, que se viu ironicamente junto às forças da velha ordem comunista, que combateu tão resolutamente durante a última década.

O voto operário foi claramente para a candidatura de Lech Walesa, o qual continua fiel às suas raízes de operário electricista da construção naval. O voto do operariado jovem foi para o seu agora rival mais directo, Stanislaw Tyminski, que apostou neste emigrante rico.

Estas eleições para eleger o sucessor do general Jaruzelski decorreram na mais absoluta normalidade e a participação dos eleitores foi sensivelmente igual à das anteriores eleições legislativas: 65 por cento dos inscritos foram às urnas.

A grande final de 9 de Dezembro irá sagrar vencedor um candidato que não terá, em termos de futuro, um caminho muito fácil: os efeitos das correcções económicas, absolutamente imprescindíveis, irão ainda perdurar durante mais algum tempo e a *performance* presidencial será também afectada por este dado não negligenciável. □

MARROCCOS

COM

TAP
AIR
PORTUGAL

Você tem uma centena de razões para visitar Marrocos. A arte Islâmica, a cordilheira do Atlas, as mesquitas, os souks... As outras razões? São os voos da TAP Air Portugal para Casablanca às 4.^{as} feiras e Domingos. Se o destino for Marrocos, voe nas asas da TAP Air Portugal. Consulte a TAP Air Portugal ou o seu Agente de Viagens.



DAMOS ASAS
AOS SEUS SONHOS

OPINIÃO

Desintegração da Frelimo...

A Frelimo, como o seu nome dá a entender, foi criada como uma frente de libertação nacional, e não como um partido político que tivesse uma determinada ideologia, fosse ela de origem capitalista ou marxista. Com efeito, os seus membros aderiram ao movimento, levados simplesmente pela vontade firme e determinada de libertarem o povo moçambicano e a sua terra da dominação estrangeira, e de sacudirem o secular jugo colonial.

Entretanto, o tempo dos movimentos de libertação e de frentes foi passando e dando lugar ao surgimento de uma nova linha de raciocínio: o pluripartidarismo político constitui agora a máxima preocupação de todos os povos. Os moçambicanos não podiam ser excepção.

A resistência, coadjuvada pela exigência do tempo, levou o Governo do presidente Joaquim Chissano a dar ouvidos à voz da razão e ao grito lancinante dos seus irmãos, a mudar o itinerário traçado pelos «revolucionários», orientados por Moscovo e Pequim, e a adoptar o pluripartidarismo político. Hoje em dia, já se fala abertamente em Moçambique da economia de mercado e acredita-se que ela poderá normalizar a vida económica do seu povo.

Aqueles «revolucionários» da bazófia marxista que vociferavam contra o mundo ocidental são os primeiros na linha da vanguarda para a criação da burguesia nacional, são os que têm mais meios financeiros e materiais e o conhecimento de como atingir rapidamente os seus objectivos.

O fruto de que a Frelimo está hoje a gozar, que é a sua irradiação no meio do povo, é trabalho de todos aqueles que se sacrificaram pela sua criação e desenvolvimento. Por isso não deve ser atribuído e aproveitado por um só punhado de homens, nem tão-pouco deve ser considerado como resultado do suor dos «vama-thumba xipache» (os afortunados que acharam a carteira cheia de dinheiro, referência aos que tiveram a sorte de ter poder no Governo sem nada terem feito para isso). Ninguém se deve arrojar do direito de ser dono da Frelimo.

Na conjuntura actual da conturbação política no continente africano, não seria de



José Massinga

admirar se a Frelimo cessasse de existir com a sua velha designação de Frente de Libertação de Moçambique e com isto desse lugar ao surgimento de outras organizações políticas, com a designação que figurasse na nomenclatura política e que aparecesse na arena internacional como entidade meramente política.

De resto, a sua missão libertadora nacional foi bem cumprida. Esta é uma verdade inegável. A independência de Moçambique é um facto que até os cegos podem ver e a que, na linguagem filológica, se chama metafísico. A história há-de rezá-lo em todas as gerações vindouras.

O momento actual põe a sua ênfase, não só na libertação dos povos da dominação estrangeira, mas sobretudo na libertação dos povos da ditadura dos regimes dos seus países, na democratização dos sistemas políticos neles existentes. Hoje, nenhum povo quer ser confinado a seguir o único caminho que lhe é indicado por dirigentes de monopartidarismos políticos. Todos querem liberdade de expressão das suas ideias políticas, de formar os partidos que são da sua preferência e interesse.

A possível dissolução da Frelimo evitaria que muitos continuassem a ser fisicamente membros daquela organização, quando na realidade as suas convicções políticas não são idênticas à ideologia que motiva os dirigentes mais influentes daquela organização, nem a doutrina ali professada é compatível com as suas aspirações políticas ou económicas. □

* Presidente da Associação Cívica e Cultural de Moçambique
* Ex-director do Gabinete de Estudos, Planificação e Formação Profissional do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Moçambique (1975-81)
Cortes da responsabilidade da redacção

NEGOCIAÇÕES FRELIMO-RENAMO
A MARATONA DA PAZ

A presença de tropas zimbabuenses em território moçambicano continua a ser o tema sobre o qual têm girado as negociações entre a Frelimo e a Renamo que decorrem, desde 8 de Novembro, em Roma.

Instado a comentar a morosidade das negociações entre os dois beligerantes, o porta-voz da Renamo em Portugal, Manuel Frank, disse ao «Tempo» que tal «significa que se está a trabalhar no sentido de obter uma plataforma de entendimento». Manuel Frank adiantou que logo que surjam resultados concretos «será emitido um comunicado a partir de Roma».

No entanto, notícias veiculadas por alguns órgãos de comunicação social indicam, para breve, a assinatura de um acordo entre a Frelimo e a Renamo que contemplará a criação de uma comissão encarregada de con-

LUISA MARIA BARRO CARDOSO DE BARROS
Rua Damião de Góia - Lote 26 - 5ª Esq.
2300 AVICORA
Telex: 474 39 30

Excmo. Senhor
DR. RUI ÁVILA
Chefe do Protocolo do
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS
LISBOA

Excmo. Senhor, Lisboa, 12. Out. 90

Serve a presente para informar V. Exa. de que, relativamente à comunicação feita em 09.09.19 a V. Exa. sobre o desaparecimento de uma criança, menor de 2 anos de idade, ANA CARINA CARDOSO DE BARROS, de nacionalidade Portuguesa, e cujo desaparecimento é da responsabilidade do Sr. AGOSTINHO FERNANDES - Atido Comercial da Embaixada de Angola em Portugal;

O Sr. AGOSTINHO FERNANDES embarcou a menor de nacionalidade Portuguesa para fora do País, mais precisamente para Angola, tendo para isso, falsificado documento de menor.

A confirmação da presença de minha filha em Angola, foi feita pelo Sr. MENDES DE CARVALHO (Embaixador de Angola na R.D.A.) no dia 09.09.90, através de uma chamada telefónica, proveniente de Angola, para casa dos meus pais (onde estou actualmente).

Visto tratar-se de indivíduo com *imunidade diplomática*, solicito a intervenção de V. Exa. para o esclarecimento que V. Exa. entender convenientes. (situação de embarque ilegal).

Solicito, de igual modo, a sua atenção para o facto de o referido indivíduo ter-se deslocado à *Embrama* - Empresa onde meu pai (sposado) tratava de algum expediente externo - prepostadamente para falsamente informar o Director - Sr. Nób Baltazar - que meu pai procurava tirar dividendos, ilegais, utilizando para o efeito o nome da Empresa, bem como, falsamente ostensar o devido, por parte de meu pai no mesmo Emprego, de informações para o exterior. Como o indivíduo tem conhecimentos a nível de *Serviços Secretos de Angola*, igualmente o falsamente, informou estes de que meu pai

Fotocópia da carta enviada ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, onde são relatados os factos

trolar a movimentação das tropas zimbabuenses nos corredores da Beira e do Limpopo. No que se refere às frequentes acusações que a Renamo tem dirigido ao Governo moçambicano, acusando-o de estar a negociar de má fé, Manuel Frank é peremptório: «ainda não há razões para mudarmos a nossa opinião. Neste momento estamos a dialogar e as informações de que dispomos indicam que a Frelimo está a cooperar».

Paradoxalmente, e segundo informações de Roma, é a Renamo que parece ansiar por uma resolução rápida do conflito armado, enquanto os mediadores (oficialmente o Governo italiano, mas também os eclesiásticos de Santo Egídio) são mais moderados, apontando como meta prioritária o estabelecimento de um clima de confiança que permita avanços no diálogo entre a Frelimo e a Renamo. □

MPLA prepara Congresso

Teve início ontem, em Luanda, a última reunião do Comité Central do MPLA, onde estão a ser debatidas as reformas que vão ser introduzidas no partido durante o próximo Congresso, com data marcada para 4 de Dezembro. É de crer que os princípios ideológicos que sustentavam o MPLA vão ser revistos, continuando assim a senda da abertura política preconizada por José Eduardo dos Santos.

Após ter demitido todos os elementos que compunham o Ministério da Economia e ter assumido a pasta da Defesa, Eduardo dos Santos parece ter dado um golpe fatal nas tendências conservadoras que ainda subsistem no MPLA. O presidente angolano querará assumir-se, a curto prazo, como

uma individualidade extrapartidária a situar acima de todas as formações políticas que posteriormente venham a surgir.

Neste âmbito são insistentes os rumores de que o ministro das Relações Exteriores, Van Dunen (Loy), está, ele próprio, a encarar a hipótese de formar um partido, à semelhança de outras figuras ministeriais e de membros do Comité Central.

A nova estratégia do MPLA passa por uma previsível adesão do partido à Internacional Socialista. Caso este objectivo seja alcançado, o MPLA verá reforçada a sua imagem no plano internacional e poderá conseguir novos aliados, até aqui afastados pela linha marxista que tem caracterizado a actuação do MPLA. □

Angola

Adido comercial rapta menor portuguesa

O adido comercial da Embaixada de Angola em Portugal, Agostinho Fernandes, terá raptado, no dia 8 de Setembro, uma menor de dois anos, de nacionalidade portuguesa, tendo para isso forjado documentos que permitiram a passagem da criança pela polícia de fronteiras, embarcando-a posteriormente para Angola.

A acusação é feita por Luísa Maria Cardoso de Barros, mãe da criança, que viveu maritalmente com Agostinho Fernandes por um período de oito meses. A menor, baptizada com o nome de Ana Carina Cardoso de Barros, encontra-se actualmente em casa da mãe do raptor, em Angola, presença que foi reconfirmada pelo embaixador deste país na ex-RDA, Mendes de Carvalho.

Em requerimentos enviados, entre outros, ao juiz de direito do Tribunal de Menores, ao Ministério Público, ministro dos Negócios Estrangeiros e à Polícia Judiciária, Luísa Barros reclama o imediato repatriamento da criança e adianta que o adido comercial angolano é «reincidente em situações desta natureza, porquanto tinha a criança apenas três meses de idade quando o mesmo indivíduo a raptou, só sendo possível voltar a tê-la após a intervenção da PSP».

Neste imbróglio é curioso salientar que Agostinho Fernandes nem sequer é pai da menor Ana de Barros e que o facto de gozar de imunidade diplomática poderá estar na base de alguma complacência das autoridades portuguesas, as quais

têm conhecimento oficial do processo desde 12 de Outubro.

Ainda segundo Luísa Barros, o adido comercial não se terá limitado a uma acção de rapto. Em carta dirigida a Rui Ávila, chefe do protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, ela afirma que, «como o indivíduo tem conhecimentos a nível de serviços secretos de Angola, informou estes de que meu pai (funcionário aposentado da Endiama) deveria ser preso, aquando da sua entrada em Angola, dizendo que o meu pai é um elemento da UNITA».

Num tom quase de súplica, Luísa Barros pede na mesma missiva que «sejam salvaguardados os direitos desta criança indefesa, a quem brutalmente lhe

foi tirado o carinho, afecto e atenção que merece, para o seu bom e futuro equilíbrio psíquico como ser humano».

Esta questão, denominada juridicamente por rapto de menor, encontra-se registada na Polícia Judiciária sob o número 329.657/90 — 4.ª secção, sala 1-15, sendo de estranhar que até ao momento nenhuma atitude tenha sido tomada. Afinal, trata-se de uma cidadã portuguesa (bilhete de identidade n.º 8709444), filha de uma mulher também ela portuguesa, vítima de um rapto praticado por indivíduo angolano, que praticou o presumível crime ao abrigo do estatuto de imunidade diplomática. Assim, não é de excluir, que interesses de ordem política possam estar por detrás deste alheamento. □

BARREIRO

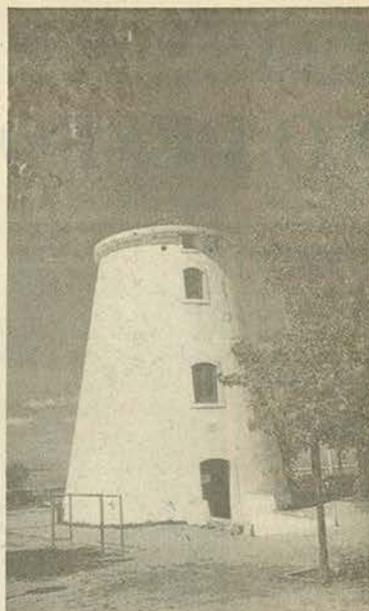
DEFESA DO PATRIMÓNIO

A Câmara Municipal do Barreiro, consciente do interesse em se proceder ao levantamento histórico, sociológico e etnológico do património e das actividades musicais do concelho, bem como a promoção de acções de animação musical, tendentes a elevar o nível de consciência cultural nestas áreas, aprovou a realização de um protocolo de cooperação científica com o departamento de

ciências sociais e humanas da Universidade Nova de Lisboa. No âmbito deste protocolo, a autarquia barreirense irá acolher, anualmente, nos seus serviços um número de estagiários por um período de seis a oito meses, seleccionados pelo departamento referido. As áreas a privilegiar nas acções a desenvolver serão: etnomusicologia, sociologia da música, problemática da animação mu-

sical, história da música em Portugal e organologia.

A comissão científica do departamento e a Câmara Municipal do Barreiro acordarão anualmente — os temas e problemas prioritários, a calendarização dos estágios e as medidas a adoptar para melhor persecução dos objectivos explicitos no protocolo, cuja entrada em vigor se registou no dia 1 de Novembro. □



CASCAIS

Plano director

A Câmara Municipal aprovou, na sua última reunião, a abertura do concurso para terminar a elaboração do seu Plano Director Municipal (PDM).

Para o presidente da Câmara, Georges Dargent, a celeridade posta na elaboração do PDM baseia-se não só na imposição legal de completá-lo até finais do próximo ano mas, especialmente, para que o concelho fique dotado no mais curto espaço de tempo possível desse imprescindível instrumento de planeamento.

Georges Dargent mantém como meta ideal para a conclusão do PDM o final do primeiro semestre do próximo ano.

Das cerca de duas dezenas de instituições e associações do concelho consulta-



das acerca das medidas preventivas, três já deram o seu parecer, a Comissão de Defesa do Património Histórico e Cultural de Cascais, a Associação dos Empreiteiros da Costa do Sol e a Junta de Freguesia de Cascais, aguardando-se que as restantes o façam nos próximos dias.

Para Dargent, «as medidas aprovadas pela Câmara para vigorarem enquanto o PDM não estiver em vigor, fazem parte da política de contenção do surto urbanístico que o Município tem vindo a seguir», patente no «chumbo» de 97 por cento dos loteamentos entrados nos serviços, assim como no indeferimento de 80 por cento dos projectos de construção ali entregues, em qualquer dos casos nos últimos quatro anos.

As medidas preventivas apontam, entre outros aspectos, para que na área do Plano de Urbanização da Costa do Sol (PUCS) apenas possam ser autorizadas construções novas ou emitidos alvarás de loteamento que estejam em conformidade com a planta de zoneamento e regulamento desse plano ou com os alvarás em vigor à data da aprovação dessas medidas. □

CONSTÂNCIA

Educação especial

A Câmara Municipal apoiou, através da cedência de instalações, a criação do núcleo local de educação especial, cuja acção se vai estender também aos concelhos de Sardoal e Vila Nova da Barquinha.

A assinatura do acordo de colaboração foi realizada no passado dia 29 de Outubro, pelo presidente do município, António Mendes, e a coordenadora da área educativa da Lezíria e Médio Tejo, Graciete Saldanha.

Ao acto público assistiram ainda a directora regional de educação de Lisboa, Lurdes Neto, e a coordenadora do projecto de educa-

ção especial, Élia Pecegueiro, para além de entidades locais e regionais.

Na oportunidade, António Mendes salientou o facto do seu município querer «valorizar o papel que está reservado a esta equipa de educação», referindo que urge «aproveitar e rentabilizar os técnicos que trabalham nesta área». Disse ainda o autarca que a câmara «privilegia o bom relacionamento que deve haver entre administração central e local», como forma de serem ultrapassados alguns problemas que afectam a região.

Lurdes Neto, ao usar da palavra, afirmou que o núcleo agora criado «tem condições de trabalho invejáveis», e adiantou que, a nível de estruturas de educação especial, «começam a ser evidentes os sinais positivos da sua orgânica integrada».

O coordenador do núcleo, Mário Passarinho, fez a apresentação da equipa e do seu projecto estratégico. Integrando dez elementos, entre educadoras e professores, o núcleo reporta a sua acção por sete zonas dos três concelhos envolvidos, dando apoio a cerca de 70 crianças deficientes. □

AMADORA

A Câmara Municipal aprovou a compra de um programa informático CDS-ISIS à Biblioteca Nacional, pelo valor de 150 mil escudos.

O programa destina-se ao centro de documentação do Museu Municipal e a sua aquisição irá permitir a catalogação informática dos fundos bibliográfico e iconográfico do centro. □

BRAGA

A Junta de Freguesia de Tenões, deste concelho, enviou uma exposição ao secretário de Estado do Ambiente e Recursos Naturais, bem como a outras entidades oficiais, onde manifesta o seu mais vivo repúdio pelo facto de se estar a instalar na freguesia de Tenões um canal particular, de grande envergadura, sem que para o efeito os órgãos locais eleitos — junta e assembleia de freguesia — tenham sido previamente consultados, manifestando assim as instituições envolvidas neste processo uma autêntica falta de respeito e de consideração pela população. □

ELVAS

Na sequência de um contacto tido em Lisboa, na Direcção-Geral de Turismo, pelo presidente da Câmara, a situação do Hotel Brasa foi regularizada. A Junta Autónoma das Estradas, última entidade a emitir parecer nesta matéria, aceitou o plano de pormenor para o local, pelo que se aguarda o despacho ministerial que colocará um ponto final em vários anos de incerteza quanto à regularização da situação daquela unidade hoteleira elvens.

Por outro lado, o Cine-Teatro, propriedade de «O Elvas» CAD, vai passar a ficar de posse da Câmara Municipal; a escritura pública será assinada pelas duas partes num dos próximos dias. □

PORTIMÃO

A comissão organizadora do VI Festival Nacional da Sardinha e do Mar/90, em sessão ordinária da Câmara Municipal, deliberou fazer a atribuição dos subsídios, provenientes dos lucros (saldos de exploração), do certame acima mencionado, às oito instituições de solidariedade social do concelho de Portimão: Centro Apoio a Idosos de Portimão, Alvor e Mexa Grande, Cracep, Casa N.º S.ª Conceição, Bombeiros Voluntários de Portimão, Cruz Vermelha Portuguesa e Lar da Criança de Portimão, no valor total de 2.150.000\$00. □

CASTANHEIRA DE PÊRA

COMPLEXO DESPORTIVO EM MARCHA

O golfe, modalidade que está a conhecer momentos de grande expansão em Portugal, é o elemento fundamental de um ambicioso projecto de um complexo turístico-desportivo que a Câmara Municipal — presidida pelo antigo e prestigiado árbitro internacional Graça Oliva — vai levar a cabo, aproveitando para isso as magníficas condições naturais que o concelho possui.

«Trata-se de uma forte aposta no desenvolvimento turístico-desportivo da re-

gião», referiu o presidente, salientando que «os três concelhos vão dispor, dentro de dois anos, de instalações desportivas de nível internacional que poderão servir para estágios de equipas nacionais ou estrangeiras, nas modalidades de futebol, natação ou atletismo».

Aquele autarca referiu também que «tem de se preservar e defender todas as condições naturais desta região, dinamizando-a através do turismo e do desporto». Para ele, Portugal poderá ser uma das últimas zonas tranquilas da Europa,



onde se pode respirar ar puro, conviver com a Natureza e repousar de exigentes solicitações. Graça Oliva é, para além de presidente da Câmara, instrutor de árbitros da FIFA e principal accionista da empresa Tulipa Negra, de Loures, uma das mais importantes firmas de importação de objectos de decoração, utilidades domésticas e mobiliário de estilo. Invejado por muitos dos seus adversários políticos pela solidez da sua situação financeira, ele dedica-se de corpo e alma ao desenvolvimento da sua terra natal. □

CLASSIFICADOS - REGIÕES

CALDAS DA RAINHA

CASA FERNANDEZ

Chaves em 30 segundos fazem-se em máquina automática
Guarda • Chuvas • Sombrinhas
Cutelarias • Reparações

Praça 5 de Outubro, 4
Tel.: 23483
2500 Caldas da Rainha

JORGE M. BOTO FREITAS
REPRESENTANTE OFICIAL YAMAHA

SEDE - Avenida Espírito Santo, 4 - Tel.: 23481
FILIAL - Rua General Antão Reis, n.º 21-B
2500 CALDAS DA RAINHA

Motores Agrícolas e Marítimos
Motocicletas • CASAL - 230477 - SALES

Batista e Canha, Lda.
AUTOMÓVEISAutomóveis Yugo
Concessionário Oeste

R. Fernando Ponte e Sousa, 7 - r/c
2500 CALDAS DA RAINHA
Telef.: Resid. 72444
Estab. 23452

TOP MUSIC

Herlander de Andrade
Venda/Aluguer
e Reparação de
instrumentos
musicais



Rua José Tanguinho, 16-r/c Dt.º
Bairro dos Armeiros
n.º 83 2º 21
2500 Caldas da Rainha

CASA VINAGRE

Maria Teresa V. R. Sodas Lopes

Venda e Assistência
Técnica
de Electrodomésticos
Rádio • TV • Vídeo

Rua Emídio Jesus Coelho, 22
n.º 832584
2500 CALDAS DA RAINHA

Equipamentos Musicais, Lda.

AGENTE OFICIAL
PIONEER
o futuro do som e imagem

Rua Alm. Cândido dos Reis, 32
Tel.: 832744 2500 Caldas da Rainha

LISBOA

invista este ano
para os anos
vindouros

INICIE A NOVA DÉCADA COM A REALIZAÇÃO DE UM VELHO SONHO.
ADQUIRA HABITAÇÃO PRÓPRIA, UM INVESTIMENTO DE VALORIZAÇÃO SEMPRE CONTÍNUA.



TEMOS QUALIDADE E CONFORTO PARA LHE OFERECER EM ODIVELAS E OEIRAS

EXPOÑHA-NOS A SUA SITUAÇÃO, ENCONTRAREMOS, PARA O SEU CASO, A MELHOR SOLUÇÃO.
GARANTIMOS-LHE FINANCIAMENTO EM INSTITUIÇÃO DE CRÉDITO



habitação e investimentos

AVENIDA DA REPÚBLICA, 50-B - TEL. 7932283
TELEX 14086 P - FAX: 7932967 - 1000 LISBOA



VITAMEALO PORTUGUESA
RAÇÕES VITAMEALO
FEXPOMALVEIRA/90
R. de Marrila, 151
1900 Lisboa
Tel.: 8586021/5 -
8586020



QUEJO DE QUALIDADE
MONTEMURO
51.º Estádio das Galés
2665 MALVEIRA
TEL.: 985 57 85

COMERCIPOL

TÉCNICA E EQUIPAMENTOS, L.º

Equipamento de salicaria e metadouro

FEXPOMALVEIRA/90
Asseiceira Pequena
Póvoa da Galega
Tel.: 9863244

TRACTOROESTE

AUTOMÉCANICA AGRÍCOLA, LDA.
Concessionário de:
TRACTORES LANDINI
MOTOCULTIVADORES
ALFARMS AGRÍCOLAS
Oficina de Reparação •
Assistência Técnica
Rua Miguel Ferreira, 16 (Junta às Trouxas)
Secção de Peças
Rua José Franco Canas, 11
2665 MALVEIRA • 9862326

B. BANHEIRA

RÁDIO ARREMESSO
SINTONIZE 107.4
BAIXA DA BANHEIRA
TELS. 203 36 35 • 203 06 26

MOITA

RÁDIO CLUBE DA MOITA
COOP. RÁDIO-DIFUSÃO C.R.L.
95.3
A emitir 24 horas por dia

Cervantes • Tel.: 238 53 85/90 239 22 20/90 • Fax 239 20 30 • 2960 MOITA

TOMAR

Artigos de Preço
Agente de Bicycletas ETEL e COSMOS

Casa Josil

BICICLETAS e MOTORIZADAS

2300 Tomar
AV. TORRES PINHEIRO, 96-98

VIDEO CLUBE
• A maior casa de aluguer Video de Tomar
• Novidades todas as semanas
• Venha até nós!
Av. Torres Pinheiro n.º 27
2300 TOMAR
321316

"A Musical FMS"
INSTRUMENTOS MUISCAIS
• Venda de todo o tipo de instrumentos musicais
• Para: festas, arraiais, bailes e concertos ao vivo...
(FH 5)
grupo musical
Rua Antão Joaquim de Araújo n.º 78
2300 Tomar
n.º 31 38 76 - 31 39 50
(estab.) (resid.)

Em 17 concelhos somos nós os CONCESSIONÁRIOS

AUTO ACESSÓRIOS, LDA.
TELEF. 311937 / 47 / 87 / 97
TELEX: 43275

Rua de Coimbra
2300 TOMAR CODEX

COMPRA, VENDA E TROCA OURO - PRATA - RELÓGIOS

OFICINA DE CONSERTOS

OURIVESARIA POPULAR
MANUEL AUGUSTO DE JESUS REIS

Avenida Torres Pinheiro, 17 *
Telefone 312487 * TOMAR

Residencial "KAMANGA"

• 28 Maria de Carmo Rodrigues Dias

Tel.: 238 53 85/90
Rua Maria Francisca de Assis, Lote 2

2300 TOMAR

CLASSIFICADOS — REGIÕES

AMADORA

CASA GARCIA

de: Artur da Silva Garcia

* Produtos apícolas

R. Pedro Escobar, 271
BRANDOA Tel.: 4742698
2700 AMADORA

BATALHA

Hortifacsa, Lda.PRODUÇÃO PLANTAS
FLORESTAIS
E
HORTICOLAS
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
GARANTIDA

Telef. 98282 Vila Facala 2440 BATALHA

BEJA

**CRISPIM DE MENDONÇA
MACEDO & FILHOS, LDA.**ESCRITÓRIO — STAND
R. 5 Outubro, 21 - Fax
29633
N.º S.º das Neves - Tel.
2 31 45
OFICINA — PEÇAS
Av. D. Afonso III
Tel. 2 66 62 - BEJA

ÉVORA

FIALHOFIALHO & IRMÃO, LDA.
Fábrica de Máquinas
e Alfaias Agrícolas
Horta de Barreiros - 7000 ÉVORA
TELS. (068) 2 89 90-2 41 07/8
FAX (066) 22375
TELEX 44076 FIALH-P

LISBOA

SMALTEXTINTAS
VERNIZES
DILUENTESSMAL - Sociedade Mecânica
e Acessórios, Lda.R. S. Sebastião da Pedreira, 29-1.º
☎ 52 10 67 1000 LISBOA**DIESE**
PRODUTOS DIETÉTICOS
LDA.Av. da República,
n.º 46 - r / C
Tel. 767141 LISBOA

MALVEIRA

EAFILApartado 26
Venda do Pinheiro
2665 Malveira
Tel. 986 10 07 / 299 / 460**FAPIL**
Indústria de Escovaria Lda.
Escovaria fina - doméstica e industrial
Vassouras - pincois e similares
Telefs. 986 26 16-986 23 83
End. Teleg. «Fapil»
Telex: 43371 Fapil - Apartado 8
Lamarão
2665 Malveira - Portugal**MELALUX**
FÁBRICA DE PLÁSTICOS
Produce perfil p.º estores e
Pecuária p.º toda a região do
Oeste, Lisboa e Benedita /
Alcobaça
Ao vosso dispor na
PRAÇA DA FÁBRICA
2665 MALVEIRA
Telef.: 987 62 01**ACRAL**
Rações de Qualidade
**Angelo Custódio
Rodrigues & C.º, Lda.**
Armazém de Mercadorias, Cereais e Adubos
Trav. Beatriz Costa
2665 Malveira T. 986 19 93**O Cantinho da Flor**
• Jardinagem
• Flores Naturais
• Coroas, Palmas,
Bouquets
R. Júlia Morais Costa
Vivenda Camarão
VENDA DO PINHEIRO
Tel. 9861488 - 2665 MALVEIRA**BAYER** Domingos Galvão
Júnior, Lda.
CASA GALRÃO
• PESTICIDAS
• AGRO-QUÍMICOS
R. Prof. Armando Lucena
Tel. 986 25 60 - 2665 MALVEIRA**N.R. BATISTA, LDA.**
CONSTRUÇÃO CIVIL
E OBRAS PÚBLICAS
COLOCAÇÃO DE TODA
A QUALIDADE DE MÁRMORES
R. Florêncio José Canas
Tel. 986 30 19
2665 - MALVEIRA**GILOP**
LÍDER NO SECTOR
INTEGRAÇÃO DAS EMPRESAS
ARLOP - GILCARNES - DIONÍSIO
EM TODO O PAÍS AO VOSSE DISPOR
CARNES VERDES - TRANSFORMADAS
POVOA DA GALEGA
2665 MALVEIRA
TELEF. 985 59 49**RENAULT**
JERVINAUTO
Comércio de Veículos e Acessórios, Lda.
Av. José Batista Antunes, 25 e 27
Stand: 986 22 40
Ofic.: 986 16 71/986 12 70
Telefax: 986 32 27
2665 MALVEIRA**ROVITAUTO**
COMÉRCIO
DE AUTOMÓVEIS, LDA.
AUTOMÓVEIS
MITSUBISHI
R. 25 de Abril
2665 MALVEIRA
Telfs: Stand 9862897
Oficina 9862532**MITSUBISHI MOTORS**
O COMERCIAL
PERFEITO
P.º GRANDES
ESPAÇOS
**ARSÊNIO OLIVEIRA
& IRMÃO, LDA.**
AGENTE OFICIAL
Av. 25 de Abril, Lote 10
2665 MALVEIRA
Tel.: 9863323**Jenúbio Jacinto
& Filho, Lda.**
• ENERGIA SOLAR SIEMENS
• EQUIPAMENTOS P.º PISCINAS
• ELECTRO-BOMBAS
• REGA POR ASPERSÃO
• CORTA RELVAS
Rua Movimento Forças Armadas
Rua 25 Abril, 42-44
Tel. 9862579 2665 MALVEIRA

MAFRA

EN
• Construções
• Propriedades
• Urbanizações
CABAZADAS & NETO
compra e venda
Construções, Lda.
Terreiro D. João V,
L1. 37-R / C-D1.º
Telefs. 5 25 83 - 5 31 66 - 2640 Mafra**RESTAURANTE O CANGALHO**
DE ZEFERINO E VALADAS, LDA.
BARRAS - 2665 MALVEIRA - MAFRA**RODAUTA**
CUNHA
& IRMÃO,
LDA.
AGENTE **FEAT**
• Comércio de Automóveis
novos e usados
• Peças e acessórios para
automóveis
R. dos Bombeiros Voluntários, 8
Telef. 5 26 54 2640 Mafra**CRÉDITO GALUCHO**
PRIVILEGIAMOS O SEU INVESTIMENTO
ADOURA JA
COM CONDIÇÕES ESPECIAIS
☎ 01 927 71 80
FAX 01 927 75 94
GALUCHO - INDÚSTRIAS METALMECÂNICAS, SA
(Fundada por José Francisco Justino)
Apartado 345, João Gas Lamas
2711 Sintra, Codex/Portugal
Telef. 927 71 85/Fax (351.1) 9277594
Telex 13058 Galucho P**AGÊNCIA FUNERÁRIA**
ALGUEIRÃO-MEM MARTINS
Gerência de:
LUÍS RODRIGUES
Serviço diurno:
Rua de Fanares, 30-C
2725 Mem Martins
☎ 921 95 75
Serviço nocturno:
☎ 923 37 21**transfibra**
• OVINCULTURA
• BOVINICULTURA
• AVICULTURA
• SILOS
SOMOS ESPECIALISTAS EM FIBRA
Est. Algueirão-Campo Raag
2710 Sintra 923 39 02

TORRES VEDRAS

XAMAR EMPRESA
CONSTRUTORA
DE IMÓVEIS, LDA.
FÁBRICAS DE:
Moldes para Fundição: Bairro Arenas
Tel. 2 25 59 - 2560 Torres Vedras
Pré-Fabricação e Blocos: Palmogal
Tel. 4 28 11 - 2530 Lourinhã - Portugal
ESCRITÓRIO:
Av. Gen. Humberto Delgado, L. 16-1.º
D1.º
Apartado 25 - Tels. 2 29 41-2 40 01
Telex 14896 Xamar P
2560 Torres Vedras - Portugal**TOMIX**
• Lavadoras de alta pressão a água
quente
• Lavadoras de alta pressão a água
fria
• Pulverizadores de turbina
• Pulverizadores rebocáveis
• Electropulverizadores e motopul-
verizadores
UMA INDÚSTRIA PORTUGUESA
A NÍVEL EUROPEU
Rua Cândido dos Reis, 6 - Apart. 33
2561 Torres Vedras Codex Portugal
☎ (061) 25191 (5 linhas)
Telefax (061) 10611 24955 - Telex 14644 TOMIX P

SANTARÉM

PEGRIL
MECANIZAÇÃO PECUÁRIA E AGRÍCOLA, LDA.
PORTELA DAS PADEIRAS
Apartado 152 - Telex 14878
Telefax 20521 - Telefs. 2 21 57-2 08 25
2002 Santarém Codex
CORUCHE
Rua 5 de Outubro, 39 - Tel. 6 28 77**W3 WHITE
and BLACK**
BAR - DISCOPUB
Aberto das 22 às 4 h da manhã
Encerra às 2.ª feiras
Tv. do Freixo, 5 - ALGUEIRÃO
2725 MEM MARTINS
☎ 921 72 78**MÓVEIS GASPARES
em
MORELENA**
A MAIOR EXPOSIÇÃO DO PAÍS
Aberto sábados e domingos
Sede: Rua Penedo Lobo, 7/19
Morelena - 2752 Pero Pinheiro
927 10 01 - 927 10 94
Filial: Av. 1.º Dezembro
2715 Pero Pinheiro 927 19 27**CASA MAGALHÃES**
De:
ANTÓNIO M. O. MAGALHÃES
Compra
Troca
e Venda de
NOVOS E USADOS...
AUTOMÓVEIS, CLARO!
Av. Aviação Portuguesa, 82-B
Loural
2715 Sintra ☎ 923 3452

SERTÃO

TOITORRES
O seu concessionário TOYOTA
no Oeste
VISITE OS NOSSOS STANDS!
EDIFÍCIO TOITORRES
TELS. 251 71 / 251 74
2560 TORRES VEDRAS**INDÚSTRIA DE LACTÍCIOS LDA**
Queijo saloio
TELEF. 25811 PONTE DO SOL
2560 Torres Vedras
QUEIJO REGIONAL
TIPO PRATO
OVELHA PURO
CABRA PURO
*A escolha certa!***JF** JORGE FOLGADO & SANTOS, LDA
ARTIGOS DECORATIVOS
E UTILITÁRIOS
BREVEMENTE NA ZONA
INDUSTRIAL DA SERTÃO
TEL. (074) 61636 - FAX (074) 62177
Av. 25 de Abril - 6100 SERTÃO**R.F. CARDOSO LINDO & BERNALDO, LDA.**
Armazenistas de Louças, Vidros,
Estatuária e Pequenos
Electrodomésticos
Praceta do Pinhal, Lt. 70 - r / c
Tel. 61598
Fax 61310 - 6100 SERTÃO**CONHEÇA O
RESTAURANTE MARIS-
QUEIRA
«PUB DISCOTECA»**
Santo Amaro
Tel. (074) 61504
ST.º AMARO
6100 SERTÃO**R&M**
RIBEIRO & MARÇAL, LDA
RENOVE O SEU
ESTABELECIMENTO
C / TECTOS FALSOS
LUXALON
Rua Defensores da Pátria
Telef. (074) 62215 Telefax (074) 62231
SERTÃO

Tribuna



José Costa

«Doping» regressou

UM novo caso de «doping» é comentado com alguma insistência nos bastidores do futebol nacional. A notícia veio a público adiantando a «novidade», ainda que sem precisar quaisquer nomes ou os clubes a que pertencem.

O «caso» refere-se à 10.ª jornada do campeonato, disputada entre os dias 2 e 3 do corrente mês, e as análises positivas serão duas e de dois atletas do mesmo clube. Junto das entidades competentes, conseguimos saber que o clube em questão já foi notificado para assim poder recorrer à contra-análise.

Todavia, consultando os dados dessa jornada, são cinco os jogos em que o controlo anti-doping funcionou. A saber: Famacão-Sporting (Figueiredo e Ben-Hur, pelos minhos e Douglas e Cadete pelos sportinguistas); V. Setúbal-Benfica (Nunes e Dito e Pacheco e Sousa, respectivamente); Nacional-Marítimo (Paulito e Hélio e Chico Oliveira e Chikabala); Boavista-Penafiel (Hubard e Jorge Andrade e Vasco e Moreira e Sá) e finalmente o encontro Braga-FC Porto (Vitor Duarte e Gama pelos arsenalistas e Fernando Couto e Paille pelos portistas).

A confirmar-se a informação, dois destes atletas foram os «apanhados» nas teias do controlo, numa altura em que o assunto parecia estar adormecido, depois dos polémicos «casos» que o futebol nacional tem vivido. Não demorará muito que os factos sejam tornados públicos, uma vez que o processo, com a entrega das notificações ao clube em questão, já se encontra em fase adiantada, restando, apenas, saber se pedirá ou não as contra-análises. Mas qual será o resultado?

«Não há fumo sem fogo», diz o povo. Nessa medida, o fumo já existe. Será que vai haver fogo? Se assim for, uma coisa nos parece certa: o «doping» voltou ao convívio da 1.ª Divisão Nacional. □

FÓRMULA UM TROUXE EM 1990 UM MUNDIAL DE TODAS AS SUSPEITAS

TERMINADO o Campeonato do Mundo de Fórmula Um de 1990, resta questionar se a forma como o brasileiro Ayrton Senna conquistou o título foi a mais linear. Até que ponto é que a colisão entre a McLaren e o Ferrari de Prost, logo na primeira curva do Grande Prémio do Japão, não terá sido premeditada?

Esta é uma questão que vai certamente atormentar o espírito dos interessados e para a qual só Senna terá resposta.

Foi um campeonato extremamente emotivo e disputado, talvez o mais dos últimos anos. Tudo se decidiu entre Senna e Prost mas, para além deles, Patrese, Boutsen, Mansell e Piquet averbaram vitórias em Grandes Prémios. Várias foram as corridas em que diversos pilotos se bateram de igual para igual e até o jovem Alesi, ao volante de um Tyrrell de modestas aspirações, conseguiu andar no comando de uma prova e conquistar dois segundos lugares. Esta situação foi de certo modo ilusória, pois limitou-se a uma igualdade



Ayrton Senna sempre em foco: na velocidade e nos comportamentos

em termos de luta, pois, no que respeita aos dois primeiros lugares, o domínio foi, efectivamente, da McLaren e da Ferrari, daí o desequilíbrio pontual entre Senna, Prost e os outros pilotos, no final da época. Tratou-se também de um ano em que os pequenos (e os grandes) acidentes foram muito contestados. Muitos foram os «toques» ao longo da época, mas o mais significativo e que mais tempo vai figurar

na nossa memória, foi o que decidiu quem ia ser o Campeão do Mundo de Pilotos. Face a este incidente, a FISA decidiu abrir um inquérito ao comportamento dos pilotos em pista ao longo do ano, e promete sanções mais pesadas para quem provocar acidentes em 1991, numa análise que nem sempre será a mais lúcida. Nota triste, foi a perda de dois pilotos, não porque tenham morrido, mas porque a sua actual in-

capacidade física não permite alimentar grandes esperanças de recuperação. Martin Donnelly deve agradecer o facto de ainda estar vivo ao enorme avanço no desenvolvimento dos sistemas de segurança dos actuais Fórmula Um. O seu Lotus desintegrou-se por completo ao bater nos «rails» de protecção a mais de 250 Km/h, deixando-o prostrado no meio da pista espanhola de Jerez de La

Frontera, com uma grave comoção cerebral e diversas fracturas nos braços e pernas.

Quanto a Alessandro Nannini, jovem italiano da Benetton, quase a atingir o apogeu da sua carreira, sofreu um estúpido acidente de helicóptero, ao tentar aterrar no jardim de casa de seus pais. Ao ser cuspidado do «cockpit», o seu antebraço direito foi decepado por uma pá da hélice. Transportado de imediato ao hospital, foi-lhe reimplantado, numa operação que durou dez horas, com sucesso ainda reservado devido à necessidade de se observar a evolução do caso clínico. Como que em sua honra, a equipa da Benetton redobrou de esforços e, nas duas últimas provas, Nelson Piquet conquistou outras tantas vitórias que não estavam nos seus planos, mas que foram inteiramente merecidas. No que respeita a novidades técnicas, 1990 foi um ano pobre e só os primeiros quilómetros em pista, da nova «arma» da Honda para o próximo ano, o V10 merece verdadeiro destaque. □

J.F.

Ténis internacional Yannick Noah vem a Cascais

Com o objectivo de recolher fundos para suporte de programas humanitários, o Instituto Marquês de Valle Flor organiza a 4 de Dezembro, em Cascais, um Encontro Internacional de Ténis que conta com a participação de Yannick Noah e Juan Aguilera.

O espectáculo, que culmina com uma partida entre as duas estrelas do ténis mundial, inclui um jogo de pares mistos onde participam as portuguesas Tânia Couto e Sofia Prazeres e uma actuação do «Bijou Ténis Show», uma exibição de ténis cómico. Durante o espectáculo, que se realiza no Pavilhão do Dramático de Cascais, será sorteado um automóvel entre a assistência.

Esta iniciativa conta com o apoio de Yannick Noah, pois a família deste administra a organização não governamental francesa «Enfants de la Terre», e é parceira de trabalho do Instituto Marquês de Valle Flor num projecto em S. Tomé e Príncipe de cobertura sanitária.

O projecto abarca um terço da população total do arquipélago e inclui uma equipa médica e uma logística que desempenham as suas funções num hospital de setenta camas e cinco postos sanitários espalhados pelo terreno.

Com a realização desta iniciativa, Portugal tem a oportunidade de ver um jogo de ténis de nível mundial, ao mesmo tempo que apoia uma entidade vocacionada para acções



humanitárias e reconhecida como instituição de utilidade pública.

O programa do espectáculo é o seguinte: Dia 4 de Dezembro — Pavilhão de Cascais: 21h00 - Bijou Ténis Show — Ténis cómico; 21h45 - Jogo de pares mistos: Yannick Noah/Tânia Couto contra Juan Aguilera/Sofia Prazeres; 22h45 - Jogo de singulares entre Yannick Noah e Juan Aguilera. □

Por mais quatro anos Adidas renova com FPF

Celebrou-se recentemente a renovação do contrato entre a Federação Portuguesa de Futebol e a Adidas, marca desportiva que patrocina a selecção nacional. Este novo contrato, agora assinado, tem o seu início no dia 1 de Janeiro de 1991 e tem a duração de quatro anos, incluindo, portanto, o Campeonato do Mundo de 1994.

Com este novo acordo,

entre a Adidas e a FPF, as selecções nacionais de todos os escalões etários utilizarão em exclusivo material Adidas.

Este contrato engloba igualmente todos os árbitros internacionais e de primeira categoria nacional, que utilizarão, em exclusivo, material desta marca alemã, em todos os encontros em que participarem. □

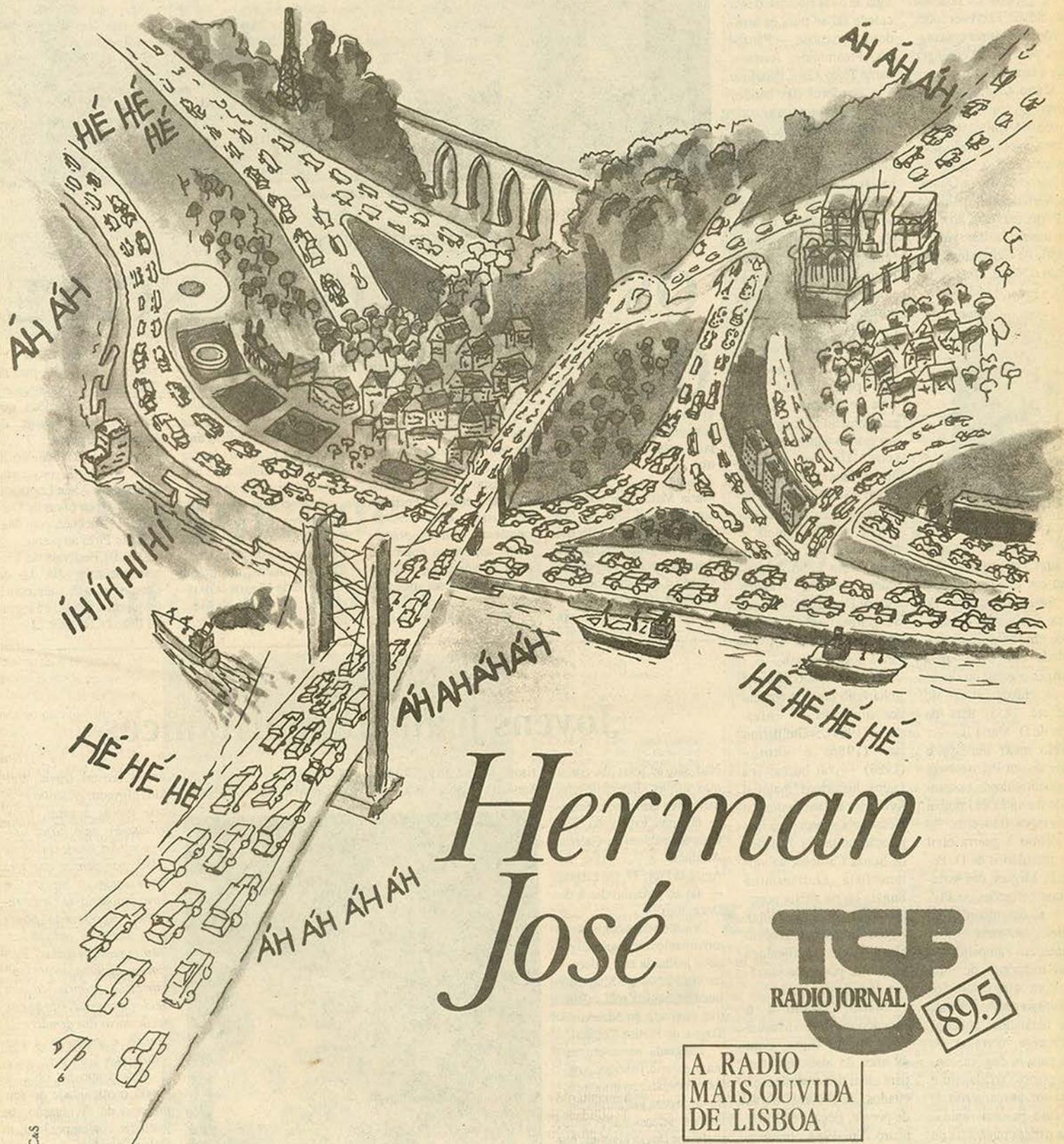
Atletismo em discussão

Com início marcado para hoje, no auditório do Centro de Medicina Desportiva de Lisboa, o seminário intitulado «Administração do Atletismo» vai decorrer até ao próximo dia 2 de Dezembro. Numa organização da Federação Internacional de Atletismo Amador através do seu Centro Regional de Desenvolvimento, este seminário conta, como prelectores, os profs. Jorge Crespo, João Boaventura, João Carlos Lopes, Fernando Tenreiro, entre outros. Por sua vez, os temas em debate, neste seminário, passam pela história, sociologia, comunicação, planeamento, organização federativa, etc.

Presentes estão, também, vários dirigentes ligados às federações dos países de língua oficial portuguesa, para além dos presidentes e secretários-gerais da Federação Portuguesa de Atletismo e das suas associações.

Por outro lado, o grande objectivo deste seminário visa proporcionar momentos em que a transmissão de conhecimentos dê lugar à reflexão e à troca de experiência no âmbito do dirigismo, formando, simultaneamente, uma atitude técnica e humanística. □

7H.50 DA MANHÃ. LISBOA



Herman José

TSF
RADIO JORNAL 89.5

A RADIO
MAIS OUVIDA
DE LISBOA

CC&S

Lido & Relido

A casa

Eduardo Guerra
Carneiro

ESCREVER sobre uma casa pode ser uma maneira própria de falar de uma cidade. Escrever sobre si próprio pode ser uma maneira peculiar de abranger toda a humanidade.

Mário Cláudio, ao escrever o seu último romance, «A Quinta das Virtudes», agora editado pela Quetzal, está a contar as memórias da Casa e Quinta das Virtudes, um palacete do Porto, mas está, ao mesmo tempo, a dar vida à história da Cidade Invicta e a todo o Norte, afinal.

MÁRIO CLÁUDIO

A QUINTA DAS VIRTUDES



«A Quinta das Virtudes», de Mário Cláudio, nas suas 378 páginas, divididas em dez capítulos, é um fresco da capital do Norte, partindo do particular de uma casa solarenga, fundada em 1757, para abranger o geral do dia-dia da cidade, afinal do país, até 1853, data da morte de D. Maria II.

Pelo meio sente-se o rumor de um Portugal em movimento, desde os tempos do marquês de Pombal às invasões francesas; do liberalismo à guerra civil entre partidários de D. Pedro e D. Miguel; dos exilados nos barracões de Plymouth ao desembarque no Mindelo, ou, mais correctamente, em Pampelido.

As memórias de uma casa, com lojas e sobrelas, quintais e tulhas cheias, perus natalícios, bêbedos de jeropiga, carradas de lenha para os fogões, rendas e pianos, criadagem e senhoritos, as memórias de uma casa passam rapidamente para as memórias de uma cidade, com Santo Ildefonso ou Cordoaria, São Bento da Vitória ou Mira-gaia, Fonte Taurina ou Cedofeita, São Lázaro ou

Monte Córdova, a cadeia da Relação ou Santo Ovídio.

E, da cidade, urbe cinzenta e negra, cravejada de azulejos a brilharem entre o nevoeiro, o rio Douro, espesso e cor de chumbo, a ligar as duas ribeiras, dessa cidade sai-se para os arredores nortenhos — Fânzeres, Freamunde, Avintes, Santo Tirso, Gaia, Penafiel. São arredores das bandas minhotas, por passou o alvorço da Maria da Fonte, ou arredores de mais serranias ou mais mar: para as barras da Póvoa ou de Aveiro; para os cerros com neve do Marão ou do Gerês. Há robertos a pontuarem páginas, prédios rústicos ou urbanos, canastros arruinados, botequins e bordéis, lordes e carroceiros. Todo o livro de Mário Cláudio, este notável «A Quinta das Virtudes», editado pela Quetzal, com capa de Rogério Petinga, está construído como se de um grande folhetim se tratasse. Daí os curiosos títulos dos capítulos. A saber: «São Tiago da Carreira»; «Um Capitão Barroco»; «Casa, Quinta e mais Virtudes»; «Os Franceses»; «Um Filho Arrevesado»; «Ahimê»; «Uma Cidade Dividida»; «Os Estrangeiros»; «Os Construtores do Jardim»; «A Varanda dos Suicidas».

Mário Cláudio, como já tinha feito em três romances anteriores — «Amadeo» (1984); «Guilhermina» (1986) e «Rosa» (1988) — vai buscar aos factos históricos material forte para as suas fantasias. Nessas obras procurou inspiração no pintor Amadeo de Souza Cardoso, na violoncelista Guilhermina Suggia ou na artista popular do barro Rosa Ramalho. Agora foi agarrar inspiração a uma casa solarenga do Porto, por onde passaram familiares seus.

Mário Cláudio é o pseudónimo de Rui Manuel Pinto Barbot Costa. Com 49 anos de idade é autor, para além dos romances já citados, de diversas obras de poesia, ficção, ensaio e teatro. Em 1985 obteve o Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores pelo seu livro «Amadeo». □



O grupo de teatro catalão «Els Comediants» apresenta uma criação colectiva sobre a noite

III FESTIVAIS DE LISBOA

OS FEITIÇOS DA NOITE

OS III Festivais de Lisboa, uma iniciativa da Câmara Municipal, prosseguem até 14 de Dezembro, com espectáculos de dança, jazz, música clássica e teatro.

Amanhã, às 21 e 30, no Maria Matos, vai ser apresentado «La Nuit» («A Noite») criação colectiva teatral do grupo catalão Els Comediants. Repetição sábado e domingo, no mesmo local e à mesma hora.

Els Comediants já esti-

veram em Lisboa, em Julho passado, onde apresentaram «Dimonis» («Os Demónios»), ao ar livre, na Praça do Comércio, um espectáculo de luz e som, fogo de artifício, com envolvimento total dos assistentes.

Desta vez o grupo catalão traz a estes III Festivais de Lisboa «um livro-espectáculo, uma alegoria da noite, uma farsa fantástica para noctívagos», referem os organizadores do certame.

E adiantam: «Do

crepúsculo ao nascer do dia, o espectáculo recorre aos mistérios e feitiços da noite. A sua paisagem são mundos de sombra, itinerários de sonho. A noite mediterrânica que guarda vivas lendas fabulosas habitadas por duendes, bruxas e sereias.»

Apresentado pela primeira vez em 1987, este espectáculo vem juntar-se a muitos outros do historial de Els Comediants, um grupo com mais de 15 anos de existência, tal como «Alé», apresentado em Lisboa, em

1985. Domingo, 2 de Dezembro, às 21 e 30, mas no Teatro S. Luís, vai actuar a Orquestra de Bordérs, que irá interpretar obras de Brahms e de Mahler. Terça-feira, dia 4, também no S. Luís, a mesma orquestra, dirigida por Alain Lombard, vai interpretar obras de Shumann e Bruckner, com Maria João Pires ao piano.

Os III Festivais de Lisboa encerram dia 14 de Dezembro, no S. Luís, com a Orquestra do Porto e a soprano Ileana Cotrubas. □

Na Artefacto 3

Jovens joalheiros britânicos

Não são as jóias da coroa mas sim as jóias de jovens joalheiros britânicos. Trata-se de uma exposição, patente ao público na Galeria Artefacto 3 — Trav. da Água da Flor, 37, em Lisboa — até ao próximo dia 5 de Dezembro.

Visando dar a conhecer o movimento internacional da nova joalheria está a decorrer em Lisboa o I Simpósio Internacional da Jóia, iniciativa conjunta do Museu do Traje e do British Council.

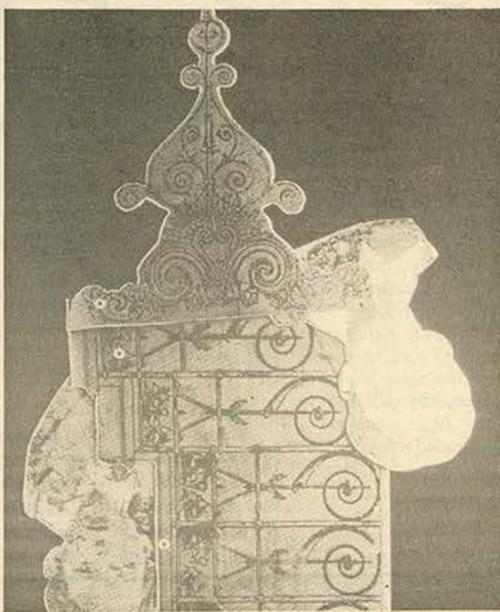
Integrada neste programa a galeria lisboeta Artefacto 3 organizou uma mostra de jovens joalheiros britânicos, seleccionados pelo professor David Watkins, do Royal College of Art de Londres.

Os artistas escolhidos foram: Mike Abbott, Malcolm Betts, Zuzanna Mor-

ison, Janet Perry, Gordon Stewart, Esther Ward e

Maria Wong.

Comentando o trabalho



destes artistas David Watkins afirmou: «Escolhi estes sete jovens artistas, todos graduados pelo Royal College of Art desde Julho de 1988, por pensar que eles representam o melhor da nova joalheria da Grã-Bretanha, expressando direcções únicas e individuais. Não seguem «escolas» mas sim uma orientação pessoal, expressão própria do seu modo de sentir. É isto que os faz destacar dos demais e dá sentido e distinção à sua joalheria.»

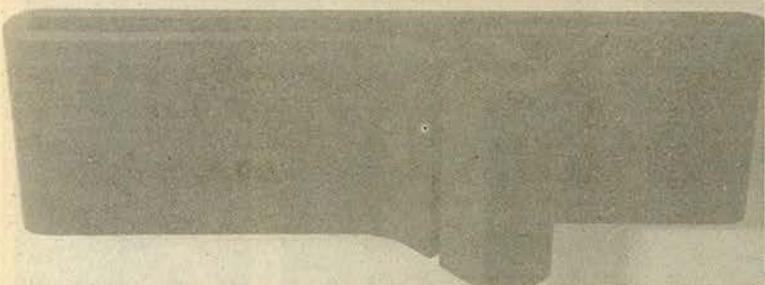
Para o ano de 1991, e dando continuidade ao seu projecto de divulgação da joalheria contemporânea, a Galeria Artefacto 3 vai apresentar, em Fevereiro, joalheria norueguesa e, em Março, uma exposição individual do artista italiano Paolo Marcolongo. □

ARMANDO ALVES NA NASONI «OBJECTOS» DE ARTE

UMA nova exposição de Armando Alves é hoje à noite inaugurada na Galeria Nasoni, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 9-A, em Lisboa. Referem os responsáveis da galeria que «a obra exposta é diferente daquela que se tem podido ver nos últimos anos». Na mostra reúnem-se trabalhos concebidos em 1969 e 1970. São reunidos «por razões de poética, de estilística e de significado». Armando Al-

ves, natural do Alentejo, há muitos anos que está radicado no Porto, onde desenvolveu uma intensa actividade, não apenas como pintor de reconhecidos méritos, mas também como artista gráfico. Foi responsável por alguns dos projectos editoriais mais inovadores dos últimos 30 anos. «Estruturas elementares, estáveis ou instáveis, são igualmente estruturas de uma universalidade indelével pelo que não surpreende manie-

rem, acima de espaços e de tempos, um poder de sedução intoxicado. Sedução a que não será estranho o facto de uma depuração, a sua, ser categórica afirmação contestadora de excessos barrocos, excessos informadores de uma boa parte da produção artística portuguesa actual.» Assim afirmam os responsáveis da Masoni, a propósito desta nova exposição de Armando Alves, intitulada «Objectos 1970/90». □



Um dos «objectos» artísticos de Armando Alves, a partir de hoje expostos na Galeria Nasoni de Lisboa

Na Galeria da RTP

Pintura de António Sem

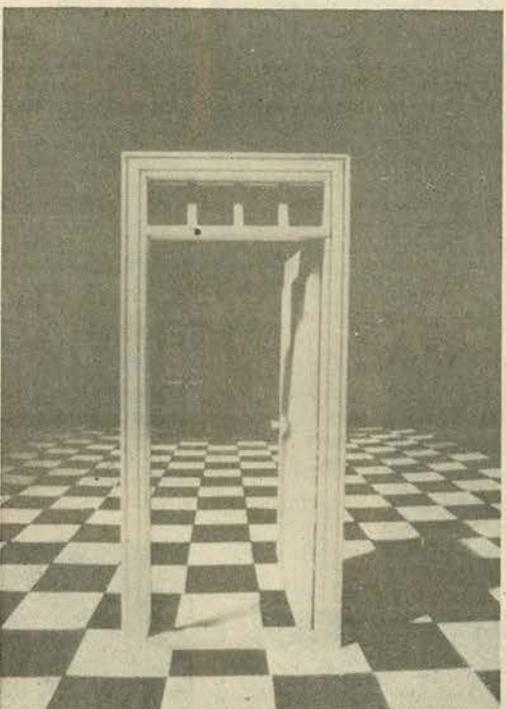
«Percursos» é o título de uma exposição de pintura de António Sem. Vai ser inaugurada no próximo dia 5 de Dezembro, na Galeria de Arte da Casa do Pessoal da RTP — Rua Laura Alves, 2, em Lisboa.

«Percursos são tempos de transfiguração, não apenas nas formas mas também nos sons, nas palavras, nos gritos, nas vozes humanas, em suma, segredos presentes em tempo de mudança», afirma o pintor, a propósito desta mostra.

Nascido em 1945, em Algueirão, Sintra, António Sem frequentou diversos ateliers de pintores já consagrados.

Data de 1970 a sua primeira exposição. De 1970 a 1983, dedica-se a outros sectores da vida cultural. Retomou a pintura em 1983, com presença de relevo em exposições individuais e colectivas, no País e no estrangeiro.

António Sem é detentor da medalha de ouro e perga-



Pintura de António Sem

minho artístico no XX Concurso Mundial de Artes e Letras da Academia de Pont-

zen, Nápoles. A mostra está patente ao público até 21 de Dezembro. □

Televisão

HOJE

RTP / Canal 1

- 09.00 Abertura
- 09.01 Bom Dia
- 10.00 Rua Sésamo
- 10.30 Ponto de Encontro
- 11.55 Culinária
- 12.10 Top Model
- 13.00 Jornal da Tarde
- 13.25 Bolsa Dia a Dia (Porto)
- 13.27 O Tempo
- 13.30 Bairros Populares de Lisboa (Alto de São João)
- 13.55 Divulgação Institucional
- 14.00 Primeira Matiné: «Intriga em Família» de Alfred Hitchcock
- Blanche Tyler é uma «medium» que sabe surpreender os seus clientes com associações baseadas em informações recolhidas pelo seu companheiro, George Lumley. Ao fingir comunicar com a irmã, já falecida, de Julia Rainbird, Blanche vem a saber que, há quarenta anos, Julia a forçou a abandonar o seu filho ilegítimo, estando agora disposta a pagar dez mil dólares para o reencontrar. George coloca-se em campo para saber onde pára aquele que tem direito a uma fabulosa herança.
- 16.05 Ponto por Ponto
- 16.50 Cidades com Metro
- 17.15 Brinca Brincando (Os Segredos de Mimix, Super-Rato, Tom e o Traquinas, Grupo do Drácula e Caderno Diário)
- 18.15 Rua Sésamo
- 18.35 Divulgação Institucional
- 18.40 Roda da Sorte
- 19.20 Boletim Agrário
- 19.30 Telejornal
- 20.00 Bolsa Dia a Dia (Lisboa)
- 20.05 O Tempo
- 20.15 Tieta
- 21.15 Desenhos Animados/Boa Noite
- 21.25 Euronico
- 22.15 Twin Peaks
- 23.10 24 Horas
- 23.40 O Tempo
- 23.45 Remate

RTP / Canal 2

- 11.00 Mira Rádio
- 12.00 Abertura
- 12.02 A Força Astral
- 12.25 Documentário
- 12.40 Filhos e Filhas
- 13.05 Jerry Lewis
- 14.00 Primeiro Jornal (Inclui: O Tempo)
- 14.30 Agora, Escolha!
- 15.55 Aventura
- 16.20 A Ilha das Borboletas
- 16.45 Recreio do 2 (Cristal Tipps e Allistair, Uma Pequena Maravilha)
- 17.30 Eterno Feminino
- 18.35 O Menino Douor
- 19.00 Ti-Ti-Ti
- 19.25 Circo
- 19.45 Via Rápida
- 20.00 Regiões Magazine
- 20.45 Dick Tracy
- 21.00 Jornal das Nove (Inclui: O Tempo)
- 21.30 Dramazine Especial
- 21.55 Fora de Jogo
- 22.55 Cine Clube: «Uma Questão de Vida ou de Morte», de Michael Powell e Emeric Pressburger Fábula fantástica e delirante sobre a situação desesperada de um homem que devia ter morrido e sobreviveu por negligência do além tendo agora de lutar pelo seu direito à vida em duas dimensões, no tribunal do outro mundo e na mesa de operações deste, servindo-se apenas do argumento do amor para sustentar as suas pretensões. Uma questão de vida ou de morte é, por um lado, uma fantasia fascinante e deslumbrante na sua construção visual e cénica e simultaneamente uma complexa e rica parábola política e metafísica.
- 00.40 O Tempo

SEXTA

RTP / Canal 1

- 09.00 Abertura
- 09.01 Bom Dia
- 10.00 Rua Sésamo
- 10.30 Ponto de Encontro
- 11.55 Culinária
- 12.10 Top Model
- 13.00 Jornal da Tarde
- 13.25 Bolsa Dia a Dia (Porto)
- 13.27 O Tempo
- 13.30 Sem Legendas (Clubíssimo)
- 14.25 Divulgação Institucional
- 14.30 Primeira Matiné: «FM», de John A. Alonzo
- Problemas numa estação de rádio de frequência modelada, que recusa submeter-se a pressões comerciais. Os seus animadores não estão dis-

postos a aceitar interferências que afectem a independência que seguem na linha de programação. A estação OSKY (é esta a designação), instalada em Los Angeles, é extraordinariamente apreciada graças a essa programação e os seus profissionais não querem alterar o estilo que lhe imprimiram.



Hanna Schygulla, em «Lili Marlene», para a Noite de Cinema, de domingo.

admiravelmente servido pela mais sofisticada tecnologia do cinema que nos seus espantosos efeitos especiais e visuais é na verdade um filme soberbo.

RTP / Canal 2

- 11.00 Mira Rádio
- 12.00 Abertura
- 12.02 Universo Juvenil
- 12.25 Documentário
- 12.40 Filhos e Filhas
- 13.20 Armação Ilimitada
- 14.00 Primeiro Jornal (Inclui: O Tempo)
- 14.30 Agora, Escolha!
- 15.55 O Mundo do Coral
- 16.20 Novos Horizontes
- 16.45 Recreio do 2 (Crystal Tipps e Allistair, Bia a Pequena Feiteira)
- 17.30 Eterno Feminino
- 18.35 Charlott
- 19.00 Ti-Ti-Ti
- 19.25 Circo
- 19.45 Via Rápida
- 20.00 Nunca Mais é Sábado
- 20.45 Dick Tracy
- 21.00 Jornal das Nove (Inclui: O Tempo)
- 21.30 A Tenda dos Milagres
- 22.10 Rotações
- 23.10 Pop-Off
- 23.35 As Teias da Lei
- 00.20 O Tempo

SABADO

RTP / Canal 1

- 09.00 Abertura
- 09.01 À Mão de Semear
- 09.25 Canal Jovem: (Flinstones, O Urso Yogi, O Castelo Fantástico, Miúdos e Cã, Transformers, Lucas-Mais Certo Que Sem Duvida, Acontecimentos, Ld.)
- 13.00 Encontro à Uma
- 13.50 O Tempo
- 13.55 Os Melhores Anos
- 14.20 The Wall (II Parte)
- 15.15 Grandes Viagens
- 16.10 Desenhos Animados
- 16.20 Primeira Matiné: «Duelo ao Sol», de King Vidor.
- Western épico e grandioso, Duelo ao Sol foi um dos maiores sucessos comerciais da carreira de King Vidor e talvez a obra que mais tinta fizesse correr de toda a filmografia do grande cineasta americano.
- 18.30 Fogo Grego
- 19.00 Hooperman

- 19.25 TVER
- 19.35 Boletim das Pescas
- 19.45 Totoloto
- 20.00 Jornal de Sábado
- 21.15 O Tempo
- 21.20 Desenhos Animados/Boa Noite

21.30 Napoleão e a Europa

22.30 Casa Cheia

23.20 Tanamera

00.10 O Tempo

00.20 Última Sessão: «Viagens Alucinantes», de Ken Russell.

Uma mescla de filme fantástico, fantasia de horror e história de amor contrada nas experiências de um jovem investigador universitário que assume o estatuto de cobaia numa série de investigações sobre as metamorfoses do espírito que o levam quase à perda da sua realidade física.

RTP / Canal 2

- 09.00 Abertura
- 09.02 Circo
- 10.15 Fora de Horas
- 10.55 National Geographic
- 11.50 Forum Musical
- 13.05 Agarra o 2 (O As do Espaço, O Conde Patrúcula, O Homem da Atlântida)
- 14.05 Cine-Sábado: «Os Piratas», de Roman Polanski.
- Regressando às atmosferas da comédia num filme misto de aventuras, romantismo e clara evocação da memória do cinema, Polanski em Piratas constrói uma movimentada e sinuosa paródia cujo principal fascínio assenta na grande interpretação desse espantoso comediante que é Walter Matthau.
- 16.00 Estádio
- 18.30 Jornal de Fim-de-Semana (Inclui: O Tempo)
- 19.00 A Arca de Noé
- 19.45 Clube Paraiso
- 20.35 Tauromaquia
- 21.00 Estádio
- 23.40 Musical: Cole Porter — «Red Hot e Blue»
- 01.10 O Decálogo (Último episódio)
- 02.05 O Tempo

DOMINGO

RTP / Canal 1

- 09.00 Abertura
- 09.01 Canal Jovem (A Pandilha do Tomé, Os Cavaleiros do Espaço, Bobobobs, Liberato — O Rato dos Livros)
- 11.30 Eucaristia Dominical
- 12.30 70x7
- 13.00 Notícias
- 13.10 O Tempo
- 13.15 Os Gophers
- 13.40 Fronteiras
- 14.30 Mapa Cor de Rock
- 15.20 Primeira Matiné: «Fuga no Século XXI», de Michael Anderson.
- Filme voltado para a antecipação que se serve de múltiplas referências, que vão de H. G. Wells a Huxley passando por Orwell e sobretudo por uma série de pessimistas visões de antecipação que lhe estão próximas na época da sua produção como a Beira do Fim, Rollerball ou Zardoz.
- 17.20 Que família
- 17.45 Regresso ao Passado
- 18.55 McGyver
- 20.00 Jornal de Domingo
- 20.45 O Tempo
- 20.50 Desenhos Animados/Boa Noite
- 21.05 Kananga do Japão
- 22.30 Domingo Desportivo
- 23.50 O Tempo
- 23.55 Controvérsias

RTP / Canal 2

- 09.00 Abertura
- 09.02 Outras Músicas
- 11.00 Caminhos
- 11.30 Agarra o 2 (Lentes de Contacto, Quem Sai aos Seus...)
- 12.30 Competir
- 13.00 Troféu
- 18.05 Vida Nova
- 19.00 Nós 2 (Inclui: O Tempo)
- 20.00 A Embaixada em Londres
- 20.50 Palavra Puxa Palavra
- 21.35 Artes e Letras (Cole Porter)
- 22.25 Noite de Cinema: «Lili Marlene», de Rainer Werner Fassbinder.
- Um melodrama, no melhor sentido do termo, que Fassbinder transforma em mais uma das suas espantosas e originais visões da Alemanha, o grande tema de todos os seus filmes. Desta vez, centra-se na trajectória acidentada e dramática de uma mulher disposta a sobreviver a tudo e todos, num universo em total desagração, acabando por nos dar um retrato fascinante, envolvente e amargo da Alemanha nazi revisitada e recriada, pelo olhar visionário de um dos maiores autores alemães deste século.
- 00.25 O Tempo

COCKTAIL NA EMBAIXADA DA ÁFRICA DO SUL

Os embaixadores da África do Sul, Manda e Carel Wessels, ofereceram um *cocktail*, na sua residência na Lapa, para dizer o adeus a Portugal.

Vão regressar ao seu país e assumir novo posto diplomático. Manda e Carel é a segunda vez que estão em Portugal, na missão diplomática, onde fizeram boas amizades entre os portugueses.



Maria Guadalupe

Nesta recepção, além do corpo diplomático, estiveram entre os convidados, o general Kaulza de Arriaga, o secretário de Estado da Emigração, Correia de Jesus, D. Duarte Duque de Bragança, comandante Homem de Gouveia e mulher, governador civil de Lisboa, dr. Moura Guedes, António Belo, condes de Nigra, e tantos outros bem conhecidos da vida social do nosso país. □



Os embaixadores da África do Sul, Manda e Carel Wessels



Manuela Aguiar e o embaixador da África do Sul, Carel Wessels



O beijinho de despedida do embaixador da Grécia



O deputado Rui Gomes da Silva e Horácio Roque



Comandante Homem de Gouveia e Bob Schuler



Os embaixadores da África do Sul com D. Duarte, Duque de Bragança



António Belo e general Kaulza de Arriaga

Produtos René Guinot lançam nova gama

O representante exclusivo para Portugal da gama dos produtos René Guinot, António Higinio, organizou um almoço, no «grill» do Hotel Ritz, para os órgãos da comunicação social e clientes.

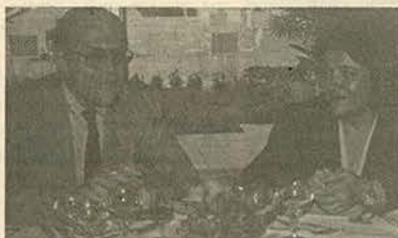
A nova gama destes produtos para tratamento do corpo é apresentada com todos os restantes da marca em «testeur — Conseil» nas diversas lojas e locais de venda. Assistiu a este almoço o director de *marketing* da René Guinot, Patrick V. D. Vynck. □



O anfitrião António Higinio com a jornalista Palmira Correia



Isabel Pires de Carvalho, do «Correio da Manhã», e Marília Afonso, esteticista de renome, durante o almoço oferecido pelo representante da René Guinot

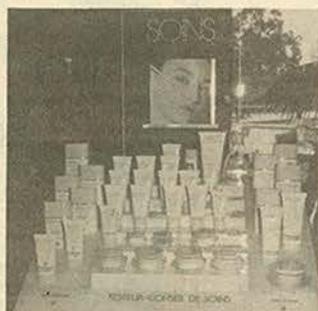


Patrick V. D. Vynck e Mary Carmen Muñoz



António Higinio, Marília Afonso e Adolfo Nogueira

Cristina Ramito, Patrick V. D. Vynck, António Higinio e eng.º António Taveira, administrador da Polimaia



Os novos produtos René Guinot



DASLU É TOQUE DE DISTINÇÃO

DASLU é uma marca que existe há quase 30 anos no mercado brasileiro com enorme sucesso, não só pela indiscutível qualidade dos tecidos e *design* das suas criações, como tam-

bém pela sua própria filosofia de vendas.

Agora Daslu está em Portugal, situada na Rua do Patrocínio, entre a Estrela e a Lapa, dois bairros antigos e «especiais» de Lisboa.

A arquitectura da casa

foi conservada na fachada e no interior para manter a classe, beleza e distinção de origem.

O interior é formado por seis salas, nas quais se distribuem, por estilo e cor, os modelos Daslu. Um anti-

go lustre veneziano aquece o ambiente do salão destinado aos vestidos de noite. Um ambiente mais leve envolve a *lingerie* e o *sportswear*.

A Daslu é também uma loja «fechada», sem mon-

tras para a rua e onde cada cliente é uma visita amiga. O clima é o de uma casa onde se pretende que dê gosto estar como se se tratasse de uma casa «conhecida».

Os modelos Daslu rara-

mente são exagerados no desenho ou nas cores. Nada de brilhos ou efeitos superficiais durante o dia. A simplicidade é fundamental. «A roupa não deve chamar mais a atenção do que a pessoa que a veste». □

«Le Jardin» o aroma

Seja original nos seus presentes de Natal e ofereça o perfume floral e romântico «Le Jardin de Max Factor».

Duas sugestões para um presente perfumado: Time for Romance — *eau de toilette*, 10 ml., apresentada em embalagem especial para Natal;

Heavenly Moments — estojo contendo uma *eau de toilette*, 10 ml., um gel para banho e uma loção perfumada para o corpo, ambas com 50 ml., e dois sabonetes com motivos florais.

Com «Le Jardin» o romance, a magia e a fantasia floral nos seus presentes de bom gosto. □



Evita Peroni

Ecologia é a palavra-chave, de volta à vida, à natureza, à família. Trata-se do grande regresso dos anos 90 a tudo o que é natural, simples e rústico.

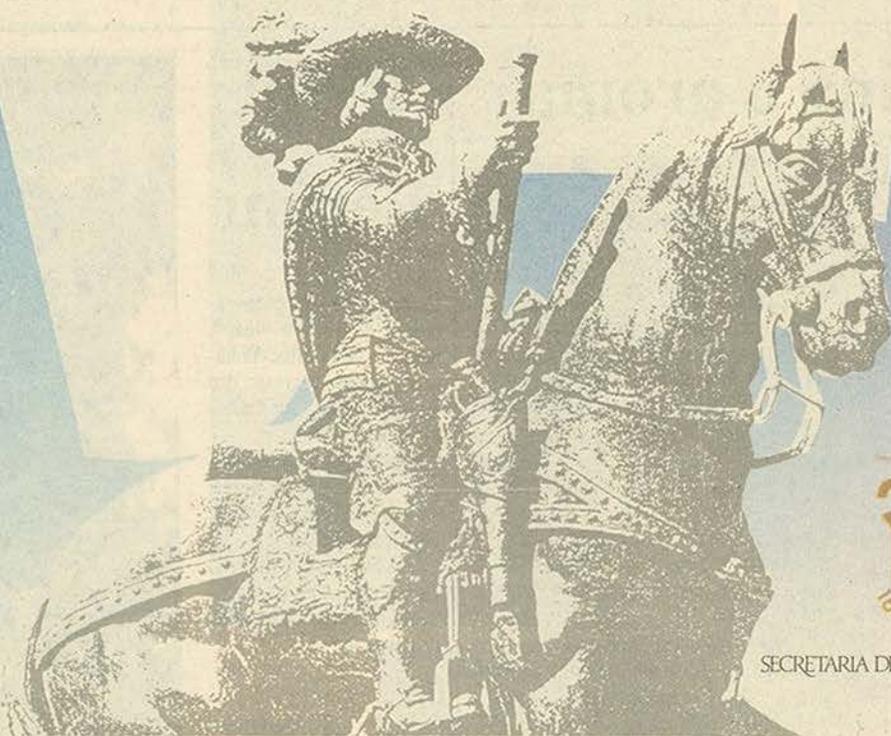
As cores são as da natureza: castanhos e ocres; verdes e amarelos quentes; *bordeaux* e rosas.

Os eternos clássicos do Outono/Inverno.

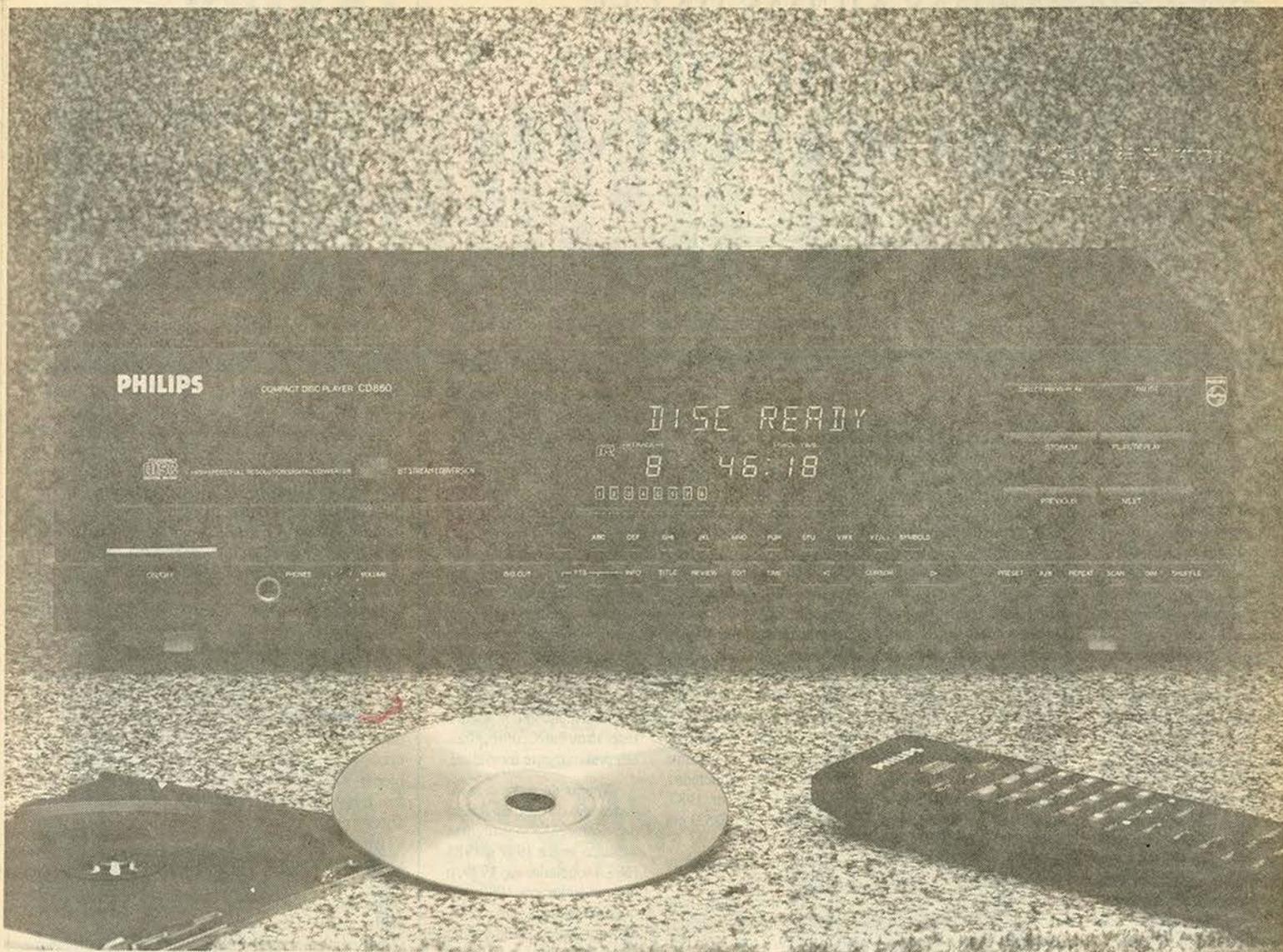
Evita Peroni, a bijuteria dos anos 90. □



350 ANOS
DA RESTAURAÇÃO
DA INDEPENDÊNCIA
1 DE DEZEMBRO DE 1990



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA



O Maior Acontecimento na História do CD Desde o Aparecimento do CD.

► A PHILIPS fez história ao inventar o CD. ► Agora, volta a dar um grande passo em frente ao aperfeiçoar a reprodução do som. Chamamos-lhe Bitstream. ► Esta inovação — disponível no leitor de **CD PHILIPS 850** — revoluciona os meios de conversão do som digital original em som audível. ►

► **Um só bit é melhor.** ► O CD PHILIPS 850 utiliza uma inovadora tecnologia de conversão D/A — as filtragens são implementadas digitalmente e a sobre-amostragem é de 256 vezes. ► Embora simples a



tecnologia Bitstream produz resultados espectaculares. ►

► **Aprovação imediata.** ► A diferença é imediatamente perceptível. ► Vozes mais claras e distintas, baixos mais profundos e o som estereofónico optimizado. ► Sim, o sistema Bitstream é um impressionante avanço tecnológico. ► Recentemente ganhou o "Technology Award", prémio atribuído por uma revista japonesa da especialidade. ► Para ouvir mais, visite um Distribuidor PHILIPS e ouça o som do CD 850. ► Você vai concordar connosco. ► O Bitstream é mesmo muito grande. ◀

Tecnologia com estilo

PHILIPS



APESAR DAS AJUDAS DA CEE RESERVAS DE OURO CONTINUAM A DIMINUIR

O governador do Banco de Portugal, Tavares Moreira, reiterou, recentemente, a sua recusa em fornecer novos elementos sobre o caso dos 18 milhões de contos em reservas de ouro do Banco de Portugal depositados na Drexel Trading de Nova Iorque, empresa em processo de falência. O pedido foi-lhe formulado pelo deputado Manuel dos Santos, do PS, nos termos regimentais e legais.

Aquele deputado socialista também viu recusado o acesso ao relatório interno efectuado pelo Banco de Portugal para apuramento das condições em que aquela desastrosa operação foi efectuada.

Tavares Moreira continua também a assumir, como governador do banco, toda a responsabilidade naquela operação, sublinhando em documento a que o «Tempo» teve acesso que, tal como já afirmara em reunião à porta fechada em que participou com a Comissão Parlamentar de Economia e Finanças, «quaisquer que fossem as consequências, a responsabilidade face ao exterior — Governo, outros órgãos de soberania e opinião pública — era assumida inteiramente pelo Conselho de Administração do banco e, claro está, pelo seu governador».

Continuam, assim, por esclarecer as condições em que aquela operação foi efectuada, bem como os seus responsáveis. Sabendo-se dos aspectos ilegais de que se revestia a gerência da Drexel Trading de Nova Iorque,

A N O	MERCADO EXTERNO			MERCADO NACIONAL			(*) POR DIFERENÇA	SALDO FINAL	EFFECTO A EMPRESAS
	COMPRAS	VENDAS	SALDO	COMPRAS	VENDAS	SALDO			
1975	865.9	0.0	4.0	-4.0			0.2	862.1	82.8
1976	862.1	0.0	0.0		1.3	-1.3	0.0	860.8	307.3
1977	860.8	1.6	109.0	-107.4			3.5	749.9	364.6
1978	749.9	0.8	62.2	-61.4	2.1	2.0	0.1	688.4	208.7
1979	688.4	0.6	0.0	0.8	0.8	1.6	-0.9	688.4	64.1
1980	688.4	0.0	0.0	0.0	1.8	0.7	1.1	689.5	13.3
1981	689.5	0.0	0.0	0.0	0.6	1.5	-0.9	688.6	4.8
1982	688.6	0.0	0.0	0.0	0.7	2.2	-1.5	687.1	
1983	687.1	0.0	49.6	-49.6	0.4	2.3	-1.9	635.6	30.8
1984	635.6	0.0	3.5	-3.9	0.8	1.3	-0.5	631.3	23.4
1985	631.3	0.0	0.0	0.0	0.6	2.7	-2.1	629.1	
1986	629.1	0.0	0.0	0.0	4.5	2.5	-2.0	627.0	
1987	627.0	0.0	0.0	0.0	0.2	3.2	-3.0	624.0	
1988	624.0	4.5	0.0	4.5	0.2	3.8	-3.6	625.0	
1989	625.0	1.1	0.0	1.1	0.1	2.2	-2.1	624.0	
T O T A L	8.8	228.7	-219.9	8.8	30.8	-22.0	0.0		

(*) Arredondamentos e possível "discrepancia estatística"

que, que já conduziram à condenação do seu presidente, os socialistas não afastam a hipótese da existência de ilícitos criminais nesta operação, ilícitos que só com o conhecimento do referido relatório podem ser apurados. Entretanto, o «Tempo» averiguou que a reserva de ouro do Banco de Portugal tem continuado a baixar nos últimos anos, apesar das enormes ajudas financeiras recebidas por Portugal da CEE e da conjuntura económica internacional ser, desde 1985, particularmente favorável à economia portuguesa.

O «Tempo» teve acesso a um documento do Banco de Portugal que traça, claramente, a situação actual nesta matéria e que reputamos de muito significativo sobre o ponto de vista do «estado de saúde» das finanças portuguesas.

Assim, desde 1985, ano da chegada ao poder do actual primeiro-ministro, Cavaco Silva, as operações com a reserva de ouro do Banco de Portugal, conta

«Mercado Externo», revelam uma descida, lenta mas contínua, do saldo inicial daquela conta, que passou de 631.3, em 1985, para 625.0 toneladas em 1989.

Entre 1985 e 1989, o saldo inicial, em toneladas de ouro, da conta «Mercado Externo», teve a seguinte evolução: 629.1 toneladas, em 1986; 627.0 em 1987; 624.0 em 1988 e 625.0 em 1989.

Também no que se refere à conta «Mercado Nacional» a evolução tem sido idêntica: o saldo final que era de 629.1 toneladas em 1985, desceu, sucessivamente, para 627.0 em 1986; 624.0 em 1987; 625.0 em 1988 e 624.0 em 1989.

De salientar que, entre 1985 e 1989, apenas em 1988 e 1989 foram feitas aquisições de ouro no mercado externo; em 1988 foram adquiridas 4.5 toneladas e, em 1989, 1.1 toneladas (operação quase simbólica).

No mercado nacional, as vendas de ouro têm registado também uma tendência para a subida e as compras

praticamente não têm existido.

De referir, ainda, que em 1975 e 1989 as reservas de ouro baixaram de 865.9 toneladas em 1975 para 625.0 toneladas em 1989.

Entre 1975 e 1978 o nível das reservas

manteve-se praticamente estacionário, começando a baixar, significativamente, apenas a partir de 1978, ano em que aquela reserva se situou em 749.9 toneladas.

A crise internacional do início dos anos 80 afectou a reserva de ouro, como, aliás, era praticamente inevitável.

Apesar de tudo, o nível da reserva de ouro do Banco de Portugal manteve-se idêntico, entre 1979 e 1983 (688.4 toneladas em 1979, o mesmo valor em 1980; pequenas subidas em 1981, ano em que o saldo foi de 689.5 toneladas e ligeiras baixas em 1982 (688.6 toneladas) e em 1983 (687.1 toneladas).

A reserva de ouro só baixa, e substancialmente, a partir de 1984.

Importa ainda ter em consideração, repetimos, que o Banco de Portugal continua a não saber ao certo se poderá recuperar ou não o depósito de reserva de ouro de 18 milhões de contos, feito na referida Drexel Trading. □

A SITUAÇÃO PREOCUPA EM PORTUGAL

«MARKETING» ECOLÓGICO CAUSA PERIGOS QUÍMICOS

Na Suécia, as populações estão a ser alertadas para os perigos do chamado «marketing» ecológico. Desta vez são novamente os detergentes sem fosfatos que estão no centro da polémica. Dois técnicos dos Serviços Municipais de Águas de Estocolmo, Peter Hugmark e Urban Jonsson, lançaram o alerta na revista «Rad och Ron» («Conselhos e Experiências»).

Uma análise às águas residuais de Estocolmo provou, segundo aqueles técnicos, que a substituição de fosfatos por produtos alternativos foi nociva para o meio ambiente. Essa substituição foi feita com base no argumento de que os detergentes sem fosfatos são menos lesivos. Este argumento teve como efeito uma vasta campanha publicitária, não só na Suécia mas também em muitos outros países do mundo industrializado.

Em França, a guerra publicitária de argumentos e contra-argumentos sobre os detergentes menos poluidores atingiu teores tais que, durante o Verão, os tribunais de Nanterre e Versailles mandaram suspender a publicidade considerada enganadora. Na mesma altura, o tribunal sueco pronunciou-se de igual modo desfavoravelmente em relação ao que considerou ser uma utilização indiscriminada de argumentos ditos ecológicos no mercado.

Em Portugal, o debate ainda não começou verdadeiramente. Na RTP continuam a passar anúncios às marcas «micro-skip verde» e «Persil», da «Lever» e da «Henkel», respectivamente. Esta multinacional esteve no centro das atenções, em França, durante este ano, pela forma como anunciava os seus produtos («Persil» e «Le Chat»). Contudo, algo tem vindo a mudar. A publicidade mos-

trada aos telespectadores é mais suave, não se tendo insistido tanto nas razões de carácter ambientalista.

Contactado pelo «Tempo», Michel Dallemagne, do departamento de «marketing» da «Lever Portuguesa», disse que adoptaram «uma posição diferente em Portugal». Aquele responsável acrescentou que se «pode respeitar melhor o ambiente, reduzindo para metade a utilização de produtos químicos relativamente à dose tradicional. Em nenhuma parte o detergente é um meio ideal para o meio ambiente, mas pode haver alternativas menos poluentes».

APOIO AOS AMIGOS DA TERRA

Michel Dallemagne referiu ainda que o ministro do Ambiente, Fernando Real, «enviou uma carta a dar-nos os parabéns pelo projecto» e que a «Lever Portuguesa» apoiou os Amigos da Terra (AT), o que foi confirmado por uma fonte ligada àquela associação ecologista.

A mesma fonte reiterou a simpatia dos AT pelo lançamento do «micro-skip», pois na sua publicidade é apenas dito que não tem fosfatos e que provoca uma descarga química reduzida nas águas residuais, tendo adiantado que a polémica levantada em França e na Suécia se deveu à forma como era feita a publicidade e não aos produtos em si e considerado que o apoio fornecido pela empresa e o facto de o produto possuir menor quantidade de químicos são «aspectos positivos».

Entretanto, sabe-se que a «Lever» mantém no mercado vários produtos (ex.: «Radion»), cuja composição se aproxima da do detergente tradicional. □

MÉDICOS PARAM EM DEZEMBRO

Os médicos vão estar em greve nos próximos dias 20 e 21 de Dezembro. Esta é a resolução mais importante tomada na reunião da Comissão Executiva da Federação Nacional dos Médicos (FENAM), que reuniu em Conselho Nacional em Coimbra, durante o último fim-de-semana.

A recusa de aumentos salariais de 13,5 por cento para 1991 e o congelamento de escalões do Novo Sistema Retributivo, que ainda se verifica, estão na base da paralisação decretada.

Na opinião dos dirigentes sindicais, o Governo terá esgotado já «por sua própria responsabilidade» todos os prazos negociais, daí a radicalização da medida adoptada.

Entretanto, também o Sindicato Independente dos Médicos (SIM) poderá aderir à paralisação. Esse é o desfecho mais provável da reunião que, à hora do fecho desta edição, travavam os dirigentes da FENAM e do SIM. □

ENCONTRO EUROPEU

Manuela Eanes e Manuela Aguiar foram duas das personalidades portuguesas que integraram a Comissão de Honra do I Encontro Europeu da Associação Europeia para o Desenvolvimento Educativo e Social, que decorreu entre os dias 22 e 24, na cidade francesa de Rennes. No Encontro participaram representantes de diferentes instituições

europeias, que integraram a Associação desde o início, designadamente o Instituto Superior de Ciências Educativas.

Os modos de intervenção cultural, social e educativo e a sua importância decisiva para o desenvolvimento social e individual da pessoa humana, foram temas de abordagem que dominaram os trabalhos. □

Tempo Económico

SUPLEMENTO À EDIÇÃO DO TEMPO N.º 815 DE 29.11.90



RIQUEZA VINÍCOLA

□ PÁG. 13/14/15

Tempo Económico

STE aumenta capital

DCI SOMA E SEQUE NA REDE DE BALCÕES

TRANSINULAR À DERIVA COM PRIVATIZAÇÃO À VISTA

DIAGNÓSTICOS ASIMÉTRICOS CONTRARIAM A CRESCER

CENTREL ENTRA EM ESPANHA

ALBANA DESAFA CULTURA INFORMACIONAL

O OUTRO MIGUEL

Tempo Económico

SE A CASA CONLUM EUROPEIA VIER ABaixo

CISEP

ATRACÇÃO FATAL

PRIMEIRO PLANO: O FUTURO DA PRAÇA DE ESPANHA

NEGÓCIOS: BERRERANA ENTRA NA REAL COMPANHIA

METAL LEVE NÃO QUER DE

Tempo Económico

OS MESTRES ECONOMISTAS

- INFLAÇÃO YA ULTRAPASSAR METAS GOVERNAMENTAIS
- A POLÍTICA MONETÁRIA SERÁ MAIS RESTRIITA
- TAXAS DE JURO DEVERÃO SUBIR

«O peso crescente das despesas públicas sobre a economia continuará desvalorizando o curso do escudo. É necessário manter as publicas cambiais»

ALFREDO DE SOUSA

ANTÓNIO BORGES

VÍTOR CONSTÂNCIO

PRIMEIRO PLANO: O FUTURO DA PRAÇA DE ESPANHA

NEGÓCIOS: BERRERANA ENTRA NA REAL COMPANHIA

METAL LEVE NÃO QUER DE

Tempo Económico

Emprego mais no lado

AIP UMA LANÇA EM BRUXELAS

ROCHA DE BAYON CARROSO E COSTA

O PRESIDENTE O DESABAFO RECADINDATA-SE DO COMISSARIO

PRIMEIRO PLANO: R.N. PRIVATIZAÇÃO

NEGÓCIOS: ESTORIL-SOL NÃO VENDE CASINO

CORRE SOBRE RODAS

SINAIS DO TEMPO

A crónica de Luiz Faria

Pág. 3

Tempo Económico

Seminário na AIDA

PAU CRANHO

«A Comissão Europeia vai a Lisboa para se reunir em 12 de Dezembro. Será a primeira vez que se reúna no lado de Este de Espanha»

GOVERNO ESTÁ A «ROMENIZAR» PORTUGAL

COM PRIVATIZAÇÃO À VISTA

SOCARMAR À MOLHADA

NEGÓCIOS: SIDERURGIA - MIRA AMARAL VA CONVERSAR COM CHAMPALLMAUD

CENTRALCER O REGRESSO AO SECTOR PRIVADO

ALAIN MINC: A EUROPA NÃO EXISTE

Tempo Económico

AVIÃO FANTASMA PARA LISBOA

CIMPOR DIZ SIM EM ANGOLA

UNIFISA: VEM AO BANCO DE INVESTIMENTOS

LACOSTE, CITIZEN E DISCOSSETTE CONTRA PIRATAS

INFLAÇÃO VOLTA A SUBIR EM JANEIRO

FUSÕES E AQUISIÇÕES: EUA TÊM ALVO EUROPEU

Tempo Económico

Máquina abre 27

PETROGAL: A FRENTE SÍRIA

«HOLDING» LUSO-ESPANHOLA NO «SOFTWARE»

NEGÓCIOS: «JIN» - AMORIM AVANÇA COM COPISA

ACTUALIDADE: O QUE ESTÁ A FALHAR NO PEDIP?

CONJUNTURA: GEOPOLÍTICA COMANDA A ECONOMIA

CALÇADO EXPORTA-SE BEM, OBRIGADO

Tempo Económico

O MONOPOLÍSTICO DE B. DE FERRAZ

TRANSINULAR VAI A CONCURSO PÚBLICO

«Este projecto está a ser por vezes mal visto no estrangeiro. Há a preocupação de se conhecerem os seus pontos fortes e fracos»

GOLPE DE TEATRO

PRIMEIRO PLANO: CTT À CONQUISTA DA EUROPA

ACTUALIDADE: COMÉRCIO REGRESSA AO FUTURO

Tempo Económico

AIP criou mais do que lucro

VÍTOR CONSTÂNCIO

COMO ENTRAR NO SME

COMO SAIR DA COVINA

«A indústria portuguesa de têxteis está a ser muito penalizada pelo custo do material e da mão-de-obra»

ISSAN INVESTE 100 MILHÕES EM BARCELONA

ANTÓNIO REBELO DE SOUSA DIZ MAL DE CAVACO

Tempo Económico

NEGÓCIO NUMERICAL

VENDIDO

PRIMEIRO PLANO: BELEZA TEM CALENDÁRIO ATUALIZADO

ECONOMIA: COLEP À PROCURA DE ESTRATÉGIA

POLEMICA: ANUNCIANTES NÃO QUEREM FICAR DE FORA

COOPERATIVAS LEITEIRAS CONTESTAM FALSIFICAÇÃO

Tempo Económico

Região: Palácio A luz do desenvolvimento

MIGUEL DESTRUÍFA EM BELEZA

«Foi um projecto que não conseguiu ser levado a cabo»

IPÉ: 1,3 MILHÕES DE LUCROS

CELIN: A GUERRA DA CELULOSE COM A GALIZA À VISTA

PRIVATIZAÇÕES - MIRA AMARAL E MANUEL DOS SANTOS À LAMBADA

SINTRA JÁ ESTÁ À VENDA

CIVIL - RECUPERAÇÃO ESPECTACULAR

COMÉRCIO - A MODERNIZAÇÃO EM EXCLUSIVO

O assegurar, há praticamente um ano, a responsabilidade pela edição deste suplemento, a equipa que produz, semanalmente, o «Tempo Económico» fixou um horizonte ambicioso: restituir ao mesmo a credibilidade que, este em época não muito remota, granjeara no panorama da imprensa especializada na vertente económica.

O «Tempo Económico» não só desempenhou um papel pioneiro no campo da informação vocacionada para temas económicos como constituiu uma autêntica «escola» para a maioria dos jornalistas portugueses especializados nesta área de informação. Tomou-se, assim, uma referência para quantos, e foram muitos, passaram pelos seus quadros.

Retomámos o projecto numa fase difícil da vida do «Tempo Económico», inteiramente conscientes da distância entre a vontade com que nos empenhámos e os meios de que dispunhamos, num contexto em que se inseria estava muito longe de ser brilhante.

Se o êxito não se obtém à revelia da vontade, está longe de se alimentar do voluntarismo e de boas intenções. Todavia, conseguimos remover alguns obstáculos e com uma equipa reduzida, mas fortemente coesa, fazemos hoje, sem falsa modéstia, um balanço positivo do trabalho realizado. As coisas são o que são. A imprensa escrita teve que enfrentar nas últimas décadas dois sérios desafios. Primeiro, nos anos 50, a concorrência da rádio. Posteriormente, a da televisão. Estes impactos fizeram-se sentir de forma mais aguda, é certo, sobre a imprensa diária, forçada a uma competição desequilibrada à partida com a velocidade imprimida à circulação da informação.

Os semanários, apesar de tudo, defenderam-se melhor. Como lembrou Umberto Eco, tomaram-se as «tertúlias» da contemporaneidade, os espaços de reflexão e análise num mundo em prodigiosa mutação.

Por outro lado, a imprensa escrita soube encontrar as respostas tecnológicas à concorrência dos outros «media»: informatizou-se, passou a recorrer a bancos de dados e a sofisticados aparelhos de informação. Uma empresa de comunicação social que não disponha destes meios dificilmente consegue sobreviver. É uma empresa sem «stocks» de mercadoria, sem capacidade concorrencial ao nível da circulação da mesma, desprovida de qualquer estratégia competitiva.

No mundo da concorrência não há azares. Há regras que são pior ou melhor cumpridas. Falham os maus projectos, vingam os bons. Ninguém tem que se queixar. O lançamento do «Tempo Económico» alicerçou-se num trabalho de equipa em que prevaleceu a coesão, o esforço na obtenção dos circuitos de informação possíveis e uma boa dose de imaginação. O que não chega...□

Tempo Económico 22/11/90

NOVO ORÇAMENTO PRECISA-SE!

AS FÉRIAS DA CULTURA

OS AMIGOS DA ALTA FINANÇA

GOVERNO SOB PRESSÃO

OPORTUNIDADE EM INVESTIR NA ECONOMIA SOCIAL

ALTERNATIVA ÚNICA PARA O MEDICAMENTO GÉNICO

INVESTIR EM FUNDOS DE APOIO AO PÚBLICO

Tempo Económico

BELEZA ACERTA CONTAS

OS DIAS QUE MUDAM A EUROPA

ACELERAÇÃO A FRENTE

IRI & CAÇA DE BANCO PÚBLICO

Tempo Económico

AGROS

SHELL SAI DA CONCHA

BANIF EM 1989-O ANO DE TODOS OS ÉXITOS

RECONY DESMATA "SINCRETISMO" TEM ACESSO PRO ARCA

LUSOTUR DESPREOCUPADA

Tempo Económico

BELEZA ACERTA CONTAS

OS DIAS QUE MUDAM A EUROPA

ACELERAÇÃO A FRENTE

IRI & CAÇA DE BANCO PÚBLICO

Tempo Económico

IRC MAIS BARATO

UNIAO POLITICA ARRANCA EM 1991

A CONQUISTA DO LESTE

VISA BEIRA FACTURA 7 MILHÕES

PIPELINE LIGA AVEIRO A ESTARREJA

Tempo Económico

SEM ESCAPADELA

O ADEUS AMERICANO

O FIM DO COMUNITARIO

BELEZA APERTA O CERCO

O MALTE DA CONCORRÊNCIA

Tempo Económico

INVESTIMENTO UPA, UPA!

O ADEUS AMERICANO

O FIM DO COMUNITARIO

BELEZA APERTA O CERCO

O MALTE DA CONCORRÊNCIA

Tempo Económico

AS PORTAS DO MUNDO

A ILHADA DO COBRE

Tempo Económico

MADOR E COFAP: NEGÓCIOS FECHADOS

CAP COM SAUDADES DE ÁLVARO BARRETO

QUEM DOMINA A UNIAO?

TRANSITO INTENSO

AS ROTAS DA EXPORTAÇÃO

Tempo Económico

COMPARTICIPAÇÕES MELHORAM

FAZ-SE LUZ SOBRE A PRIVATIZAÇÃO

AS FÉRIAS DE LAPONTANE

Tempo Económico

SINESICES

Tempo Económico

A JANGADA DE PEDRA

DAIHATSU FAZ MARCHA ATRÁS

SUPORCEL SEM FRONTEIRAS

OCDE - CRESCIMENTO EM ALTO PREÇOS PARA CHINA

Tempo Económico

HIPER-GUERRA

OS FERRIES DA FORTUNA

NA ROTA DO CARVÃO

A CARTADA EUROPEIA

O PREÇO DA UNIAO

Tempo Económico

PONTE REGRESSA AO FUTURO

SAMPARO MILITARE

A GRANDE PRESSÃO

A INVASÃO DESJAZADA

MARAS A JORNADA

O SONHO COLOMBIANO

A ANOTA EUROPEIA

O BRANCO DO FIEBO

BOBAGUENS

Tempo Económico

FARIA DE OLIVEIRA LANÇA PLANO

MONTEIRO DE LEMOS PODE VOAR

O CAMINHO PARA SETÚBAL

INFLAÇÃO VAI SUBINDO

ECOS DE DUBLIN

Tempo Económico

BARALHAR E DAR DE NOVO

RÁDIO CLUBE TRANSTEJO, CERGAL

OS CAMINHOS DE ROMA

TOTTA & AÇORES NO BANCO DOS RÉUS

Tempo Económico

CORRIDA ASTEIRAS

OBRAS CRUZADAS

O ANO DOURADO

Tempo Económico

UNIAO FEDERAL

VER PARA CREDER

SIE - PIVOT DA CENTREL

LAR VOA AYE BORDUS

BOISAS A SUBIR

MAIS MOVIMENTO

MÉDIA ANUAL ACIMA DOS 13 PONTOS

TOTTA REGRESSA ÀS ORIGENS

INVESTIMENTO QUEM CARREGA

Tempo Económico

O MISTÉRIO DAS CELULOSES

QUÍMICA VILA LINDA S.C.

REISSA VESTE PORTUGALI

BAO - BACCO RECONSTRUO

IMPRESÁRIOS MENOS OPTIMISTAS

UNIAO SOBRE PORTO DENCE

Tempo Económico

QUO VADIS?

ENFERMAGEM ESTA A VAI

CEA APERTA O CERCO

SAO INVESTIMENTA E ESCOLAS

Tempo Económico

CORTA

AUTO-ESTRADA LISBOA-ESTORIL COM SEIS FAIXAS

20 MILHÕES PARA ZONA RIBEIRINHA

O DOCE DESAFIO DO MERCADO UNICO

EXPLORAO NO PREÇO DO PETRÓLEO

ACUMENTO DA GOSOLINA GERA FURA E INFLAÇÃO

Tempo Económico

IMPACTO SUBITO

O FUMO DOS MILHÕES

OS YENES PORTUGUESES

MIGUEL CADILHE E O ROSTO INVISIVEL



Luiz Faria

SINAIS DO TEMPO

1. A memória do tempo recolheu da passada semana os estilhaços políticos da «Dama de Ferro».

O curso da História descobriu, num repente, a insuspeitada vulnerabilidade da sr^a Thatcher. A chefe do Governo britânico, à semelhança de certos subprodutos indígenas, não admitia sequer a hipótese do erro. Ofuscada por uma indomável teimosia, afastou-se, irremediavelmente, do movimento do real e ignorou, com soberberia, os sinais do tempo.

Os analistas foram unânimes em reconhecer que sobre a férrea obstinação de «Maggie» passara o cilindro do projecto europeu. O que, sendo verídico, não esgota a explicação do imenso adeus que Thatcher lançou do n.º 10 da Downing Street.

A queda da chefe do Governo britânico encerra mais um capítulo da pós-modernidade europeia. Após o esborçar do Muro de Berlim e da precipitação do processo de reunificação alemã, a resposta dos Doze à crise do Golfo expôs fragilidades, que levaram muitos analistas a interrogarem-se sobre a consistência do horizonte político que se projectava para a Europa. A Cimeira de Roma, entretanto, encarregou-se de demonstrar que se tratava de um acidente num percurso que, apesar das dificuldades que se adivinham, aponta para a integração do mercado continental.

Se este fenómeno reflecte a tendência planetária de reajustamento, alargamento e integração das economias regionais e locais, gerando novas fronteiras que coincidirão, grosso modo, com os diferentes cenários continentais, ele indicia também a deslocação do centro de gravidade do poder político e económico europeu. O que suscita naturalmente incógnitas, perplexidades e resistências. Será, todavia, insistimos, demasiado elementar e apressado concluir que a «débacle» da «Dama de Ferro» se resume a um mero reflexo de rejeição da sociedade inglesa, e dos «torios» em particular, à persistência da sr^a Thatcher em contrariar a orientação de um ciclo que a História cumpre a passadas largas. Até porque esta, uma vez mais, confere uma estranha ironia ao destino dos seus actores principais.

Convém, pois, rememorar o passado imediato. A sr^a Thatcher protagonizou a reabilitação da classe média inglesa deglutida pelas cinzas da guerra. Encarnou, simbolicamente, a vaga neo-

liberal. Com ela, a Inglaterra voltou a polarizar o território económico e político da Commonwealth, reforçando o poder insular e utilizando-o como moeda de troca nas relações, tradicionalmente densas, com os seus parceiros continentais. O episódio das Malvinas coroou, emblematicamente, o fulgor do conservadorismo ressuscitado.

Diz-se que os revolucionários estão condenados a figurar entre as primeiras vítimas das revoluções a que entregaram a alma e o sangue. A demissão aparatosa da sr^a Thatcher ilustra a forma espectacular como a História devora as suas vedetas.

O Partido Conservador britânico terá recado uma hecatombe eleitoral e a adesão da libra ao sistema de câmbios fixos europeu terá sido interpretado mais como um sintoma de fraqueza do que como um aparente recuo estratégico, destinado a reconquistar espaço de manobra na próxima Cimeira comunitária. Em todo o caso, as boas e más razões que apearam a «Dama de Ferro» não são estranhas à resistência da libra face ao marco e à recusa em accitar que o movimento da Bolsa de Frankfurt venha a desafiar o celebrado brilho da City.

Puxar agora a corda colocada ao pescoço de «Maggie» pelo lado da Europa, atirando, expeditamente, para o caixote de lixo da História as razões do seu estalejado triunfo e da sua longevidade política, constitui uma atitude cómoda de quem não suporta os embaraços infligidos pelo princípio da realidade.

2. Aliás, é interessante verificar como certas cabeças resistem garbosamente aos sinais do tempo, cuidando mais da vida própria e do preço das resmas de papel inútil que as sustenta, dispersando-se de encarar as perturbações e ignominias que a omissão lhes suscita.

Se o eclipse de títulos de referência do mapa da imprensa nacional origina certa inquietação no mercado de trabalho e justifica algum alvoroço temporário, não chega, pelos vistos, a importunar seriamente muitos dos que produzem e reproduzem informação e se dão ao enfado de debitar opinião. Há quem se limite a lamentar os efeitos sobre as bolsas individuais. Quase ninguém cuida de enunciar as causas. Poucos se conseguem libertar, momentaneamente, da fixação umbilical para subscrever razões. Tenho pena. Sinto-me mesmo humilha-

do. A deserção explica, em larga medida, o desaire. A classe não o merecia. Assiste-lhe o direito à indignação.

Se a História não contemporiza com o desgaste dos seus protagonistas, seria aconselhável, no ano em que se comemora, festivamente, o bicentário da morte do criador da «mão invisível», pouparmo-nos ao ridículo de jogar para as costas do mercado a má sorte de actos falhados. Ao mesmo tempo que se cantam hossanas a Adam Smith, recorre-se com estúpida ligeireza a fórmulas putativas do tipo «o mercado enganou-se».

A revolução dos «media», traduzida, primeiro, no advento da rádio e, posteriormente, na pulverização do fenómeno televisivo, colocou a imprensa escrita perante perigos de falência mais que iminentes. As mensagens passaram a difundir-se a uma velocidade estonteante, ganhando novos atributos: som, imagem e cor. Os veículos de informação conquistaram tamanha sofisticação que cedo McLuhan reconheceu a hegemonia dos meios sobre as mensagens transportadas aos cantos mais recônditos da novíssima aldeia global.

A imprensa escrita partiu, então, à descoberta da sobrevivência. A integração dos mercados e a concentração empresarial facilitaram a obtenção de economias de escala e a reconversão tecnológica. A informatização entrou no quotidiano dos jornais. Abriam-se as portas à «stockagem» de informação, renovavam-se os seus meios de circulação e reduziam-se os custos e o tempo

Diz-se que os revolucionários estão condenados a figurar entre as primeiras vítimas das revoluções a que entregaram a alma e o sangue. A demissão aparatosa da sr^a Thatcher ilustra a forma espectacular como a História devora as suas vedetas.

Seria aconselhável, no ano em que se comemora, festivamente, o bicentário da morte do criador da «mão invisível», pouparmo-nos ao ridículo de jogar para as costas do mercado a má sorte de actos falhados.

da sua produção.

Simultaneamente, a imagem, compreendendo a linha gráfica e a utilização da fotografia, deixava de constituir um mero suporte instrumental, passando a integrar a cultura dos diferentes projectos.

A evolução da imprensa escrita em Portugal acompanhou as tendências observadas à escala mundial, apesar da dimensão do nosso mercado lhe emprestar características específicas. Se o impacto dos novos concorrentes afectou particularmente a evolução da imprensa escrita diária, o recente aparecimento de um produto inovador, como é o caso do «Público», e a previsível reconversão de outros títulos prestigiados, fazem antever reajustamentos importantes num mercado onde a influência dos semanários, quer em volume de tiragens e audiências quer em captação de investimento publicitário, se implantou de modo inequívoco.

A experiência, praticamente inaugural, do «Expresso», no início da década de 70, associou-se o lançamento de outros títulos, como «O Jornal», o «Semanaário» e, mais recentemente, «O Independente», os quais vieram a absorver significativas quotas de mercado. Os quotidianos vespertinos alinharam pela tendência internacional que aponta para um futuro crepuscular.

Para além da dimensão limitada do mercado português, a qual favoreceu a imprensa escrita semanal e enfatizou as suas melhores «performances», no que toca, nomeadamente, à relação entre o preço e o volume

de informação dado à estampa, outras razões, ligadas às próprias da oferta, explicam o sucesso dos jornais que optaram por aquela periodicidade. A investigação e aprofundamento das notícias, a valorização gráfica e a diversificação do produto tornaram-se os principais atributos competitivos dos semanários.

O muito glosado e recente «boom» de órgãos de informação escrita está a culminar num estouro monumental. Porque o mercado se encurtiu? Porque a conjuntura económica sofreu inflexões drásticas? Porque o investimento publicitário estancou ou inverteu a rota de crescimento?

Nenhuma destas razões ocorreu. A economia continua a apresentar uma taxa de crescimento apreciável e a guerra do Golfo, com as suas eventuais consequências sobre o estado da economia internacional, está calendarizada para mais tarde. O investimento publicitário acompanha esta evolução e parece inútil reduzir linearmente as causas do fenómeno ao argumento da saturação do mercado, quando este se mostra receptivo à ousadia, qualidade e criatividade de que são portadores títulos recém-chegados como é o caso de «O Independente» e do «Público».

Aconteceu apenas que os projectos caducos caíram podres e que as apostas mal avaliadas não lograram implantar-se, tendo chegado, afinal, o momento da poeira assentar. Em suma, o mercado não se «enganou». Mas os imbecis continuarão a supor o contrário.

PS — Como é do conhecimento público, este jornal suspende a sua publicação a partir desta edição. Restam, nestas circunstâncias, agradecer a extrema dedicação e o elevado grau de profissionalismo que os redactores, maquetistas e colaboradores investiram, semana após semana e ao longo do último ano, na renovação do «Tempo Económico».

Aos leitores, a cuja indulgência certamente se ficará a dever o encorajamento e estímulo recebidos, deixo uma palavra de sentido e reconhecido apreço. Fomos realistas na exacta medida em que exigimos de nós próprios o impossível. Como balanço desta atitude, registamos neste último número as capas das edições que levámos até ao público nos últimos onze meses. Cabe, como sempre, aos leitores a sua avaliação final. □

O eclipse de títulos de referência do mapa da imprensa nacional não parece importunar seriamente os plumitivos profissionais da reflexão. Há quem se limite a lamentar os efeitos sobre as bolsas individuais. Quase ninguém cuida de enunciar as causas. Poucos se conseguem libertar, momentaneamente, da fixação umbilical para subscrever razões. Tenho pena. Sinto-me mesmo humilhado. A deserção explica, em larga medida, o desaire. A classe não o merecia. Assiste-lhe o direito à indignação.

Jogos globais

A crise na galáxia Gutemberg



Marco Leão

MICHAEL Foucault, epistemólogo e historiador, definiu o filósofo da pós-modernidade e da sociedade pós-industrial como uma espécie de jornalista «radical».

Um decodificador do quotidiano, um tradutor permanente capaz de decifrar os sistemas mitológicos recém-nascidos e reexplicá-los aos mortais. Tratar-se-ia de uma «entelêquia» — realidade em potência? Ou de um desejo caprichoso, liberdade poética de um filósofo sem vivência do princípio de realidade do mercado?

Os anos que se seguiram à sua morte, em 1984, acusam um declínio tendencial, com variações, do número relativo de leitores de jornais. Os últimos seis meses confirmam no Ocidente (no campo ex-socialista multiplicam-se como coelhos) uma crise geral dos jornais e uma perda acelerada do prestígio e poder aquisitivo dos jornalistas. A «galáxia vídeo» já estaria a prenciar o requiem da Gutemberg em extinção? Como de costume, a realidade é mais complicada. Por um lado, confirma-se o desaparecimento dos jornais nacionais, vocacionados para a política. O fenómeno reflecte a crise dos sistemas representativos, o desencanto, perfeitamente recuperável e legitimado pela falta de alternativas, pelo cinismo agravado com a desapareição do «inimigo».

Por outro lado, constata-se nos Estados Unidos, Canadá, Brasil (por exemplo) a confirmação da tendência para a especialização, regional ou temática.

No caso português, entretanto, a crise assume contornos «sue generis».

O mercado de leitores potenciais aumentou. Diminuiu o número de analfabetos. Cresceu a escolarização universitária e o rendimento. Éxitos editoriais comprovam que a oferta sobretermina a elasticidade da procura. Muitos dos órgãos de imprensa moribundos são verdadeiras obras-primas de como não se deve fazer jornais.

Total falta de imaginação. Inexistência de linha editorial. Ignorância burocrática. Estupidez arrogante. Outros, de vida efêmera, morreram prematuramente da cirrose hepática causada pela embriaguez do «leasing», das novas tecnologias, do «pseudo-yupppismo». Mas seria precipitado resumir com predicativos uma síndrome complicada. Como dizíamos, há, no entanto, claras indicações de que o problema não reside na falta de leitores — não há valor de troca sem valor de uso. Há, no entanto, questões de fundo que não adianta escamotear. «A galáxia Gutemberg», o livro, a leitura dos jornais, reside galhardamente ao impacto da telemática, vídeo, televisão por cabo. Uma quase imbatível concorrência.

Para os «gutemberguianos» nem tudo está perdido, como diria Martin Luther no Hino da Reforma.

Muito pelo contrário. Mais do que nunca, a leitura tornou-se um imperativo de sobrevivência.

Não há «modernidade», bem-estar, sobrevivência ecológica, sem ciência e método científico. O combate ao analfabetismo galopante nos Estados Unidos preocupa o Pentágono. Não há ciência sem abstracção, sem a lógica hipotética dedutiva. As imagens ajudam mas *obstruem*. Gutemberg não morreu. Marconi não morreu. Ressuscitai-vos. □

Tempo Económico

O HORIZONTE DOS NOSSOS NAVIOS

AS ARMAS DOS ARMADORES

RELISSAO ABERTAD? SOCIETE GENERAL NA CORRIDA AN ESCOLHAS DE MACARIO

Tempo Económico

Cerco total

O INQUÉRITO

ESPECIAL SANTOS NEGÓCIOS

Brasil

CARTAO JOVEM

GOLFO

Tempo Económico

AGUA FONTE DE SAÚDE

CORRIDA AS CENTRAIS

OS SALÕES AFRICANOS

GOLFO AS CROCHES

Tempo Económico

POURO DE SENO PRESENTE E FUTURO

DESACELERAÇÃO

"POLHETIM" CELBI CONTINUA INTERMINAVEL

CAPITAIS GALEGOS NAS ROTAS DAL AR

BAGAO FELIX ESCALPELIZA VERBAS DO FUNDO SOCIAL

Tempo Económico

TELECOMUNICAÇÕES A BARRA DA LIBERALIZAÇÃO

GRANDES JOGADAS

AS REVISÕES DE EDGAR CARDOSO

METRO COM MAIS QUILOMETROS

Tempo Económico

ESCLUIDO NO SUE

CAVACO ESPERA PELAS ELEIÇÕES

Tempo Económico

WORLD TRADE CENTER EM ALGÉS

ISALTINO QUER SOLUÇÃO RÁPIDA

PROTEJA A CRESÇA

REVENHO O CRESÇA

COMISSO DO MEXICO

PANAMA EXPULSIONA

PII DO ORO

IBRI NA EUROPA

Tempo Económico

FESTIVAL DO MAR

CEX REVE ORÇAMENTO

SMALL IS BIG

UM PARA JÁ

UM PRECO MUITO ALTO

A ESPECIAL DO PREÇOS

RELISSAO DO ABERTAD BOND

PRIVATIZAÇÕES NO CAIS

Tempo Económico

150 MILHÕES, PRECISAM-SE!

A CONQUISTA DA CIST

A ESTRATÉGIA INDUSTRIAL

PARALISADA O ELDOORADO JAPONES

ELIMINADA O ASSALTO AS FREQUÊNCIAS

GUERRA COM DATA MARCADA

CONCERTAÇÃO ELEIÇÕES E ORÇAMENTO

Tempo Económico

SY FERRA NACIONAL DO CONSELHO

A DANÇA DOS GESTORES

O PASSO DE CANGURU

A FRANÇA COMO ÁRBITRO

CONDUTORES DO SUCESSO

SEIS MILHÕES EM PUBLICIDADE

Tempo Económico

DA DO POSTO DE LERNOA

SUPER-EXPRESSO DO OCIDENTE

VER PARA PAGAR

A ESTRATÉGIA IBERICA

ESPAÑHA AQUI TÃO PERTO

EMPRESARIOS E PROTAGONISTAS

Tempo Económico

LOTARIA NACIONAL FAZ 25 ANOS

NOVA LEI QUADRO DO PLANEJAMENTO

PLANEAR O PLANO

PETROGAL DISTORCE MERCADO

MIRA AMARAL GARANTE EXECUÇÃO

CAPITAL SOBRE PARA 5 MILHÕES

Tempo Económico

CONTRATO DE 120 MIL MILHÕES

GRÃO-PARÁ E COMERCIALIZA

INASSAO A INASSAO-SOFT

PROCURA EXTERNA DEBACERARA

CONTROLO

COMUNICAÇÃO INTEGRADA É NOVO PRODUTO

TIMING ALLIANCE: 2,5 MILHÕES DE FACTURAÇÃO PARA 1991

Alvaro Vale

A empresa que opera em quatro grandes áreas: publicidade, marketing, directo, relações públicas e promoções foi, entretanto, a primeira empresa do sector a apresentar em Portugal um sistema de comunicação integrada, aplicada às novas exigências do mercado, que a publicidade clássica já não consegue resolver — afirmaria João Fonseca.

A Timing Alliance é subsidiária da holding Lopex (sediada em Londres), grupo que opera na área da comunicação e que se situa no ranking das 200 maiores empresas da Grã-Bretanha.

Nos últimos dois anos a evolução da Timing Alliance portuguesa, em termos de facturação, forneceu os seguintes valores: 1,4 milhões de contos (em 1989); 1,6 milhões em 1990, enquanto as previsões para 1991 apontam para um «turn-over» de 2,5 milhões de contos (já incluindo o novo sector da empresa, designado por comunicação integrada).

Na oportunidade, o director-geral da Timing Alliance forneceu alguns dados sobre o mercado da publicidade em Portugal: assim, 1989 foi o grande ano para as agências de publicidade, que registaram um crescimento médio de 38 por cento para um volume de negócios na ordem dos 45 milhões de contos. As perspectivas para 1990 apontam para 50,18 milhões de contos de facturação (apenas um crescimento de 11 por cento) o que significa um decréscimo.

Outros indicadores mostram que a Televisão atingiu a sua maior quota em 1986, ao abarcar 58 por cento dos investimentos publicitários; enquanto quota para 1990 essa percentagem baixou para 45,1 por cento, «o que significa que a TV está a perder mercado».

Por outro lado, a Rádio, que em 1985 detinha a quota de 17,2 por cento de toda a publicidade, neste momento apenas tem 7,7 por cento.

No «outdoor», como seja o cartaz, o investimento subiu de 6,6 por cento em 1989 para 10,4 por cento, sendo já o terceiro veículo do mercado publicitário.

Em relação à imprensa, o crescimento tem sido significativo desde 1985 (com 27,2 por cento do mercado) tendo atingido 36,8 por cento do mercado em 1990.

Comentando todos estes indicadores, João Fonseca considera que o mercado está a crescer aparentemente. «O que se passa é que as necessidades das empresas começam a ser outras. Este decréscimo dá-se não por saturação do mercado, mas pelo facto de hoje em dia as empresas sentirem outras necessidades, que a publicidade clássica não consegue resolver. Neste momento há mais produtos e serviços a disputarem posições de mercados» — comenta aquele

A Timing Alliance portuguesa deverá movimentar 2,5 milhões de contos em volume de negócios durante 1991, conforme anunciou recentemente, num encontro com os jornalistas, João Fonseca, director-geral daquele grupo britânico para Portugal. Aquele grupo terá uma facturação global da ordem dos 800 milhões de dólares, durante o corrente ano.



João Fonseca, director-geral da Timing Alliance: «As empresas têm hoje necessidades que a publicidade clássica não resolve»

A primeira empresa do sector a apresentar em Portugal um sistema de comunicação integrada, aplicada às exigências do mercado que a publicidade clássica já não consegue resolver.

gestor, adiantando que «a decisão de compra coloca o consumidor perante um leque de escolhas em que por vezes não basta a marca forte; sendo então preciso

ligar o consumidor à marca».

«Quer dizer, a publicidade não vende, ajuda a vender, e é necessário que cada empresa explore cada

um dos pontos de venda, devido à grande competitividade do mercado.»

Para o director-geral da Timing, não obstante os grandes investimentos que ainda se fazem na publicidade clássica, «o novo cenário que se está a desenhar a um gestor ou director de marketing, é que não precisa somente de uma agência de publicidade. Ele vai, com certeza, necessitar de empresas especializadas na área das relações públicas e produções».

Desta forma nasce a necessidade de se ir além da

O grande ano para as agências de publicidade em Portugal foi 1989 que registaram um crescimento médio de 38 por cento para um volume de negócios na ordem dos 45 milhões de contos. As perspectivas para 1990 apontam para 50,18 milhões.

publicidade normal, ou seja, a comunicação integrada que vai responder às necessidades de um cliente específico. Para João Fonseca, a comunicação integrada é uma necessidade de economia de mercado, das empresas modernas, quando as empresas querem ter a sua imagem. «E, por isso, passa em se conseguir contactar com o consumidor através de certos métodos, como sejam, por exemplo, as promoções junto a local de vendas através de promotores. Tudo tem a ver também com o poder de compra, os segmentos de mercado e o poder de compra dos consumidores.» Entretanto, o director-geral da Timing acredita que a partir de 1993, a sua empresa vá liderar o mercado português na área

deste novo segmento que é a comunicação integrada, que abrange uma globalidade de serviços. João Fonseca diria que o grupo há já alguns anos que tem a preocupação comunitária face ao novo figurino que se avizinha a partir do Mercado Comum de 1993, e que será completamente diferente.

«Havia, pois, que responder às várias vertentes na comunicação, pelo que toda a filosofia do grupo foi que todas as suas empresas nos diversos países alterassem as suas estruturas.» Assim, a Timing Alliance portuguesa investiu 100 mil contos durante 1990, em novas instalações, tecnologias e reciclagem de quadros; inclusivamente a estratégia é de alargar-se a um âmbito peninsular. □

Com sede em Amesterdão, a AMSCO tem por objectivo a formação de gestores para os países africanos. É um organismo que tem por accionista o Banco de Fomento do Exterior.

AMSCO PARA CRESCER EM ÁFRICA

envolvimento nos seguintes países: Bélgica, Finlândia, Itália, Holanda, Portugal, Suécia, Suíça, Reino Unido, Estados Unidos e Alemanha.

Duas das missões fundamentais da African Management Services Company são o fornecimento de quadros gestores e quadros técnicos às companhias africanas economicamente viáveis a longo prazo mas com carência ao nível de gestão e formação de quadros locais que possam vir, num futuro mais ou menos próximo, a dirigir com competência as empresas que necessitam de apoio logístico. Segundo «Tempo Económico» pôde apurar, estas duas actividades serão desenvolvidas simultaneamente.

SEDE EM AMESTERDÃO

A AMSCO organiza-se de acordo com uma estrutura tripartida. Primeira nota, para a AMSCO BV, uma companhia holandesa, sediada em Amesterdão na qual actua o núcleo operacional do projecto; depois, o Fundo de Desenvolvimento

Os fundos especiais, como o de desenvolvimento de Gestão e o de Financiamento de Gestão só serão utilizados em último caso, na medida em que a principal fonte de rendimento da AMSCO provirá da prestação de serviços de gestão.

de Gestão que se destina a financiar a formação de quadros africanos; e, por último, o Fundo de Financiamento de Gestão, outro fundo especial que se dirige a certos custos inerentes à intervenção da AMSCO, quando as verbas locais, particularmente em divisas estrangeiras, são consideradas insuficientes.

A principal fonte de rendimento para esta organização provirá da prestação de serviços em gestão. Pretende-se, desta forma, cobrir todos os custos que emergem da acção da AMSCO e, ainda, obter algum excedente. De acordo com uma fonte ligada ao Banco do Fomento, os fundos espe-

ciais só, em último caso, serão utilizados. Por exemplo, o Fundo de Financiamento de Gestão será concedido a projectos com elevado potencial mas financeiramente débeis. Estes empréstimos serão dados às taxas de mercado, sendo reembolsados como qualquer outro empréstimo comercial.

AMSCO NÃO É BANCO

Há que levar em atenção que a AMSCO não é um bando de investimento, nem sequer tem por objectivo o financiamento de companhias africanas. Além disso, não é corretor de negócios, não faz a promoção de

«joint-ventures» licenças ou participações financeiras.

De acordo com a nossa fonte, o capital da AMSCO é exclusivamente composto por acções, subscritas por empresas e por instituições financeiras nacionais e multinacionais vocacionadas para o incremento. Por outro lado, os fundos são constituídos por contribuições de organizações e desenvolvimento tanto nacionais como multinacionais.

Lançado pela Sociedade Financeira Internacional, instituição associada ao Banco Mundial que promove o desenvolvimento do sector privado, o projecto da AMSCO conta com o apoio de mais de 45 empresas de 13 países, todas com interesses em África.

Todas estas entidades investiram na AMSCO, através de uma subsidiária do Industry Council for Development (ICDS), uma organização não lucrativa que fornece assistência técnica e administrativa às economias que se encontrem em vias de desenvolvimento. A curto prazo, prevê-se que o número de empresas que investem na AMSCO aumente, no mínimo, para seis dezenas.

Estas companhias constituirão a primeira fonte de recursos em gestores e técnicos experientes para o projecto da AMSCO.

Este é o verdadeiro conceito da AMSCO, não é por coincidência mas sim por vocação que o conjunto das empresas accionistas representa, aproximadamente com 30 por cento a maior participação individual no capital da AMSCO. Apesar da sua actuação obedecer a critérios estritamente comerciais, os seus accionistas acordaram um prazo de dez anos, durante o qual não receberão quaisquer dividendos.

Será importante acentuar que a AMSCO foi constituída em consonância com as regras aplicadas aos projectos de assistência técnica do Programa para o Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD). Em consequência, as equipas da AMSCO beneficiarão de certos privilégios no seu trabalho em África, nomeadamente no que se refere à isenção de impostos.

E por isso que os serviços cobrados às companhias africanas conseguem apresentar preços muito competitivos. □



African Management Services Company (AMSCO) é uma nova e importante iniciativa que tem como objectivo prioritário o crescimento económico dos países em desenvolvimento. Naturalmente, o seu raio de acção centra-se em África, especialmente nas zonas abaixo do deserto do Sara e surge como procura de uma resolução para a falta de gestores, um dos problemas que impede um maior desenvolvimento e progresso neste quadrante geográfico.

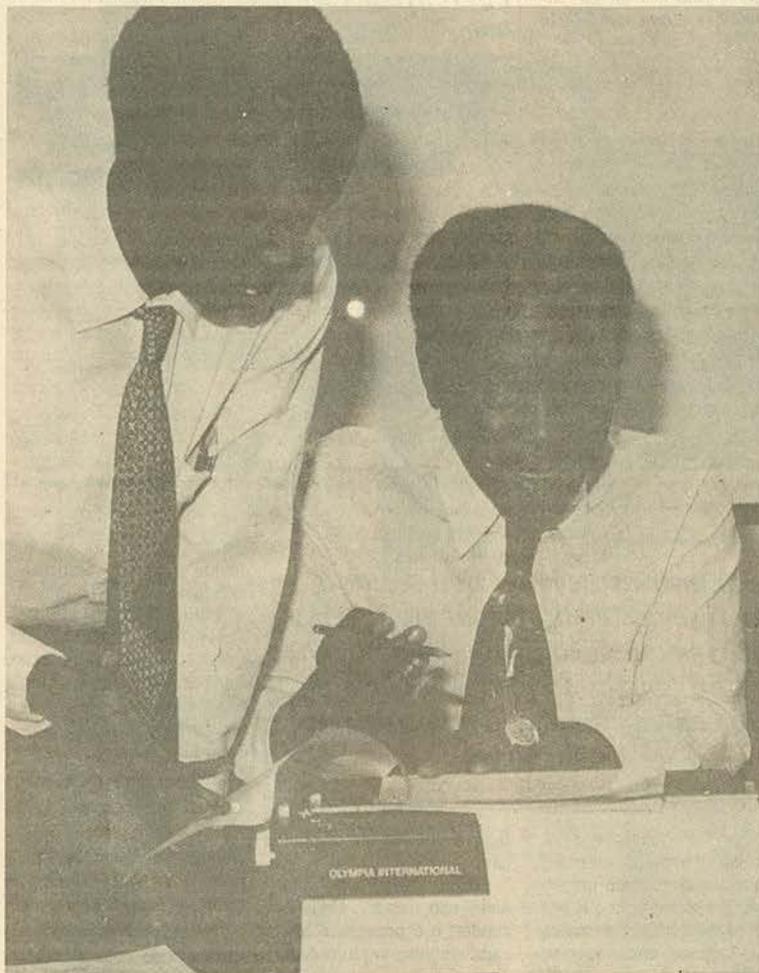
A AMSCO pode ser considerado um projecto único e inovador que resulta de uma intensa pesquisa e de um cuidadoso planeamento. Sendo um companhia privada, com fins lucrativos, tem como suporte instituições que se dedicam ao incremento económico, sem esquecer a comunidade financeira internacional. Entre os seus accionistas, nota-se a presença do Banco de Fomento e Exterior. Outros associados, ao lado do BFE, são o Fundo de Desenvolvimento Africano (FDA), a Caisse Centrale de Cooperation Economique (CCCE), Commonwealth Development Cooperation, (CDC), Finnisch Fund for Industrial Development Cooperation Ltd. (Finnfund), Industrialization Fund for Developing Countries (IFU), Sociedade Financeira Internacional (SFI), Nederlandse Financierings — Maats-

Duas das principais missões da AMSCO são o fornecimento de quadros gestores e técnicos às companhias africanas economicamente viáveis a longo prazo e formação de quadros locais para dirigir empresas que necessitam de apoio logístico.

chappij Voor Ontwikkelingslanden NV (FMO) e Swedhi Fund for Industrial Corporation with Developing Countries (Swedfund).

DE PORTUGAL À ONU

Os actuais contribuintes para os chamados «fundos especiais» são o Programa para o Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD) e o Banco de Desenvolvimento Africano, bem como as organizações oficiais de de-



Lockheed: lucros de 86 milhões

A Lockheed Corp. registou um lucro de 86 milhões de dólares no terceiro trimestre de 1990, correspondentes a 2,36 dólares por acção. No mesmo período, o volume de vendas atingiu os 2300 milhões de dólares.

Estes resultados mostram uma subida substancial em relação ao mesmo período do ano passado, em que esta companhia norte-americana especializada em aviação e espaço teve um prejuízo de 31 milhões de dólares.

Os lucros totais nos primeiros nove meses deste ano foram de 236 milhões de dólares (ou 3,76 dólares por

acção), e as vendas atingiram 7 mil milhões de dólares. No mesmo período de 1989, os lucros foram de 11 milhões e as vendas de 6900 milhões de dólares.

Mais de 75 por cento do volume de negócios da Lockheed, este ano, estiveram relacionados com projectos de defesa nos Estados Unidos, e 14 por cento com projectos civis do Governo norte-americano.

As relações comerciais da Lockheed com o estrangeiro foram muito fracas, atingindo os 8 por cento para clientes comerciais e os 3 por cento para governos estrangeiros.

Ainda nos primeiros meses deste ano, a Lockheed recebeu encomendas fundamentadas no valor de 6800 milhões de dólares (6900 milhões no mesmo período de 1989).

O total do débito da companhia baixou para 1700 milhões de dólares (era de 1900 milhões em Outubro do ano passado) e o valor das acções subiu para um total de 2200 milhões de dólares (2100 milhões no princípio deste ano).

Em relação ao pessoal, havia 75300 funcionários no final do terceiro trimestre, menos 7200 que no final de 1989. □

Financiera Hispamer em Lisboa

Por ocasião da Convenção Anual da Hispano Americana Leasing e da Ibercrédito — respectivamente a sociedade de locação financeira e a Sfac do grupo em Portugal — reuniram-se com os responsáveis da Corporación Financiera Hispamer, para contacto com os directores-gerais das associadas em Portugal, clientes e fornecedores, num encontro a decorrer no Hotel Ritz. A Corporación Financiera Hispamer, integrada no grupo Banco Hispano Americano é o primeiro grupo financeiro não bancário espanhol, tendo sido formada em 1978 como *holding* financeira, com a finalidade de promover e coordenar uma série de

companhias que ofereciam uma ampla gama de serviços especializados, nomeadamente nos sectores de financiamento e de *leasing* de bens de consumo, veículos e bens de equipamento. Actualmente constituído por dezoito companhias, duas delas a operarem no mercado português, o grupo Hispamer iniciou as suas actividades em Portugal no mês de Junho de 1988 com a sociedade Ibercrédito, cuja principal função era apoiar financeiramente a venda de veículos de marca Seat, tendo sido transformada em Sfac no início deste ano. Em Março de 1989, constituiu a Hispano Americano Leasing com o duplo objectivo

de financiar empresas espanholas estabelecidas no País bem como proporcionar às empresas portuguesas um serviço equiparado ao mais alto nível europeu. A Hispano Americano Leasing e a Ibercrédito também proporcionam às empresas portuguesas, que se estabeleçam em Espanha, a utilização dos serviços prestados pelas sociedades da Hispamer, tanto para a sua utilização como para a venda dos seus produtos. Durante o ano de 1990, a facturação conjunta em Portugal de ambas as empresas ultrapassará os oito milhões de contos, repartidos em mais de 3000 contratos, valor que o grupo prevê duplicar em 1991. □

CH: encomendas de sete milhões de libras

Encomendas da indústria de automóveis no valor de mais de sete milhões de libras foram anunciadas pelo Grupo CH Industrial plc, quando foi oficialmente inaugurada a sua nova fábrica de ferramentas Motor Panels, de operação à base de computador, na recente visita ali feita pelo ministro britânico das Indústrias e Iniciativas britânico, Douglas Hogg.

A fábrica é descrita como a mais avançada do país e está já a ajudar a Grã-Bretanha na sua balança de pagamentos, mantendo neste país trabalho que iria quase certamente para fora — provavelmente para o Japão.

As encomendas são respeitantes a projectos

que a Motor Panels não poderia ter executado sem as aptidões de concepção e fabrico assistidos pela mais avançada tecnologia de computador, que as novas instalações põem agora à disposição dos seus clientes. A inauguração das oficinas de ferramentas completa um investimento programado que permitiu à Motor Panels, sediada em Coventry, tornar-se um líder na aptidão de tomar e conduzir as carroçarias de veículos desde a concepção inicial através da engenharia de carroçarias, desenvolvimento de protótipos, produção das necessárias ferramentas e fabrico final — tudo isso dentro das suas próprias instalações. Uma semelhante aptidão reduz dramaticamente o período

de desenvolvimento de um veículo, e é um factor vital que, como tal se está provando, em ganhar novos contratos substanciais no campo da indústria automobilística. O presidente executivo da CHI, Tim Hearley, afirmou:

"O desenvolvimento da Motor Panels é um bom exemplo de como o empenho da CHI em termos de investimentos em tecnologia líder mundial está a conseguir-nos novos contratos de grande significado. E está também a ajudar a restabelecer mais ainda a alta qualidade da concepção, engenharia e fabrico baseados na Grã-Bretanha, no seio da indústria dos transportes". □

Petrolgal investe 100 milhões de contos

A Petrolgal, numa viragem estratégica que compreende a próxima privatização, vai investir mais de 100 milhões de contos, em duas frentes: a renovação da rede de abastecimento GALP e a construção de novas unidades de refinação em Sines. Iniciado este ano e estendendo-se até 1994, o plano de renovação de estações de serviço compreende a abertura de cerca de 100 postos e a remodelação de cerca de 600. A Galp, com mais de 1300 estações de serviço em todo o País, tem 54,6 por cento no mercado da gasolina e 58,9 no do gasóleo.

Um importante contributo para a nova imagem da rede GALP vai ser dado nas novas auto-estradas de Oeiras-Cascais e Maia-Santo Tirso — relativamente às quais a Petrolgal acaba de assinar com a Brisa o contrato referente a duas vastas áreas de multisserviços.

Estarão disponíveis nestas áreas, além do abastecimento de combustíveis e lubrificantes, muitos outros serviços destinados a satisfazer novas necessidades dos consumidores.

Este conjunto, cuja amplitude é inédita em Portugal, incluirá, entre outros: hotéis, restaurantes, serviços bancários, clubes de vídeo e lojas, encontrando-se em estudo a resposta a numerosas sugestões de clientes da Galp: a possível

instalação do serviço de jardim infantil. O desenvolvimento destas novas actividades, em conjunto com parceiros especializados em cada área específica, representa um avultado investimento e uma grande aposta nas novas potencialidades do mercado português.

Uma das formas de a empresa responder aos efeitos previsíveis da política liberalizante do Governo (ou seja, uma maior concorrência no mercado interno) é através da sua internacionalização. Isso tem acontecido, sobretudo, em Angola, onde está em curso, com pleno êxito, o fornecimento de uma linha de lubrificantes através da Sonangol; e em Espanha, onde se prevê o alargamento da rede de postos de abastecimento. Assim, em 8 de Janeiro do corrente ano, com a inauguração de uma estação de serviço na região de Toledo, a Petrolgal Espanhola SA iniciou um projecto de expansão que tem merecido óptimas referências dos críticos espanhóis do sector — os quais dão especial relevo aos acessos, ao atendimento e ao serviço da cafeteria.

Outra medida que visa a internacionalização da empresa relaciona-se com o cartão de crédito Galp/Frota, lançado em 1989. Na verdade, os 16 mil utilizadores do cartão, que tem fun-

cionado em moldes semelhantes aos do Unibanco, vão poder utilizá-lo em cerca de três mil postos de abastecimento, nos principais itinerários europeus.

Este instrumento de crédito dirige-se aos potenciais clientes que operam com frotas constituídas por um mínimo de dez viaturas (ligeiras ou pesadas). Mediante a sua apresentação, o titular do cartão pode abastecer-se de gasolina ou gasóleo.

Com vista ao alargamento do Galp/Frota a cerca de três mil postos europeus — o que permite uma forte redução de divisas para viagens internacionais —, a Petrolgal chegou já a acordo com um consórcio formado por quatro das maiores empresas da Europa.

Entretanto, a empresa abriu um concurso internacional para a construção de novas unidades de refinação em Sines, devendo as propostas ser apresentadas até Março de 1991. Este projecto ocorre no âmbito da modernização do sistema refinador da empresa, destinada a adaptar a produção às novas necessidades do mercado.

O processo visa a transformação de produtos mais pesados em produtos mais leves. O investimento, estimado há alguns meses, poderá atingir cerca de 60 milhões de contos. □

Cameron e Trumila lançam «Saboia»

O conjunto residencial Jardim Saboia constitui o primeiro empreendimento projectado e promovido em Portugal pelas empresas Cameron Hall — Promoção e Gestão de Investimentos Imobiliários, Lda. e Trumila — Construções e Turismo SA, cujo accionista principal é a empresa Cameron Hall Developments Ltd, promotora, entre outros, do maior Centro Comercial da Europa — o Metrocentre, em Gateshead, Newcastle, no Reino Unido.

A nova administração da Trumila, ao analisar o projecto aprovado para a Avenida Saboia, não concordou com o mesmo, decidindo reformular todas as premissas, mandando executar um novo projecto onde o prédio aprovado fosse substituído por dois edifícios, esteticamente mais enquadrados com o ambiente que a Câmara Municipal de Cascais estava a recriar em toda a área, com principal incidência na Avenida Saboia.

Seis meses após a tomada de decisão sobre o rumo a seguir, foi entregue na Câmara Municipal de Cascais

um novo projecto que contemplava as caves e o edifício que se passou a designar por 1.ª fase. Posteriormente seria submetido a aprovação o edifício que passou a ser conhecido por 2.ª fase.

O contrato de empreitada geral foi assinado em Junho de 1989 e, com o aparecimento das primeiras chuvas em Setembro, logo começaram a verificar-se pequenos aluimentos de terras.

O problema veio a agravar-se durante os meses de Outubro e Novembro, devido à elevada precipitação pluviométrica registada, causando o desmoronamento do talude confinante com a Rua de Mondariz e descalçando uma sapata do prédio contíguo.

Ainda em Outubro, os trabalhos de escavação foram suspensos, tomando a Trumila todas as medidas de emergência possíveis, tendo em conta os elevados riscos e as condições climatéricas, chamando técnicos da especialidade, nacionais e internacionais e adjudicando à empresa Teixeira Duarte os

difíceis trabalhos de contenção do talude.

Lutando contra os constantes aluimentos de terras e as destruições dos trabalhos efectuados no dia anterior, a Teixeira Duarte conseguiu, em poucos meses, dar por seguro o talude.

Apoiada pela companhia de seguros Sun Insurance Office, que desde a primeira hora, acompanharam e fiscalizaram, como lhes competia, esta situação de emergência, a Trumila não se privou a esforços para garantir a segurança de pessoas e bens, tudo tendo feito para minorar os efeitos da catástrofe.

Para tal, realojou os moradores dos apartamentos em hotéis da zona, assegurando, na medida do possível, a continuação das suas vidas privadas e profissionais.

Em Março de 1990, a Teixeira Duarte dava o prédio como seguro, afirmando que os moradores que entretanto tinham recebido uma ordem da Câmara Municipal de Cascais para abandonar as habitações, poderiam regressar às mesmas. □

EDIMETAL

«HEAVY METAL» NA CONSTRUÇÃO

A Edimetal, uma das sete irmãs do grupo Gestifer, vai registar este ano um crescimento de cerca de 41 por cento no volume da sua facturação. A holding Gestifer vai facturar cerca de 20 milhões de contos e a sua constelação empresarial aposta forte na diversificação dos produtos e dos mercados.

O grupo Gestifer cresce, aparece cada vez mais no mercado nacional e diversifica as suas apostas no exterior.

A Edimetal, uma das «sete irmãs» que integram o grupo e foram constituídas a partir de um núcleo original, vai registar este ano um crescimento da ordem de 41 por cento no volume da sua facturação, a qual deverá atingir 1,7 milhões de contos, confiaram ao «Tempo Económico» Luís Pires Fernandes e Victor Fernandes, gerentes da empresa.

A Edimetal, que começou por constituir um departamento da Edifer, autimizou-se recentemente daquela empresa por razões que se prendem com a «transparência na concorrência» passando então a dispôr de «meios mobilidade» nas palavras daqueles responsáveis.

A Edimetal foi constituída com vinte mil contos de capital social, valor que ascendeu após um curto espaço de tempo aos 100 mil contos.

Voltada para o fornecimento e instalação de caixilharia, estruturas metálicas e acabamento interior das fachadas de cortina, a empresa possui uma carteira considerável de encomendas, sendo de salientar que intervém na construção de «edifícios inteligentes», como é o caso da nova sede da Caixa Geral de Depósitos, na Av. João XXI em Lisboa, o empreendimento nacional que vai incorporar a mais completa panóplia de tecnolo-

habitação e comércio com características de luxo junto ao casino, o «Edifício Oudinot» no Funchal, des-

que se prepara para elevar o seu capital de 500 mil para um milhão de contos, compreende uma constelação

ano transacto 14 milhões de contos, espera registar no corrente ano uma facturação na ordem dos 20 mil-

cento da sua facturação total, para além da comparticipação de entidades públicas.

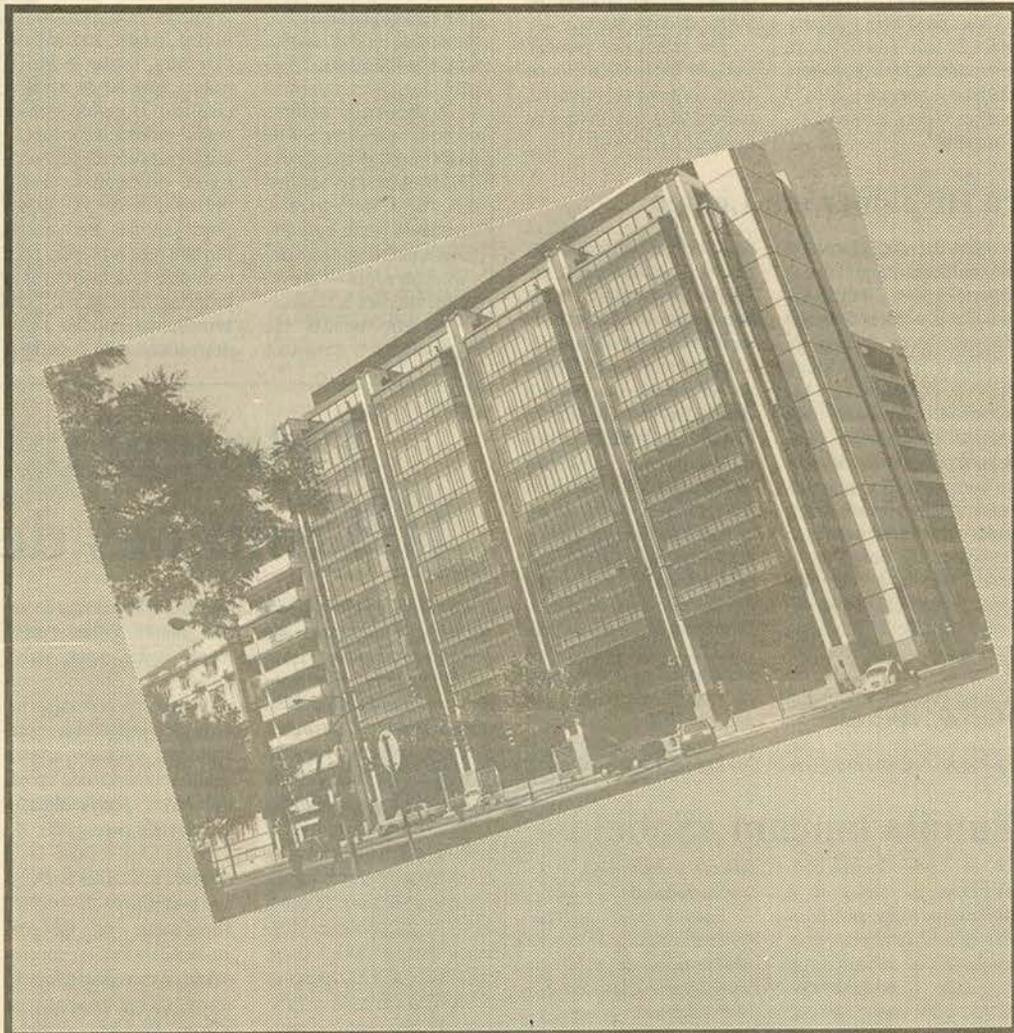
estando neste momento concentrada na rede de balcões das agências do Banco Comercial Português e do Banco Pinto Sotto Mayor.

Em colaboração com a sua «irmã» Edimetal, a empresa oferece um produto misto — o conjunto de elementos novos que entra numa composição de uma agência. Trata-se de um produto novo que vai ao encontro das solicitações de um novo segmento de mercado.

A Carpinter, vai facturar este ano cerca de 700 mil contos, detendo em carteira, para o próximo ano, cerca de 400 mil contos em obras de carpintaria. Actualmente a empresa intervém nas obras de arquitectura em curso na Torre do Tombo, no complexo «Estoril-Garden», bem como outros empreendimentos de luxo, reunindo um volume considerável de mão-de-obra qualificada.

A diversificação de mercados e a procura de novos parceiros consubstancia uma das mais importantes vertentes da actividade do grupo Gestifer.

Em Moçambique foi constituída uma «joint-venture» com a Cerel, uma empresa estatal. Da associação resultou a Edicerel, voltada para a construção civil e para as obras de irrigação, detendo a Edifer a participação em 37,5 por cento da Hemo — África, tendo por parceiros, a Hagen (37,5 por cento) a Oele (20 por cento) e a Monteiro e Amorim (5 por cento). No plano europeu o grupo encontra-se em negociação com uma empresa holandesa, vocacionada para a área da construção. □



Cortina de fachada da CGD

tinado a hotelaria e escritórios e a recuperação da fachada do edifício que foi Prémio Valmor, situado na esquina das ruas Brancaamp e Castilho e na qual a empresa recorre às mo-

de sete empresas. Para além da Edimetal integram-no a Edifer (construção civil e obras públicas), a Meliobra (construção sendo a mais jovem empresa do grupo criada para responder às solicitações de uma faixa específica do mercado), a Ediçor (construção, sendo que a empresa está vocacionada para o mercado açoriano), a Edimecânica (metalomecânica), a Carpinter (constituída a partir do sector de carpintarias da Edifer) e a Imobiliária Edifer (promoção e gestão dos negócios imobiliários do grupo).

O grupo Gestifer, que se encontra nos lugares cimeiros do «ranking» nacional respeitante ao sector da construção civil, facturou o

hões de contos e projecta para o quinquénio 1990-94, um ritmo de crescimento real da ordem dos 7 pontos anuais.

Ocupando à volta de dois mil trabalhadores, o grupo apostou forte num audacioso plano de formação profissional, o qual absorve cerca de dois por

O grupo aposta na diversificação dos mercados e dos produtos como forma de enfrentar os desafios colocados pelo Mercado Único Europeu.

Assim, por exemplo, a Carpinter, reunindo 70 mil contos de capital, iniciou uma estratégia de diversificação dos seus produtos,

O grupo Gestifer, que, no ano transacto, facturou um montante na ordem dos 14 milhões de contos, espera, no ano corrente, facturar 20 milhões de contos.

gias de construção de edifícios dotados dos designados «sistemas integrados». Outras obras merecem referência na carteira da Edimetal: o «Estoril Garden», complexo de

dernas tecnologias de fachada «glazing» (só vidro, sem perfis aparentes pelo lado exterior).

O grupo em que se integra a Edimetal, é polarizado pela «holding» Gestifer,

Gestifer com holandeses da Volker

O grupo Gestifer acaba de se associar aos holandeses da Volker, uma empresa voltada aos domínios das fundações, estacarias, construção de barragens, estradas e aeroportos.

A nova empresa, que resulta de nego-

ciações que se encontram a ser ultimadas, designar-se-á Edivolker e contará com participações da Edifer (25 por cento), da Gestifer (25 por cento) e da holandesa Volker (50 por cento) dispendo-se a actuar no mercado mundial. □

O grupo espanhol PRISA, proprietário do diário «El País» e o grupo italiano que controla o «La Repubblica», fizeram recentemente uma oferta de compra de 12 por cento do diário britânico «The Independent». Além de demonstrar a consistência de ambos os grupos, esta actuação traduz a sua aposta numa estratégia de âmbito europeu.

IMPRESA

A ESTRATÉGIA EUROPEIA

Rogério Chagas

A oferta de compra recente anunciada em Londres numa conferência de imprensa de 12,5 por cento do diário britânico «The Independent», pelo grupo espanhol PRISA, proprietária do «El País» e também pelo grupo que controla o diário italiano «La Repubblica», vem demonstrar a sua boa saúde financeira e a sua aposta numa estratégia de âmbito europeu.

Apesar daquele diário britânico se ter mantido na crista da onda no cenário da imprensa do seu país desde que foi fundado há quatro anos, o esfriamento da economia que se verifica nos últimos tempos afectou um dos últimos projectos em que o «The Independent» se tinha envolvido com o lançamento de um jornal especial aos domingos.

A ampliação de capital a que se propôs a empresa proprietária do jornal britânico, a Newspaper Publishing, veio consolidar um «acordo de cavalheiros» estabelecido anteriormente entre as três empresas editoriais no sentido de realizarem em comum facilidades logísticas e metas de produção. Só no ano passado é que o «The Independent» teve lucros, pelo que com esta nova injeção de capital poderá já este ano consolidar os novos objectivos propostos pelo seu director-fundador, Andreas Whittam Smith. Juan Luis Cebrían e Carlo Caracciolo representarão, respectivamente, o grupo espanhol e italiano no seio do conselho de administração da empresa editorial britânica.

Esta união só foi possível pela identidade de interesses das três empresas e que adicionalmente comungam os mesmos princípios. «Conhecemo-nos muito bem e comungamos o mesmo pensamento e por isso decidimos formar uma companhia em conjunto para desenvolver actividades na Europa», declarou o fundador do jornal britânico. «O nosso mercado situa-se tanto na Europa

como nos nossos próprios países», acrescentou.

«A única diferença que existe entre nós», assinalou ainda Whittam, «é que os outros dois são mais antigos do que nós. Todos os três nos

caracterizamos pela inovação, absoluta independência e por uma extrema similitude das nossas perspectivas do mercado».

Por outro lado, com este investimento o grupo espan-

hol consolida a sua vocação empresarial europeia, o que, aliás, já tinha sido confirmado anteriormente em Abril com a sua entrada no grupo editorial francês Expansion.

Quanto ao diário «La Repubblica», é um dos diários mais lidos em Itália (800 mil exemplares). Apareceu nas bancas em Janeiro de 1976 quando existia um grave clima de tensão no seu país. O seu fundador e actual director Eugenio Scalfari, de 65 anos, tinha já fundado

Só no ano passado é que o «The Independent» teve lucros, pelo que com esta nova injeção de capital poderá, já este ano, consolidar os novos objectivos propostos pelo seu director-fundador, Andreas Whittam Smith.

Esta união só foi possível pela identidade de interesses das três empresas, que adicionalmente comungam os mesmos princípios.

o semanário «L'Espresso» através do qual se envolveu numa batalha contra os desvios dos serviços secretos italianos. Antes de ter criado «La Repubblica», Scalfari militou na política, tendo fundado também o Partido Radical e posteriormente foi deputado do Partido Socialista. «The Independent» perfila-se, assim, como um dos diários mais prestigiados no panorama das ilhas britânicas (actualmente tem uma difusão de 420 mil exemplares) ombreado, lado a lado, com o «The Times» ou o «The Guardian».

«Boa informação supõe exactidão, equilíbrio, clareza e estilo» afirma o seu director Andreas Whittam Smith.

Jornal liberal é um dos mais críticos à ex-primeira-ministra Margaret Thatcher, «The Independent» atrai um leitor jovem e profissional que se interessa ao mesmo tempo pela política internacional e pelo jazz, e que lê as páginas de viagens com a mesma fruición que lê as da informação económica.

A sua edição dominical atinge os 350 mil exemplares, o que revela também o valor da sua aposta em conquistar o mercado naquele dia da semana. □



NOVO CITROËN AX 14 TRD

A Citroën está já a comercializar uma nova versão do seu modelo AX 14 diesel, agora denominado de TRD. Mantendo a mesma motorização da versão 14 RD, que obteve e continua a obter os mais baixos consumos no seu segmento, o novo Citroën AX 14 TRD, vem ao encontro de desejos manifestados pelo consumidor, ou seja de uma versão diesel com equipamento superior. Assim, para além do completo equipamento do AX 14 RD, esta

nova versão incorpora mais o seguinte:

— Vidros fumados e de comando eléctrico à frente; comando central de portas; consola central; iluminação interior comandada pelas duas portas da frente; entradas de ar laterais no painel de instrumentos; revestimento interior das portas; iluminação do cinzeiro e isqueiro; suportes para os cotovelos almofadados; faróis de iodo; pára-choques da cor da carroçaria; tampões de roda inte-

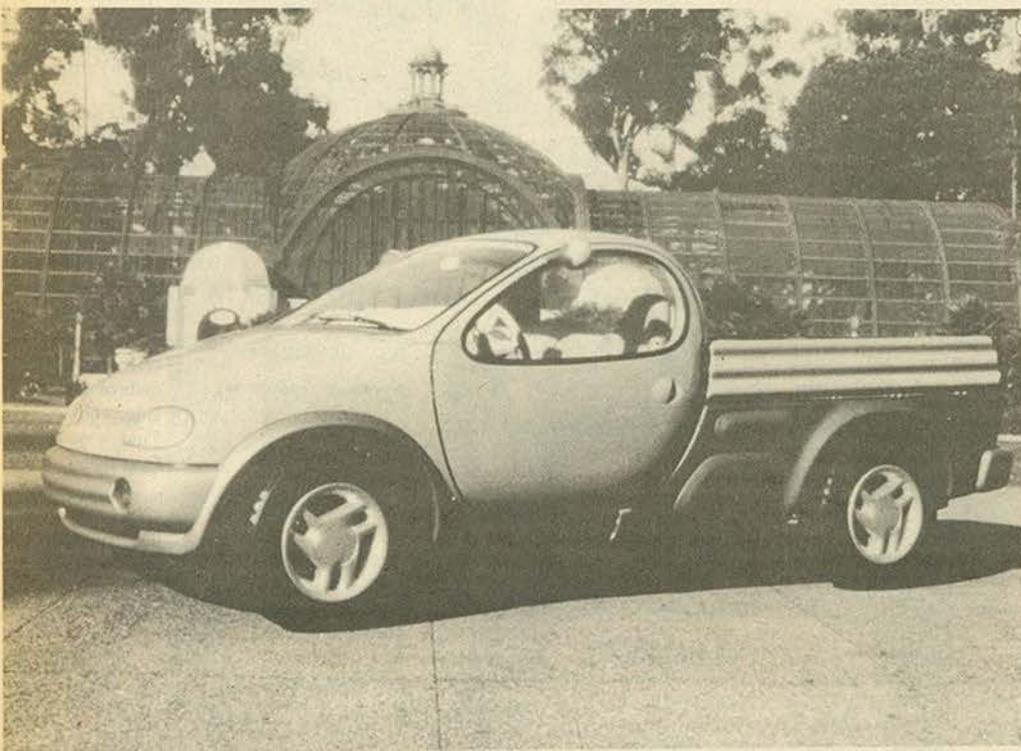


grais de novo desenho; barras de protecção lateral

mais largas; porta-luvas com tampa. Esta nova ver-

são está a ser comercializada, em conjunto com a ver-

são RD, ao preço de 1 752 700\$00. □



Mais um prémio para a Nissan

«Gobi» vence no design

O design da Nissan acaba de ser distinguido com mais um prémio, desta vez conquistado pelo seu protótipo Gobi. O troféu, designado «Industrial Design Excellence», foi atribuído pela Sociedade de Designers Industriais da América (IDSA), sendo a Nissan a empresa japonesa que mais vezes tem recebido tamanho reconhecimento. O Nissan Gobi é um protótipo que apresenta uma carroçaria do tipo Pick Up criado pelo Nissan Design International, estúdio de design da

Nissan com base em San Diego, para quebrar com o tradicionalismo das formas que este tipo de veículo normalmente apresenta. Não está prevista a produção e comercialização do Gobi, no entanto, o seu conceito poderá vir a ser introduzido em futuros modelos, dada a grande aceitação que este protótipo recebeu por parte do público e da imprensa nos salões onde tem sido exposto. Este troféu de design foi instituído pela IDSA há 11 anos para promover o desen-

volvimento do design industrial. Na edição deste ano houve 525 inscrições, tendo sido premiados dezasseis produtos de diferentes categorias. A selecção é feita por um júri constituído por especialistas de design que exercem a sua actividade nas indústrias e mercados representados. A apreciação é feita através de um critério que inclui seis variáveis, entre as quais se destacam: benefícios para o utilizador, atractivos para o cliente, utilização apropriada de mate-

riais e processos de fabrico. O prémio agora conquistado pelo Nissan Gobi vem juntar-se a dois outros atribuídos pela IDSA ao Nissan Design International de San Diego pelo design inovador das suas criações. Com efeito, em 1986 a Nissan Pick Up King Cab foi também galardoada com o «Industrial Design Excellence Award» e em 1987 foi a vez do Nissan Pulsar NX, ambos concebidos por aquele estúdio de design da Nissan. □

Feira Anual do Automóvel Usado

«Leva-me contigo»

Apostada em contribuir para a dignificação e desenvolvimento em Portugal do comércio de veículos automóveis usados, a «Publissalão» propõe-se dar uma forte «pedrada no charco» ao realizar a Feira Anual do Automóvel Usado 90 na Exponor, durante os dias 7 a 9 e 14 a 16 de Dezembro próximo.

Ao exigir padrões de transparência ainda não correntemente praticados em Portugal, impondo a emissão de uma garantia escrita a acompanhar todas as vendas de veículos usados, «obrigando» os expositores a fazerem apresentações de qualidade, a «Publissalão» lançou um desafio ao qual sabia que nem todos os comerciantes de veículos automóveis usados poderiam corresponder.

Porque consideramos indispensável uma forte responsabilização do vendedor, nomeadamente através da emissão de uma garantia escrita na transacção de cada veículo usado, não poderíamos — como não pudemos de facto — aceitar a inscrição neste certame de todos os potenciais interessados.

Assim, somente estarão presentes na «Usado 90» empresas com elevada capacidade para responderem melhor aos desejos do consumidor, expondo veículos bem cuidados, bem apresentados e com preços adequa-

dos, que o visitante poderá «levar consigo».

Porque exigimos qualidade acrescida, utilizaremos o novo pavilhão 3 da Exponor onde, em cerca de 2500 metros quadrados de área de stands, serão expostos veículos usados, veículos especiais e de colecção, equipamentos e serviços da área automóvel.

Diversos agentes e concessionários oficiais da Citroën, da Lancia, da Fiat, da Mercedes, da Seat, da Peugeot, da Alfa Romeo, e outras empresas multimarca, apresentarão ao público da Exponor o melhor conjunto de veículos usados alguma vez reunido em Portugal. Para além destes, será apresentada uma interessante área dedicada aos veículos especiais, quer os de competição quer os antigos de colecção, para venda, os quais constituirão, decerto, um forte atractivo para os visitantes da «Usado 90».

A partir da primeira edição deste certame, que se quer anual, a imagem do comércio de veículos automóveis usados vai alterar-se significativamente em Portugal.

Todos os dias, novos carros, durante os seis dias da feira, num ambiente de qualidade e confiança, eis o que desejamos colocar ao dispor dos milhares de visitantes do «Usado 90», um certame novo, que vem com «vontade de ficar». □



COM NOVA MOTORIZAÇÃO

BEDFORD «BRAVA» MAIS AGRESSIVA

A «Pick-Up» Bedford «Brava» passou a contar com uma nova motorização. Trata-se do motor diesel de 2,5 litros, com injeção directa, capaz de debitar 76 cavalos às 3800 rpm.

Este motor, que substitui o de 2238 cc (61 cv), possui mais 15 cavalos de potência e apresenta um binário significativamente mais favorável. Neste aspecto, sublinhe-se que o seu máximo é de 16,3 kg às 2300 rpm, valor que possibilita recuperações de regime notáveis, mesmo em situações de carga máxima.

O novo motor destaca-se, sobretudo, por ser mais económico, mais potente, menos ruidoso no funcionamento e mais rápido no arranque a frio. Todas estas

vantagens são agora uma realidade graças ao sistema de injeção directa de combustível, o qual dispensa a tradicional pré-câmara de turbulência. A injeção directa possibilita, logo à partida, um superior rendimento do motor diesel. Os motores equipados com este sistema são, na verdade, 15 por cento mais eficientes que os

seus homólogos de injeção indirecta e possuem uma estrutura mais simples. São mais rápidos no arranque a frio e a combustão é mais completa e eficiente. Por via disso, o motor emite menos fumos e menos gases tóxicos, ao mesmo tempo que o lubrificante é mantido limpo por mais tempo, aumentando-se assim os inter-

valos que medeiam a sua substituição.

Pelo facto de não ser necessário bombear o ar de e para a câmara de turbulência, a relação de compressão pode ser mais baixa. Desse modo, resulta uma redução importante das perdas provenientes de atritos internos.

Em suma, no novo motor diesel de injeção directa o rendimento energético é claramente superior, ao que não será estranho, também, o facto de a gestão da quantidade de combustível injectado ser controlado electronicamente, com evidentes repercussões num consumo inferior. De referir, ainda, que o novo motor equipa qualquer uma das versões da Bedford Brava, com tração traseira (4x2) ou com tração integral (4x4). □

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

Tipo	4 cil. linha inj. dir., OHV
Diâmetro x curso	93 x 92 mm
Cilindrada	2499 cc
Potência	76 cv/3800 rpm
Rel. de compressão	18,4:1
Vel. máxima	125 km/h
Consumo médio	7,6 l/100
PVD:	Bedford Brava 4x2 1 767 937\$00 Bedford Brava 4x4 2 483 977\$00

Nissan Primera soma e segue

Mais um prémio conquistado desta vez na Alemanha

Depois de ter ganho o título de Carro do Ano na Dinamarca, onde competiu com concorrentes tão prestigiados como a Peugeot 605, o Citroën XM ou o Lancia Dedra, o Nissan Primera acaba de conquistar mais um prémio, desta vez na Alemanha.

Trata-se do «Goldene Lenkrad» (Volante de Ouro), troféu instituído pelo jornal alemão «Bild am Sonntag» para distinguir o melhor modelo introduzido no mercado alemão durante o ano em curso. O Nissan Primera conquistou este prémio na classe de 1501 cc a 2000 cc, já que o regulamento prevê cinco categorias diferentes; três determinadas pela cilindrada, uma para veículos desportivos e uma para modelos especiais. O júri de selecção do «Goldene Lenkrad» é constituído por 20 membros e inclui pilotos de competição, quer de ralis, quer de velocidade, jornalistas da especialidade, cientistas e celebridades dos órgãos de informação. Os modelos nomeados são exaustivamente avaliados em nove

áreas: estilo, preço, performance, design interior, facilidade de utilização, espaço interior, segurança, conforto e economia. O Primera obteve pontuações elevadas em todas elas, ultrapassando destacadamente os seus concorrentes.

O Nissan Primera foi ainda reconhecido pela ergonomia do seu interior, pela disposição, facilidade de utilização e legibilidade dos seus comandos e instrumentos, bem como pelas suas características tendentes a aumentar a segurança. Neste capítulo, o destaque vai para a sua suspensão dianteira Multilink, que lhe proporciona um comportamento estável em qualquer situação, e para a robustez da sua carroçaria, concebida para proteger os ocupantes em caso de acidente.

Introduzido no mercado europeu no início de Outubro, o Nissan Primera tem vindo a experimentar um grande sucesso, pelo seu design moderno, bem ao gosto europeu, excelentes performances e elevado conforto, sendo de esperar que, depois destes dois, outros prémios se avizinhem. □

GRUPO VOLKSWAGEN NOVA ESTRUTURA

O presidente da Seat, Juan Antonio Diaz Alvarez, passou a fazer parte do conselho de direcção do Grupo Volkswagen AG, por decisão do conselho de administração na sua última reunião.

A partir de agora, no topo da estrutura do grupo, está o conselho de direcção do grupo Volkswagen, cujo presidente é o dr. Carlos H. Hahn, e no qual se incluem os presidentes das marcas do grupo: Volkswagen Audi e Seat: sr. Daniel Goendevert, sr. Ferdinand Piech e sr. Juan Antonio Diaz Alvarez.

Esta alteração surge na sequência do reconhecimento dos méritos obtidos pela Seat no seio do grupo VW.

A Seat contribui com 12,5 por cento na produção total do grupo, ajudando assim a consolidar a posição deste como líder europeu. Actualmente, a Seat tem perante si um futuro promissor graças aos investimentos

previstos de 600 mil milhões de pesetas e o lançamentos de quatro modelos, totalmente novos, nos próximos quatro anos.

Com a nova estrutura confere-se a cada marca do grupo, Seat, Audi e Volkswagen, uma maior independência, o que permitirá a obtenção de melhores resultados a todos os níveis, mantendo, ao mesmo tempo, uma total coordenação nas estratégias globais e projectos futuros. Assim, incrementam-se distintas formas de actuação, alargando a actividade e melhorando, acima de tudo, a capacidade de resposta às mutações características do meio automóvel.

Nesta mesma reunião, decidiu prorrogar-se o mandato do dr. Hahn por dois anos e foi nomeado presidente do conselho de direcção da marca Volkswagen sr. Goendevert. □

Na FIL de 5 a 12 de Dezembro

1.º SALÃO INTERNACIONAL DAS DUAS RODAS

O extraordinário incremento que os veículos de duas rodas têm registado no nosso país, especialmente na última década, em que se bateram, progressivamente, todos os recordes de vendas, constituem argumento mais do que suficiente para a realização deste Motoexpo — 1.º Salão Internacional das Duas Rodas, Acessórios e Todo-o-Terreno, que decorrerá nos pavilhões da Feira Internacional de Lisboa, de 5 a 12 do próximo mês de Dezembro.

Ocupando uma área total superior a dez mil metros quadrados, repartida por quatro pavilhões, o Motoexpo vai reunir o que de mais importante existe neste sector das duas rodas, tanto a nível nacional como internacional, bem como outras mostras ligadas às áreas das bicicletas, todo-o-terreno (uma «especialidade» cada vez com maior número de adeptos), transformadores automóveis, acessórios, componentes e sobressalentes, combustíveis e lubrificantes, maquinaria e equipamentos, réplicas, empresas de serviços intermédios, organismos e associações do sector e Imprensa da espe-

cialidade.

A par desta grande mostra, que se pretende atinja a qualidade expositiva das congéneres estrangeiras, mormente nos espaços consagrados às motos e motocicletas, vão desenvolver-se várias acções exibicionais, com espectáculos, diários, que incluem demonstrações de «trial» e das bicicletas «BMX», a cargo de reputados pilotos internacionais.

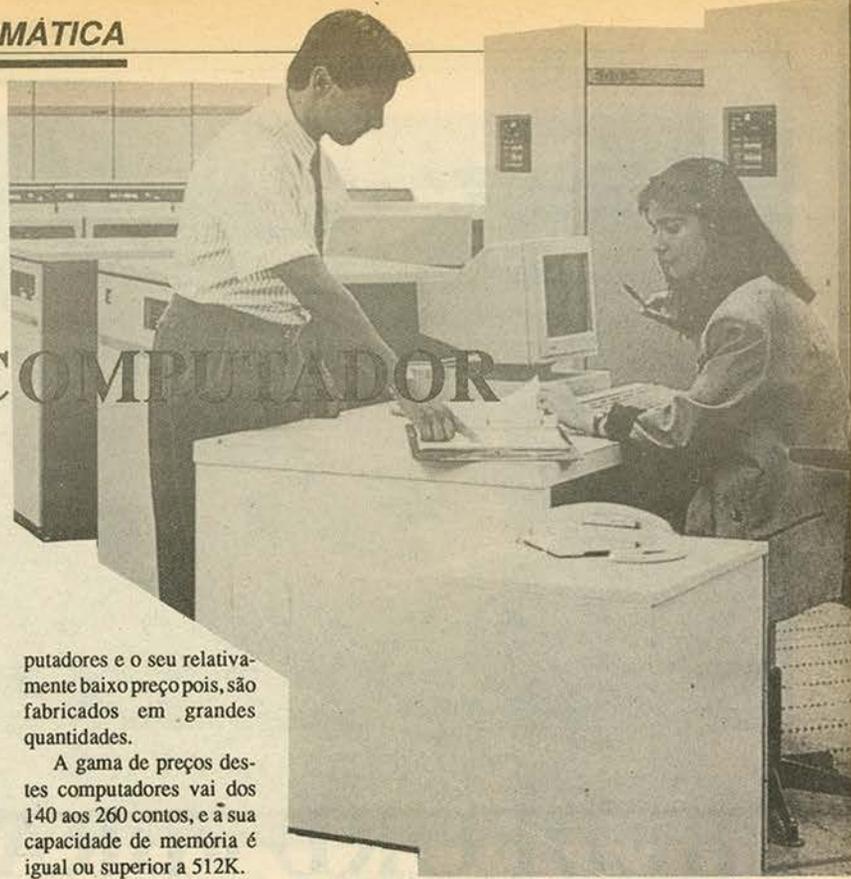
E como o Motoexpo também é dedicado ao todo-o-terreno, foi criado um espaço próprio para este tipo de veículos, que reunirá todas as principais marcas representadas em Portugal.

Ao longo dos sete dias desta exposição, praticamente inédita no nosso país, a Vantagem — Serviços de Publicidade, Lda, organizadora do Motoexpo, em colaboração com a AIP/FIL e com o apoio da Anecra, Anarec e Acap, vai promover o convívio com grandes figuras do mundo das duas rodas, estando já garantida a presença do campeão Wayne Gardner.

Motoexpo, na FIL, de 5 a 12 de Dezembro, das 15 às 23 horas. □

A qualidade e o rigor técnico são vectores decisivos no mercado de software. Em qualquer dos casos, na aquisição de um computador, o Instituto de Defesa do Consumidor indica alguns conselhos.

AQUISIÇÃO DE UM COMPUTADOR



TORNA-SE praticamente impossível agrupar de forma correcta e exhaustiva os tipos de computadores existentes no mercado e classificar esses grupos de acordo com os preços e características, por exemplo. No entanto e com todas as reservas, devido ao aparecimento frequente de novos modelos e à flutuação dos preços, tentaremos dar uma ideia geral de algumas gamas de microcomputadores nos primeiros níveis de preços. Vamos considerar vários tipos de computadores agrupados em gamas diferenciadas de preços, e indicar sumariamente o que o comprador pode esperar obter em cada um dos tipos indicados (para os

termos que não conheça, consulte o glossário). **Tipo 1** — englobamos aqui os computadores de mais baixo preço e, correspondentemente, com menores capacidades. Estes computadores trabalham com o televisor caseiro, têm um leitor de disquetes incorporado ou como acessório e têm capacidades de memória desde 128K a 520K. A sua gama de preços varia entre os 50 e os 90 contos. Embora os computadores deste tipo tenham servido a muito de porta de entrada para a informática, as suas capacidades são limitadas, sobretudo se se pretende, imediatamente ou num futuro próximo, co-

meçar a utilizá-los num nível semiprofissional. No entanto, embora a gama de preços correspondente aqui, de modo geral, à gama de capacidades de memória, alguns computadores com maior memória (520K) já apresentam uma qualidade e variedade de software apreciáveis. **Tipo 2** — existe uma enorme variedade de computadores pertencentes ao que chamamos Tipo 2, e constituem como grupo uma espécie de norma ou *standard* dos computadores pessoais de baixo preço. O facto de trabalharem todos com o mesmo sistema operativo tem como consequência a grande quantidade de bons programas para este tipo de com-

putadores e o seu relativamente baixo preço pois, são fabricados em grandes quantidades. A gama de preços destes computadores vai dos 140 aos 260 contos, e a sua capacidade de memória é igual ou superior a 512K. Trabalham com um monitor próprio — de melhor qualidade que um televisor normal — o qual pode ser monocromático ou policromático. Podem ter um ou dois leitores de disquetes incorporados. A variação dos preços está principalmente relacionada com o número de leitores de disquetes e com a qualidade gráfica do monitor. Para uso doméstico ou para uma pequena empresa, e como experiência inicial com computadores, esta gama satisfaz plenamente, a variedade e qualidade de programas existentes permitem atingir os mais diversos objectivos. O uso do chamado «ratio», como modo de interacção do utilizador com o computador, até há pouco tempo apenas reservado a computadores de preços superiores mas agora acessório corrente desta gama de computadores, torna a utilização de muitos programas particularmente agradável, simples e recomendado, apesar do custo adicional. Os microcomputadores desta gama podem ser equipados com um disco rígido e os preços neste caso passarão a variar de 250 a 350 contos. O disco rígido torna a utilização do micro mais rápida e permite um armazenamento de dados muito superior. **Tipo 3** — neste tipo, os preços já se situam dos 400 contos para cima, sendo correntes preços de 600

contos. O que se ganha com estes preços elevados? Rapidez de processamento e memória. Mas estes requisitos só se tornam necessários se necessitamos de processar um grande número de dados, experimentar programas avançados e exigindo grandes quantidades de memória, ou ainda programas sofisticados relativos a gráficos ou à composição musical. Portanto, já estamos longe do utilizador normal que se inicia nos computadores, está claro. Um dos erros mais frequentes em que cai quem compra pela primeira vez um microcomputador é julgar que não vai precisar de impressora! Pode ser que a compra de um micro tenha sido precipitada, mas se passar a utilizá-lo minimamente para qualquer coisa mais do que jogos, a necessidade de uma impressora tornar-se-á premente imediatamente. Não apenas no caso de se servir do processamento de texto, está claro, mas em todos os outros. A escolha de uma impressora é uma tarefa difícil. Os factores principais a ter em conta são a compatibilidade, a velocidade, os tipos e a qualidade da letra e o ruído. Nomeadamente: — Quanto à compatibilidade, isto é, a possibilidade de a impressora trabalhar com o micro que comprou ou tenciona com-

prar, a única solução segura é ver que os dois, efectivamente, trabalham em conjunto. Se já possui o micro, leve-o ao vendedor da impressora e verifique se esta é capaz de imprimir texto e gráficos produzidos no monitor; — Quanto à velocidade, que é medida em cps. (caracteres por segundo), tenha em conta que a velocidade depende da qualidade da letra e que, portanto significa pouco uma velocidade de 300 cps no modo rascunho («draft») — no qual raramente vai imprimir-se na qualidade melhor («NLQ — near letter quality») essa velocidade cai para 25 cps., por exemplo; — Quanto aos tipos e qualidade de letra, a única coisa a fazer é também experimentar, comparar; — Quanto ao ruído, não o considere um factor secundário, pois vai com certeza arrepender-se. Se depois: aquilo que no ambiente barulhento da loja lhe parece aceitável, no silêncio da sua casa será um ruído porventura ensurdecedor...



PHILIPS

COMPUTADORES	C/ MONITOR MONO	C/ MONITOR POLICROMÁTICO
XT 10 MHZ, 1 DRIVE	128 000\$00	166 000\$00
XT 10 MHZ, 30 MB, VGA	242 500\$00	287 500\$00
AT 286 VGA, 20 MB, 12,5 MHZ	280 000\$00	330 000\$00
AT 286 VGA, 40 MB, 12,5 MHZ	297 500\$00	347 500\$00
386 SX VGA, 40 MB, 16 MHZ	465 000\$00	515 000\$00
386 SX VGA, 100 MB, 16 MHZ	549 000\$00	595 000\$00
IMPRESSORAS/FAX		
160 cps, 80 col, 9 ag.	41 500\$00	
300 cps, 132 col, 24 ag.	108 000\$00	
FAX 3060 (Oferta de telefone)	125 000\$00	

Sobre os preços mencionados incide o IVA à taxa em vigor

OFERTA LIMITADA • VISITE-NOS JÁ!

GRUPO NET BIT

CHAI LOJA 1 C. C. S. João do Deus, Lj. 428 1000 Lisboa Tel. 77 94 52 LOJA 2 R. Madalena, 124 1100 Lisboa Tel. 88 39 50	CIGEST Tr. Giestal, 29-B 1300 Lisboa Tells. 363 02 31 64 08 32 64 89 78 Fax 649978	RDS Av. Eng. Arantes Oliveira, Lote 13-A C. C. Olaias, Loja 103 1900 Lisboa Tel. 89 55 93	HES Q.ª St. António, Lote 20, Loja D1.ª 2400 Leiria Tells. 81 36 90 Fax 813202	CDI R. Sá da Bandeira, 752 4000 Porto Tel. 31 05 55 (Busca Aut.) Fax 382958	MEGACOMP Rua Dr. Pedro Sousa, 188 4100 Porto Tells. 610 12 52 617 94 80 Fax 617 94 80
---	---	--	---	---	---

DISTRIBUIDORES AUTORIZADOS PHILIPS > TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO

REGIÃO DEMARCADA DE LEITÕES

REMONTA aos tempos medievais, como se registou nos diversos documentos iconográficos «Testamento de Lorvão» e «Livro de Horas de D. Manuel», a cultura vinícola da Bairrada. Esse «país vinhateiro da Bairrada», como o apelidou o ilustre académico António Augusto de Aguiar, só viria a sofrer um revés, ao tempo de D. José, quando o Marquês de Pombal, ou porque não gostasse do delicioso néctar ou por puro desconhecimento de terrenos, resolveu mandar arrancar todas as cepas, substituindo-as por agricultura de cereais. Em 1822, João Baptista Ferreira, já bastante longe de tal pesadelo, começou a reabilitação de vinicultura local.

Foi, no entanto, o eng.º Tavares da Silva, quem, depois de experiências frustradas do técnico francês Paulo Palut (1889), chamado a preparar um novo tipo de vinho francês, deu no ano seguinte o impulso ao fabrico do champanhês.

Anadia está e continua a estar em festa ao comemorar o primeiro centenário desse evento. E foi a propósito dele que o presidente da Câmara Municipal local, prof. António Santos Maria, falou ao «Tempo» do seu significado, dizendo-nos que «este acontecimento só poderá, talvez, ser entendido a médio prazo, quando se colherem os frutos destas

A Região Demarcada de Leitões é uma ideia em marcha. Para o presidente da Câmara Municipal da Anadia, tal pretensão significa mais uma achega promocional da sua região, onde também o vinho espumante reina poderosamente.



O presidente da Câmara Municipal de Anadia, António Santos Maria (ao centro)

jornadas. Neste momento, constatamos que, a nível da região, isto representa o espelho de um desenvolvimento económico dos seus

produtos e das suas gentes laboriosas, que se dedicam à produção de bons vinhos e espumantes».

Este dedicado autarca,

no decorrer da sua alocução na sessão de abertura das comemorações dos «100 Anos de Espumante», avançou a ideia de proclamar,

também, a «Região Demarcada de Leitão». Sobre esse ponto, referiu que tal «é fruto dos numerosos contactos que fizemos com os produ-

tores de suínos, nomeadamente leitões, e ainda com os assadores. Eles entendem que, nesta região, se confecciona esse prato típico dentro de características que não são igualadas em qualquer outra parte do País e mesmo do mundo. E, da mesma maneira que entendemos que a qualidade nos bons espumantes e vinhos é fundamental, achamos também que seria interessante para retirar dividendos a nível económico e cultural o mesmo procedimento em relação ao leitão».

Os aspectos de vilas congeminações, também aventado por este autarca durante os mesmos festejos, mereceu-lhe o seguinte comentário: «Anadia, neste momento, não está ainda geminada com nenhuma outra localidade quer a nível nacional quer estrangeiro. E, durante estas jornadas, surgiu-nos a ideia de concretizarmos essa pretensão. Deste modo, ocorreu-nos lançar o convite através de dois elementos ligados à produção de espumosos de Espanha, da região de El Penedez, da zona da Catalunha, a melhor do país vizinho. Eles encararam com verdadeiro entusiasmo esta nossa iniciativa e vão apresentar a sugestão aos alcaldes de San Sdurnio e Vila Franca de Penedez, para avançarmos a congeminação com uma das duas localidades». □



Saber comprar

«Saber comprar para bem servir» é o lema utilizado por Alfredo Caetano da Fonseca, o proprietário da Cave Garrafeira Flor do Restelo.

Ele explicou ao «Tempo» as razões do sucesso do seu estabelecimento junto do consumidor: «Sabem os entendidos que uma verdadeira cave, para armazenagem de vinhos deve possuir uma temperatura constante, o que só se consegue quando ela está enterrada no solo. Mas, para além disso,

quem vende vinhos tem de conhecer os produtos, não comprando gato por lebre.

É necessário, acima de tudo, saber escolher o que vai adquirir, conhecendo as boas colheitas, sem atender a preços. É por isso que recomendo sempre colheitas de 1980, 83 e 85 das diversas marcas há muito implantadas no mercado.» Saliendo-nos que tem «imenso respeito pelos profissionais do sector», recusa as «tais promoções dos supermerca-

dos», alegando que «uma boa colheita não necessita de preços rebaixados para ser vendida. Infelizmente, só de tempos a tempos, essa mesma colheita aparece, tornando-se num acontecimento, que prevalece inescusável nos verdadeiros apreciadores».

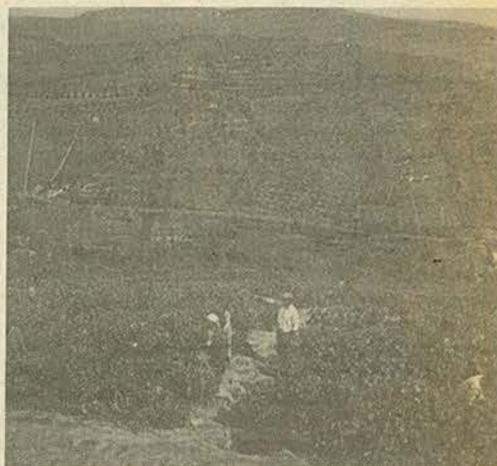
Alfredo da Fonseca diz-nos «para que serve comprar um bom carro, se não temos uma garagem para o conservar? Assim é com os bons vinhos e a sua adequada armazenagem». □

Cada cor seu paladar

Escolher um vinho continua a ser um acto difícil. Salvo raras excepções, apenas os peritos (escanção ou técnico preparador, entre outros profissionais ligados à vinicultura) estão à altura de os classificar.

Diogo Baeta, responsável pelo «marketing» da cerimónia firma Jacinto Lopes Baeta, Filhos, Lda., quando por nós inquirido sobre marcas existentes no mercado, apontou três, considerando-as excepcionais, não só pela qualidade como também pelas suas características. São dele estas opiniões: «O vinho tinto Patrão Diogo tem a cor rubi, um aroma *sui generis*, paladar ligeiramente aveludado e que aumenta com o seu envelhecimento.

«Apesar de ter apenas três anos de existência, acredita-se que virá a ser implantado no mercado. Tudo porque na sua constituição predomina a casta Piriquita, bem como outras tradicionais da Estremadura. No ano passado ganhou uma medal-



ha de ouro em Ljubljana, na Jugoslávia. Temos, ainda, dentro dos tintos, o Colares Viúva Gomes. Como se sabe, o Colares é um vinho intermédio (vinho verde-maduro) possuindo frescura, agulha, viveza e aroma tartárico, e deste a suavidade e paladar, já que é produzido com uvas Ramisco. Com dois anos de idade, em geral este vinho adquire a cor rubi que o caracteriza. Contudo,

os Colares necessitam de cinco anos para atingir a perfeição. Por fim, recomendo também o branco da mesma marca, produzido em chão de areia, com casta Malvazia, para além de outras da Estremadura. Tem a cor amarelo-palha, é seco e possui um aroma frutoso e paladar requintado. Quando bastante envelhecido poderá até substituir qualquer bom vinho de aperitivo». □

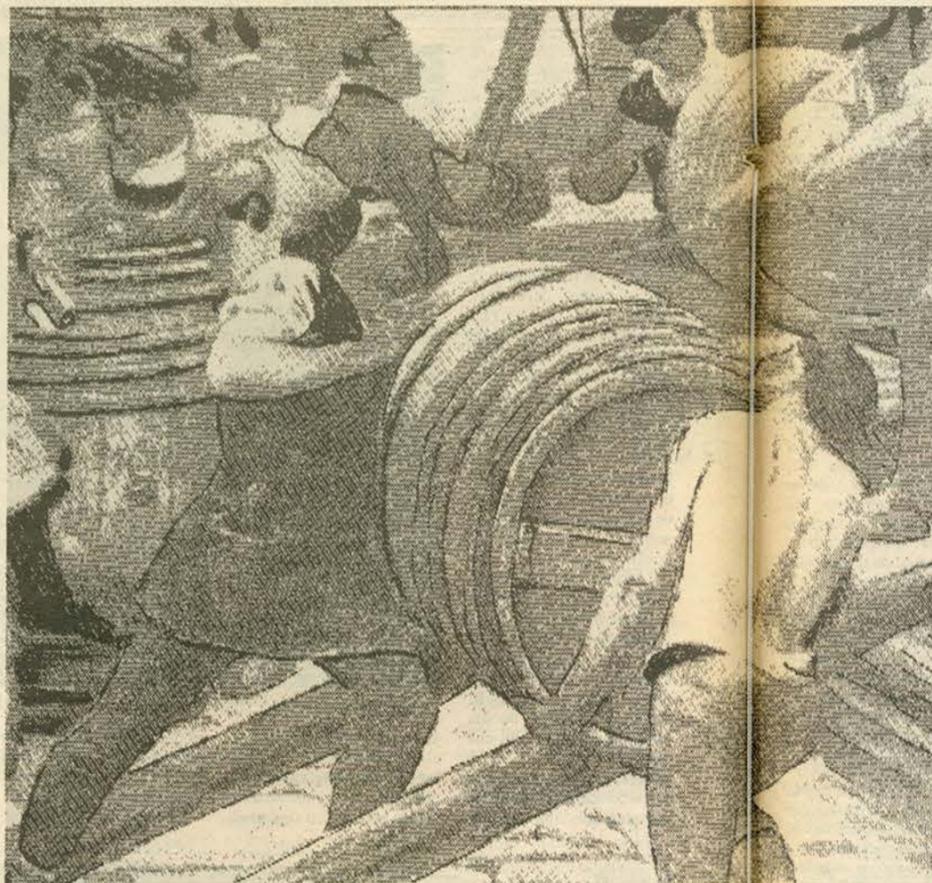
Espumante, entre nós, é uma palavra que define o vinho proveniente das uvas cultivadas quase exclusivamente na Região Demarcada da Bairrada. O seu cultivo é difícil, quanto difícil é também a sua preparação. Embora com experiência de um século, os actuais técnicos existentes neste tipo de cultura vinícola procuram com insistência atingir, cada vez mais, a perfeição, que se traduz na qualidade do produto.

Carlos Resende

SEM dúvida que um vinho base bem concebido constituirá o suporte inequívoco de um espumante de qualidade — foi com esta expressão que o eng.º Bento dos Santos, técnico das Caves Raposeira, Lda. iniciou a sua palestra na mesaredonda no decorrer das comemorações dos «100 anos de espumante», em Anadia.

Ajuntando que, «como é evidente, todas as outras fases do processo têm de ser dominadas com todo o cuidado, profissionalismo e experiência que o mesmo exige», afirmou que «no entanto, as

TÉCNICA E QUALIDADE DO VINHO ESPUMANTE



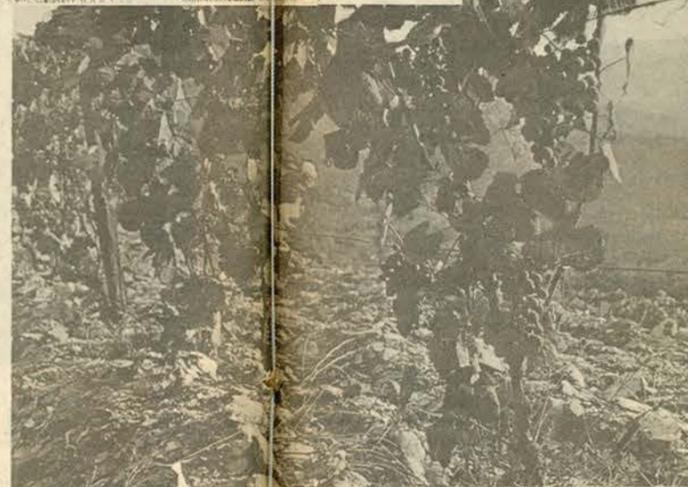
bases da qualidade do futuro espumante natural têm de ser lançadas desde muito cedo».

Em seu entender, para que surja a qualidade, no seu mais alto potencial, terá de se atender ao solo, clima, condições meteorológicas do ano, porta-enxertos, castas (Chardonnay, Pinot Noir, mais Malvazia fina e Cerceal, entre outras) e técnicas culturais nos anos anteriores à colheita, factores estes que têm uma acção decisiva sobre a qualidade do vinho. «Alguns deles não são alteráveis pelo homem, mas outras podem e devem ser revistos, repensados e utilizados de acordo com os objectivos e padrões de qualidade actual», ajuntou, ao referir-se aos porta-enxertos, às castas e às técnicas culturais que, de uma forma geral, são usadas sem critérios de selecção, nem sempre atempadamente, nem da forma mais correcta».

Debruçando-se sobre o

problema da preparação da vindima, bem como do acompanhamento da maturação, disse que «durante o mês que antecede a vindima, a maturação deverá ser acompanhada regularmente, pelo menos uma vez por semana, em locais representativos de uma determinada zona. Nesses locais deverão ser feitas amostragens aleatórias, por exemplo de 250 bagos, determinando-se nessas amostras os parâmetros peso, densidade, acidez total, PH e índice de maturação. Com os resultados obtidos constituir-se-ão gráficos ou registos com o objectivo de determinação de datas de vindima, previsão das características do mosto e eventuais correcções, planeamento da actuação da vindima, previsão dos quantitativos e gestão das capacidades».

Sobre a vindima, Bento dos Santos, após ter pormenorizado as questões anteriores, nomeadamente no



que respeita à necessidade de se encontrar uma fase de equilíbrio açúcar-acidez, analisou a colheita e selecção da uva, afirmando que «é uma fase decisiva de todo o processo, tendo em consideração o estado sanitário dos bagos, o seu manuseamento delicado e utilização de pequenas vasilhas (caixas plásticas, com

funis para provocar arejamento e evitar asfixia em dias de muito calor). Na realidade, ou porque as práticas culturais não foram as mais aconselháveis e ou porque as condições meteorológicas do ano foram desfavoráveis, por vezes é necessário fazer uma certa escolha das uvas na própria vinha».

Passando à questão



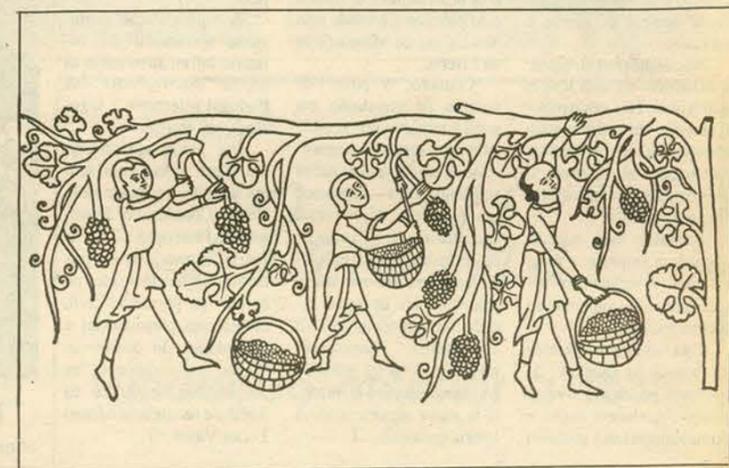
transporte, recomendou que «este deverá ser feito rapidamente para a adega e em pequenas vasilhas e que esta é uma fase sensível de todo o processo, e a questão económica e a mudança de hábitos, nela envolvida é importante. No entanto, quando se tem de trabalhar a qualidade do produto, esta não pode ser posta em causa, havendo que optar e

encontrar soluções alternativas. O controlo de qualidade à recepção das uvas foi, em seguida, analisado pelo orador, sublinhando que a existência de registos é essencial, para obter o historial das colheitas de cada lavrador, seleccionando as cargas e ou os lavradores. Sobre a fase da preparação dos mostos, este técnico garantiu que «para obter o melhor da uva, toma-se necessário extrair o mosto sem destruir as partes sólidas, incluindo a película, procedendo-se a uma prensagem suave e lenta, pois o rebentamento das partes sólidas provoca a dissolução de matéria corante e, a seguir, a sua oxidação». Passando à separação dos diferentes tipos de mosto, disse que «é evidente que, durante a prensagem, os mostos obtidos não são iguais, apresentando características próprias e, por isso mesmo, não devem ser misturados», derivando depois para a análise desta fase, pormenorizando-a com grande perícia.

A fermentação alcoólica, a adição de leveduras e o controlo de temperatura de fermentação foram, também, questões que Bento dos Santos detalhou, sempre com minúcia, demonstrando grande conhecimento da matéria. □



Bento dos Santos, técnico das Caves Raposeira



Amantes do vinho

A Confraria dos Enófilos da Bairrada, uma associação sem fins lucrativos, com sede em Almada, tem como objectivo específico a defesa do prestígio, a valorização e a propaganda dos vinhos da Bairrada e dos vinhos portugueses em geral. O seu estatuto define, claramente, que para prossecução dos objectivos que se propõe atingir, poderá estabelecer contactos com organismos oficiais, associações congéneres ou quaisquer entidades científicas e culturais, nacionais ou estrangeiras.

Esta confraria actua com total independência e isenção política e religiosa, sendo a investidura dos sócios feita em cerimónia especial. A direcção é composta por um presidente, dois vice-presidentes, um secretário e um segundo secretário, um tesoureiro e dois vogais, tendo o presidente voto

de qualidade. A confraria, por deliberação da sua direcção, poderá atribuir títulos de enófilo honorário a entidades singulares ou colectivas, nacionais ou estrangeiras, de reconhecido merecimento, ou pela qualificação especial, ou ainda que à causa dos vinhos tenham dado contributo relevante.

A direcção actual é constituída pelas seguintes personalidades: Adelino Dias Vigário (presidente), António Dias Cardoso e Luís Ferreira da Costa (vice-presidentes), José Carlos Gamelas (secretário), Rui Moura Alves (tesoureiro), Lopo Sousa Freitas (escanção) e Luís Pires Rato (escanção). O prof. Carlos Santos Miguéis e Fernando Melo Giraldes são, respectivamente, presidentes da assembleia geral e do conselho fiscal. □



TOTOLOTO PREJUDICA LOTARIA E TOTOBOLA

A firma João Rodrigues da Costa, Lda., é uma das mais antigas neste sector. A sua actividade iniciou-se por volta do ano 1872, na Rua do Ouro. Volvidos cerca de 50 anos estabeleceu-se definitivamente na Rua da Prata, n.º 106.

Apesar de uma quota de mercado reduzida, distribui lotaria para uma grande parte do País, incluindo as ilhas, através dos revendedores.

Conta no seu secante habitual de lotaria de uma percentagem significativa de numeração baixa, incluindo o n.º 00001 e que desde sempre pertenceu a esta casa.

No entender da empresa, a existência de uma lotaria diária neste País, onde prolifera cada vez mais o jogo clandestino, iria prejudicar fortemente as lotarias já existentes, bem como o totoloto e o totobola.

Por outro lado, e ainda segundo a empresa, o êxito do totoloto reflectiu-se negativamente no totobola e na lotaria nacional.

Esta situação deveu-se ao facto de os jogadores do totoloto poderem investir pouco e ganharem muito, e (simultaneamente) gozarem

da possibilidade de opção quanto à importância que pretendem gastar, e a lotaria tem um preço fixo que, neste momento, não se encontra ao alcance de toda a população.

O totoloto tem, como é do conhecimento geral, grandes atractivos, como, por exemplo, o *jackpot* e as transmissões televisivas, cujo alcance e impacto junto das populações é enorme. «Após um período bastante conturbado nas vendas da lotaria, a nível nacional, notam-se agora algumas melhorias que têm a ver com uma nova política de planos e de prémios efectuada pela Santa Casa de Misericórdia de Lisboa.

Contudo, o poder de compra da população em geral continua a ser escasso, pelo que sentimos necessidade de se efectuarem novas reformulações» — disse-nos um porta-voz da empresa. Ele adiantou que «a criação de um quarto prémio na lotaria nacional, assim como o aparecimento de mais sequências numéricas de 3 e 2 algarismos, respectivamente, poderia ser benéfico e viria a dar um novo impacto e maior agressividade à lotaria nacional». □

GESTORES DISTINGUIDOS

Arez Romão, administrador-delegado de a Lusitânia, Diamantino Marques, administrador da Global, e Ernesto Victor, administrador da Correctora João Mata, foram distinguidos pelo Clube de Executivos de Seguros, como os melhores gestores da actividade seguradora nacional.

A Arez Romão foi atribuído o prémio «Melhor Gestor na Área Comercial e de Marketing».

As individualidades indicadas são três técnicos com largo passado na actividade seguradora, tendo o primeiro feito carreira, sempre desempenhando cargos directivos, na Seguradora Industrial e Mundial Con-



fiança, enquanto os outros dois na Companhia de Seguros Império.

Arez Romão encontra-se à frente da Lusitânia Com-

A Philips Portuguesa lançou no nosso mercado um dos mais avançados sistemas de reprodução de imagem em ecrã gigante, o Philips Vidi-wall.

Estes sistemas foram concebidos para as mais diversas aplicações, sendo caracterizados pelas seguintes inovações: sistema de alta resolução formado por vários monitores para utilização em interiores. Este sistema é comandado por computador permitindo a inserção de efeitos especiais; sistema de alta resolução formado por células LCD e especialmente con-

SEGURANÇA EM COLÓQUIO

O Governo Civil de Leiria, através do Centro Coordenador Distrital de Protecção Civil de Leiria, integrou a representação portuguesa ao V Colóquio Internacional Sobre Segurança nas Escolas, realizado em Berlim, com o patrocínio da Comissão das Comunidades Europeias.

A representação portuguesa apresentou um relatório informativo sobre as acções desenvolvidas em Portugal referentes à segurança nas escolas.

Foi ainda apresentado um filme vídeo, com som em alemão, realizado pelo Centro Coordenador Distrital de Protecção Civil de Leiria, versando os ensaios de evacuação efectuados no âmbito da protecção civil, em escolas preparatórias e secundárias do distrito de Leiria, nomeadamente na preparatória de Caldas da Rainha e secundária Afonso Lopes Vieira. □

ECRÃ GIGANTE



cebido para uso em exterior e ecrã gigante de projecção que apresenta imagens brilhantes e elevado contraste. Este sistema é móvel e destina-se a uso em interiores.

Com o superprojector, obtém-se um grande impacto visual qualquer que seja a aplicação, devido ao elevado contraste, fruto da tecnologia digital de ponta.

São inúmeras as possibili-

dades que os sistemas Vidi-wall podem oferecer.

Poderá dar maior dinâmica às suas apresentações, poderá chegar com as mensagens publicitárias a milhares de pessoas que todos os dias se deslocam na cidade, poderá divulgar melhor os seus serviços e produtos, poderá animar espectacularmente os espaços de entretenimento. □



TECNOLOGIA DE ASFALTO

«Construção de estradas e tecnologia do asfalto» foi tema que reuniu, num hotel de Lisboa, dezenas de técnicos nacionais e estrangeiros, representantes oficiais e de grandes empresas, em simpósio promovido pela Exxon Chemical International, líder mundial de nova tecnologia do sector.

Organizado pelo sector de construção da Exxon Chemical International, filiada da Exxon Corporation, decorreu recentemente em Lisboa um simpósio subordinado ao tema «Construção de estradas e tecnologia do asfalto», domínio em que se têm verificado, a nível a europeu, consideráveis avanços.

Dado o grande interesse da iniciativa daquela multinacional americana, líder mundial no campo das poliolefinas, estiveram presentes as principais ligadas ao sector, nomeadamente representantes do Ministério das Obras Públicas, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Junta Autónoma das Estradas, Faculdades de Engenharia, câmaras municipais, associações da especialidade, consultores e importantes empresas do sector.

No discurso de abertura, proferido pelo eng.º A. Calçada de Sá, responsável pelo «marketing» do sector de construção da Exxon Chemical na Península Ibérica, foi salientada a importância em criar mecanismos válidos de cooperação entre os intervenientes no domínio da construção de estradas em Portugal e as empresas líderes na investigação e desenvolvimento de soluções alternativas para os actuais sistemas de pavimentação. □

TROCA DE SISTEMAS

A Singer substituiu, recentemente, o seu sistema informático, optando pela solução da Araújo & Sobrinho Informática (ASI).

Até há pouco tempo, os serviços administrativos centrais da Singer estavam informatizados com *hardware* e *software* Nixdorf. Perante as novas exigências do trabalho da empresa, e devido aos sucessivos melhoramentos, o sistema deixou de corresponder às necessidades, tanto ao nível do *hardware* como *software*. A consequente auscultação do mercado seleccionou apenas duas empresas capazes de responder às necessidades da Singer; eram elas a Rima/Nixdorf e a Araújo & Sobrinho Informática. Depois de devidamente ponderadas as opções, a solução ASI foi a escolhida. Segundo declarações do chefe de informática da Singer, Fernando Bello, «houve um conjunto de factores que nos impeliram para a escolha da solução ASI, mas o *software* foi o factor decisivo. O *software* era mais adaptado e adaptável àquilo que nós queríamos».

Tratou-se de uma opção de produto em detrimento da opção comercial. A mudança efectuada deve-se ainda à necessidade de vir a utilizar uma base de dados para a área de *marketing* que seria difícil de implementar com o sistema antigo. Por outro lado, o *software* Comet corre em Niros, enquanto o ASI corre em Unix. É, portanto, mais rápido, os custos de aquisição e manutenção são mais baixos e em vez de um sistema operativo proprietário como o anterior, este é aberto, garantindo a segurança futura do investimento, para eventuais mudanças tanto de *hardware* como de *software*. □

AVANÇO TECNOLÓGICO

Um grande marco na história da Champion Spark Plug Company foi levado a cabo na presente época por Alain Prost, no seu Ferrari 641, no Grande Prémio de França, quando registou não só a 100ª vitória da Ferrari num grande prémio mas também a 250ª vitória da Champion. Uma das primeiras realizações, de que a Champion continua a orgulhar-se, foi ter equipados, em 1963, o motor Coventry Climax, de Jim Clark, no seu primeiro Campeonato do Mundo com o Lotus 25. Duas velas Champion, N58R e N63R, proporcionaram a energia requerida pelo excepcional binário dessas unidades. O Lotus e o Cooper eram carros vencedores nessa altura, apesar de valores de consumo elevados, que não correspondiam ao da concorrência. A era do turbo assistiu a uma comutação para concepções de velas intersticiais embutidas como a G509. □

MAIS LUZ MENOS CONSUMO

A Osram Portuguesa lançou no mercado as novas lâmpadas «Luminux», que têm como particularidade serem fluorescentes com uma divisão em grupos de cores e tonalidades. Nelas as fontes de luz são igualmente agrupadas em função da reprodução mais ou menos fiel da cor dos objectos. Para tal efeito, existe o chamado «índice geral de restituição de cores», abreviadamente Ra=100, que significa que as cores vistas sob uma determinada luz são fiéis e sem deturpações. A avançada tecnologia Osram permitiu a inovação «Luminux», novas lâmpadas fluorescentes compactas, tão pequenas como as lâmpadas incandescentes normais. Têm um só casquilho, do tipo de encaixe ou um casquilho de enroscar E 27 e um balastro electrónico incorporado.



O campo de aplicação, que vai desde escritórios a apartamentos, passando pela indústria e estabelecimentos, depende da utilização das variantes: luz branca, quente, tectos baixos e níveis superiores. Em fun-

ção do tipo de lâmpada, para o mesmo nível de iluminação em relação a lâmpadas incandescentes normais, a «Luminux» consome até 80 por cento menos de energia, produzindo 10 vezes mais luz. □

SOLUÇÃO PARA PRESBIOPIA

A Magnivision, o maior distribuidor mundial de óculos prontos-a-usar para quem sofre de presbiopia (vista cansada), fez a apresentação de um produto novo em Portugal durante uma conferência de imprensa realizada num dos hotéis lisboetas.

Trata-se de óculos graduados, para leitura e visão de perto, de venda exclusiva em farmácias e que têm a particularidade de não necessitarem de receita médica. □

ENCONTRO NACIONAL

A Fidelidade — Grupo Segurador, SA, leva a efeito no complexo turístico de Tróia, entre os dias 15 e 16 de Dezembro próximo, as Primeiras Jornadas Desportivas, Recreativas e Culturais, numa organização do seu Grupo Desportivo e Cultural.

Este evento, de grande envergadura, proporcionado pela administração da empresa, que este ano está a comemorar não só o seu 155.º aniversário da sua fundação, como também o facto de se ter guindado ao primeiro lugar das seguradoras portuguesas, envolverá cerca de 1000 funcionários que, durante esses dois dias, irão participar nas mais diferentes manifestações de ordem cultural e desportiva.

Um bem elaborado programa de festejos, nomeadamente provas de atletismo, ténis de campo, torneio quadrangular de futebol, exposição de «cartoon», concurso de fotografia, torneio de minigolfe para crianças, torneios abertos de dominó, damas e sueca, e palestra sobre pintura, culminará com um almoço de encerramento e distribuição de medalhões alusivos às jornadas.

Ao que o «Tempo» apurou, este «meeting» está a despertar grande interesse entre o pessoal desta prestigiosa seguradora que, deste modo, proporciona aos seus funcionários que trabalham nas mais diferentes zonas de todo o País, a oportunidade de se conhecerem pessoalmente. □

«FRANCHISE» ÓPTICO

Um grupo constituído por 84 dos melhores oculistas do País, entre os quais se inclui a Óptica do Conde de Redondo, de Lisboa, aderiu à organização internacional Optivisão (Vision-Card Europe), visando a integração de Portugal na CEE.

Este grupo tem a característica especial de cada um dos seus membros prestar e garantir o material que é vendido nas lojas dos seus colegas, atestando a qualidade de serviço.

Assim, ao adquirir-se óculos numa das lojas é atribuído ao cliente um cartão, válido por um ano, que lhe possibilita, em caso de acidente, mandar reparar ou substituir esses óculos (armações ou lentes) pagando



apenas 30 por cento do valor do custo da reparação ou substituição.

Esta garantia, aliás, é extensiva a toda a Europa, nos estabelecimentos que

integram o Vision-Card Europe, fundado pela Optivisão, proporcionando a todos os seus clientes, em férias ou em viagem, apoio total. □

NOVO AUTO-RÁDIO

A Grundig acaba de lançar dois novos modelos de auto-rádios com leitor de cassetes, o WKC 5000 RDS e o WKC 5500 RDS.

Destacando-se a nível exterior pelo estilo exclusivo do «design» Porsche e a nível interior pela tecnologia Grundig, estes novos modelos são extremamente compactos, aliando o conceito de clareza e facilidade de utilização típicos ao padrão de qualidade e precisão da Porsche «design». □



JOGOS DE INVERNO

A Organização do Comité Olímpico de Lillehammer (LOOC), nomeou a IBM como fornecedor do equipamento informático, máquinas e aplicações, para os Jogos Olímpicos de Inverno de 1994, a terem lugar em Lillehammer, na Noruega. A IBM será o terceiro membro da equipa Birkebeiner, a qual engloba os dez maiores parceiros e patrocinadores destes jogos. □

CASA

Batalha

Fundação anterior a 1635

O MAIS ANTIGO ESTABELECIMENTO DO PAÍS E DA EUROPA, DENTRO DA MESMA FAMÍLIA, O MESMO RAMO DE NEGÓCIO, CONTINUA ATENDENDO OS SEUS ESTIMADOS CLIENTES E AMIGOS. ACTUALMENTE NAS INSTALAÇÕES PROVISÓRIAS.

(AO LARGO DO CHIADO)

Rua Paiva de Andrada, 6-1.º Esq.º

1200 LISBOA

Telef.: 32 73 13

e

CENTRO COMERCIAL DAS AMOREIRAS

LOJA 2071

Telef.: 69 18 91

BDO BINDER EM BRUXELAS

A BDO Binder reuniu recentemente os seus membros para analisar os resultados da implantação de uma firma de auditoria na Hungria, numa conferência internacional em honra do ministro húngaro para as relações internacionais, Ferenc Máde, responsável pela estratégia das privatizações naquele país.

No entanto, realizado em Bruxelas na passada semana, estiveram presentes mais de 220 membros vindos dos países em que a BDO possui escritórios, além de representantes dos principais bancos e firmas de advogados com presença em Bruxelas e responsáveis comunitários.

A conferência foi inaugurada por Hans-Heinrich Otte, presidente do conselho internacional da BDO e sócio principal da firma alemã, que discursou sobre a evolução da República Democrática Alemã no último ano.

A BDO abriu os seus escritórios na Hungria em Março do ano passado, sendo uma das poucas empresas do sector com autorização da Bolsa de Valores de Budapeste para auditoria das empresas listadas.

Com seis escritórios na Alemanha Oriental, em Berlim, Dresden, Leipzig, Erfurt, Magdeburg e Rostock, a BDO possui a rede mais importante de todas as empresas internacionais de

auditoria que operam na RDA, planeando expandir as suas operações a outros países do Leste europeu, com a abertura de duas filiais na Checoslováquia e três na Polónia, no próximo ano.

A BDO Binder, uma das maiores firmas internacionais de auditoria, assessoria fiscal e consultoria de gestão, realizou em 1989 um volume de negócios da ordem dos 1,2 mil milhões de dólares.

Em Portugal, a BDO actua desde 1981, prestando serviços a numerosas empresas nacionais e estrangeiras que operam não só no mercado português, mas também em Cabo Verde, Angola e Moçambique. □

AGC EUROPE

Após a aquisição de 75 por cento da Diavia pela AGC Europe, empresa do grupo General Motors, o importador da marca líder do mercado de ar condicionado, vai continuar a ser «auto línea» já que, desde 1986 tem apresentado excelentes resultados na conquista de uma importante penetração no mercado.

O «take-over» veio permitir ao grupo General Motors assumir a liderança do mercado após venda de ar condicionado na Europa.

A grande diferença entre a Diavia e as marcas concorrentes está nos materiais utilizados, na tecnologia da concepção do equipamento e, essencialmente, na homologação dos equipamentos pelos próprios construtores das viaturas. A Diavia, que impôs o seu nome na liderança de vendas de ar condicionado de grande qualidade, dispõe de equipamentos para todos os tipos de viaturas automóveis desde a gama alta à gama baixa, passando pelos pesados de mercadorias e incluindo também as máquinas agrícolas. □

PTC E SILICON

APTC — Projectos de Telecomunicações e a Silicon — Electrónica e Telemática, assinaram um acordo de colaboração tendo em vista a promoção conjunta de formação contínua em sistemas integrados de cablagens em edifícios que incorporem grande nível de automação.

Especializada em projecto, instalação e conservação de redes e sistemas privados de telecomunicações, a PTC alia, assim, a sua experiência e «know-how» técnico à capacidade de formação da Silicon na área da informática e telecomunicações.

Ambas as empresas têm desde já previstas acções de formação que incluem a participação de peritos europeus naquele domínio e visam — como forma de potenciar o «know-how» nacional já adquirido — propiciar condições que permitam alcançar o nível técnico que se requer à satisfação das necessidades dos próximos empreendimentos de edifícios inteligentes em Portugal. □

MEGASIS

Depois de disponibilizar serviços tão variados como a indústria ou o escritório electrónico (passando pelos sistemas de informação, conversões/migrações, bases de dados e sistemas periciais/inteligência artificial), a Megasis — Sociedade de Serviços e Engenharia Informática, anuncia agora serviços de consultoria em segurança informática e auditoria informática.

Estes serviços — que se integram na oferta de serviços de engenharia de sistemas de informação do DESI — Departamento de Estudos e Soluções Informáticas da Megasis — vêm valorizar a gama de serviços disponíveis no mercado nacional, com intervenção em domínios com importância cada vez mais crucial como são os da segurança informática e auditoria informática. □



HOECHST

A Hoechst AG decidiu construir uma linha de reciclagem na sua fábrica de Knapsack. Está previsto que esta instalação, com uma capacidade de transformação anual de cerca de 5000 toneladas, entre em funcionamento em meados de 1992. Os materiais a transformar são poliolefinas (peças plásticas usadas) com maior incidência em polipropileno. O valor deste investimento perfaz 12,5 milhões de marcos.

A instalação visa transformar, em granulado, matéria plástica proveniente de peças da indústria automóvel, electrodomésticos e desperdício de embalagens, ajustando-o sempre ao nível de qualidade «Hoechst». □

Portugal vai estar representado na segunda cimeira da ECSA — European Computing Services Association, que se realiza no próximo dia 7 de Dezembro, em Bruxelas.

A representação nacional integra o dr. Luís Alves Costa (Time Sharing) presidente da direcção da APESI — Associação Portuguesa de Empresas de Serviços de Informática, o dr. Moreira Rato (Reditus), o eng.º Salema Garção (Projidata) e o sr. Carlos Couras (EIN) igualmente directores daquela associação portuguesa filiada na ECSA.

Durante a reunião serão apresentados os elementos que constituem o recém-criado secretariado permanente da ECSA em Bruxelas e revistos os objectivos a alcançar pela associação e as suas actividades actuais e futuras, no quadro dos múltiplos desafios que a indústria de serviços de informática terá de enfrentar no futuro próximo.

No decorrer da cimeira, o presidente da ECSA fará alusão à representatividade daquela associação na indústria dos serviços informáticos e abordará a questão da revisão

ECSA

do critério de selecção dos membros directos do conselho da associação.

Durante a sua mensagem aos associados da ECSA, Philippe Levi definirá como principais objectivos da associação: a promoção das companhias ligadas àquela estrutura associativa e o reconhecimento de indústrias e serviços de informática, o encorajamento e reconhecimento do sector, no âmbito da Comunidade Económica Europeia, e, sobretudo, o incentivo de relações comerciais entre as empresas da CEE com outras não pertencentes, nomeadamente com as dos países da Europa Central e de Leste.

A regulamentação do sector, a melhoria da informação (estatísticas, análises gerais e definições) e a promoção das telecomunicações europeias de uma forma interligada e com tarifas comuns, bem como a determinação da elegibilidade dos membros associados e o desenvolvimento dos recursos humanos, serão outros dos temas a analisar nesta segunda cimeira da ECSA e que serão referidos pelo seu presidente, Philippe Levi, durante a reunião de 7 de Dezembro. □

PRÉMIOS BIAL

No próximo dia 31 de Dezembro encerra o prazo de apresentação de trabalhos candidatos ao Prémio Bial de Medicina Clínica 1990.

O Prémio Bial destina-se a incentivar a produção de obras de índole médica, dirigidas à medicina clínica, as quais deverão ser originais e inéditas, de autoria individual ou de parceria, sendo obrigatoriamente um dos autores médico e de nacionalidade portuguesa.

Estabelecido em 1984, o

Prémio Bial constitui o maior prémio nacional do seu âmbito e um dos maiores da Europa em medicina clínica. Além dos valores monetários — 2000 contos para o primeiro classificado, 800 para o segundo e 100 por menção honrosa (até um máximo de quatro), publica em livro, de cuidada apresentação gráfica, 15 mil exemplares de cada uma das obras premiadas (1.º e 2.º prêmios). O júri desta edição é constituído pelos profs.

drs. António Falcão de Freitas, Armando Porto, Torres Pereira, Eurico de Figueiredo e Nuno Cordeiro Ferreira e presidido pelo prof. dr. Nuno Rodrigues Grande.

A cerimónia de entrega dos galardões está prevista para Abril do próximo ano, na Reitoria da Universidade do Porto, onde é catedrático o presidente do júri.

Até ao momento o «Laboratório Bial» distribuiu cerca de 85 mil exemplares das obras já premiadas. □

AMERICAN EXPRESS NA ALBÂNIA

Seguindo o exemplo dos restantes países do Leste, também a Albânia estabeleceu um acordo com a American Express, com o objectivo de permitir aos turistas e homens de negócios que visitam o país, a possibilidade de efectuar pagamentos com o cartão American Express.

O acordo, assinado pela organização do Estado albanês para viagens e turismo, contempla, igualmente, os pagamentos com cheques de viagem e confere à American Express uma cobertura a 100 por cento do continente europeu, incluindo a União Soviética.

Mais de 36 milhões de pessoas no mundo inteiro usam o cartão American Express, gastando anualmente 13 mil milhões de contos.

O cartão foi lançado em Portugal no passado mês de Maio, em exclusividade com o Banco Português do Atlântico.

A American Express Travel Related Services é uma subsidiária da American Express, cuja actividade abrange serviços financeiros, viagens, seguros e telecomunicações. □

H. S. C. IBÉRICA

A Mountain Network Solutions — representada em Portugal pela HSC Ibérica — anunciou o lançamento da versão 1.1 do seu conhecido «software file talk», um programa utilitário para redes de dados, que permite executar o «backup» da informação contida nos discos de computadores integrados em redes (LAN), utilizando sistemas de «backup file safe» da Mountain.

As novas potencialidades apresentadas pelo File Talk 1.1 possibilitam que um sistema de «backup» central possa salvar e guardar a informação de qualquer disco situado na rede de dados (LAN).

O File Talk é um programa para «workstation», que não necessita de estar no «server» da rede para exercer as suas funções de salvaguarda da informação. Quando combinado com o «file safe» da Mountain, o File Talk acede a um número ilimitado de «drives», tendo em vista salvaguardar uma sessão de trabalho. □

APESI

«software» em todo o mundo, e o próprio quadro jurídico português.

Em Portugal, encontra-se em apreciação, na especialidade, no âmbito da Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias da Assembleia da República um projecto de lei sobre protecção jurídica de «software» que retoma quase integralmente o texto da proposta de directiva do conselho da CEE. Apresentada no Parlamento em Maio de 1989, apenas um mês após ter sido tornado público o documento europeu, a iniciativa coube ao deputado do PSD, Mário Raposo, advogado, ex-ministro da Justiça e actual provedor de Justiça. □

A comunidade informática portuguesa e, nomeadamente, as empresas de serviços, analisaram e discutiram em Lisboa a proposta de directiva europeia sobre protecção legal do Software. A iniciativa coube à APESI — Associação Portuguesa de Empresas de Serviços de Informática e contou com a colaboração de John Borking, presidente do «Legal Committee» da ECSA — European Computing Services Association. Durante o encontro, foram especialmente analisadas as consequências éticas, legais e comerciais daquela proposta de directiva quanto ao «reverse engineering» e à «interoperability», e analisada a posição da ECSA nesta matéria, bem como passada em revista a situação da protecção legal do

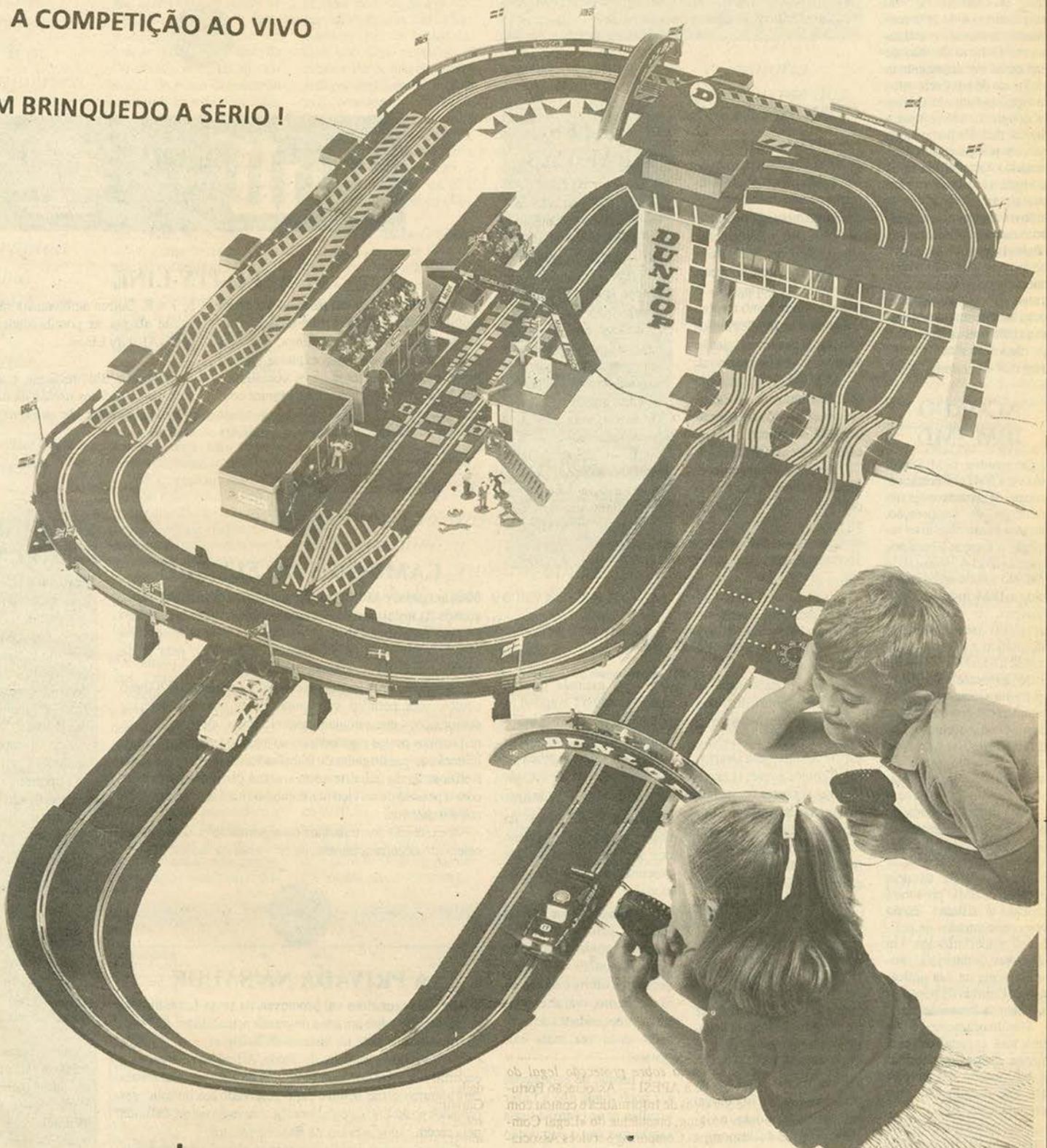
SCALEXTRIC®

A MAIS FAMOSA DAS PISTAS DE AUTOMÓVEIS

PARA MUITOS MOMENTOS DE INTENSO PRAZER COM OS SEUS FILHOS

A COMPETIÇÃO AO VIVO

UM BRINQUEDO A SÉRIO!



DISTRIBUÍDO POR:

Brinco *Brinco*

RUA DA SENHORA DA GLÓRIA, 81-A/81-F

Telex — 15833 BRINCO P — FAX 874288

Telegramas BRINCO — LISBOA

Telefones 8678 02 - 87 61 21/2/3

1100 LISBOA

PO

COMÉRCIO E SERVIÇOS

Durante três dias, empresários do comércio e dos serviços, dirigentes das estruturas associativas do sector, a nível internacional e nacional, membros do Governo, responsáveis da Administração Pública e outros interessados participaram no III Congresso do Comércio e dos Serviços, que decorre na UACDL (à rua Castilho, em Lisboa, até dia 2 de Dezembro). A comissão executiva do congresso aponta como expectativa um número de 400 congressistas e de 100 convidados nacionais e estrangeiros. O facto de não se realizar há seis anos nenhum congresso do comércio e dos serviços, o facto de o lema do congresso ser reflexo e objecto da mais preocupada atenção por parte dos empresários do comércio e dos serviços, a circunstância das presenças distintas que honrarão o congresso e até mesmo o momento político que o País viverá em Novembro, são factores que, não só garantem o maior eco do congresso na opinião pública, como atribuem maiores responsabilidades à CCP para que ele venha a constituir o êxito que esperamos. □

ACORDO IBM/SMD

A Companhia IBM Portuguesa e a SMD Informática, acabam de assinar mais um protocolo de cooperação, que tem como objectivo interligar a estação Elena aos sistemas IBM AS/400 e IBM S/36. No âmbito deste protocolo, a IBM instalará, sem encargos, o equipamento necessário para o suporte informático a este projecto, no qual a SMD irá desenvolver o *software* necessário por forma a tornar possível a comunicação entre a estação Elena e os sistemas IBM através referidos. As acções de desenvolvimento serão levadas a cabo pelo departamento técnico da SMD, com o apoio de engenheiros de sistemas da IBM. Estas acções visam permitir a transferência, em tempo real, de informações entre os dois sistemas. A SMD procurará colocar o sistema Elena como concentrador de periféricos especializados em ambientes industriais, nomeadamente na sua aplicação nas centrais de pesagem da indústria farmacêutica.

Simultaneamente, o sistema terá capacidade para integrar dados nos sistemas de informação das empresas, que funcionem com computadores IBM.

Este protocolo sublinha o apoio da IBM a produtos de projecto nacional e, simultaneamente, a capacidade tecnológica da SMD Informática, empresa do grupo Inesc/Aitec. □

SISTEMAS DE SEGURANÇA

A Equisistemas — Racionalização e Sistemas, empresa especializada nos mercados informáticos (equipamentos e consumíveis) e sistemas de segurança, anunciou a disponibilização no mercado português de diversos produtos no domínio dos sistemas de segurança.

Os produtos comercializados pela divisão de sistemas de segurança da Equisistemas — que representa, entre outras, a conhecida marca Unisto — são, nesta fase inicial, de três tipos: selos de alta segurança, pastas e malas para transporte de valores e sacos plásticos antivolação.

Os produtos comercializados pela divisão de sistemas de segurança da Equisistemas destinam-se não apenas a bancos e outras instituições que trabalhem com valores, mas também a todas as entidades cuja documentação exija tratamento confidencial, em termos de arquivo ou de circulação entre diferentes órgãos. □

COMUNICAÇÃO GLOBAL

A NTM Comunicação Global, primeiro projecto integrado na área da comunicação implementado no Norte do País, foi recentemente apresentado em Vila Nova de Gaia. No actual contexto do mercado português, o projecto surge como resposta nacional às grandes multinacionais, através da criação de um grupo multirregional.

A NTM é constituída pela Nortimagem — Publicidade e Estudos de Mercado, pela Nordirect — Marketing Directo e pela BL&E — Gestão de Imagem, oferecendo assim aos seus clientes um vasto leque de serviços através de empresas especializadas, autónomas e descentralizadas. □

LAZER 1991

O Parque de Exposições de Braga principiou a distribuir o *mailing* respeitante à próxima edição da Exposição de Artigos para Desporto e Tempos Livres (Lazer), que vai decorrer no recinto bracarense entre 13 e 17 de Março de 1991.

Este certame é dirigido, fundamentalmente, a fabricantes e comerciantes de artigos e equipamentos para o desporto e tempos livres, bem assim como a serviços de turismo.

Terão, portanto, pleno cabimento na exposição materiais e equipamentos para campismo, caravanismo, montanhismo, caça e pesca desportiva, desportos, praia e piscina, som e imagem, jardim e *bricolage*, tempos livres, turismo e viagens, veículos de desporto e recreio, brinquedos, jogos e *hobbies*, livros, revistas e outras publicações.

No folheto de apresentação, o Parque de Exposições

ARTES GRÁFICAS

A Siemens AG (Berlim/Munique) — através da empresa recentemente criada Siemens Nixdorf Informationssysteme AG (Paderborn) e a Linotype-Hell AG (Eschborn), estão em vias de consolidar um negócio comum, que vai desenvolver e comercializar sistemas integrados para a indústria gráfica.

Assim, uma só empresa fornecedora — a ISGI — colocará no mercado soluções completas e *know-how* total para a indústria de impressão gráfica/tipográfica. □

de Braga assinala que se «assiste, a nível mundial, a uma tendência para o aproveitamento dos tempos livres», o que justifica a «necessidade de desenvolver neste sector as nossas capacidades ao nível da oferta, através da qualidade dos serviços prestados, da procura e de acções promocionais».

Considera, assim, que «a Lazer é, indiscutivelmente, uma oportunidade excelente para responder ao duplo desafio da oferta e da procura», portanto, «vai ao encontro das necessidades do mercado, cada vez mais exigente».

O parque de exposições faz notar ainda que a Lazer «realiza-se no centro de uma região que tem a população mais jovem da Europa, desde logo com mais apetência para o consumo de bens e serviços para o lazer e tempos livres. □

AMAFOND

Um seminário sobre máquinas e materiais para a fundição está a decorrer no Porto, no Hotel Sheraton.

A iniciativa, organizada pelo Instituto Italiano para o Comércio Externo em colaboração com as associações sectoriais dos dois países, será articulada em duas «jornadas», durante as quais 10 importantes firmas italianas propositadamente seleccionadas pela Amafond, Associação Italiana de Fornecedores de Máquinas e Materiais para a Fundição, apresentarão as mais avançadas tecnologias aplicáveis a este sector.

Com a ocasião serão ainda ilustrados

alguns significativos projectos que a indústria transalpina realizou recentemente em todo o mundo e os positivos resultados alcançados.

Desta forma, a Itália pretende dar a sua contribuição, em termos de *know-how* e equipamentos inovativos, para o rápido desenvolvimento de um importante sector da economia lusitana. O momento é, de resto, particularmente propício, considerando que foi recentemente implementado, no âmbito do PEDIP, um subprograma específico que visa a reestruturação do sector português da fundição de metais ferrosos e não ferrosos. □



AFFINITY LINE

O grupo Bull lançou, no passado dia 15 de Outubro, uma solução ergonómica completa, denominada «Affinity Line», que permite a um utilizador final explorar, no seu posto de trabalho, com uma visibilidade MS-Windows, aplicações cooperantes com «servidores» do catálogo Bull.

O anúncio diz respeito aos ambientes GCOS

6, 7 e 8. Outros ambientes virão posteriormente alargar as possibilidades oferecidas pela «Affinity Line».

Assim, a Bull reafirma a abertura dos sistemas GCOS aos *standards*, declarou Jean Segonds, director de *marketing* do grupo Bull. □

CAMINHOS DO FUTURO

Mais um passo é dado na modernização do caminho de ferro, através da instalação de um sistema de comunicações rádio no eixo de Lisboa-Porto. O contrato foi hoje assinado, em Lisboa, entre a CP e o consórcio constituído pela firma portuguesa Sistel e a empresa suíça Radiocom.

Este investimento, que se cifra em um milhão e 200 mil contos, vem permitir as comunicações entre as diversas composições que circulam naquela linha, entre estas e os respectivos postos reguladores, ao mesmo tempo que possibilitará equipar brigadas de trabalhadores em serviço na via. Refira-se ainda que este novo sistema permitirá o contacto com o pessoal de serviço nos comboios e melhor informação aos passageiros.

A execução dos trabalhos emergentes do contrato agora celebrado decorrerá durante os próximos 24 meses. □

A PRIVADA NA SAÚDE

A Aliança Seguradora vai promover, na sexta-feira, dia 30, um seminário sobre um tema de grande actualidade: «O Papel da Iniciativa Privada no Sistema de Saúde.»

Será o próprio ministro da Saúde, Arlindo de Carvalho, a encerrar o seminário, com uma intervenção, na qual fornecerá algumas pistas sobre o papel reservado aos investidores privados no âmbito da estrutura legislativa de saúde, definida pela recém-publicada Lei de Bases do sector.

Estão ainda previstas intervenções, além do presidente da Aliança Seguradora, Manuel Oliveira Marques, de representantes, ao mais alto nível, da Bonança, Clipóvoa, Hospital da Prelada, Ordem dos Médicos, UGT, Hospital da Barra e outras entidades com interesses e projectos no sector. □

SEMINÁRIO NO LNEC

Portugal é um dos países europeus onde se assiste a um grande investimento na construção de infra-estruturas rodoviárias. No âmbito do convénio de colaboração existente entre a Junta Autónoma de Estradas e o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, afigurou-se oportuno promover uma reflexão acerca de estruturas, materiais e processos construtivos em obras de pavimentação e terraplenagens, que não têm sido tradicionalmente empregues em Portugal.

Assim, decorrerá no LNEC, entre 3 e 5 de Dezembro, um seminário sobre «Aplicação de Cimento em Pavimentos.»

O programa do seminário está dividido nos seguintes painéis: «Materiais — Ligantes, Hidráulicos e Pozolâmicos», «Tratamento de Solos», «Pavimentação — Pavimentos Rígidos e Pavimentos Semi-rígidos». □

EM DÚVIDA A ADEÇÃO RÁPIDA AO SME GOLFO E RECESSÃO NO OCIDENTE AMEAÇAM PROCESSO

Clara Synek

COMEÇAM actualmente a desenhar-se perspectivas menos favoráveis para uma adesão rápida do escudo ao SME, não só pelas tendências inflacionistas em Portugal apresentarem sinais de subida, revelada pelo comportamento do índice de preços no consumidor de Outubro, como pela aproximação de sinais de recessão mundial, particularmente nos Estados Unidos, na CEE, nos países do Leste europeu, provocados pelo arrastamento da crise do Golfo, originando uma subida do preço do petróleo.

O próprio ex-ministro das Finanças, Miguel Cadilhe, numa recente conferência proferida na Madeira, em 17 de Novembro, fez uma espécie de aviso, aludindo à quase impossibilidade de se reduzir a inflação portuguesa na situação presente, caracterizada por uma elevada expansão e de pleno emprego.

Entre enfrentar os aspectos considerados desvantajosos e uma não entrada rápida da nossa moeda para o SME e exigir uma aceleração na redução drástica de certos desequilíbrios da nossa economia (inflação e défice público), necessários à entrada do escudo no mecanismo de taxas de câmbio do SME, a opção realista parece ser a primeira, atitude partilhada por Miguel Cadilhe, pelo governador do Banco de Portugal e outros. Desta forma, entre as repercussões apontadas para a economia portuguesa que derivariam de uma participação do escudo no SME, salientam-se o possível incentivo e estímulo do turismo, do comércio, do investimento directo estrangeiro e de entradas de capitais. Ora, neste domínio, Portugal, até este momento, não parece estar a sofrer de uma redu-

ção deste tipo de operações, bem pelo contrário.

Em relação ao investimento directo estrangeiro, apesar de ainda existirem certas limitações que poderão desincentivar as aplicações de capitais no nosso país, tais como a falta de flexibilidade de legislação laboral, taxas de juro elevadas, deficiências das infra-estruturas básicas nacionais, este não tem cessado de crescer. Para o ano em curso, está prevista a soma de 800 m.c., relacionados com este investimento, representando um acréscimo considerável, de 127 por cento face ao ano transacto, ultrapassando a soma do montante de 685 m.c., atingido entre os anos de 1980 e 1989.

Segundo dados do ICEP, a maior parte deste investimento continua a ser proveniente dos restantes países comunitários, cerca de 72 por cento no decurso do primeiro semestre deste ano, destacando-se o Reino Unido com um peso de 29 por cento no total, embora seja de realçar que durante este

ano transacto, passando a ocupar o segundo lugar do total do IDE em Portugal com um peso de 12,6 por cento. Actualmente, figura em terceiro lugar atrás do Reino Unido e da Espanha.

Sectorialmente, parece existir uma evolução do tipo de investimento processado em Portugal, no sentido de um aumento do peso do sector financeiro e da indústria. Assim, enquanto no primeiro semestre de 1989, o peso do IDE aplicado ao sector financeiro representava 15,5 por cento (16,3m.c.), durante os primeiros seis meses do ano em curso, o peso deste investimento passou para 30,6 por cento (70,7m.c.). Da mesma forma, no sector industrial as indústrias químicas, a fabricação de produtos metálicos e de máquinas, equipamento e material de transporte tiveram um peso de 5,9 por cento no total no primeiro semestre de 1989 (6,21 m.c.) enquanto que até Junho deste ano já representavam 12,7 por cento (29,4 m.c.). Contrariamente a estes dois

Apesar de uma eventual recessão, regista-se um crescimento no investimento estrangeiro directo, a maioria proveniente dos restantes países comunitários, especialmente do Reino Unido, com 29 por cento no primeiro semestre de 1990.

O investimento em empresas já instaladas apesar de ser aquele que continua a prevalecer teve um crescimento passando de 48,1 por cento em 1988 para figurar em 52 por cento no ano seguinte. Para o investimento em novas empresas, que figuravam em terceiro lugar em 1988, com um peso de 20,4 por cento, teve um aumento significativo, dado que em 1989 o seu peso era de 25 por cento, ficando atrás do investimento em empresas já instaladas. Ao inverso, foi o que aconteceu com as aquisições que representavam o segundo lugar em 1988, com um peso de 31,4 por cento, para alcançar apenas o terceiro lugar com um peso de 20,2 por cento em 1989. O fenómeno de investimento estrangeiro destinado à criação de novas empresas ter aumentado de peso no total, poderá ser positivo dado que tende a valorizar certos aspectos positivos inerentes ao IDE, tais como, a criação de

emprego e um maior desenvolvimento dos restantes sectores da nossa economia, derivados do emprego de novas tecnologias. Mas, um aspecto que ainda está pouco desenvolvido entre nós é o investimento directo feito pelos empresários portugueses no exterior. Para o primeiro semestre deste ano, consoante os dados do BP, o montante deste investimento não foi além dos 7,6 m.c., representando ainda muito pouco em relação ao efectuado por estrangeiros em Portugal. Entretanto, foi divulgado pelo INE o índice de produção industrial relativo ao mês de Junho do ano em curso, onde se observa que as taxas de crescimento continuam a ser elevadas.

Este índice apresentou em Junho um acréscimo de 7,12 por cento face ao mesmo mês de 1989, representado, sobretudo, pelas indústrias extractivas, que teve uma subida de 52,5 por cento. A indústria transformadora teve, por sua vez, um crescimento de 5,74 por cento, sensivelmente igual

Por outro lado e segundo o índice de produção industrial relativo a Julho e divulgado pelo INE, as taxas de crescimento continuam a ser elevadas. Assim, em Junho, o referido índice registou um acréscimo de 7,12 por cento face ao mês homólogo de 1989, sobretudo nas indústrias extractivas, cuja subida foi de 52,5 por cento.

ao mês precedente. Para a média dos seis meses conhecidos de 1990 face à média dos mesmos meses do ano anterior, o índice geral teve um acréscimo de 8,11 por cento, com as indústrias extractivas a crescerem de 40,12 por cento e a indústria transformadora de 6,93 por cento, esta última a sofrer um ligeiro decréscimo relativamente a Maio. □

Entre enfrentar aspectos desvantajosos de uma entrada não rápida do escudo no SME e exigir uma redução drástica na inflação e défice público, a opção mais realista parece a primeira, atitude partilhada pelo governador do Banco de Portugal e outros especialistas.

período, houve uma redução relativa destes investidores face ao constatado no primeiro semestre de 1989.

Os investimentos provenientes de França, depois de terem sido durante os anos de 1980, 81 e 83 os de maior montante, sofreram uma brusca diminuição sobretudo a partir de 1986, apesar de ter havido uma recuperação

sectores, o peso do investimento estrangeiro dirigido ao imobiliário diminuiu, passando de 38 por cento no total em Junho de 1989 para atingir os 62,6 m.c., correspondendo a 27,1 por cento no total. O que tem estado também a sofrer uma alteração na sua evolução é o tipo de operação que caracteriza este investimento.

EVOLUÇÃO DO INVESTIMENTO DIRECTO ESTRANGEIRO EM PORTUGAL APÓS A ADEÇÃO À CEE

INDICADORES SIDE	86	86/85	87	87/86	88	88/87	89	89/88	90	90/89	90(1)	90/89
		%		%		%		%	(1.º Semest.)	%		%
TOTAL IDE	24,5	-42,2	61,6	+151	138	+124	352	+155	231,2	+119,5	800	+127
PESO DA CEE NO TOTAL %	68		72,5		64		67		72			
PESO DO R.U. NO TOTAL %	22,4		23,8		26,7		22,8		29,3			
PESO DA FR. NO TOTAL %	9,5		7,9		8,5		12,6		6,5			
PESO DA ESP. NO TOTAL %	11,0		20,1		7,6		12,5		24,2			
PESO DO IDE NO PIB %	0,6		1,2		2,3		5,6					
PESO DO IDE NA FBCF %	2,7		4,9		8,2		18,9					

O total do investimento directo estrangeiro previsto para o ano em curso de 800 m.c., será superior ao total atingido entre os anos 1980 e 1989, que foi de 685 m.c.

(1) - Previsão

Fonte: ICEP

Os sinais de uma recessão mundial avizinham-se, designadamente nos EUA, CEE e países do Leste, em virtude do conflito do Golfo e da subsequente subida do preço do petróleo. Esta conjuntura influi na inflação portuguesa, o que agrava a hipótese de uma adesão rápida ao Sistema Monetário Europeu. No entanto, tem-se sentido um forte crescimento no investimento directo estrangeiro, não obstante certas limitações como a falta de flexibilidade laboral, taxas de juro elevadas e deficiências das infra-estruturas básicas nacionais. Só para o ano em curso estava prevista uma soma de mais de 800 mil contos, relativa ao investimento directo, o que representou um acréscimo considerável de 127 por cento face ao ano transacto.



BEI CONCEDE 2 MILHÕES AO BPA

O Banco Europeu de Investimento (BEI) anuncia a concessão de um empréstimo de 2 milhões de contos (10,9 milhões de ecus) (1) ao Banco Português do Atlântico (BPA), que afectará os fundos a pequenas e médias empresas da indústria, turismo e serviços afins, assim como a projectos tendentes a economizar energia ou a proteger o ambiente. É a segunda tranche de um empréstimo global outorgado ao BPA e constitui mais um exemplo da colaboração do BEI com a banca portuguesa, com vista a incentivar o financiamento de empreendimentos de pequena dimensão. Com a primeira tranche de 1,5 milhões de contos, o BPA financiou 33 projectos de PME essencialmente do sector industrial.

Com este crédito, os empréstimos do BEI em Portugal, em 1990, elevam-se a 100,3 milhões de contos (em comparação com 130,6 milhões em 1989).

Os empréstimos globais reúnem os recursos financeiros do BEI, que goza de um acesso privilegiado ao mercado de capitais, com o conhecimento da conjuntura local dos

bancos e instituições financeiras, que afectam os fundos a empreendimentos de pequena e média dimensão. Em Portugal, as PME tem uma participação apreciável na actividade económica e desempenham um papel-chave no desenvolvimento do país.

Em 1989, o BEI concedeu 9 empréstimos globais (no valor total de 29 milhões de contos) a instituições financeiras e ao Estado português, para o financiamento de PME da indústria, do turismo e dos serviços relacionados; no mesmo período de tempo, foram financiadas 816 PME a partir dos empréstimos globais em curso. □

BPSM

Entre um sindicato bancário, liderado pelo Banco Pinto & Sotto Mayor e integrando o BPA, o Crédit Lyonnais e a Câmara Municipal de Coimbra, foi assinado, recentemente, um contrato de empréstimo obrigacionista de características inéditas entre nós.

Tratou-se de uma operação envolvendo um montante de 500 mil contos, destinados a financiar investimentos já projectados e em curso pela Câmara Municipal de Coimbra.

Operação original, porque nunca utilizada por qualquer outra autarquia, ela constitui um precedente que vem estabelecer alternativas de financiamento às Câmaras, cuja credibilidade financeira seja suficientemente forte, ao mesmo tempo que introduz, em Portugal, um segmento de mercado muito utilizado no estrangeiro. □

GALVÃO TELES VOLTA AO BPA

A primeira assembleia geral do Fonseca & Burnay, como sociedade anónima, elegeu Inocêncio Galvão Teles, presidente da respectiva mesa, cargo que tinha ocupado no anos 60, no então Banco Fonseca Santos & Viana.

A assembleia, que reconduziu integralmente os membros do conselho de administração, presidido por Pedro Rebelo de Sousa, elegeu ainda Manuel Coelho da Mota para a vice-presidência da mesa da assembleia geral.

Coelho da Mota pertence aos quadros do Fonseca há 25 anos e desempenha, actualmente, as funções de director do contencioso.

José Pedro Veiga, nos últimos seis anos presidente da comissão fiscalizadora do Fonseca & Burnay, foi na mesma altura eleito presidente do conselho fiscal.

O Fonseca & Burnay, que passou a sociedade anónima em 12 de Setembro último, tem vindo a operar, desde o princípio do ano, uma viragem estratégica no sentido da transformação do banco num grupo empresarial prestador de serviços financeiros integrados. □

BID CONCEDE 80 MILHÕES

O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) anunciou recentemente a aprovação de um empréstimo de 80 milhões de dólares para ajudar a financiar um programa de crédito multisectorial aos cinco países membros da Corporação Andina de Fomento (CAF).

O programa que será executado pela CAF terá um custo total estimado em 515 milhões de dólares.

O objectivo principal do programa será fortalecer e consolidar a CAF como uma instituição idónea para canalizar recursos de financiamento aos países membros.

Os recursos do programa destinam-se a

ao financiamento de projectos, operações de comércio externo e operações de produção e comercialização de bens de capital na Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela. Estes recursos serão canalizados através da outorga de créditos directos ao sector privado e ao sector público, para projectos que criem os seus próprios rendimentos, e também para projectos de integração física e de empresas multinacionais andinas.

O empréstimo do BID foi concedido através dos recursos do seu capital ordinário por um prazo de 15 anos, o qual prevê um período sem amortização de quatro anos, a uma taxa de juro variável. □

O BPA E A PRIVATIZAÇÃO

Com vista à reprivatização do BPA, o Governo pôs à venda nesta primeira fase 6 600 000 acções, representativas de 33 por cento do seu capital.

O BPA é, desde há longos anos, um dos maiores bancos comerciais do País, e transformou-se num grupo financeiro sólido, apoiado por uma organização criativa e dinâmica. Com uma presença importante em várias praças financeiras internacionais, o BPA tem vindo a desenvolver um projecto nacional, dotado de grande autonomia e independência, contribuindo para o progresso do País e encarando com grande optimismo o futuro que se

avizinha.

Ao longo dos 70 anos da sua existência, o Banco Português do Atlântico afirmou-se progressivamente como líder da banca comercial e cúpula do maior grupo financeiro português. O êxito da instituição, o seu dinamismo e espírito de inovação, tiveram como suporte a confiança que sempre demonstraram os seus depositantes.

São eles que constituem uma das principais bases de desenvolvimento do BPA, perante os desafios e oportunidades com que nos deparamos neste início da década de 90, o estreitamento dos laços que unem

o BPA aos seus depositantes assume uma importância cada vez maior.

Reconheceu o Governo a necessidade do reforço desta ligação, pelo que, no processo de reprivatização do Banco Português do Atlântico, é facultada aos depositantes a possibilidade de participarem no capital social da instituição.

Temos o maior prazer em informar que uma parte das acções a alienar pelo Estado, através de Oferta Pública de Venda, é reservada exclusivamente a depositantes do BPA e a residentes detentores de obrigações BPA/86 e de títulos de participação. □

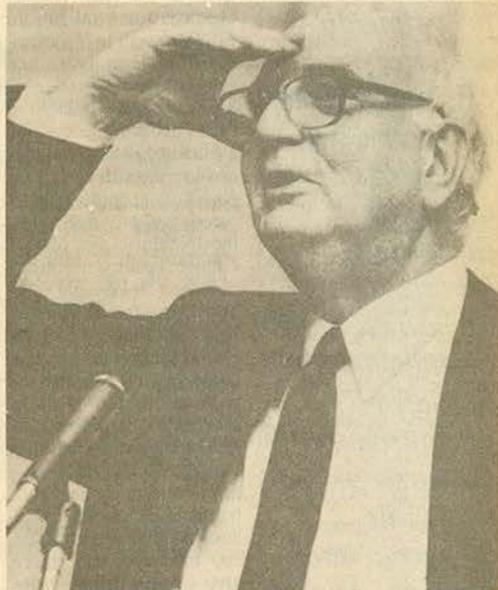


BANCOS CENTRAIS PERANTE OS PREÇOS

Apesar da reputação dos bancos centrais ter melhorado na última década, ainda não se pode afirmar que os mesmos estão em condições de garantir uma maior estabilidade financeira e dos preços, de acordo com o que afirmou Paul A. Volcker, presidente da entidade James A. Wolfensohn Incorporated e professor da Universidade de Princetown. Numa comunicação intitulada «O triunfo do banco central?», aquela personalidade sustentou que os bancos centrais conseguiram reduzir a inflação, e depois de uma grave recessão promoveram um período de expansão excepcionalmente grande, que, contudo, não foi suficiente.

Volcker baseou-se na sua experiência como presidente da Junta de Governadores do Sistema da Reserva Federal dos Estados Unidos entre Agosto de 1979 e Agosto de 1987, para sublinhar os êxitos e dificuldades dos bancos centrais. Esta comunicação foi apresentada na Conferência Per Jacobsson, realizada em Washington em 23 de Setembro passado.

O conferencista assinalou também que os êxitos conseguidos nos anos 80



em matéria de inflação são ainda parciais devido ao facto de nos países industrializados a mesma se ter situado entre 40 por cento e 10 por cento, antes de ter surgido, em Agosto passado, a questão petrolífera originada pela crise do Golfo, enquanto o desemprego se manteve em níveis muito altos. Por outro lado, sublinhou também que muitos países em vias de desenvolvimento, de rendimentos médios, cuja dívida externa continua a representar um pesado encargo,

tem-lhes sido impossível restabelecer uma situação próxima de estabilidade de preços e as suas perspectivas de crescimento económicas são incertas.

O ex-presidente da Junta de Governadores da Reserva Federal concluiu que não se pode afirmar ainda que a Europa de Leste, a China e a URSS consigam levar a bom termo a transição para sistemas económicos de economia de mercado sem se verem submetidas à inflação. □

JUROS

(Associação Portuguesa de Bancos)

TAXA (90 dias) **22.7708** =

TAXA (180 dias) **23.2083** =

Tempo Mercados

BOLSA

LISBOA (índice BPSM) **3856.07** ↓

PORTO (índice BPA) **211.54** ↓

BOLSA DE VALORES DE LISBOA

VARIAÇÃO NEGATIVA DE 1,6%

DURANTE a semana de 16/11 a 23/11 o índice Sotom Mayor de Acções sofreu uma variação negativa de 1,6 por cento, tendo atingido na passada sexta-feira os 3856.07 pontos contra os 3918.94 registados na última sessão da semana anterior.

O índice manteve uma constante tendência de queda ao longo da semana, apenas quebrada na sessão de sexta-feira. Na sessão de 22/11 o índice atingiu um novo mínimo do ano (3842.80).

Para uma melhor análise do mercado oficial de acções, durante este período, passamos a transcrever o quadro de quantidades e valores transaccionados por sessão:

DATA	QUANT.	VALOR (ESC 10 ³)
19/11	116.194	302.759
20/11	167.064	385.616
21/11	259.950	526.152
22/11	177.752	401.191
23/11	128.330	348.627

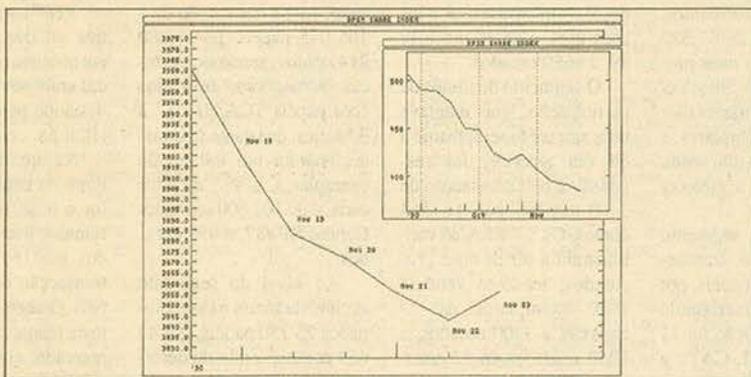
Durante a semana finda foram, assim, negociadas 849.290 acções num total de cerca de 1.96 milhões de contos, a que corresponde uma média diária de 169.858 títulos no valor aproximado de 392 mil contos. Estes valores indicam uma quebra em relação à semana transacta de 6,8 por cento na quantidade transaccionada e de 6,7 por cento no volume de negócios.

De entre as acções mais movimentadas, destacamos o BCP — Nom (109.579), o Manufacturers Hanover — P (96.671) e a Muncidcenter (68.832).

Durante o período em análise, 45,5 por cento das espécies desceram, 19,8 por cento subiram e 34,7 por cento não alteraram a cotação.

As maiores subidas foram registadas pela Reditus (+32 por cento), Manufacturers Hanover — N (+13,4 por cento) e Filmes Lusomundo (+10,9 por cento) enquanto as maiores descidas couberam às acções da Soc. Port. Seguros (-21,4 por cento), Têxteis Luís Correia (-18,4 por cento) e Jupiter (-16,7 por cento).

Quanto à vertente obrigacionista, o índice Sotom Mayor de Obrigações fechou a semana passada com 115.08 pontos (o que



MERCADO OFICIAL	QUANTIDADES	(%)	V. NEGÓCIOS (mrs. contos)	(%)
ACÇÕES	849 290	32.33	1 964 345	38.44
OBRIGAÇÕES	1 595 689	60.74	2 683 034	52.50
TÍTULOS DE PARTICIPAÇÃO	171 100	6.51	394 491	7.72
FUNDOS DE INVESTIMENTO	11 080	0.42	68 861	1.35
TOTAL 1	2 627 159	99.76	5 110 731	99.44
MERCADO NÃO OFICIAL				
ACÇÕES	5 932	93.98	25 240	87.03
OBRIGAÇÕES	380	6.02	3 762	12.97
TOTAL 2	6 312	0.24	29 002	0.56
TOTAL GERAL (1+2)	2 633 471	100.00	5 139 733	100.00

corresponde a uma subida de 0,36 por cento relativamente ao fecho da semana anterior).

Indicam-se a seguir os valores transaccionados por sessão no mercado oficial:

DATA	QUANT.	VALOR (ESC 10 ³)
19/11	182.125	192.180
20/11	462.649	496.737
21/11	149.532	527.630
22/11	361.456	906.111
23/11	439.927	560.376

No período em análise foram transaccionadas 1.595.689 obrigações num montante aproximado de 2,7 milhões de contos, o que corresponde a uma média diária de 319.138 de títulos negociados no valor de 540 mil contos (menos 42,5 por cento em quantidade e 19,9 por cento em volume de negócios do

que na semana transacta).

Do lote de obrigações que constituem o índice, destacamos, no que se refere ao volume de transações, os títulos EDP/15.^a (185.800), EDP/13.^a (126.165) e Lusoleasing/1.^a (125.000). Observemos, agora, o comportamento dos diversos segmentos de mercado, através do mapa que se apresenta.

Assim, relativamente à liquidez dos vários segmentos verifica-se que a vertente obrigacionista liderou claramente o mercado oficial (60,74 por cento). O volume de negócios do mercado oficial, no montante de 5,1 milhões de contos, representa um decréscimo de 29,2 por cento relativamente à semana anterior, enquanto o volume total dos negócios decresceu 35,3 por cento. Cerca de 50 por cento do volume médio diário (um milhão de contos) corresponde a transacções em obrigações. □

Bolsa de Chicago em Lisboa

A Bolsa de Chicago — Chicago Board of Trade — realizou em Lisboa um seminário sobre *futuros e opções de produtos agrícolas*, intitulado «Estratégias com opções e variáveis para a determinação dos seus preços».

Em vésperas da conclusão, prevista para 7 de Dezembro, das negociações internacionais de comércio no âmbito do GATT, con-

hecidas por «Uruguay Round», e nas quais a problemática agrícola constitui o eixo central, a comunidade empresarial agrícola portuguesa pode assim ter oportunidade de analisar e debater quer os aspectos que afectam mais directamente a economia nacional quer outros de natureza mais global com altos dirigentes daquela importante bolsa de mercadorias. Com efeito participaram nos tra-

balhos quase uma centena de quadros superiores de várias dezenas de empresas e da administração pública, bem como jornalistas da imprensa especializada.

A equipa da Bolsa de Chicago ao seminário de Lisboa foi chefiada pelo seu vice-presidente, Pat Catania, e integrada pelo director de Marketing, Gene Mueller, e pelo director de comunicações, Mike Oakes. □

HISPANO AMERICANO

A Hispano Americano, Sociedade de Investimentos, está a proceder ao pagamento do juro do cupão n.º 2, obrigações Hispano Americano 3.º e 4.º séries, na importância líquida de 69S37 cada. □

BORGES & IRMÃO

O Banco Borges & Irmão está a proceder à troca de cautelas pelos títulos definitivos, representativos do total do capital social de 12 milhões de contos. □

TOTTA & AÇORES

O Banco Totta & Açores está a proceder ao pagamento do juro do cupão n.º 7, obrigações BT&A/87, na importância líquida de 70S00 cada. □

BNU

O Banco Nacional Ultramarino, procedeu a um aumento do seu capital social de 20 para 40,5 milhões de contos, correspondendo o aumento à emissão de 4,5 milhões de acções no valor nominal de mil escudos cada. □

CAVES ALIANÇA

As Caves Aliança procedeu a um aumento do seu capital social de 90 para 750 mil contos, correspondendo o aumento à emissão de 630 mil acções no valor nominal de mil escudos cada. □

CIN

A CIN — Corporação Industrial do Norte convocou uma assembleia geral extraordinária, para dia 11 de Dezembro, para deliberar entre outros assuntos sobre quaisquer outros assuntos de interesse para a sociedade. □

CINCA

A Cinca — Companhia Industrial de Cerâmica, está a proceder ao pagamento do juro do cupão n.º 6, obrigações Cinca/87, na importância líquida de 75S00 cada. □

CIRES

A Companhia Industrial de Resinas Sintéticas, Cires, a partir de 1 de Dezembro, vai proceder ao pagamento do juro do cupão n.º 4, obrigações Cires/88, na importância líquida de 77S55 cada. □

COMERCIAL LEASING

A Comercial Leasing procedeu a um aumento do seu capital social de 750 mil para 2 milhões de contos, correspondendo o aumento à emissão de 1.250 mil acções no valor nominal de mil escudos cada. □

BOLSA DE VALORES DO PORTO

MAIS UMA SUBSTANCIAL QUEDA

A semana de cotações bolsistas registada no mercado de capitais do Porto entre 19 e 23 de Novembro, ficou marcada por mais uma substancial queda de alguns dos seus principais indicadores. Assim, quer o volume de negócios quer o índice de cotações BPA referente àquele mercado, passando pelos movimentos de subida e descida ao nível do segmento accionista, todos foram indicadores que registaram quedas acentuadas.

No que diz respeito ao volume médio de negócios — que ascendeu aos 8 965 015 contos, através da transacção de 5 656 256 títulos — verificou-se uma queda em relação à passada semana da ordem dos 12,9 por cento.

Já no que diz respeito ao número médio de acções cotadas diariamente, houve uma pequena subida: enquanto que na passada semana este indicador se situava nos 24 papéis, passou agora para os 27. Subida, aliás, que nada terá tido de benéfico, uma vez que, ao contrário do que se passava na semana anterior, o número de acções que viu as suas cotações cair foi bastante superior às que conheceram o movimento contrário (27 contra 63, o que dá uma diferença negativa para 36 papéis). Recorde-se que na semana passada este indicador tinha sido, finalmente, positivo para oito acções.

Refira-se ainda que o mercado de listagem continuou sem qualquer actividade, tal como vem acontecendo há já algumas semanas, e depois de um início bastante auspicioso.

No que diz respeito ao índice de cotações BPA, refira-se que este continuou a cair, depois de na passada semana ter recuperado alguns décimos. Desta vez, fechou a semana colocado nos 211,54 pontos, o que, em comparação com os 215,42 pontos em que fechara na passada semana, resulta numa queda da ordem de 1,8 por cento.

Meios financeiros ligados ao mercado de capitais continuam a não acreditar numa recuperação do mercado de capitais, seja pela sua ineficiência interna, seja por uma conjuntura mundial desfavorável. Por outro lado, essas mesmas fontes estranham que a tão anunciada reforma do mercado de capitais veja o seu início cada vez mais atrasado.

A semana de cotações bolsistas teve início com um volume de negócios bastante fraco, não tendo os 90 530 títulos transaccionados sido comprados por mais de 191 738 contos. Com uma margem reduzida em relação ao segmento accionista, o obrigacionista foi, mesmo assim, o mais procurado pelos investidores, que aí deixaram 94 810 contos, com a aquisição de 67 522 papéis. Destes, os mais procurados foram os Sofinloc/87, dos quais se transaccionaram 59 mil exemplares, a 992 escudos cada um, sendo o único negócio a merecer destaque.

Ao nível do segmento accionista, foram transaccionados 18 718 papéis, por 84 993 contos, merecendo destaque a aquisição de 11 034 acções CEL-CAT, a 5900 escudos cada. Os restantes negócios envolveram apenas pequenas quantidades de papel.

O segmento de títulos de participação que, não tendo estado a tão bom nível como nas últimas sessões, não se posicionou, mesmo assim, a um plano demasiado baixo, foi responsável pela transacção de 4290 papéis, por 11 935 contos. Apesar de estar já definida a posição dos TP do BPA em relação à sua reprivatização, estes continuam a ser os papéis mais procurados no mercado de capitais. Assim, neste dia foram transaccionados 2840 papéis referentes à 2.ª emissão/86, a 3400 escudos cada, o que representa uma sensível queda em relação aos preços atingidos nas duas últimas semanas.

Registaram-se seis subidas de cotação, nenhuma delas tendo ultrapassado sequer os 0,5 pontos percentuais, e 10 descidas — com destaque para a da Cerexpor (19,2 por cento).

Contrastando com o dia anterior, a terça-feira foi a sessão em que se registou um maior volume de negócios. Assim, os 4 090 589 títulos transaccionados nos três segmentos atingiram um volume de 7 049 792 contos. Ao contrário daquilo que vem sendo hábito, foi o segmento accionista aquele que maior caudal de compra registou, com a transacção de 4 013 452 papéis por 6 870 196 contos. O grande negócio da semana, acontecido nesta sessão, teve a ver com a passagem das acções da Real Companhia Velha, na posse da Cofipsa, para a

Família Silva Reis, tendo-se verificado a aquisição de quatro milhões desses papéis, dos quais dois milhões a 2420 escudos e outros dois milhões a mil escudos.

Ao nível do segmento obrigacionista foram transaccionados 72 647 papéis, por 161 531 contos, sendo de destacar a aquisição de 50 mil obrigações Euroleasing/89, 3.ª emissão, a mil escudos cada uma, e de 10 mil FIP/89, a 9650 escudos.

O segmento de títulos de participação, que manteve uma animação semelhante à do dia anterior, foi responsável pela transacção de 3490 papéis, por 11 564 contos. Os TP BPA/86 continuaram a ser os mais procurados, tendo-se vendido 1980 exemplares da 2.ª emissão, a 3400 escudos, e 1250 unidades da 1.ª emissão, a 3440 escudos.

Verificaram-se cinco pequenas subidas de cotação, ao mesmo tempo que as

descidas eram 19, mas também com pouco significado percentual.

Apesar da grande queda do volume de negócios verificada na sessão de quarta-feira, este situou-se, ainda assim, num bom plano, com a transacção de 1 135 975 títulos, por 1 149 867 contos. O segmento obrigacionista retomou a liderança do mercado, com a transacção de 1 105 045 papéis, por 1 080 214 contos, sendo de destacar os negócios ocorridos com papéis TCA/90 - 1.ª à 3.ª séries, dos quais se transaccionaram um milhão de exemplares, a 985 escudos cada, e de 101 800 unidades Capital BPI/87, a 838 escudos.

Ao nível do segmento accionista foram transaccionados 23 730 papéis, por 45 659 contos, sendo de destacar a movimentação de 14 450 papéis Banco Manufacturers Hanover Portugal, a 1500 escudos cada. *

O segmento de títulos de participação esteve mais animado que nos dias anteriores, tendo atingido os 23 995 contos, com a transacção de 7200 papéis. O negócio mais significativo foi efectuado sobre papéis BPA/86 (6900), dos quais 4170 da 2.ª emissão, a 3420 escudos, e 2730 da 1.ª emissão, a 3440 escudos.

Verificaram-se apenas três subidas de cotação, ao mesmo tempo que as descidas eram nove, com especial destaque para a da Agloma (10,8 por cento).

Na quinta-feira, o volume de negócios registado foi o mais baixo de toda a semana, não tendo ido além dos 166 166 contos, com a transacção de 103 523 papéis. O segmento obrigacionista manteve a liderança do mercado, com a transacção de 69 256 papéis, por 75 437 contos. Merece destaque a aquisição de 60 mil unidades TCA/90 - 1.ª à 3.ª séries, a

985 escudos cada uma.

No que diz respeito ao segmento accionista, aí foram adquiridos pelos investidores 28 167 papéis, por 70 613 contos, sendo de destacar a mudança de mãos de 6500 acções da Corticeira Amorim, a 1800 escudos cada, e de cinco mil BPC nominativas, a 2180 escudos.

O segmento de títulos de participação foi responsável pela transacção de 6100 papéis, por 20 116 contos. O destaque vai, uma vez mais, para os papéis BPA/86, dos quais se transaccionaram 5705 exemplares, sendo 4905 da 2.ª emissão, a 3440 escudos, e 800 da 1.ª emissão, a 3480 escudos.

Verificaram-se apenas quatro subidas de cotação — com destaque para a do Banco Manufacturers Hanover Portugal nominativas (14,6 por cento) — e 13 pequenas descidas.

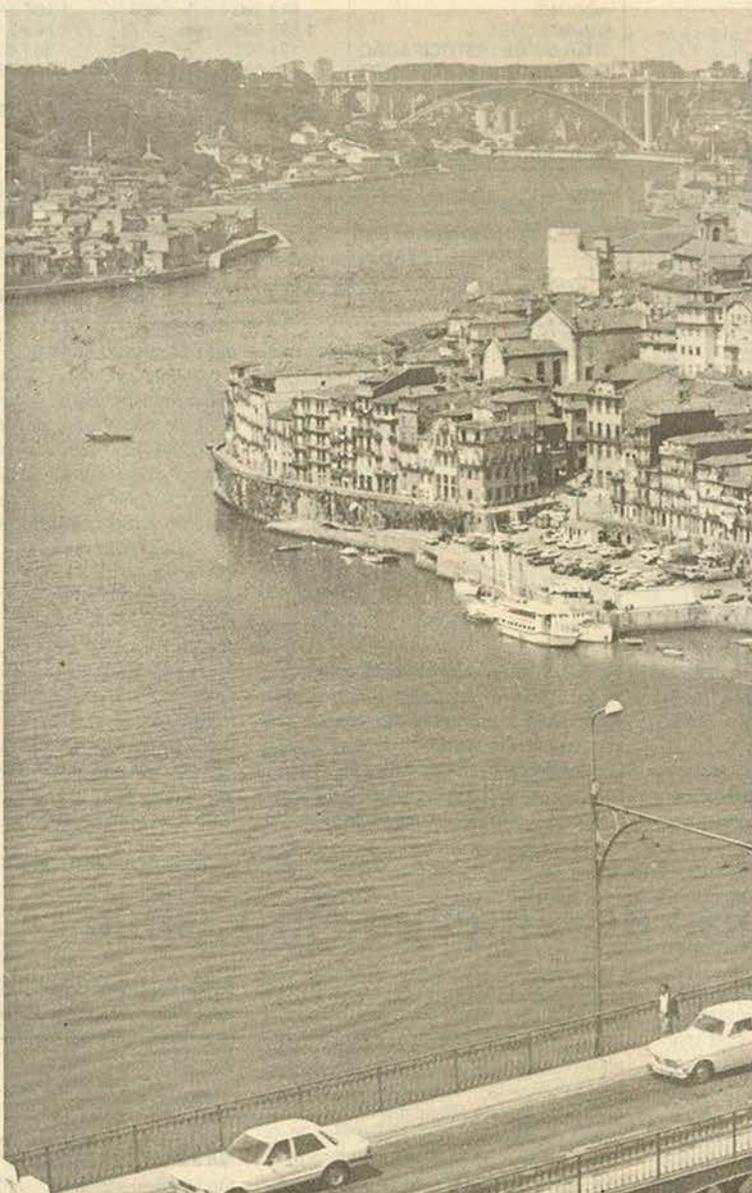
Na última sessão da semana, o volume de negócios recuperou um pouco mas não chegou a atingir os bons *performances* de dias anteriores. Assim, foram transaccionados 235 639 papéis, por 407 452 contos, sendo, desta vez, o segmento accionista aquele que maior movimento conheceu.

Aí se transaccionaram 196 218 papéis, por 352 777 contos, merecendo destaque os negócios ocorridos sobre papéis Soares da Costa, dos quais se transaccionaram 171 790 unidades, a 1700 escudos cada uma, e Banco Manufacturers Hanover Portugal, com a mudança de mãos de 7890 das suas unidades, a 1740 escudos.

Ao nível do segmento obrigacionista, foram transaccionados 34 905 papéis, por 39 764 contos. Merece destaque a aquisição de 25 mil obrigações Locapor/88 - série A, a 996 escudos cada uma, e de 6870 unidades Tertir/89, a 1010 escudos.

No que diz respeito ao segmento de títulos de participação, foram transaccionados 4570 papéis, por 14 910 contos. Os TP BPA/86 continuariam a ser os mais procurados, com a mudança de mãos de 4010 das suas unidades, da 1.ª emissão, a 3440 escudos.

Verificaram-se sete subidas de cotação, todas elas muito baixas, ao mesmo tempo que as descidas eram em número de 12 — sendo de destacar a da Euroleasing (17,5 por cento). □



BOLSA DE VALORES DE LISBOA
LISTAGEM DE INDICADORES DE AÇÖES

Table with columns: ACÖES - MERCADO C / COTAÇÃO OFICIAL, INDICADORES DE MERCADO, TRANS. EFECT., COTAÇÕES OFICIAIS. Rows include categories like AGRICULTURA E CAÇA, INDÚSTRIAS DE ALIMENT., BEBIDAS E TABACO, etc.

VILATEXTIL

A Vilatextil - Sociedade Industrial Têxtil, está a proceder ao pagamento do cupão n.º 5, obrigações Vilatextil/88, na importância líquida de 78\$375 cada.

UNISOL

A Unisol - Sociedade de Distribuição e Exportação, procedeu a um aumento do capital social de 80 para 421,7 mil contos, correspondendo o aumento à emissão de 341,7 mil ações no valor nominal de mil escudos cada.

TRANQUILIDADE

A Companhia de Seguros Tranquilidade convocou uma assembleia geral para dia 10 de Dezembro, para deliberar, entre outros assuntos, sobre a alteração do contrato de sociedade da companhia.

TIME SHARING

A Sociedade Portuguesa de Computadores Time Sharing, está a proceder à troca de cautelas pelos títulos definitivos, referentes ao aumento de capital de 500 para 750 mil contos.

TELECINE-MORO

A Telecine-Moro - Sociedade Produtora de Filmes, convocou uma assembleia geral para 12 de Dezembro, para deliberar, entre outros assuntos, sobre o aumento de capital social para 500 mil contos.

SOPLASNOR

A Soplasmor - Sociedade de Plástico do Norte, realizou uma emissão de 300 obrigações ao portador, no montante de 30 mil contos, no valor nominal de 100 contos cada.

SOPETE

A Sopedte - Sociedade Poveira de Empreendimentos Turísticos, está a proceder ao pagamento do juro do cupão n.º 2, obrigações Sopedte/89-2, na importância líquida de 78\$500 cada.

SONOBRE

A Sonobre - Sociedade Agrícola de Vale Nobre, a partir de 30 de Novembro, vai proceder ao pagamento do juro do cupão n.º 1, obrigações Sonobre/90, na importância líquida de 82\$500 cada.

SNS

A SNS - Sociedade Nacional de Sabões, está a proceder ao pagamento do juro do cupão n.º 2, obrigações SNS/89, na importância líquida de 76\$500 cada.

SLIBAIL

A Slibail Portuguesa Companhia de Locação Financeira está a proceder ao pagamento do juro do cupão n.º 5, obrigações Slibail/88 - 1.ª emissão, na importância líquida de 76\$375 cada.



BANIF

Banco Internacional do Funchal, S.A.

ROLIVO

A Rolivo — Construções, procedeu a um empréstimo obrigacionista, no montante de 40 mil contos, mediante uma emissão de 400 obrigações no valor nominal de 100 mil escudos cada. □

REDITUS

A Reditus — Sociedade Gestora de Participações Sociais convocou uma assembleia geral para o dia 12 de Dezembro, a deliberar entre outros assuntos sobre um aumento do capital social por incorporação de reservas. □

RAÇÕES PROGADO

A Rações Progado Centro-Sul convocou uma assembleia geral para o dia 12 de Dezembro, a deliberar como ponto único sobre a emissão de um empréstimo obrigacionista, no montante e demais condições a definir pela assembleia. □

PROLEITE

A Proleite — Cooperativa Agrícola dos Produtores de Leite do Centro Litoral, está a proceder ao pagamento do juro do cupão n.º 6, obrigações Proleite/87, na importância líquida de 77550 cada. □

POLIGRUPU

A Poligrupo — Vendas e Administração de Grupos de Bens de Consumo procedeu a um aumento do seu capital de 100 para 125 mil contos, correspondendo o aumento à emissão de 25 mil acções no valor nominal de mil escudos cada. □

PIONNER**HI — BRED**

A Pioneer Hi — Bred Sementes de Portugal, procedeu a um aumento do seu capital social de 50 para 250 mil contos, correspondendo o aumento à emissão de 200 mil acções no valor nominal de mil escudos cada. □

PINTO & BULHOSA

A Pinto & Bulhosa está a proceder ao pagamento do juro do cupão n.º 1, obrigações Pinto & Bulhosa/90, na importância líquida de 7858304 cada. □

PERFILADORA

A Perfiladora realizou uma emissão de 300 obrigações, no montante de 30 mil contos, sendo o valor nominal de 100 contos cada. □

PEDRAL

A Pedral Pedreiras do Castro de Cambra está a proceder ao pagamento do juro do cupão n.º 1, empréstimo obrigacionista-90, na importância líquida de 82526,56 cada. □

PEARL PORTUGAL

A Pearl de Portugal Companhia de Seguros procedeu a um aumento do capital social de 200 para 350 mil contos, correspondendo o aumento à emissão de 150 mil acções no valor nominal de mil escudos cada. □

**BOLSA DE VALORES DE LISBOA
LISTAGEM DE INDICADORES DE ACÇÕES**

DESIGNAÇÃO DO VALOR	ACÇÕES — MERCADO C / COTAÇÃO OFICIAL				INDICADORES DE MERCADO			TRANS. EFECT.			COTAÇÕES OFICIAIS		
	QUANTIDADE	VALOR	QUANTIDADE	VALOR	TR%	FR 1%	FR 2%	MÍNIMA	MÉDIA	MÁXIMA	DATA	VALOR	
	VALORES ACUMULADOS												
CONSTRUÇÃO E OBRAS PÚBLICAS													
Sopol — Soc. G. Const. Obras Públicas	850	573 250\$	70 899	63 328 065\$	11,25	88,24	56,34	580\$	889\$	1 120\$	20/11/90	67\$5	
Mota & Companhia	8 076	31 188 960\$	176 480	1 327 501 210\$	2,94	96,47	75,23	3 660\$	7 496\$	10 550\$	23/11/90	3 660\$	
Sociedade de Construções ERG	470	765 200\$	43 171	84 999 900\$	6,17	96,24	84,04	1 400\$	1 967\$	2 280\$	23/11/90	1 640\$	
Somec — Soc. Metropol. Construções	1 040	1 550 900\$	43 724	94 886 690\$	2,07	93,90	70,64	1 400\$	2 167\$	3 300\$	23/11/90	1 540\$	
A. Silva & Silva — Ind. e Comércio	24 458	44 165 820\$	85 549	306 614 180\$	2,85	98,57	87,90	1 790\$	3 376\$	5 300\$	23/11/90	1 950\$	
Construtora do Tâmega	130	429 000\$	6 730	25 616 400\$	0,34	64,10	22,94	2 700\$	3 802\$	4 100\$	20/11/90	3 360\$	
Engil — Sociedade Construção Civil	34 350	82 380 600\$	224 534	1 021 686 810\$	16,51	95,20	55,87	2 300\$	4 518	6 250\$	23/11/90	2 320\$	
Engil — Soc. Const. Civil — Pref. s/voto	0	0\$	36 215	113 887 800\$	10,65	92,59	20,00	1 500\$	2 983\$	4 900\$	23/10/90	1 700\$	
Sociedade Empreitadas Somague	1 900	2 809 000\$	229 580	566 778 900\$	11,48	93,46	65,60	1 400\$	2 466\$	3 740\$	23/11/90	1 420\$	
Sociedade Const. Amadeu Gaudêncio	13 975	15 158 750\$	240 600	412 742 450\$	20,05	98,00	92,45	1 060\$	1 714\$	2 320\$	23/11/90	1 070\$	
Sociedade Const. Soares da Costa	43 980	89 777 400\$	736 832	2 227 241 060\$	14,03	99,01	93,90	1 970\$	3 017\$	4 400\$	23/11/90	2 020\$	
Imobiliária Construtora Costa-Pará	7 672	15 661 140\$	606 578	1 464 846 520\$	24,26	99,07	97,25	1 990\$	2 413\$	3 120\$	23/11/90	2 100\$	
COMÉRCIO POR GROSSO													
Empor — Empreend. Com. Financeiros	0	0\$	1 260	1 972 000\$	0,70	77,78	38,89	1 530\$	1 561\$	1 700\$	25/10/90	1 600\$	
Papelaria Fernandes	1 992	5 047 760\$	440 304	1 217 672 700\$	22,02	98,51	90,83	2 200\$	2 765\$	3 000\$	23/11/90	2 480\$	
Sabel — Santos & Bento	100	165 000\$	26 840	52 700 900\$	10,74	91,58	39,91	1 410\$	1 962\$	2 500\$	23/11/90	1 490\$	
Santos, Guimarães e Oliveira	420	199 000\$	19 695	11 282 050\$	4,69	67,16	20,64	380\$	569\$	790\$	20/11/90	500\$	
Interlog-Informática	790	1 881 000\$	66 086	211 294 780\$	22,03	93,92	65,26	2 300\$	3 196\$	4 000\$	23/11/90	2 500\$	
Infogal — Informática e Gestão	2 065	4 157 200\$	24 803	56 210 140\$	7,09	86,16	62,84	1 660\$	2 262\$	2 600\$	23/11/90	2 000\$	
J. Soares Correia	130	377 000\$	6 270	18 201 200\$	0,74	88,31	31,19	2 400\$	2 906\$	3 200\$	23/11/90	2 900\$	
Mundinter — Interc. Mundial Comércio	0	0\$	12 970	14 623 150\$	7,86	84,31	19,72	740\$	1 103\$	2 280\$	22/11/90	870\$	
COMÉRCIO A RETALHO													
Supermercados A.C. Santos	200	29 300\$	29 300	38 244 000\$	7,33	73,97	24,77	1 100\$	1 304\$	1 750\$	23/11/90	1 250\$	
Modelo Supermercados	20 860	29 092 400\$	461 310	877 080 840\$	6,37	99,03	94,04	1 390\$	1 897\$	2 300\$	23/11/90	1 400\$	
Inô — Supermercados	9 136	14 202 870\$	38 256	87 111 710\$	5,10	90,83	46,48	1 320\$	2 271\$	2 900\$	21/11/90	1 560\$	
Transmotor	0	0\$	1 300	4 153 000\$	0,13	46,67	6,42	2 100\$	3 387\$	3 700\$	17/07/90	2 200\$	
RESTAURANTES E HOTÉIS													
Sociedade Turística da Penina	15 620	54 670 000\$	35 201	119 796 560\$	4,99	71,32	42,20	2 860\$	3 406\$	3 500\$	21/11/90	3 420\$	
Dorm Pedro — Investment. Turísticos	1 172	1 927 160\$	150 763	279 936 430\$	7,54	98,06	92,66	1 300\$	1 856\$	2 420\$	23/11/90	1 620\$	
Orbitur — Intercâmbio de Turismo	685	792 350\$	17 493	28 355 350\$	3,58	74,47	48,17	1 150\$	1 609\$	1 910\$	22/11/90	1 150\$	
Júpiter — Indústria Hoteleira	90	67 500\$	182 910	168 712 300\$	15,88	90,00	37,16	705\$	922\$	1 200\$	22/11/90	625\$	
Hotellagos-Comuns (Ordinários)	5 020	3 821 700\$	94 848	85 681 285\$	5,07	93,24	88,53	690\$	901\$	1 070\$	23/11/90	800\$	
TRANSPORTES E ARMAZENAGEM													
Turopa — Operadores Turísticos	2 320	3 139 000\$	45 337	54 432 740\$	11,33	100,00	96,79	1 000\$	1 203\$	1 400\$	23/11/90	1 280\$	
Transbel — Transp. Trans. Internac.	530	462 750\$	35 359	43 824 810\$	12,63	63,48	33,49	860\$	1 240\$	1 320\$	16/11/90	900\$	
Sopana — Soc. P. Navios Tanques-Port.	6 500	22 939 000\$	501 108	2 255 066 640\$	16,60	99,52	94,50	2 900\$	4 495\$	4 860\$	23/11/90	2 900\$	
Sopana — Soc. P. Navios Tanques-Nom.	0	0\$	0	0\$	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	
SPC — Serviço Português Contentores	220	361 000\$	159 406	238 957 000\$	28,98	96,84	70,18	1 100\$	1 499\$	1 760\$	09/11/90	1 640\$	
Sociedade Comercial Orey Antunes	3 541	3 614 430\$	119 496	131 930 850\$	11,95	98,08	93,58	950\$	1 103\$	1 210\$	23/11/90	1 010\$	
Ternor — Soc. Exploração Terminais	1 126	1 347 120\$	111 715	170 712 150\$	8,94	94,48	64,32	1 150\$	1 528\$	1 670\$	23/11/90	1 150\$	
Tactic — Soc. Exploração Portugal	14 810	49 276 600\$	286 136	1 328 669 220\$	7,43	97,39	68,35	3 100\$	4 617\$	5 250\$	23/11/90	3 100\$	
Sacror Marítima	80	140 000\$	105 477	227 034 420\$	3,52	77,78	48,17	1 700\$	2 151\$	2 320\$	20/11/90	1 720\$	
COMUNICAÇÕES													
Comp. Port. Rádio Marconi — Portador	20 065	238 464 900\$	649 862	9 807 194 300\$	17,41	100,00	100,00	11 650\$	15 083\$	16 850\$	23/11/90	11 750\$	
Comp. Port. Rádio Marconi — Nominativas	4 130	46 749 000\$	236 888	3 192 437 600\$	5,82	100,00	96,33	10 800\$	13 430\$	14 250\$	23/11/90	11 300\$	
Soja — Portugal — Soc. Gest. Part. Sociais	4 810	19 411 400\$	138 171	667 862 390\$	9,21	99,49	90,37	4 000\$	4 823\$	5 400\$	22/11/90	4 060\$	
Sonae Invest. Soc. Gest. Part. Sociais	118 787	194 924 740\$	2 481 283	6 388 015 960\$	12,41	100,00	99,53	1 600\$	2 563\$	3 580\$	23/11/90	1 600\$	
Sonae Invest. — S.G.P.S. (Em 1989)	28 819	45 280 790\$	352 931	756 339 480\$	7,06	100,00	100,00	1 500\$	2 072\$	2 920\$	23/11/90	1 500\$	
BANCO TOTA & AÇORES — Nom. Port. Reg.	90 239	295 458 500\$	1 166 624	3 870 741 720\$	9,52	100,00	99,07	3 000\$	3 318\$	4 000\$	23/11/90	3 300\$	
Sociedade Portuguesa de Leasing	1 329	4 839 000\$	18 149	58 812 800\$	1,81	91,67	24,72	3 080\$	3 241\$	3 900\$	19/11/90	3 140\$	
FNACINVESTE — Soc. Gest. Part. Sociais	14 860	26 734 300\$	131 907	229 601 310\$	73,28	96,30	69,89	1 150\$	1 737\$	2 160\$	23/11/90	1 610\$	
SEGUROS													
Aliança Seguradora — Nom. Port. Reg.	137	653 280\$	17 233	77 185 360\$	1,67	76,47	25,49	3 920\$	4 482\$	6 300\$	19/11/90	4 600\$	
Companhia de Seguros Garantia	210	924 000\$	11 805	77 199 900\$	2,12	92,55	39,91	3 800\$	6 523\$	8 500\$	22/11/90	4 400\$	
O Trabalho — Companhia de Seguros	5 151	15 003 940\$	84 400	266 912 760\$	5,63	94,47	86,24	2 800\$	3 157\$	3 900\$	23/11/90	2 900\$	
Sociedade Portuguesa de Seguros	80 755	230 596 380\$	222 400	796 161 550\$	12,36	96,94	87,96	2 200\$	3 579\$	5 100\$	22/11/90	2 200\$	
C. Seg. Tranquilidade — Nom. Port. Reg.	666	5 310 200\$	122 953	1 003 721 900\$	7,17	100,00	72,31	6 000\$	8 167\$	10 400\$	23/11/90	8 500\$	
BANCOS E OUTRAS INSTITUIÇÕES MONETÁRIAS E FINANCEIRAS													
Locapor — Comp. Port. Loc. Fin. Mobil.	1 890	6 896 000\$	48 598	207 905 520\$	2,43	89,059	82,11	3 000\$	4 272\$	5 650\$	22/11/90	3 620\$	
Locapor — Comp. P. Loc. Fin. Mob. (Em. 89)	0	0\$	900	3 600 000\$	0,09	100,00	82,11	4 000\$	4 000\$	4 000\$	24/10/90	4 000\$	
Imoleasing — Soc. Loc. Fin. Imobil.	493	1 473 260\$	95 504	402 045 620\$	5,88	88,17	77,00	2 900\$	4 209\$	4 800\$	16/11/90	2 900\$	
BIP Portador	25 898	103 331 280\$	444 007	2 406 266 760\$	29,60	100,00	100,00	3 600\$	5 376\$	8 500\$	23/11/90	3 880\$	
BIP — Nom. Port. Reg.	44 725	157 065 300\$	734 707	3 082 036 510\$	12,25	98,09	96,24	3 400\$	4 172\$	7 500\$	23/11/90	3 420\$	
BIP — Portador (Emissão 1990)	38 986	155 005 260\$	168 142	655 740 540\$	8,01	100,00	100,00	3 720\$	3 898\$	4 020\$	23/11/90	3 780\$	
BIP — Nom. Port. Reg. (Emissão 1990)	8 074	28 265 340\$	68 898	250 649 480\$	0,82	100,00	95,56	3 340\$	3 628\$	3 800\$	23/11/90	3 340\$	
Sofinloc — Soc. Financeira Locação	38 334	212 070 000\$	664 326	4 124 959 350\$	33,22	100,00	98,62	5 000\$	6 190\$	9 950\$	23/11/90	5 600\$	
CISF — Comp. Invest. Serv. Financeiro	79 403	133 890 530\$	595 896	2 858 024 930\$	5,96	100,00	100,00	1 600\$	4 667\$	17 500\$	23/11/90	1 700\$	
Lusoleasing — Soc. Loc. Fin. Mobil.	4 231	17 710 200\$	71 077	428 833 120\$	7,11	96,81	83,49	4 140\$	6 012\$	8 250\$			

BOLSA DE VALORES DE LISBOA

LISTAGEM DE INDICADORES DE ACÇÕES

ACÇÕES — MERCADO C / COTAÇÃO OFICIAL			INDICADORES DE MERCADO			TRANS. EFECT.			COTAÇÕES OFICIAIS			
DESIGNAÇÃO DO VALOR	QUANTIDADE	VALOR	QUANTIDADE	VALOR	TR%	FR 1%	FR 2%	VALORES ACUMULADOS			ÚLTIMA COTAÇÃO	
								MÍNIMA	MÉDIA	MÁXIMA	DATA	VALOR
BANCOS E OUTRAS INSTITUIÇÕES MONETÁRIAS E FINANCEIRAS												
Citibank Portugal — Nom. Port. Reg.	0	0\$	0	0\$	0,00		0,00					
Banco Comercial Macau — Portador	766	2 730 600\$	16 167	68 559 500\$	1,62	80,00	65,52	3 000\$	4 239\$	4 900\$	22/11/90	3 620\$
Banco Comercial Macau — Nom. Port. Reg.	4 773	16 550 520\$	50 391	193 759 720\$	1,26	94,85	79,31	3 160\$	3 840\$	4 360\$	21/11/90	3 520\$
Credit Lyonnais Port — Portador	2 020	10 263 500\$	56 281	314 104 300\$	4,77	99,29	63,76	5 000\$	5 576\$	6 050\$	23/11/90	5 100\$
Credit Lyonnais Port — Nom. Port. Reg.	0	0\$	0	0\$	0,00		0,00					
Credit Lyonnais Port (Em 89)	0	0\$	32 877	191 370 650\$	6,58	100,00	100,00	5 650\$	5 821\$	6 000\$	24/04/90	5 700\$
Euroleasing — Soc. Port. Loc. Financ.	25 362	83 700 400\$	69 171	321 413 510\$	5,53	98,40	84,86	3 100\$	4 627\$	6 100\$	23/11/90	3 280\$
Euroleasing — Soc. Port. Loc. Financ. (Emissão 89)	0	0\$	0	0\$	0,00		0,00					
Leasinvest — Soc. Loc. Fin. Mobiliária	2 683	8 031 300\$	58 812	274 248 180\$	4,44	98,46	88,07	2 900\$	4 633\$	5 500\$	21/11/90	3 000\$
Espirito Santo — Socied. Investimentos	4 592	15 951 360\$	172 037	774 934 020\$	5,73	100,00	98,12	3 380\$	4 497\$	5 200\$	23/11/90	3 380\$
Est. Jer. Martins & Filho — Adm. P. Fin.	4 040	26 046 000\$	698 250	4 762 491 750\$	18,67	92,81	65,14	5 500\$	6 806\$	7 500\$	23/11/90	6 000\$
OPERAÇÕES SOBRE IMÓVEIS E SERVIÇOS PRESTADOS ÀS EMPRESAS												
Cotap — Empr. Comerc. Industriais	90	179 800\$	79 455	289 984 480\$	19,86	70,71	32,11	2 000\$	3 662\$	4 400\$	01/10/90	2 080\$
Sonagl — Soc. Nac. Gest. Investimento	830	2 119 600\$	31 950	103 465 240\$	6,32	77,00	35,32	2 500\$	3 279\$	3 600\$	14/11/90	2 600\$
Mundicenter — Sociedade Imobiliária	58 075	97 917 750\$	652 296	1 473 726 620\$	16,11	99,05	95,41	1 660\$	2 203\$	2 600\$	23/11/90	1 700\$
Hydroprojecto — Cons. Hidr. Salubridade	430	752 500\$	44 890	74 055 900\$	7,48	96,33	48,17	1 500\$	1 850\$	1 860\$	13/11/90	1 750\$
Soc. Port. Computadores Time Sharing	570	911 600\$	29 833	58 345 250\$	5,97	98,11	73,24	1 250\$	1 947\$	2 300\$	23/11/90	1 550\$
Beira Vouga — Inv. Imob. C. Industriais	550	355 500\$	32 815	23 473 500\$	4,38	93,88	45,41	600\$	714\$	960\$	20/11/90	650\$
Fenali — Gestão Invest. Participações	460	1 558 000\$	39 947	212 958 300\$	8,88	95,88	76,53	3 160\$	5 284\$	6 400\$	23/11/90	3 500\$
Inapa — Inv. Participação e Gestão	7 455	37 999 250\$	271 861	3 305 688 800\$	9,06	100,00	97,25	5 050\$	12 786\$	15 900\$	23/11/90	5 100\$
Compta — Equip. Serv. Informática	350	1 749 000\$	28 104	140 643 580\$	7,28	89,41	34,86	3 840\$	4 832\$	6 600\$	16/11/90	5 000\$
Lusotur — Soc. Financeira de Turismo	10 720	67 966 500\$	259 810	2 169 248 850\$	8,45	99,49	88,99	6 000\$	8 342\$	10 400\$	23/11/90	6 150\$
Reditus — Process Autom. Informação	2 680	6 686 800\$	59 494	131 718 780\$	19,83	99,52	94,95	1 800\$	2 267\$	3 300\$	23/11/90	3 300\$
SERVIÇOS RECREATIVOS E CULTURAIS												
Sopete — Portador	45 251	48 005 220\$	231 573	269 097 220\$	14,23	93,12	82,63	1 050\$	1 161\$	1 290\$	23/11/90	1 090\$
Sopete — Nominativas	19 030	19 669 900\$	356 078	365 094 530\$	12,40	94,55	73,24	990\$	1 025\$	1 160\$	23/11/90	1 020\$
Estoril-Sol — Portador	17 931	29 548 630\$	701 417	1 205 611 370\$	28,35	99,06	96,79	1 360\$	1 719\$	1 920\$	23/11/90	1 550\$
Estoril-Sol — Nominativas	0	0\$	0	0\$	0,00		0,00				17/03/89	1 700\$
Filmes Lusomundo	2 020	9 848 400\$	380 622	1 020 561 400\$	27,19	98,44	57,80	1 300\$	2 689\$	5 500\$	23/11/90	5 300\$
ITI — Soc. Inv. T. Ilha Madeira — Port.	96 242	105 620 720\$	237 648	239 797 180\$	12,22	96,61	78,44	1 010\$	1 419\$	2 200\$	23/11/90	1 010\$
ITI — Soc. Inv. T. Ilha Madeira — Nomin.	0	0\$	60 100	114 181 000\$	3,58	100,00	1,38	1 620\$	1 900\$	2 000\$	16/05/90	2 000\$
Sociedade Figueira Praia	140	346 000\$	57 571	176 980 660\$	3,84	83,65	39,91	2 300\$	3 069\$	3 620\$	23/11/90	2 520\$
Solverde — Portador	600	638 700\$	13 890	19 175 200\$	0,87	93,44	26,15	1 050\$	1 381\$	1 750\$	13/11/90	1 050\$
Solverde — Nom. Port. Reg.	150	149 250\$	6 264	8 028 730\$	0,26	94,00	21,56	995\$	1 282\$	1 500\$	13/11/90	995\$
Telecine — Moro — Soc. Prod. Filmes	0	0\$	70 274	119 045 300\$	23,42	91,67	10,33	1 380\$	1 694\$	1 700\$	25/05/90	1 500\$

ACÇÕES — MERCADO C / COTAÇÃO OFICIAL			INDICADORES DE MERCADO			TRANS. EFECT.			COTAÇÕES OFICIAIS			
DESIGNAÇÃO DO VALOR	QUANTIDADE	VALOR	QUANTIDADE	VALOR	TR%	FR 1%	FR 2%	VALORES ACUMULADOS			ÚLTIMA COTAÇÃO	
								MÍNIMA	MÉDIA	MÁXIMA	DATA	VALOR
Pirites Alentejanas	0	0\$	664	1 185 000\$	0,02	87,50	3,27	1 480	1 791\$	2 200\$	13/09/90	1 500\$
Sociedade da Água do Luso	0	0\$	912	10 867 500\$	1,09	83,33	2,29	11 500\$	11 915\$	15 000\$	31/10/90	12 500\$
Sumate — Concentrados e Sumos	700	588 000\$	14 940	15 445 750\$	5,15	94,74	24,77	835\$	1 025\$	1 200\$	20/11/90	840\$
Fábricas Vscu da Gama	0	0\$	0	0\$	0,00		0,00					
Emasa — Empresa de Alimentação	0	0\$	63 650	27 377 010\$	5,30	96,15	37,88	186\$	430\$	950\$	05/04/90	186\$
Persulinos	0	0\$	1 650	1 622 000\$	0,18	100,00	5,05	890\$	983\$	1 300\$	11/10/90	890\$
Rações — Progado Centro Sul	0	0\$	1 415	6 279 500\$	0,71	81,25	5,96	3 700\$	4 463\$	4 700\$	19/06/90	4 000\$
Fepsa — Feltros Portugueses	0	0\$	300	837 200\$	0,47	50,00	0,92	2 500\$	2 856\$	3 060\$	09/03/90	2 500\$
Têxtil Lopes da Costa	0	0\$	770	414 500\$	0,05	57,14	1,83	310\$	493\$	800\$	17/08/90	800\$
Têxtil Moura & Matos	0	0\$	5 355	4 120 700\$	1,43	76,47	11,47	420\$	770\$	900\$	04/10/90	420\$
Fetal — Moda Internacional	0	0\$	26 131	53 281 000\$	3,48	71,43	11,47	1 500\$	2 039\$	2 100\$	23/11/90	1 500\$
Estamparia Império	0	0\$	2 090	1 818 950\$	0,35	81,82	8,26	765	873\$	1 000\$	25/09/90	765\$
Têxteis Atma	0	0\$	0	0\$	0,00		0,00				22/11/89	3 260\$
Matrena — Soc. Ind. Papéis	0	0\$	27 457	38 636 520\$	3,53	99,47	87,78	950\$	1 408\$	2 000\$	22/10/90	950\$
Sonadel — Soc. Nacional Detergentes	0	0\$	333 136	1 665 772 100\$	58,75	85,71	5,50	4 500\$	5 000\$	5 800\$	16/07/90	5 800\$
Sociedade Portuguesa Explosivos	0	0\$	0	0\$	0,00		0,00				29/08/89	2 500\$
CNB/ Camac. Comp. Nac. Borracha	50	70 000\$	71 030	180 731 300\$	7,10	100,00	39,45	1 400\$	2 542\$	2 700\$	23/11/90	1 730\$
Petróleo Mecânica Alfa	0	0\$	190	491 400\$	0,06	50,00	1,27	2 220\$	3 395\$	2 600\$	17/04/90	2 600\$
Sistel — Comunic. Automação e Sistema	100	350 000\$	4 100	14 490 000\$	0,68	45,10	11,06	3 500\$	3 533\$	3 600\$	07/11/90	3 500\$
Zagope	0	0\$	0	0\$	0,00		0,00				07/09/89	3 000\$
Opca — Obras Publ. Cimento Armado	0	0\$	140 330	404 115 700\$	13,36	100,00	48,17	1 750\$	2 880\$	3 100\$	10/10/90	1 750\$
Acil — Agrup. Com. Ind. Exportadores	0	0\$	1 900	7 612 000\$	1,06	100,00	3,67	3 700\$	4 066\$	4 500\$	29/06/90	4 500\$
Centrel — Gestão e Comparticipações	0	0\$	16 544	17 376 910\$	2,36	96,12	45,41	810\$	1 049\$	1 550\$	16/10/90	900\$
Somil — Soc. Monum Eléctrica	0	0\$	12 702	42 088 700\$	3,18	94,74	8,26	2 700\$	3 314\$	3 500\$	31/10/90	3 500\$
STET — Soc. Têcn. Equip. Tractores	100	480 000\$	209 551	1 353 248 650\$	26,19	100,00	69,27	4 800\$	6 439\$	8 000\$	21/11/90	4 800\$
V.A. Grupo-Vista Alegre Particip.	1 870	11 817 500\$	92 371	536 820 900\$	4,62	100,00	99,41	5 100\$	5 816\$	7 300\$	23/11/90	6 400\$
Grupo Dimensão	0	0\$	43 570	127 354 800\$	12,45	95,65	20,18	2 400\$	2 923\$	3 300\$	23/10/90	2 900\$
Proturotel — Prom. Tur. Hotel — Nomin.	0	0\$	0	0\$	0,00		0,00					
Albatroz	400	1 680 000\$	2 720	11 409 600\$	0,91	100,00	8,72	4 160\$	4 195\$	4 200\$	19/11/90	4 200\$
Nuno Mesq. Pires — Tr. Internacionais	0	0\$	50	115 000\$	0,05	100,00	0,81	2 300\$	2 300\$	2 300\$	03/01/90	2 300\$
Transinsular — Transp. Mar. Insulares	50	63 000\$	4 507	7 693 300\$	0,36	92,86	12,62	1 260\$	1 708\$	2 100\$	16/11/90	1 260\$
Transinsular — Nom. Port. Reg.	0	0\$	128	204 840\$	0,03	66,87	2,60	1 500\$	1 550\$	1 600\$	29/01/90	1 600\$
Nacional Factoring	184	702 880\$	18 228	75 137 160\$	3,65	77,78	23,00	3 200\$	4 113\$	5 700\$	22/11/90	3 800\$
STE — Serv. Telec. Electrónicas	0	0\$	4 298	12 739 100\$	3,07	81,48	20,66	1 450\$	2 957\$	4 080\$	04/10/90	1 600\$

NOTAIGESTE

A Notaigeste — SGPS, procedeu a um aumento do seu capital social de 20 para 50 mil contos, correspondendo o aumento à emissão de 30 mil acções no valor nominal de mil escudos cada. □

MT

A MT — Máquinas e Tractores, procedeu a um aumento do seu capital social de 80 para 250, correspondendo o aumento à emissão de 170 mil acções no valor nominal de mil escudos cada. □

LUSOLEASING

A Lusoleasing — Sociedade de Locação Financeira Mobiliária, a partir de 2 de Dezembro vai proceder ao pagamento do juro do cupão n.º 4, obrigações Lusoleasing/88 — 1.ª emissão, na importância líquida de 76\$375 cada. □

LAMEIRINHO

A Lameirinho — Indústria Têxtil, convocou uma assembleia geral para dia 12 de Dezembro, a deliberar sobre a alteração de alguns dos artigos da constituição da empresa. □

JOSÉ MARIA DA FONSECA

A José Maria da Fonseca — SUCSS, Vinhos, a partir de 2 de Dezembro vai proceder ao pagamento do juro do cupão n.º 6, obrigações JMF/87, na importância líquida de 77\$50 cada. □

HISPANO AMERICANO

A Hispano Americano — Sociedade de Investimentos está a proceder ao pagamento do juro do cupão n.º 3, obrigações Hispano Americano/89 — 1.ª série, na importância líquida de 70\$00 cada. □

ERNESIS

A Enersis — Energia e Sistemas procedeu a um aumento do capital social de 100 para 500 mil contos, correspondendo o aumento à emissão de 400 mil obrigações no valor nominal de mil escudos cada. □

Tempo Económico

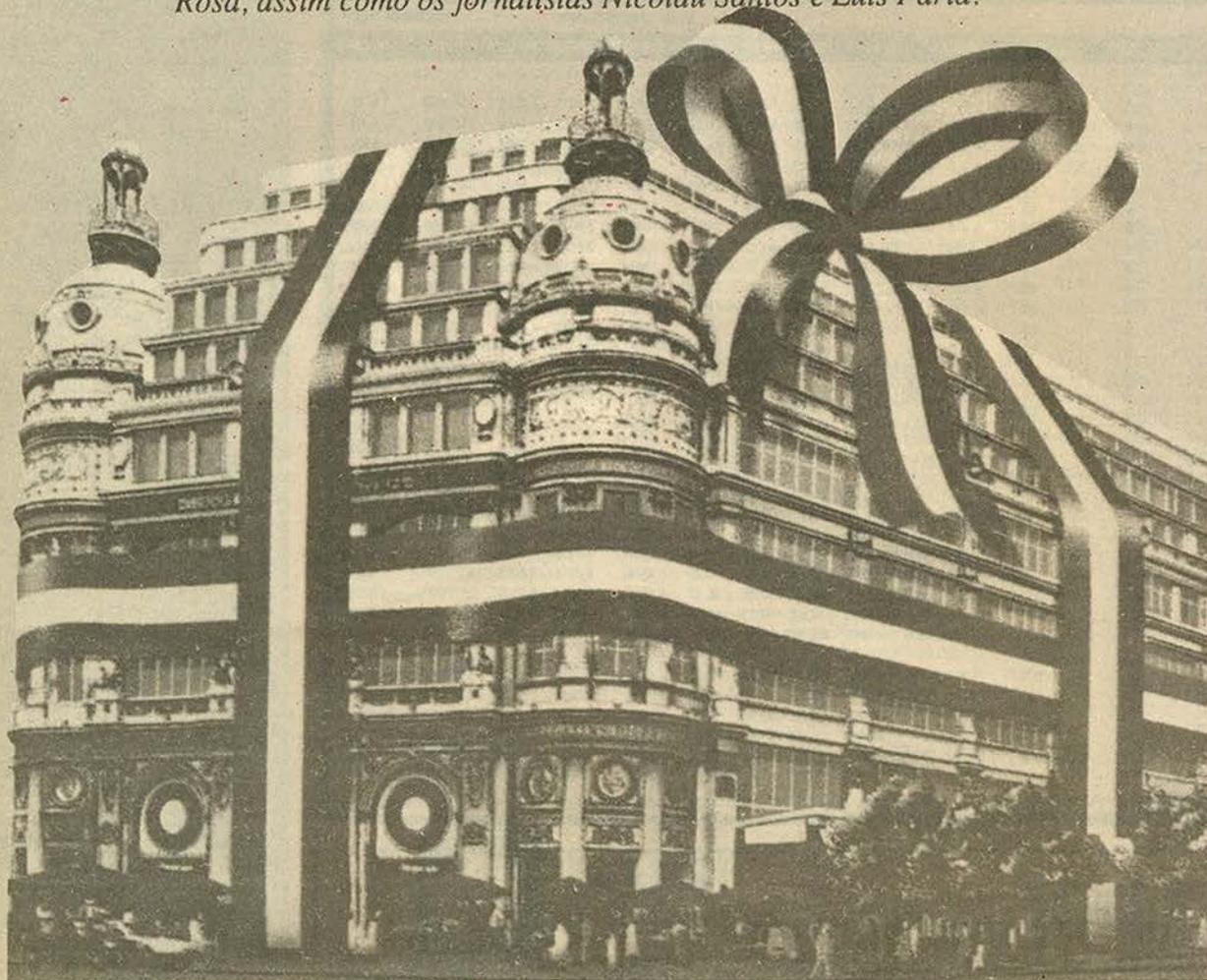
III CONGRESSO DA CCP

«1993: QUE COMÉRCIO, QUE SERVIÇOS, QUE PAÍS?»

Tem hoje início o terceiro congresso da CCP, o qual compreende diversos painéis de debate sobre temas de actividade económica.

O prof. Hernâni Lopes debaterá sobre — «A terciarização da Economia Portuguesa», João Salgueiro — «A União Económica e Monetária», Carlos Munos Betamps — «A União Aduaneira e o fim dos entraves à circulação de mercadorias», François Cimet — «O Comércio e a Excelência do Serviço. O Comércio e a Satisfação do Cliente», Teresa Ricou — «O Comércio Europeu e as grandes transformações nos circuitos de distribuição», Carlos Olavo — «O Franchising como processo de aumento da rede de distribuição», J. Milles — «Privatização dos Serviços Públicos».

Entre os moderadores dos diversos painéis, contam-se os nomes de Rogério Ferreira Júnior, Pedro Furtado Martins, Costa Tavares, José António Rosseau, Belmira Martins, Isabel Forjaz, Gervis Athouguia, Rodrigues Gonçalves, Rogério Tavares, Lages Raposo, João Gomes, Xavier de Figueiredo, Santos Vicente, Soares de Oliveira, Carlos Rosa, Chaves Rosa, assim como os jornalistas Nicolau Santos e Luís Faria.



PONTO PARÁGRAFO